

APÊNDICES

APÊNDICE 1 GUIÃO DA NARRATIVA

Cara/o Colega,

No âmbito da minha Tese de Doutoramento em Ciências da Educação na Universidade de Évora, solicitei a sua colaboração neste projecto através de um contacto pessoal. Depois das conversas informais que mantivemos, nas quais explicitiei o objectivo da investigação e o porquê da opção metodológica, faço-o agora por escrito a vosso pedido, depois de terem aceiteado participar.

Concordo que é um instrumento útil para ambas as partes, reconhecendo a exigência, o rigor e o empenho necessários para a realização da actividade que solicitei aos colegas. Sabemos bem como escrever sobre as nossas vivências e experiências profissionais é um processo complexo e por isso, renovo o meu agradecimento à vossa entusiasta participação.

Lembro que a narrativa de vida profissional reportar-se-á às suas vivências e experiências em tempos de mudança, apontando para o período da Reorganização Curricular do Ensino Básico (iniciada no ano lectivo de 1996/97 com o Despacho n.º 4848/97, mais conhecido por Despacho da Gestão Flexível do Currículo, processo que se traduziu posteriormente no Decreto Lei 6/2001 de 18 de Janeiro de âmbito nacional). Escolhemos esse período por considerarmos ter sido o último momento de amplas mudanças na vida dos professores e das escolas, mas também suficientemente distantes para as podermos recordar.

Solicito que a narrativa de vida profissional que irá escrever, me permita conhecer a sua história de vida nesse tempo de mudança. A análise e interpretação do conjunto das histórias de vida profissional dos colaboradores neste projecto deverão permitir-nos alcançar o objectivo da investigação, o qual vos recordo:

- Conhecer e compreender contextos vivenciais dos contextos que em tempos de mudança potenciaram (ou inibiram) o desenvolvimento (profissional) dos professores.
- Conhecer e compreender as suas vivências espaço-temporalmente situadas, reportando vivências e experiências nesse período da sua vida de professor/a será fundamental para que esta investigação possa prosseguir. A delimitação temporal será a que em cima mencionei, mas estou consciente que poderá sentir necessidade de dilatar esse período para que a construção narrativa seja autêntica e profunda. O tempo da escrita será o que necessitar, pois todos os pormenores são muito importantes.

- Toda a história de vida profissional inscrita na narrativa, será inteiramente confidencial. Tudo o que escrever será importante, pelo que é imprescindível rigor e sinceridade, de modo a que esta investigação tenha qualidade e seja reflexo fidedigno das suas vivências em tempos de mudança.

Renovo o meu agradecimento pela disponibilidade e entusiasmo com que aderi a este desafio. Estarei sempre disponível para qualquer esclarecimento ou conversa que considere necessária durante o tempo de produção da narrativa e garanto o seu anonimato se a/o colega assim o entender. Antes de concluirmos a investigação solicitarei o seu feedback à minha interpretação da sua história de vida, para que seja fiel ao que nos permitiu conhecer e compreender.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Maria da Conceição Leal da Costa

Contactos:

Telefone: 937 431 368

E-mail: mclc@uevora.pt

APÊNDICE 2 FASE TIPO *META-WRITING* NA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS

2.1. Questões Emergentes entre Dados Categorizados e Quadros Teóricos⁸³

2.1.1. Análise e Interpretação – Um Recurso à *Grounded Theory*⁸⁴

- 83 Após a codificação em unidades de significado, linha a linha e por expressões, elaborou-se uma categorização aberta (Strauss & Corbin, 1990), como mostram as Tabelas de 4.1 a 7.3, páginas **567 a 871**. Estabelecendo ligações entre categorias, seguiu-se a codificação axial, Tabelas 8.1 a 11.3, páginas **895 a 1173**. Todavia, emergiram das histórias de vida profissional dos colaboradores diversas questões que nos levaram a novos ou complementares quadros teóricos e deles novamente regressámos às narrativas. São essas questões emergentes as que aqui anotámos. A necessidade de interpretações mais sustentadas fez-nos recorrer a quadros teóricos que fundamentassem as interpretações necessárias à prossecução da investigação, tendo em conta o seu inicial objectivo. O recurso à *Grounded Theory* (Charmaz, 2006, 2012) foi fundamental nesta fase. A categorização final que estas questões ajudaram a construir para cada história de vida profissional, resultou num guião de análise da narrativa de cada professor (do Apêndice 12 ao 15, páginas de **1195 a 1366**). A interpretação final apresenta-se sob a forma de construção dos casos, o que corresponde aos capítulos 4 a 7, integrados no relatório da investigação cujos guiões interpretativos também constam em apêndice (do Apêndice 16 ao 19, páginas **1373 a 1462**). No Capítulo 3, especialmente dedicado à metodologia, explicitamos pormenorizadamente as razões, as opções e as estratégias que perseguimos.
- 84 A combinação de métodos foi considerada necessária. Esse facto exigiu o confronto de diferentes fundamentações filosóficas e paradigmáticas. Para elucidar quem lê acerca dessa fundamentação, fazemo-lo no Capítulo III o qual foi dedicado à(s) metodologia(s). Não foi fácil sermos coerentes e esclarecedores ao mesmo tempo que manifestávamos a validade na investigação. Contudo, pensamos como Riessman (1993) que “qualquer abordagem metodológica é, por natureza, incompleta, parcial e historicamente contingente. É preciso uma diversidade de representações. A análise narrativa é uma abordagem, não é uma panaceia, aplicável numas situações e não noutras” (p. 70). Esse foi um critério essencial para validar a investigação. Como diz Galvão (2005) considerámos que existem cinco níveis de representação no processo da investigação com narrativas “dar sentido, contar, transcrever, analisar e ler. E poder-se-ia, ainda, acrescentar interpretar, uma vez que quem lê, necessariamente, dá um novo sentido ao texto, de acordo com as suas vivências e referências” (p. 332). A interpretação foi assumida e o papel sempre activo da investigadora também. Porém, alguns níveis de representação foram subtis na medida em que estiveram, sobretudo, do lado de quem as escreveu: os colaboradores. Todavia, da parte do investigador a responsabilidade na análise ficou acrescida. Fomos construindo um texto que pretendeu ter em conta momentos de transformação que fomos identificando, misturados com excertos do discurso dos professores, assim como com considerações teóricas da investigadora. Este processo também serviria as categorias de análise cruzada de todas as narrativas. Esta estratégia de análise do discurso foi a inicial. Relendo as narrativas, revelou-se frágil para uma análise que envolvia a complexa realidade da aprendizagem e desenvolvimento dos professores e a dos seus contextos de trabalho.

2.1.1.1. *O conhecimento e a compreensão das vivências dos colaboradores em tempos de mudança – implicações nas suas aprendizagens e no seu desenvolvimento (profissional) – A análise temática como ponto de partida*

1. O que conhecemos acerca da pessoa na sua história de vida?⁸⁵

- 1.1. Como se foi identificando? Quais as representações que foi tendo de si? A pessoa e a/o profissional foram apresentando algo em comum?
- 1.2. Como foi percepcionando a profissão? O que foi contando ou constatando sobre a sua profissionalidade? E sobre o seu profissionalismo? Foi invocando algumas construções e/ou alterações?
- 1.3. Foi-se identificando com o grupo profissional de pertença? Foi experimentando alguns dilemas? Como foi pensando acerca dos colegas de profissão?
- 1.4. Foi participando em projectos, individuais ou colectivos? Onde, quando, com quem e para quê? As vivências em tempos de mudança permitiram-lhe ir fazendo conexões com experiências anteriores, pessoais, académicas ou profissionais?
- 1.6. Foi experimentando o entusiasmo, a satisfação ou o empenho no seu trabalho? Foram acontecendo algumas vivências marcantes em momentos da sua carreira? Quais?
- 1.7. Foi experimentando alguns dilemas entre o que ia fazendo, o que gostaria de ter feito ou o que realmente foi fazendo? Sozinha/o ou com alguém? Foi resolvendo problemas ou tomando decisões? O que foi sentindo durante os processos e sobre os seus efeitos?
- 1.8. Foi percepcionando, ou deixando conhecer, algumas influências das suas crenças, atitudes ou valores? Em que actividades? Em que momentos e com quem? Na sua perspectiva, os efeitos foram-se manifestando? Como?
- 1.9. Foi realizando investigação ou reflexão? Como e com que objectivos a foi fazendo?

85 A narrativa como processo de investigação permitiu-nos aceder ao pensamento experiencial de cada professor, ao significado que deu às suas experiências, a apreciação de processos relacionais e de actuações, assim como conhecer contextos vivenciais nos quais se desenrolaram as acções. Considerámos que as narrativas dos colaboradores deram informações que permitiram significar e interpretar as suas histórias de vida, em “temáticas específicas passíveis de investigação por meio da narrativa, iluminativas de desenvolvimento profissional” (Galvão, 2005, p. 343). Aceitamos que essa informação, apesar de não ser exaustiva, tal como foi trabalhada metodologicamente com estratégias que recorreram a métodos mistos, concorreu para o objectivo de estudo.

2. O que podemos conhecer acerca do como, onde e com quem se foi relacionando profissionalmente?

- 2.1. Como, onde e com quem é que foi vivendo experiências significantes no contexto do seu trabalho? Foram existindo ou foi considerando algumas relações e/ou interações especialmente importantes? Quais os ambientes e com que resultados? A reforma educativa foi contribuindo para os ambientes que foi percebendo e para o que foi vivendo? (Nóvoa, 1995, 2009b; Hiebert, Gallimore & Siegler, 2002; Fenwick, 2008; Hoekstra & Korthagen, 2011; Meirink, Imants, Meijer & Verloop, 2010; Santos, Lopes & Rego, 2010; Krafton & Kaiser, 2011; Forte & Flores, 2012; Clarke, Hollingsworth & Gorur, 2013; Esteves, 2014; Rogers, 2014)
- 2.2. O que foi percebendo acerca da qualidade e dos efeitos da frequência de “ações de formação”? Porque é que as foi frequentando? O que foi sentindo em relação aos seus efeitos formativos? Foram-se manifestando na sua profissionalidade e no seu profissionalismo? (Prick 1986; Hustler, McNamara, Londra & Campbell, 2003; Nóvoa, 2008, 2009b; Levine, 2011).
- 2.3. Qual o valor que foi atribuindo à sua experiência profissional? O que foi dizendo acerca dessa experiência no seu trabalho?
- 2.4. Como foi vendo os diferentes cenários relacionais no contexto do seu trabalho? Foi percebendo uma “cultura profissional”? Sentindo o isolamento ou a balcanização foi falando sobre os seus efeitos? Como?
- 2.5. Foi atribuindo valor à conversa e à interação entre colegas? Que tipo de relações foi mantendo? Também foi interagindo com outros membros da comunidade educativa? Com que objectivos? Foi percebendo que a criatividade e a construção de materiais em conjunto são importantes recursos para o seu exercício profissional?
- 2.6. Como foi percebendo o papel da liderança da escola? E o seu face às lideranças? Foi-se alterando? Porquê e em quê? Foi resolvendo problemas e tomando decisões? Qual o papel que foi atribuindo à cooperação, à colaboração e ao trabalho em equipa na sua vida profissional? Foi percebendo alterações nesses processos participativos? Em que momentos e ambientes? E foi percebendo contributos seus para a mudança da escola? Em quê? (Smyth, 1991, 1995a, 1995b; Laval & Weber, 2002; Libãneo, 2005; Canário, 2008a, 2008b, 2008c, 2008d; Nóvoa, 2008; DuFour, 2011; Crafton & Kaiser, 2011, Fullan, 2011, 2012; Bolívar, 2012; Mesquita, Formosinho & Machado, 2012; – ver ainda outros autores) – os professores não podem ser obrigados a colaborar!

2.7. Manifestou o que foi pensando acerca do que é ser aluno? Em que momentos e por quê? Foi percebendo influências dos alunos na sua profissionalidade? E no seu profissionalismo?

3. Em que aspectos a organização foi influenciando a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento ou os desafiou? (Esta dimensão teve como principais entradas interpretativas, a performatividade e as questões históricas e políticas que poderão ter influenciado a história contada pelo professor)

3.1. Como foi percebendo as suas condições de trabalho ao longo do tempo em tempos de mudança? O que foi percebendo acerca de influências de políticas educativas?

3.2. Como foi percebendo a sua participação no Projecto de Gestão Flexível do Currículo (PGCF)? O que foi percebendo acerca das suas possibilidades de actuação na escola face à legislação vigente? Tal envolvimento foi impelindo alguns dilemas? Quais e como? (Alonso, 2000, 2001, 2002, 2005; Sarmento, Parente, Matos & Silva, 2000; Alonso, Peralta & Alaiz, 2001; Leite, 2000, 2001a, 2001b; Alonso, Roldão & Vieira, 2006; Maia, 2008; e outros)

3.3. Foi percebendo algumas formas de poder que a/o tenha influenciado individualmente ou ao coletivo dos professores enquanto profissionais? Como foi acontecendo?

3.4. Percepcionou que uma cultura de escola, existindo, a foi influenciando? Foi experimentando alguns conflitos? Com quem e como os foi ultrapassando? O que foi percebendo acerca dos seus efeitos na sua profissionalidade? Percepcionou que a escola também pode ser um local onde vai aprendendo? E os outros colegas também vão aprendendo no contexto do trabalho? Pensa que foi participando nesses processos da aprendizagem dos outros professores? (Fullan & Hargreaves, 1992a, 1992b; Fullan & Miles, 1992; Nóvoa, 1992; Fullan, 1995a, 1995b, 2011, 2012; Glanz & Sullivan, 2000, 2005a, 2005b, Alarcão & Tavares, 2003; Hargreaves & Fink, 2007; Formosinho & Machado, 2009; Lawn & Grek, 2009; Lieberman & Friedrich, 2009) – escolas que devem ser organizações para a aprendizagem dos alunos mas também dos professores; atenção às motivações dos professores; poderão ser necessários outros autores.

3.5. Foi identificando algumas funções para a escola e/ou para a educação escolar? Essas foram-se alterando? Foi percebendo o seu papel perante tais funções e/ou alterações? (Borko, 2004; Sergiovanni, 2004a, 2004b, 2006; Spillane, Halverson, & Diamond, 2004; Van Veen, 2005; Davis & Sumara, 2006; Grek & Lawn, 2007; Hamido, 2007; Illera, 2007; Usher & Edwards, 2007; Hodkinson, Biesta & James, 2008; Darling-Hammond & Richar-

dson, 2009; Formosinho & Machado, 2009; Hallinger & Heck, 2010; Niewolny & Wilson, 2010; Fullan, 2011, 2012; Opfer & Pedder, 2011; Bolívar, 2012; Gu & Day, 2013) – escolas que devem ser organizações para a aprendizagem dos alunos mas também dos professores.

- 3.6. Foi percebendo oportunidades e/ou limitações da/na escola no seu percurso profissional? Foram influenciando a sua carreira? O trabalho foi-lhe permitindo algumas aprendizagens? Que consequências foram tendo? As suas práticas foram mudando? Quando e em que aspectos?
- 3.7. Foi percebendo relações indutoras de mudança? Foram envolvendo estruturas, aspectos organizacionais ou pessoas? Como foram acontecendo e em que circunstâncias? Quem foram envolvendo? Foram-se influenciando mutuamente? Referiu-se à escola como um local que vai permitindo aos professores dedicarem-se a uma aprendizagem contínua e substantiva? Em que termos o foi percebendo (ou identificando a sua ausência)? (Zeichner, 1991, 2010; Tsang, 1997; Garcia, 1999; Grossman, Wineburg & Woolworth, 2001; Holden, 2002; Eraut, 2004; McLaughlin & Talbert, 2006; Eraut & Hirsh, 2007; Hord & Sommers, 2008; Mullen & Hutinger, 2008; Vescio, Ross & Adams, 2008; Wahlstrom & Louis, 2008; Matusov, 2012; Murillo & Krichesky, 2012, e outros). Revisão de literatura PLC (Professional Learning Communities) e Comunidades de Prática – Lave & Wenger (1991); Wenger (1998); Little (2002, 2006); Alarcão & Tavares (2003); Stoll & Louis. (2007); Jenlink & Jenlink (2008); Talbert (2010); Catela (2011); DuFour (2011) e ver outros autores (Escola, uma organização aprendente).

Identificação dos contextos que potenciaram (ou inibiram) o desenvolvimento de Ana, de José, de Luísa e de Filipa – A análise temática teve como entrada principal a performatividade

4. Quais as características dos contextos vivenciais dos colaboradores que convergiram em tempos de mudança e quais os aspectos em que se afastaram?

- 4.1. Foi identificando momentos ou acontecimentos marcantes ao longo da sua vida ou apenas enquanto docente? E enquanto profissional foi deixando conhecer experiências significantes que, acontecendo ao longo da carreira, mereceram especiais atenções? (educação de adultos e aprendizagem ao longo da vida)
- 4.2. Identificou a influência da formação inicial no seu percurso profissional? E no seu profissionalismo? (Tipos e efeitos da formação inicial)

- 4.3. O que foi deixando conhecer acerca do papel das acções de formação na sua vida profissional? Quais as características que foi identificando nesses processos e quais os seus efeitos? (Aprendizagens formais e reformas)
- 4.4. Qual o tipo de actividades profissionais em que se sentiu mais envolvido e quais as que mais focou? Assumiram algum papel na sua profissionalidade? Referiu que foram transformadoras? Como? Em quê? (A importância das aprendizagens informais)
- 4.5. Importou-lhe com quem foi estabelecendo interacções? Focou os momentos em que se objectivaram? Foi referindo consequências resultantes de tais processos? Quais?
- 4.6. Quais as experiências que mais valorizou? Foi reportando actividades e pessoas que envolveram? Quais as regras e os papéis dos diferentes intervenientes?

5. Como se vê enquanto professor?

- 5.1. Foi percepcionando os seus papéis?
- 5.2. Foi relacionando papéis e mudança na profissão?
- 5.3. Que tipo de mudanças foi mencionando?
- 5.4. O que pensa acerca das mudanças impelidas pelas reformas?
- 5.5. Foi percepcionando factores limitantes ou promotores da sua participação ou dos professores enquanto grupo profissional nos processos de mudança?
- 5.6. Qual o valor que foi atribuindo a essa participação? (o poder da participação e da colaboração)

6. Aprender Conteúdos e Técnicas/Os Conhecimentos

7. Assumir Novas Atitudes e Valores/As Crenças

8. Desenvolver Competências

9. Ser Professor no Século XXI: Odisseia entre a Mudança, a Inovação e a Reestruturação

APÊNDICE 3 NOTAS DE CAMPO – RECOLHA DE FEEDBACK

A. Momentos de contactos iniciais/ Retomar a proximidade com os professores

Os contactos para o feedback realizaram-se nesta manhã e durante a tarde. Hoje é dia 22 de Julho de 2014, revelador de um tempo tardio para o fazer. Todavia, jamais tinha pensado que seria tão interessante, mas simultaneamente tão exigente o processo de redução dos dados que me levou até ao momento da análise de conteúdo escrita (sim, porque desde o primeiro momento em que li as histórias que elas influenciaram todas as minhas opções). Tinha realizado a categorização aberta em Julho e Agosto de 2013 e embora, na prática, apenas tenha retomado o trabalho em Março de 2014, não acreditei que tal me estivesse a acontecer quando em Abril me senti incompetente para iniciar a análise com aquele quadro analítico...

Claro que todos os docentes estavam de férias e tive que solicitar os respectivos contactos telefónicos às escolas. Simpaticamente, as funcionárias desencadearam o processo. O de José e o de Filipa foram imediatos.

De Luísa aguardei a resposta da telefonista. No entanto ao devolver-me a chamada, referindo que a professora tinha todo o gosto em que a contactasse, até manifestou as suas desculpas por não o ter feito no imediato. Claro que não o deveria ter feito, foi o que lhe respondi com um agradecimento e desejando boas férias.

Com Ana o processo foi notável. A funcionária não podendo dar-me o contacto da docente, contactou com Ana. Disse-lhe que a Dra. Conceição Leal da Costa precisava falar com ela, urgentemente. Ana estava de férias e a almoçar com amigas. Tinha decidido que só regressaria à escola em Setembro, quando as suas férias terminariam. No entanto, não hesitou em deslocar-se lá para conversar comigo, ainda sem que percebesse o que dela eu tanto precisaria! Pareceu-me simultaneamente preocupada e irritada. Estava incomodada.

B. Os contactos telefónicos

- O primeiro foi com Filipa ainda durante a manhã. Quando a recordei da colaboração escrita disse: “Já não me recordo do que escrevi e não fiquei com cópia, mas isso agrada-me muito.” Depois havia que combinar datas e era período de férias antes pro-

gramadas. Certo é que Filipa se disponibilizou, caso fosse necessário, a alterar o seu programa para realizar a tarefa. Pareceu-lhe bem ser Filipa. Achou engraçado ler-se com um nome diferente e quando lhe lancei a hipótese de desvelarmos o anonimato na discussão pública achou a proposta muito interessante. Mas agora, seria ter mais uma palavra sobre si neste processo investigativo e fazia-o com o maior prazer. Depois logo me diria se o anonimato lhe fazia sentido (com humor!). Acordámos que o feedback seria solicitado e reencaminhado via e-mail e que eu o faria até ao dia 5 de Agosto.

- Ao contactar Luísa na sequência do telefonema da funcionária da escola a nossa conversa prolongou-se. Como era nosso hábito há uns anos atrás, as conversas levar-nos aos filhos e isso leva tempo e dá também muito prazer. Disse-me que seria com muito gosto que leria tudo o que eu quisesse. Considerava, tal como eu que para falarmos de professores, temos que deixar exalar as suas vozes. Não considerou esta actividade investigativa nada fácil, mas considerou que era neste tipo de metodologias que se revia. Pelo contrário, revelou que esta era uma realização muito motivante mas que o meu trabalho deveria estar a ser muito árduo, até porque se tratava de professores!
- E estava, pois este é um período muito difícil: a recta final da redacção da tese longe da família e dos amigos, mas, sobretudo, isolada. Valeram-me hoje estas conversas! Luísa ainda me agradeceu a oportunidade desta colaboração e da conversa também. Pareceu-lhe bastante bem estar presente nas provas públicas para comigo desvelar o seu anonimato. Combinei então com Luísa que lhe enviaria o texto no dia 15 de Agosto e que ela devolveria o seu feedback, também via e-mail, o mais rapidamente que lhe fosse possível.
- Ana ligou-me eram 13:05. Tal significou que interrompeu o almoço para se deslocar à escola. Logo ela que não contava voltar aquele local durante o período de férias (disse ela). Mas não podia deixar de o fazer por mim, ou melhor, pela urgência que eu tinha em falar com ela sobre o projecto de investigação. Estava de facto irritada com o pedido da telefonista, a qual me pareceu não ter percebido que a urgência não era merecedora de interrupções do almoço da professora.
- Assim que Ana percebeu o que lhe estava a pedir, ripostou com palavras desanimadas e disse: “Eu não vou falar da escola em férias!”. Respondi eu: “Não tem que falar sobre a escola tem que ler o que escrevi sobre si” – e sorri. Mas Ana ripostou de imediato “Ora Conceição, isso é a mesma coisa, até Setembro não quero nada que tenha a ver com a escola. Estou farta de não saber o que vai ser o meu dia de amanhã nesta profissão

que sempre exerci com tanto gosto, farta de exigências sem fim e sobretudo cansada de não as compreender e de tantas tarefas. Nunca me senti assim e também nunca foi assim nem pensei que pudesse vir a ser”. Disse-lhe então que a compreendia, que sabia que era uma Ana cansada a falar! Mas que eu precisava entregar este já tão prolongado trabalho até ao final de Agosto. Ana disse então: “Bom, se formos tomar um sumo a qualquer lado eu leio e digo-lhe logo o que penso”. Respondi que por mim estava ótimo e questionei quando queria que tal acontecesse, embora ficasse com esperança que ela viesse a escrever alguma coisa. “Conceição ligue-me no dia 26, mas antes mande uma mensagem a dizer quem é, sff. Não vou atender ninguém que me deixe qualquer dúvida em conhecer. Estou muito cansada, também de telefonemas e olhe, só vim à escola por si. Por ser quem é!”.

- Agradei incessantemente ao mesmo tempo que pedi imensa desculpa pela forma como sem querer a incomodei e ela respondeu: “Mas não incomodou, gosto sempre muito de falar consigo. Já estava sentada à mesa do restaurante com as minhas amigas e fiquei preocupada. Foi por isso que vim logo para cá”. Agradei novamente e disse-lhe que encontraria o nome Ana em vez do seu. Disse de imediato: “Oh! Ana? Preferia Isabel! Isabel é que era giro! Mas deixe estar, fico Ana!”. Coloquei a hipótese de desvelarmos o anonimato nas provas públicas o que Ana rejeitou: “Oh, isso é que não! Deixe ficar a Ana!”. Então, despediu-se dizendo: “Não se esqueça de me ligar! Olhe que fico à espera de me conhecer melhor e de conversarmos enquanto bebemos o café, o sumo ou o que seja”.
- Eu, por mim, ficarei na expectativa até lá, pois do que conheço de Ana, duvido que não nos encontremos até lá por sua própria iniciativa. Vamos ver se ela se lembra do quê e como escreveu naquela altura. Aguardemos!
- Tentei contactar com José duas vezes sem sucesso. Ninguém atendeu. Não sei se ligue à noite! Confesso que estou a sentir-me angustiada. Quem será o professor que não está em férias neste período? Que tola que eu sou!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Deixar chegar as coisas a este ponto até me parece impossível.

C. Acções que se sequenciaram

- Entretanto tenho os e-mails que fui trocando com Filipa e isso foi muito bom. Estes professores são incríveis! Quando estou tão sozinha na escrita aparece esta fase que nunca pensei ser tão gratificante também pela companhia que me estão a fazer à distância. A Constança fica animada ao ouvir-me ao telefone, mas tenho a certeza que está tão ou mais preocupada que eu que este processo não chegue ao fim.
- Finalmente alguma novidade, apesar do sono! Contactei com o José hoje, dia 12 de Agosto de 2014 por mensagem telefónica. Eu estou mais calma, pois percebi que ele estava de férias e ausente do país até ao final do mês e que era essa a razão pela qual ele não tinha respondido ainda. Como onde se encontrava dificilmente teria acesso à internet, com toda a disponibilidade, abertura e interesse foi respondendo às minhas mensagens (guardo-as no telemóvel) e garantiu-me que assim que fosse possível contactarmos via email seria com muito agrado que faria a leitura do meu texto enviando o feedback.
- Ainda aguardo e já é dia 15 de Agosto! Estou novamente angustiada. Muito!!! Faço anos de casada, o meu pai também, os meus filhos vêm visitar-me! Aliás todos veem!!!! E eu sem condições para estar com ninguém... o tempo, ai! Agora não escrevo mais...sinto que também já me está a fazer perder tempo.
- Volto a escrever, hoje, dia 29 de Agosto. Tenho a declaração da Constança, mas ainda aguardo o feedback escrito do José. Estou calma, isto está quase acabado mas não irei aproveitar bem as mensagens que os quatro me foram devolvendo. Estou consciente que o tempo que me falta para entregar a tese já é só para a formatação. Bom e nem faço ideia como é que isso vai ser, quantas páginas é que isto terá? Mais uma preocupação para daqui a pouco!
- Entretanto, não me devo esquecer que tenho no computador os e-mails que fui trocando com todos. É pena que não tenha aqui registado as conversas que fui tendo com eles, mas paciência! Foram muitas, várias vezes ao dia com Luísa e com Ana. Elas a precisarem de conversar e eu sem tempo, mas a disfarçar. Ajudaram-me muito, mas a Ana tem levado isto mais a sério do que eu podia imaginar. Ficou mesmo aflita que ela e eu tenhamos colocado imagens e que ela tenha veiculado uma ideia negativa de colegas. Não foi isso o que me pareceu e não vou mudar o que escrevi, mas vou fazer algumas concessões nos apêndices e tentar ouvi-la com calma, pois estou a aperce-

ber-me que isto está a mexer muito com ela. Recordar-se sem se lembrar bem do que escreveu está a fazê-la sofrer ao mesmo tempo que a está a ocupar em conversas para se esclarecer de factos e acontecimentos que se passaram há anos. Está a recolher alguns documentos junto de colegas já aposentadas e a reconstruir a memória do seu passado de professora. Vou enviar-lhe a narrativa original que tenho numa disquete que ela me entregou. Disquetes, onde isso vai...

- Já escrevi muito. Tenho que retomar o trabalho, esperando que Ana aproveite bem este tempo que acabou por ser tão interessante para ela nestes dias, entre almoços e jantares com amigas e estas memórias sempre presentes. Para mim também tem sido!
- Voltei a ler isto tudo rapidamente e, se calhar, nem sequer vou colocar nada disto nos apêndices...logo se vê o tempo que terei e se faz sentido. Para mim já fez, porque fui desabafando (ainda bem que as lágrimas não se lêem! Só escorrem na minha careta!)

Lisboa, 29 de Agosto de 2014

APÊNDICE 4 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO ABERTA DA NARRATIVA DE ANA

4.1. A Dimensão Pessoal na Narrativa de Ana

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.1. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

Os aspectos biográficos de Ana, dando a conhecer a pessoa e a profissional;
Onde, com quem e como viveu, no espaço, no tempo ou na organização, aspectos influentes na sua aprendizagem e desenvolvimento

Unidades de significado da narrativa de Ana

(1) Peço desculpa pelo facto de, por vezes, incluir no meu discurso um pouco de ironia, mas faz parte do meu carácter tentar enfrentar a realidade com um pouco de sentido de humor, não deixando de ser frontal e sincera! (4) Uma reforma educativa que valorizava o espírito de descoberta e o sentido crítico dos alunos. (5) Esta experiência ia decorrer na escola do Ciclo Preparatório – na altura a escola André de Resende – para que estes alunos não saíssem do seu meio escolar e não fossem “lançados” para o Liceu Nacional de Évora – instituição para a qual certa e naturalmente seríamos canalizados, após termos finalizado o Ciclo Preparatório. (6) Algumas disciplinas foram substituídas por outras: em vez de “História e Geografia” tínhamos “Ciências Humanas”; a disciplina de “Desenho” passou a ser “Educação Visual”; “Trabalhos Manuais” passou a denominar-se “Trabalhos Oficiais”, na qual poderíamos escolher as áreas que queríamos aprender: “Trabalhos Caseiros”, “Noções Básicas de Electricidade” (7) (e já não me lembro de outras disciplinas, pois sempre fui um pouco “desprendida” de assuntos pedagógicos...) (8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. (22) “Embalada” nesta fortificante experiência de arrasar os nervos (23) após terminar os estudos no Liceu... eis que surge outra exxxxxxxxxtraooooordinááááária e inovadora experiência pedagógica: O Ano Propedêutico com aulas transmitidas pela (imagem). (24) Sim, é isso mesmo: televisão! (25) AH! Que momentos edificantes e calmos, quando a programação sofria, “por vezes”, algumas alterações, por razões alheias a eles e a nós, audiência escravizada daquele detestável “caixote”! (26) “Magníficas” aquelas aulas de História, durante as quais “por razões alheias à produção”, faltava a ligação e ficávamos longos minutos com “o écran aos saltos”, certamente para que imaginássemos a batalha entre D. Afonso Henriques e D. Teresa, sua digníssima mãezinha!!! (27) Claro

que no final do ano lectivo, e para variar, fomos convidados a realizar um exame a nível nacional, para serem testados os conhecimentos adquiridos por tão moderno método! **(45)** Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! **(46)** e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... **(49a)** Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!). **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividade-

des, foram convidados a participar vários elementos da edibilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos.

(136) Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)**

Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)**

Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.2. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências, experiências e significações de Ana, que apontam factos e/ou factores influentes na sua profissionalidade. (Saberes específicos, poder, clareza da função social, pertença a um grupo profissional)

Unidades de significado da narrativa de Ana

(2) Começo esta narrativa reflectindo sobre a questão: “Em que medida é que as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ou não ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional?” Eis uma questão que se aplica não só à minha vida profissional, como até à minha vida académica (...). **(43)** Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) **(44a)** resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E ... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara **(47)** Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(60)** desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónico.

(78) Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. (79) A aprendizagem não deve ser hermética (80) há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... (81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma (95) Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças (96) talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência (97) mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. (98) Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências (99) quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... (100) Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. (101) Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (102) A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! (103) Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. (104) Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! (105) Qual a dura realidade? (106) 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... (107) e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... (109) O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! (111a) Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (115a) Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! (117) A imposição não é aliada de qualidade. Imagem (118) Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. (119) Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! (120) Uma verdadeira bomba,

esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... "t'ás a ver"? **(122)** Este "bijou" foi o "máximo" em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com "os Filipinos" em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... "Vivá Democracia"! **(127)** - Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

-

- Então?! Não somos todos iguais?

-

- AH Não? 1 AAAAAH, "Tá bem"! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.3. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências, percepções, crenças, valores e atitudes de Ana, que apontam no sentido do seu profissionalismo.

- Controlo sobre as condições de trabalho, a construção do conhecimento e o valor que atribui aos saberes, a necessidade, ou não de mudança efectiva nas práticas, percepções de atitudes, ou da sua alteração e de destrezas face a actos educativos).

Unidades de significado da narrativa de Ana

(35) Com este pseudo-estatuto de covaia pedagógica (36) tive que optar por ingressar num dos grupos do “ancient regime” e aquele que mais me agradou foi o 2.º grupo do 2.º Ciclo – Português-Francês. (37) Mais uma vez, o meu espírito combativo foi posto à prova (38) e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. (45) Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota moderna!!! (46) e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... (49a) Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. (49b) Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica (50) mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (62) No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” (64) “Querer é poder”. (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (70) Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (71) (Uma reforma alentejana??!!) (72) Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos (75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (78) Estou consciente

do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciar-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.4. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Vivências e experiências associadas à formação e aprendizagem de Ana, entendida ao longo da vida;
- Significados e importância que atribui à investigação e/ou à reflexão;
- Percepções do seu envolvimento e/ou desenvolvimento intelectual, emocional e relacional;
- Experiências de saberes construídos (ou inibidos) por influência do seu envolvimento, em projectos individuais e/ou colectivos

Unidades de significado da narrativa de Ana

(2) Eis uma questão que se aplica não só à minha vida profissional, como até à minha vida académica: (3) Fui cobaia de uma inovadora experiência pedagógica – Reforma Veiga Simão – enquanto aluna do Ciclo Preparatório. (11) Ainda me recordo de alguns deles, que me deixam saudades. Conceição Cabral, Assunção Mira, Teodolinda Pascoal, Maria Manuel Charneca, Mourato, Luís Heftlen, Salette, ... (13) Após dois anos de existência, vimo-nos na grata e inesquecível missão de “fazermos as malas” e proceder à matrícula no Liceu Nacional de Évora. (39) Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico (40) e fi-la com prazer. (43) Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) (44a) resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara (45) Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (46) e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... (49a) Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. (49b) Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica. (59) àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. (61) “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional”. (64) “Querer é poder”. (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram

“condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(117)** A imposição não é aliada de qualidade **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TEIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou

a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.5. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Percepções de Ana acerca da sua experiência profissional como factor que influencia o desenvolvimento (o seu e/ou dos colegas);

Unidades de significado da narrativa de Ana

(41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação... **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!). **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? **(1)** AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem

respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.6. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Percepções, crenças, atitudes e valores de Ana, associados às relações interpessoais e/ou à partilha de saberes e experiências entre pares;

Unidades de significado da narrativa de Ana

(41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi **(42)** com a troca de experiências com as colegas de grupo **(51)** Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados

de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(60)** desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional. **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual.. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, **(82)** mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(112)** Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma

perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.7. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Vivências, percepções e sentimentos de Ana, no que respeita ao grupo profissional de pertença;
- Identificação de interesses comuns
- Valorização de práticas e/ou espaços e tempos de encontro com diferentes membros da comunidade escolar
- Significação e valorização da conversa ou outras interações em ambientes diversos
Identificação e/ou a superação de dificuldades

Unidades de significado da narrativa de Ana

(53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da comunidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente,

é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.8. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Vivências e experiências de Ana, do seu entusiasmo, empenho e/ou satisfação no trabalho (ou os opostos).

Unidades de significado da narrativa de Ana

(39) Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e Ano Propedêutico **(40)** e fi-la com prazer. **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(95)** Sempre tenho tido uma postura

um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(96)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edibilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.9. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Vivências, percepções, crenças e atitudes de Ana, enquanto pessoa e profissional;
- Contextos e/ou pessoas que a influenciaram;
- Contextos que ela influenciou

Unidades de significado da narrativa de Ana

(8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. **(9)** Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados **(28)** Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos. **(29)** Cada vez mais “calejada” com experiências inovadoras **(30)** e motivada para ser uma dama poliglota, tendo resistido ao exame do Ano Propedêutico, inscrevi-me num

curso acadêmico de estrear na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: o curso de Línguas e Literaturas Modernas – variante – Francês-Inglês. **(31)** Sempre gostei de falar “estranheiro” e graças à excelente influência das minhas professoras, decidi-me por aquele curso. **(32)** Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei” **(33)** deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! **(45)** Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota moderna!!! **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(51)** Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto

de ter “sofrido na pele os efêmeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(96)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo**(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo g (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.10. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Percepções de Ana, acerca da realidade escolar e profissional;
- Convicções associadas a práticas docentes
- Vivências e sentimentos associados à sua evolução ou a perturbações na carreira

Unidades de significado da narrativa de Ana

(32) Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei” (33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! (34) Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão giiiirooooooo?! (47) Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. (50) mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva (61) “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. (62) No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (68) (Terei sido candidata única?!). (69) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão(75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (78) Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciar-mo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. (79) A aprendizagem não deve ser hermética (80) há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, (82) mas um dos factores que

contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(114)** Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1AAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o

facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didáticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didático que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.11. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

- Vivências, experiências, sentimentos, e reflexões de Ana, relativas ao seu trabalho;
- Propósitos, meios e objectivos a atingir;
- Aprendizagem e formação por ele permitidas

Unidades de significado da narrativa de Ana

(8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. **(38)** e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação

da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. **(39)** Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico **(40)** e fi-la com prazer. **(48)** A Área S. E. tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!) **(71)** (Uma reforma alentejana??!!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio-cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do

lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de

aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão pessoal na narrativa de Ana

Tabela 4.1.12. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências em ambientes formativos e percepções de Ana relativas à necessidade, adequação, qualidade e efeitos de programas de formação de professores (enquanto participante ou não).

Unidades de significado da narrativa de Ana

(33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! **(47)** Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. **(48)** A Área S. E. tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço

potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação.. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!) **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar, **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências! **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

4.2. A dimensão relacional na Narrativa de Ana

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.2.1. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Percepções, sentimentos, atitudes e crenças de Ana, em relação a ambientes de maior ou menor isolamento profissional.

Unidades de significado da narrativa de Ana

(14) Aí, tal como esperávamos, não tivemos nenhuma comitiva de boas-vindas (15) e também nenhum currículo adaptado à nossa realidade pedagógica dos dois anos lectivos anteriores. (16) Pois é: podíamos ser uns alunos com um percurso pedagógico diferente dos demais, mas esse facto interessava a quem?! (28) Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos. (41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi. (42) com a troca de experiências com as colegas de grupo. (49b) Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica. (51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional. (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da

iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... (95) Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças (96) talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência (97) mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. (98) Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências (99) quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... (100) Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. (101) Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (103) Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. (104) Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! (105) Qual a dura realidade? (106) 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... (107) e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... (109) O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! (113) Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! (114) Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (118) Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo (123) Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! (124) Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem (135) A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. (139) A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelPs... (140) com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei (141) tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (147) Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; (148) muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos (149) e nunca me arrependi de aprender. (150) Foram bons

os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.2.2. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências em ambientes formativos e percepções de Ana relativas à necessidade, adequação, qualidade e efeitos de programas de formação de professores (enquanto participante ou não).

Unidades de significado da narrativa de Ana

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que "... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional." **(64)** "Querer é poder". **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação". **(66)** Depois desta "half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante" e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio-cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a

classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D.T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar

com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.2.3. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Percepções, pensamentos, atitudes e vivências de Ana, entre pares em tempos de mudança curricular;

- A cooperação, a colaboração e o trabalho em equipa
- O diálogo
- A criatividade e o dinamismo
- A co-criação de recursos para a mudança

Unidades de significado da narrativa de Ana

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, **(82)** mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos de-

sinteressados pela escola e de um meio sócio- cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chegasse à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. **(112)** Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/ qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em

1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.2.4. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Percepções e significados que Ana atribui à influência de vivências em comunidade, no contexto do seu trabalho;

- Expressão dos contributos das culturas da escola (forma como valores, crenças, preconceitos e comportamentos são operacionalizados na vida micropolítica da escola) (ou da sua inexistência)

Unidades de significado da narrativa de Ana

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edibilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de

temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “tás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.2.5. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Percepções, sentimentos e atitudes de Ana, perante a liderança da escola;

- A colaboração, a cooperação e o trabalho em equipa
- A participação nas tomadas de decisão
- A identificação e resolução de problemas

Unidades de significado da narrativa de Ana

(9) Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados **(10)** (soube há pouco tempo) pelo director da escola – o Dr. Gabriel David. **(12)** Chumbada (presumo eu) esta “magnífica experiência pedagógica”. **(21)** Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! **(64)** “Querer é poder”. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta

discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.2.6. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências e crenças acerca das marcas dos professores na vida dos alunos;
Influências da, e na aprendizagem de Ana e o manter ou desenvolver desse desejo

Unidades de significado da narrativa de Ana

(125) Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

- ...
- Então?! Não somos todos iguais?
- ...

– AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas, **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

4.3. A Dimensão organizacional na narrativa de Ana

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão organizacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.1. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências, percepções e crenças de Ana acerca de processos de regulação externa, no período a que reporta a sua narrativa;

- Vivências, sentimentos e atitudes face às mudanças impostas
- Sentimentos e percepções acerca das possibilidades de realização de aprendizagens no contexto do seu trabalho (ou de obstáculos à sua concretização)
- Percepções sobre a autonomia da Escola e sobre as possibilidades de desenvolvimento do professor
- Condicionantes ditadas por um modelo de administração tendencialmente burocrático e centralizado

Unidades de significado da narrativa de Ana

(12) Chumbada (presumo eu) esta “magnífica experiência pedagógica”. (13) após dois anos de existência, vimo-nos na grata e inesquecível missão de “fazermos as malas” e proceder à matrícula no Liceu Nacional de Évora. (17) Incluídos numa turma de “currículo normal” dos restantes alunos que frequentavam o (antigo) 5.º ano de escolaridade do Liceu, deparámos com a obrigatoriedade de frequência de disciplinas que outrora não tivemos e com o mesmo grau de exigência de aproveitamento nas mesmas que os outros colegas de ano!!! (18) Uma atitude democrática, não?! (19) Deste modo e em clara desvantagem de oportunidades e de nível de conhecimentos adquiridos, fomos convidados a empenhar-nos duplamente para conseguirmos ter aproveitamento no final do ano lectivo (20) não esquecendo o exame final a nível nacional, cuja média de dispensa era “somente” de catorze valores! (21) Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! (44a) resolvi concorrer para estágio (45) Este modelo de estágio era inovador: “Profissionalização em Exercício” – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (47) Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que

foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que "... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional." **(64)** "Querer é poder". **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram "condignamente" alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, **(82)** mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(93)** e há pessoas que vão "dar aulas" e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter "sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, "foi o máximo"!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O "pobre" do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e

munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem**(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1AAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para

evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.2. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Sentimentos, pensamentos, crenças e atitudes de Ana, implicando características da liderança, no que respeita a possibilidades de construção e/ou concretização de projectos de escola

Unidades de significado da narrativa de Ana

(9) Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados. **(10)** (soube há pouco tempo) pelo director da escola – o Dr. Gabriel David. **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos

alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.3. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências, percepções e crenças de Ana, que antevêm a cultura de escola como factor influente na aprendizagem e desenvolvimento do professor.

Unidades de significado da narrativa de Ana

(103) Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refulgar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem

(135) A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. (136) Devemos trocar impressões com os colegas (137) depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. (138) Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. (139) A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelPs... (140) com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei (141) tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (150) Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar (151) mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.4. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Percepções de Ana acerca de conexões entre a sua profissionalidade e a construção sócio histórica da profissão docente:

- Experiências pedagógicas e poder de decisão
- Valor dos saberes e avaliação (ou não) das experiências e/ou dos desempenhos docentes
- A função social esperada e o estatuto profissional

Unidades de significado da narrativa de Ana

(21) Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! (33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! (34) Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão giiiiroooooo?! (44a) resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. (44b) E... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara, leccionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Francês (45) Este modelo de estágio era inovador: – Oh! Como eu sou uma garota moderna!!! (46) e a sua frequência era de dois anos! (o algarismo dois continua a ser uma operseguição para mim)... (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (68) (Terei sido candidata única?! (69) Durante o anteriormente

referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, **(82)** mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refular por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes

activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.5. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Percepções e crenças de Ana sobre a função da Escola, o seu valor e os desafios lançados à Educação.

- Aspectos que denotam alterações ao longo da sua carreira

Unidades de significado da narrativa de Ana

(75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (77) A teoria de só se aprender o que nos interessa poderá, à partida, ser muito atractivo, mas... será “pedagogicamente correcto”? (78) Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. (79) A aprendizagem não deve ser hermética (80) há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... (89) A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante (90) mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada (91) pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. (93) e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... (94) por uns pagam todos!!! (113) Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! (114) Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (117) A imposição não é aliada de qualidade. (125) Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! (126) Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” (128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais (129) os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. (134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! (145) Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional (146) e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. (147) Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; (148) muitas horas dediquei à pesquisa e

à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.6. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências, percepções, crenças e atitudes de Ana associadas aos papéis do professor. (natureza, ambiguidades e/ou contradições).

Unidades de significado da narrativa de Ana

(64) “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuiram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)**

Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos,

para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didático que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização aberta da narrativa de Ana

A dimensão relacional na narrativa de Ana

Tabela 4.3.7. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Ana

Vivências, percepções, sentimentos e atitudes de Ana, em ambientes profissionais que a incentivaram ou lhe dificultaram a adopção e/ou mudança das práticas ou as dos colegas.

Unidades de significado da narrativa de Ana

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar refor-

ma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que

nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...
–
– Então?! Não somos todos iguais?
–
– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!
(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

APÊNDICE 5 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO ABERTA DA NARRATIVA DE JOSÉ

5.1. A dimensão pessoal na narrativa de José

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.1. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Os aspectos biográficos de José, dando a conhecer a pessoa e a profissional;

- Onde, com quem e como viveu, no espaço, no tempo ou na organização, aspectos influentes na sua aprendizagem e desenvolvimento

Unidades de significado da narrativa de José

(2) Tenho quase 27 anos de serviço, sendo 13 anteriores à profissionalização, um de estágio e os restantes após a profissionalização. **(2a)** Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente **(3)** e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português nos 2.º e 3.º ciclos. **(4)** Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História **(5)** até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. **(9)** A entrada na profissão **(10)** A minha entrada na profissão docente foi mais um “acidente da vida” **(11)** do que uma vocação clara e de infância. **(12)** A conclusão do curso dos liceus (actual 11.º ano) coincidiu com algumas dificuldades económicas dos meus pais **(13)** e com a vinda do núcleo duro do meu grupo de amigos para a cidade de Évora. **(14)** Esse grupo de amigos, todos eles mais velhos, vinham iniciar o seu estágio profissional de medicina no Hospital Distrital **(15)** e eu ficaria sem “nada” que fazer em Lisboa e num ano em que não tinha obrigações estudantis. **(6)** Profissionalizado no 3.º CEB e Secundário, **(7)** optei por fixar-me numa escola com 3.º CEB, não tendo grande desejo de mudar de nível de ensino. **(24)** Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, **(25)** resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação **(26)** no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. **(27)** Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. **(28)** Era o dia 18 de Março de 1976 **(29)** e tinha apenas dezoito anos. **(30)** Não podia então imaginar que um “acidente da vida” **(31)** se iria revelar como uma realização profissional. **(32)** De estudante e professor a professor/estudante **(33)** O primeiro

ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (108) É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. (109) Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados (110) o que trouxe cada vez mais problemas. (111) Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos (112) e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. (113) Esta situação (114) e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras (115) faziam com que o curso superior fosse marcando passo. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir ine-

vitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS,

(266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (312) A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua (313) Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. (314) Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. (315) O curso de História em Letras era um curso científico, (316) sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. (318) Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (432) Da profissionalização à efectivação (433) Passei a ser professor contratado profissionalizado no ano lectivo de 1991/92. (434) Já muito antes tinha recebido o convite para integrar

a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(475)** Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. **(476)** Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(500)** O retorno à escola **(501)** O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiên-

cias de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (609) Parti para esta narrativa, (610) preocupado em fazer qualquer coisa de útil (606) para o trabalho de uma colega. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.2. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências, experiências e significações de José, que apontam factos e/ou factores influentes na sua profissionalidade. (Saberes específicos, poder, clareza da função social, pertença a um grupo profissional)

Unidades de significado da narrativa de José

(43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por

ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do mini-concurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais neces-

sários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência

profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (211) ou os conselhos de turma. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As

reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno

dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(386)** Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. **(387)** Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. **(390)** Esta ambiguidade foi contraproducente **(388)** pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, **(389)** que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes

ou superiores aos outros. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414) É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (417) Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (466) Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. (467) Muitos outros temas tiveram também muita análise, (468) reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as constantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (502) Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115 A, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação.

(514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertar no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.3. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências, percepções, crenças, valores e atitudes de José, que apontam no sentido do seu profissionalismo.

- Controlo sobre as condições de trabalho, a construção do conhecimento e o valor que atribui aos saberes, a necessidade, ou não de mudança efectiva nas práticas, percepções de atitudes, ou da sua alteração e de destrezas face a actos educativos).

Unidades de significado da narrativa de José

(2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente **(3)** e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º ciclo. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(87)** As medidas economicistas não são novidade de agora. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos profes-

sores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter siste-

mático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao lembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (234) para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profis-

são. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(290)** Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão **(291)** e sobretudo descrença nas políticas dos governos **(292)** e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(344)** De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos **(345)** (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal

do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualida-

de educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para restringir as despesas correntes. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de

ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.4. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências e experiências associadas à formação e aprendizagem de José, entendida ao longo da vida;

- Significados e importância que atribui à investigação e/ou à reflexão;
- Percepções do seu envolvimento e/ou desenvolvimento intelectual, emocional e relacional;
- Experiências de saberes construídos (ou inibidos) por influência do seu envolvimento, em projectos individuais e/ou colectivos

Unidades de significado da narrativa de José

(4) Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História (5) até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. (32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (38) O sentido de entreajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as

minhas avaliações em relação a um aluno. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(110)** o que trouxe cada vez mais problemas. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiram os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa

escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (151) convém realçar os seguintes aspectos: (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao lembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (183) Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. (184) Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação (185) sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras (186) ao que esta direcção geral respondeu (187) que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos (188) no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo (189) e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. (190) De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. (191) Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. (192) Os professores de Francês da escola estiveram presentes (193) mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas (194) pois diziam respeito a outra disciplina. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconte-

ceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. 290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão **(291)** e sobretudo descrença nas políticas dos governos **(292)** e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(318)** Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, **(319)** e que se preocupava

sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. (358) De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (393) As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (438) Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal (439) e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. (440) As reuniões sindicais

com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(467)** Muitos outros temas tiveram também muita análise, **(468)** reflexão pessoal **(469)** e colectiva, **(470)** nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes **(471)** e os seus efeitos na qualidade das escolas, **(472)** avaliação, **(473)** gestão escolar e modelos de organização, **(474)** comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. **(475)** Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(559)** É de notar que a escola

tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.5. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Percepções de José acerca da sua experiência profissional como factor que influencia o desenvolvimento (o seu e/ou dos colegas);

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu

tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do mini-concurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema

nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (382) No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. (383) Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, (384) poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente (385) e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (417) Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as

relações interpessoais (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.6. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Percepções, crenças, atitudes e valores de José, associados às relações interpessoais e/ou à partilha de saberes e experiências entre pares;

Unidades de significado da narrativa de José

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreaajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso

tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica

(219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergên-

cias. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às

cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma **(613)** tenho uma muito mais sólida convicção **(614)** que a profissão docente se vai construindo **(615)** sobretudo através de experiências pessoais **(616)** e experiências de grupo. **(617)** Esse grupo **(618)** vai do mero colega, um só, **(619)** ao grupo disciplinar, **(620)** departamento **(621)** e até às vivências profissionais **(622)** e pessoais **(623)** que se vão adquirindo na escola.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.7. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências, percepções e sentimentos de José, no que respeita ao grupo profissional de pertença;

- Identificação de interesses comuns
- Valorização de práticas e/ou espaços e tempos de encontro com diferentes membros da comunidade escolar
- Significação e valorização da conversa ou outras interacções em ambientes diversos
- Identificação e/ou a superação de dificuldades

Unidades de significado da narrativa de José

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreatjada era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de

um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação pró-

pria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação.

(226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (359) Há mudanças curriculares, (360)

há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do dis-

trito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(514)** No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, **(515)** continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)**

para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.8. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências e experiências de José, do seu entusiasmo, empenho e/ou satisfação no trabalho (ou os opostos).

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (108) É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e

amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (165) É curioso, ao relembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me

que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(285)** É muito idealismo **(286)** e muita ingenuidade **(287)** para um homem de trinta anos, **(288)** mas acho que muitos de nós tivemos **(289)** e vivemos essa ingenuidade. **(290)** Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão **(291)** e sobretudo descrença nas políticas dos governos **(292)** e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretarem, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)**

e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(476)** Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)**

nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opinião pública **(577)** do nosso trabalho **(578)** têm-me trazido um sentimento crescente **(579)** de desencanto **(580)** e de alguma demissão **(581)** nos processos de discussão sobre aspectos da educação **(582)** e do ensino. **(583)** Acho que já não vale a pena **(584)** e que independentemente das propostas dos professores, **(585)** os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, **(586)** por vezes pouco claros objectivos. **(604)** Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, **(605)** educador **(606)** e formador **(607)** com os meus alunos. **(652)** Fico, agora, **(653)** ainda mais convicto **(654)** que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica **(655)** e que a burocratização, **(656)** a procura de quantificações **(657)** e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos **(658)** estão lentamente **(659)** a esgotar **(660)** e a esvaziar **(661)** os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.9. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências, percepções, crenças e atitudes de José, enquanto pessoa e profissional;

- Contextos e/ou pessoas que a influenciaram;
- Contextos que ela influenciou

Unidades de significado da narrativa de José

(2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente **(3)** e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º ciclo. **(4)** Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História **(5)** até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. **(24)** Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, **(25)**

resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação **(26)** no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. **(27)** Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. **(29)** e tinha apenas dezoito anos. **(30)** Não podia então imaginar que um “acidente da vida” **(31)** se iria revelar como uma realização profissional. **(33)** O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreatuda era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos

de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(110)** o que trouxe cada vez mais problemas. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française,) e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da

Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (191) Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. (192) Os professores de Francês da escola estiveram presentes (193) mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas (194) pois diziam respeito a outra disciplina. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto

Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (312) A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua (315) O curso de História em Letras era um curso científico, (316) sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. (317) Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. (318) Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (322) De notar que estava por fazer uma história em Portugal (323) sem a pressão ou influências da censura fascista de antes do 25 de Abril. (324) Era uma altura em que a influência do marxismo e da historiografia francesa se faziam sentir intensamente. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universi-

dades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (355) Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. (358) De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (382) No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. (383) Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, (384) poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente (385) e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. (386) Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. (387) Pretendia-se fazer a preparação pedagógica

e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. **(390)** Esta ambiguidade foi contraproducente **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(434)** Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). **(435)** Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o can-

saço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos

exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.10. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Percepções de José, acerca da realidade escolar e profissional;

- Convicções associadas a práticas docentes
- Vivências e sentimentos associados à sua evolução ou a perturbações na carreira

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreejuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das

aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didáticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (108) É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. (116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” (118) Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de

habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes

bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (349) Creio que não é abonatório em relação à qualidade do ensino superior. (351) As cadeiras de Economia tinham

enorme insucesso escolar nos alunos de História. **(352)** É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia **(354)** e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. **(355)** Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. **(356)** Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. **(357)** Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. **(358)** De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(431)** Em termos de acções de formação

contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(433)** Passei a ser professor contratado profissionalizado no ano lectivo de 1991/92. **(434)** Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). **(435)** Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para restringir as despesas correntes. **(494)** Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação **(495)** e os professores **(496)** como uma despesa e não como um investimento. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de ciclo **(572)** e para avaliar o trabalho dos professores **(573)** (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), **(574)** leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opinião pública **(577)** do nosso trabalho **(578)** têm-me trazido um sentimento

crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.11. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências, experiências, sentimentos, e reflexões de José, relativas ao seu trabalho;

- Propósitos, meios e objectivos a atingir;
- Aprendizagem e formação por ele permitidas

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os pro-

fessores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(52)** que somente pretendia subir de posto no emprego, **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno. **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser

professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao lembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de

grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois

reproduzir nos testes. **(344)** De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos **(345)** (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores

aos outros. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414) É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (417) Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (435) Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (438) Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal (439) e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. (440) As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (466) Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. (467) Muitos outros temas tiveram também muita análise, (468) reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do siste-

ma educativo. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertar no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/ financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588)

não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão pessoal na narrativa de José

Tabela 5.1.12. Dimensões Pessoais no Desenvolvimento Profissional de José

Vivências em ambientes formativos e percepções de José relativas à necessidade, adequação, qualidade e efeitos de programas de formação de professores (enquanto participante ou não).

Unidades de significado da narrativa de José

(32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa

no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de

avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objetivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar níveis, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (312) A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua (313) Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. (314) Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. (315) O curso de História em Letras era um curso científico, (316) sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. (317) Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. (318) Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de

trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (349) Creio que não é abonatório em relação à qualidade do ensino superior. (350) Um outro aspecto que me desiludiu foi a maneira como foi tratado o problema das duas cadeiras semestrais de Economia que havia no currículo do curso de História. (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (355) Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. (358) De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. (387) Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. (390) Esta ambiguidade foi contraproducente (388) pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, (389) que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (393) As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou

como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos te-

rem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma. **(624)** Ser um bom professor aprende-se **(625)** através das vivências **(626)** e não através de inúmeros estudos teóricos, **(627)** muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem **(628)** (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) **(629)** que ser professor é ser um actor **(630)** do imediato, **(631)** que apesar das necessárias preparações científicas **(632)** e pedagógicas **(633)** e das necessárias preparações **(634)** de unidades e de aulas, **(635)** o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação **(636)** ao momento que o professor deve ter, **(637)** que a intuição **(638)** e uma reflexão contínua **(639)** sobre factores não quantificáveis, **(640)** muitas vezes subjectivos **(641)** é que são determinantes na nossa profissão. **(642)** São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa **(643)** e educacional **(644)** determinante **(645)** nos nossos alunos.

5.2. A dimensão relacional na narrativa de José

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão relacional na narrativa de José

Tabela 5.2.1. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de José

Experiências, significações, sentimentos e crenças de José acerca das aprendizagens que lhe foram possibilitadas (ou não) pelas relações interpessoais em diferentes ambientes (formais, não formais e informais)

Unidades de significado da narrativa de José

(38) O sentido de entreajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (111) Os

colegas da universidade prosseguiram os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição

de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(325)** O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, **(326)** por trabalhos (de grupo ou individuais) **(327)** obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. **(328)** Mas fazia crescer intelectualmente, **(329)** fazia aumentar o poder crítico **(330)** e a reflexão. **(331)** Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. **(332)** Não sendo um modelo perfeito, **(333)** muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, **(334)** desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos **(335)** que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e

Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão relacional na narrativa de José

Tabela 5.2.2. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de José

Percepções, experiências, sentimentos, atitudes e crenças de José, em relação a ambientes de maior ou menor isolamento profissional.

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) re-

cusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva Direcção Geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(191)** Noutra circunstância a referida Direcção Geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(293)** Mas creio que somos uma profissão

com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão relacional na narrativa de José

Tabela 5.2.3. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de José

Percepções, pensamentos, atitudes e vivências de José, entre pares em tempos de mudança curricular;

- A cooperação, a colaboração e o trabalho em equipa
- O diálogo
- A criatividade e o dinamismo
- A co-criação de recursos para a mudança

Unidades de significado da narrativa de José

(116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos,

(259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiên-

cia (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão relacional na narrativa de José

Tabela 5.2.4. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de José

Percepções e significados que José atribui à influência de vivências em comunidade, no contexto do seu trabalho;

- Expressão dos contributos das culturas da escola (forma como valores, crenças, preconceitos e comportamentos são operacionalizados na vida micropolítica da escola) (ou da sua inexistência)

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44)

como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (80) Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de

grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do

Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão relacional na narrativa de José

Tabela 5.2.5. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de José

Percepções, sentimentos e atitudes de José, perante a liderança da escola;

- A colaboração, a cooperação e o trabalho em equipa
- A participação nas tomadas de decisão
- A identificação e resolução de problemas

Unidades de significado da narrativa de José

(67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação

suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (80) Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (184) Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação (185) sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras (186) ao que esta direcção geral respondeu (187) que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos (188) no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo (189) e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. (190) De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimen-

to dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(514)** No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, **(515)** continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretu-

do no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão relacional na narrativa de José

Tabela 5.2.6. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de José

Vivências e crenças acerca das marcas dos professores na vida dos alunos;

- Influências da, e na aprendizagem de José e o manter ou desenvolver desse desejo

Unidades de significado da narrativa de José

(49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária

sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretem, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(587)** No entanto, esta descrença nas opções do sistema **(588)** não tem diminuído a convicção que os professores **(589)** e as escolas públicas **(590)** têm vindo a evoluir **(591)** e que fazem, geralmente, **(592)** um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos **(593)** apesar dos deficientes apoios que têm **(594)** e das situações cada vez mais complexas que encontram. **(595)** Com filhos no sistema educativo, **(596)** creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, **(597)** têm conhecimentos muito mais diversificados **(598)** e conceitos muito mais difíceis para aprender, **(599)** se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. **(600)** O problema não está nos alunos **(601)** ou nos professores que os ensinam, **(602)** mas sobretudo nos difíceis e extensos programas **(603)** e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. **(604)** Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, **(605)** educador **(606)** e formador **(607)** com os meus alunos. **(642)** São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa **(643)** e educacional **(644)** determinante **(645)** nos nossos alunos. **(646)** O saber só é útil **(647)** se produzir o bem **(647)** e a felicidade **(648)** nos que nos rodeiam **(649)** e sobretudo naqueles que construirão, **(650)** com humanidade e saber, **(651)** o futuro e riqueza deste país.

5.3. A Dimensão Organizacional na Narrativa de José

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.1. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Vivências, percepções e crenças de José acerca de processos de regulação externa, no período a que reporta a sua narrativa;

- Vivências, sentimentos e atitudes face às mudanças impostas
- Sentimentos e percepções acerca das possibilidades de realização de aprendizagens no contexto do seu trabalho (ou de obstáculos à sua concretização)
- Percepções sobre a autonomia da Escola e sobre as possibilidades de desenvolvimento do professor
- Condicionantes ditadas por um modelo de administração tendencialmente burocrático e centralizado

Unidades de significado da narrativa de José

33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de

turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(87)** As medidas economicistas não são novidade de agora. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de

Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (183) Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. (184) Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva Direcção Geral uma acção de formação (185) sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras (186) ao que esta direcção geral respondeu (187) que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos (188) no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo (189) e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. (190) De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. (191) (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso Ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acasas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (234) para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discus-

sões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se

consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(381)** É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(435)** Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(448)** Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 **(449)** e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(467)** Muitos outros temas tiveram também muita análise, **(468)** reflexão pessoal **(469)** e colectiva, **(470)** nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes **(471)** e os seus efeitos na qualidade das escolas, **(472)** avaliação, **(473)** gestão escolar e modelos de organização, **(474)** comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para

restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (502) Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562)

sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.2. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Sentimentos, pensamentos, crenças e atitudes de José, implicando características da liderança, no que respeita a possibilidades de construção e/ou concretização de projectos de escola

Unidades de significado da narrativa de José

(67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (80)

Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações sur-

giram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.3. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Vivências, percepções e crenças de José, que antevêm a cultura de escola como factor influente nas aprendizagens dos docentes.

Unidades de significado da narrativa de José

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41)

Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em

envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.4. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Percepções de José acerca de conexões entre a sua profissionalidade e a construção sócio histórica da profissão docente:

- Experiências pedagógicas e poder de decisão
- Valor dos saberes e avaliação (ou não) das experiências e/ou dos desempenhos docentes
- A função social esperada e o estatuto profissional

Unidades de significado da narrativa de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreaajuda era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez

posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (87) As medidas economicistas não são novidade de agora. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” (117) pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. (118) Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de per-

manência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao lembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema

Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado

numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretarem, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(381)** É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura

deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (466) Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. (467) Muitos outros temas tiveram também muita análise, (468) reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as constantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em

envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opinião pública **(577)** do nosso trabalho **(578)** têm-me trazido um sentimento crescente **(579)** de desencanto **(580)** e de alguma demissão **(581)** nos processos de discussão sobre aspectos da educação **(582)** e do ensino. **(583)** Acho que já não vale a pena **(584)** e que independentemente das propostas dos professores, **(585)** os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, **(586)** por vezes pouco claros objectivos. **(587)** No entanto, esta descrença nas opções do sistema **(588)** não tem diminuído a convicção que os professores **(589)** e as escolas públicas **(590)** têm vindo a evoluir **(591)** e que fazem, geralmente, **(592)** um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos **(593)** apesar dos deficientes apoios que têm **(594)** e das situações cada vez mais complexas que encontram. **(611)** Após uma reflexão **(612)** sobre a minha actuação enquanto professor, **(613)** tenho uma muito mais sólida convicção **(614)** que a profissão docente se vai construindo **(615)** sobretudo através de experiências pessoais **(616)** e experiências de grupo. **(624)** Ser um bom professor aprende-se **(625)** através das vivências **(626)** e não através de inúmeros estudos teóricos, **(627)** muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem **(628)** (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) **(629)** que ser professor é ser um actor **(630)** do imediato, **(631)** que apesar das necessárias preparações científicas **(632)** e pedagógicas **(633)** e das necessárias preparações **(634)** de unidades e de aulas, **(635)** o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação **(636)** ao momento que o professor deve ter, **(637)** que a intuição **(638)** e uma reflexão contínua **(639)** sobre factores não quantificáveis, **(640)** muitas vezes subjectivos **(641)** é que são determinantes na nossa profissão. **(652)** Fico, agora, **(653)** ainda mais convicto **(654)** que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica **(655)** e que a burocratização, **(656)** a procura de quantificações **(657)** e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos **(658)** estão lentamente **(659)** a esgotar **(660)** e a esvaziar **(661)** os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.5. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Percepções e crenças de José sobre a função da Escola, o seu valor e os desafios lançados à Educação.

- Aspectos que denotam alterações ao longo da sua carreira

Unidades de significado da narrativa de José

(57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (87) As medidas economicistas não são novidade de agora. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É

muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (381) É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo (400) Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. (410) Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, (411) em suma um sistema educativo com mais sucesso, (412) todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414) É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o

trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.6. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Vivências, percepções, crenças e atitudes de José associadas aos papéis do professor. (natureza, ambiguidades e/ou contradições).

Unidades de significado da narrativa de José

Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com qua-

renta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei

de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao lembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a

tentação do individualismo na nossa profissão. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de

tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (382) No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. (383) Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, (384) poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente (385) e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. (400) Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. (402) Não me parece que se esteja a fazer isso. (403) A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, (404) aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. (405) Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, (406) desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. (407) Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, (408) talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino (409) esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414) É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (417) Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma

como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para restringir as despesas correntes. **(494)** Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação **(495)** e os professores **(496)** como uma despesa e não como um investimento. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de ciclo **(572)** e para avaliar o trabalho dos professores **(573)** (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), **(574)** leva a que se sinta alguma

frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país.

Categorização aberta da narrativa de José

A dimensão organizacional na narrativa de José

Tabela 5.3.7. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de José

Vivências, percepções, sentimentos e atitudes de José, em ambientes profissionais que a incentivaram ou lhe dificultaram a adopção e/ou mudança das práticas ou as dos colegas.

Unidades de significado da narrativa de José

(60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o

facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchem os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(87)** As medidas economicistas não são novidade de agora. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma di-

menção distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da

Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretarem, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a

capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(386)** **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do peda-

gógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

(662) Cara colega

Não queria deixar de começar por lhe pedir desculpa pelo atraso indesculpável do meu envio. Esta minha narrativa teve outros formatos preparatórios, **(663a)** mas decidi-me por uma reflexão mais pessoal, **(663b)** por ventura mais intimista **(663c)** e de escrita sem grande aprumo ou revisão. **(663d)** Também é necessário que nos sintamos bem a fazer as coisas **(663e)** e as memórias foram saltando. **(664f)** Não sei se este estilo e tipo de informação lhe é útil, mas procurei fazer o meu melhor. **(663g)**

Espero que ela tenha alguma utilidade para si. **(663h)** Para mim já o teve **(663i)** pois é importante reflectirmos **(663j)** e recordarmos aquilo que fizemos e fazemos. **(663k)** Renovo neste momento a minha disponibilidade para qualquer outra colaboração que entenda útil ao seu trabalho **(663l)** ou até para qualquer esclarecimento ou desenvolvimento de algum aspecto focado e menos esclarecedor. **(663m)**

Com amizade

Os melhores cumprimentos,

José

APÊNDICE 6 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO ABERTA DA NARRATIVA DE FILIPA

6.1. A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.1. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Os aspectos biográficos de Filipa, dando a conhecer a pessoa e a profissional; Onde, com quem e como viveu, no espaço, no tempo ou na organização, aspectos influentes na sua aprendizagem e desenvolvimento

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(25) Já que isto vai ao sabor dos dedos, (26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (21) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, (22) daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver

nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para

além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.2. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, experiências e significações de Filipa, que apontam factos e/ou factores influentes na sua profissionalidade. (Saberes específicos, poder, clareza da função social, pertença a um grupo profissional)

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha

a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho respeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (66a) É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (68a) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (72) Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (excepcionalmente as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz.. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (151) Em relação a apoios, parece-

-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreaajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu

colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.3. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções, crenças, valores e atitudes de Filipa, que apontam no sentido do seu profissionalismo.

- Controlo sobre as condições de trabalho, a construção do conhecimento e o valor que atribui aos saberes, a necessidade, ou não de mudança efectiva nas práticas, percepções de atitudes, ou da sua alteração e de destrezas face a actos educativos).

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pe-

dagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importân-

cia dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (127) Foi uma formação muito prática (128) com aplicação de técnicas (129) e metodologias activas, (130) que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (132) Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (133) Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, (134) a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação (135) sobre metodologia de Projecto (136) que se veio a realizar (136a) mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (137) (são as vicissitudes da formação...). (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (148) E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, (149) o difícil que é ver (150) e agir de outra maneira. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreatajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18.30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (220) A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho

leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(234a)** No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. **(235)** Efectuou-se igualmente um debate **(236)** (previamente preparado pela turma) **(237)** sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicod dependência”. **(238)** Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não

envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.4. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências e experiências associadas à formação e aprendizagem de Filipa, entendida ao longo da vida;

- Significados e importância que atribui à investigação e/ou à reflexão;
- Percepções do seu envolvimento e/ou desenvolvimento intelectual, emocional e relacional;
- Experiências de saberes construídos (ou inibidos) por influência do seu envolvimento, em projectos individuais e/ou colectivos

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que

agarraram a ideia queriam. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor ricordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis

obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreadjuada, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(280)** Como Coordenadora dos

Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.5. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções de Filipa acerca da sua experiência profissional como factor que influencia o desenvolvimento (o seu e/ou dos colegas);

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho respeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no

alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a Cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito

de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(234a)** No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. **(235)** Efectuou-se igualmente um debate **(236)** (previamente preparado pela turma) **(237)** sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicoddependência”. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.6. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções, crenças, atitudes e valores de Filipa, associados às relações interpessoais e/ou à partilha de saberes e experiências entre pares;

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrançar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos (80) (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), (81) analisaram-se os programas das várias disciplinas, (82) encontraram-se pontos comuns, (83a) discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, (84) trocaram-se documentos, (85) reflectiu-se sobre eles, (86a) reformularam-se, planificaram-se as actividades. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho,

(147) independentemente disso. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreadjudada, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18.30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo

destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.7. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções e sentimentos de Filipa, no que respeita ao grupo profissional de pertença;

- Identificação de interesses comuns
- Valorização de práticas e/ou espaços e tempos de encontro com diferentes membros da comunidade escolar
- Significação e valorização da conversa ou outras interacções em ambientes diversos
- Identificação e/ou a superação de dificuldades

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espeita-

va **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entajada, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diag-

nosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte,

(292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.8. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências e experiências de Filipa, do seu entusiasmo, empenho e/ou satisfação no trabalho (ou os opostos).

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (67) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (72) e em melhor qualidade. (75a) Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se

como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando assalás específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade.. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entajada, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(234a)** No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. **(235)** Efectuou-se igualmente um debate **(236)** (previamente preparado pela turma) **(237)** sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicodependência”. **(238)** Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em

que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.9. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções, crenças e atitudes de Filipa, enquanto pessoa e profissional;

- Contextos e/ou pessoas que a influenciaram;
- Contextos que ela influenciou

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(25) Já que isto vai ao sabor dos dedos, (26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espreitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (67) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (75a) Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala

(100a) (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (127) Foi uma formação muito prática (128) com aplicação de técnicas (129) e metodologias activas, (130) que se revelou bastante útil para os professores que e a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (132) Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreaajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (174) mas outros aspectos houve que se descuraram. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”,

(285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.10. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções de Filipa, acerca da realidade escolar e profissional;

- Convicções associadas a práticas docentes
- Vivências e sentimentos associados à sua evolução ou a perturbações na carreira

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola

sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daqui-lo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(151)**

Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreaajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me

disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.11. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, experiências, sentimentos, e reflexões de Filipa, relativas ao seu trabalho;

- Propósitos, meios e objectivos a atingir;
- Aprendizagem e formação por ele permitidas

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(25) Já que isto vai ao sabor dos dedos, **(26)** lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensi-

no, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espreitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(72)** Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas **(73)** para discutir, **(74)** reflectir **(75)** e trabalhar em conjunto. **(76)** Estabeleceu-se um consenso **(77)** em relação às atitudes, **(78)** aos valores **(79)** e aos comportamentos **(80)** (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), **(81)** analisaram-se os programas das várias disciplinas, **(82)** encontraram-se pontos comuns, **(83a)** discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, **(84)** trocaram-se documentos, **(85)** reflectiu-se sobre eles, **(86a)** reformularam-se, planificaram-se as actividades. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (excluindo assaladas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles...

(105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 (113) o que provocou um grande desgaste. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (127) Foi uma formação muito prática (128) com aplicação de técnicas (129) e metodologias activas, (130) que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (132) Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (133) Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, (134) a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação (135) sobre metodologia de Projecto (136) que se veio a realizar (136a) mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (137) (são as vicissitudes da formação...). (148) E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, (149) o difícil que é ver (150) e agir de outra maneira. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreatajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem

sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão pessoal na narrativa de Filipa

Tabela 6.1.12. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências em ambientes formativos e percepções de Filipa relativas à necessidade, adequação, qualidade e efeitos de programas de formação de professores (enquanto participante ou não).

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (127) Foi uma formação muito prática (128) com aplicação de técnicas (129) e metodologias activas, (130) que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (132) Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (133) Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, (134) a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação (135) sobre metodologia de Projecto (136) que se veio a realizar (136a) mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (137) (são as vicissitudes da formação...). (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A

atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

6.2. A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Categorização aberta da narrativa de Filipa
A dimensão relacional na narrativa de Filipa
<p>Tabela 6.2.1. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Filipa</p> <p>Experiências, significações, sentimentos e crenças de Filipa acerca das aprendizagens que lhe foram possibilitadas (ou não) pelas relações interpessoais em diferentes ambientes (formais, não formais e informais)</p>
<i>Unidades de significado da narrativa de Filipa</i>

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrançar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e

partilha. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a

outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.2.2. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções, experiências, sentimentos, atitudes e crenças de Filipa, em relação a ambientes de maior ou menor isolamento profissional.

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabele-

ceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os

intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.2.3. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções, pensamentos, atitudes e vivências de Filipa, entre pares em tempos de mudança curricular;

- A cooperação, a colaboração e o trabalho em equipa
- O diálogo
- A criatividade e o dinamismo
- A co-criação de recursos para a mudança

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrançar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (66a) É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos (80) (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), (81) analisaram-se os programas das várias disciplinas, (82) encontraram-se pontos comuns, (83a) discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, (84) trocaram-se documentos, (85) reflectiu-se sobre eles, (86a) reformularam-se, planificaram-se as actividades. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de

diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)**

metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(238)** Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.2.4. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções e significados que Filipa atribui à influência de vivências em comunidade, no contexto do seu trabalho;

- Expressão dos contributos das culturas da escola (forma como valores, crenças, preconceitos e comportamentos são operacionalizados na vida micropolítica da escola) (ou da sua inexistência)

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (67) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior nú-

mero de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreadjudia, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (221) Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, (222) a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, (223) foi planificado genericamente em conselho de turma (224) de acordo com as características da turma: (225) alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (252) foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, (253) não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, (254) a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. (255) E esse mal-estar foi de professores e alunos. (261) O facto de haver um bom

relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.2.5. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções, sentimentos e atitudes de Filipa, perante a liderança da escola;

- A colaboração, a cooperação e o trabalho em equipa
- A participação nas tomadas de decisão
- A identificação e resolução de problemas

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de

modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e

palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.2.6. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências e crenças acerca das marcas dos professores na vida dos alunos;
 • Influências da, e na aprendizagem de Filipa e o manter ou desenvolver desse desejo

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar

minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos (80) (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), (81) analisaram-se os programas das várias disciplinas, (82) encontraram-se pontos comuns, (83a) discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, (84) trocaram-se documentos, (85) reflectiu-se sobre eles, (86a) reformularam-se, planificaram-se as actividades. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. 209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (221) Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, (222) a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, (223) foi planificado genericamente em conselho de turma (224) de acordo com as características da turma: (225) alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (238) Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) (239) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos (240) e envolveram a pesquisa de informação (241) em várias fontes (incluindo a internet), (243) o seu tratamento (244) (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) (245) – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). (250a) A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal

de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

6.3. A Dimensão Organizacional na Narrativa de Filipa

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.1. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções e crenças de Filipa acerca de processos de regulação externa, no período a que reporta a sua narrativa;

- Vivências, sentimentos e atitudes face às mudanças impostas
- Sentimentos e percepções acerca das possibilidades de realização de aprendizagens no contexto do seu trabalho (ou de obstáculos à sua concretização)
- Percepções sobre a autonomia da Escola e sobre as possibilidades de desenvolvimento do professor
- Condicionantes ditadas por um modelo de administração tendencialmente burocrático e centralizado

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola

sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daqui-lo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um pro-

jecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreaajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (220) A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente

o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.2. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Sentimentos, pensamentos, crenças e atitudes de Filipa, implicando características da liderança, no que respeita a possibilidades de construção e/ou concretização de projectos de escola

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(112)** Já no

alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmbito da flexibilidade. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.3. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções e crenças de Filipa, que antevêm a cultura de escola como factor influente nas aprendizagens dos docentes.

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (9) O CP deu o seu aval, (10) mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas. (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho respeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. 50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (67) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos

terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmbito da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas).

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.4. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Conexões entre a profissionalidade de Filipa e a construção sócio histórica da profissão docente;

- Experiências pedagógicas e poder de decisão
- A construção e o valor dos saberes e avaliação (ou não) das experiências e/ou dos desempenhos docentes
- A função social esperada e o estatuto profissional

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (61) É certo, (62) também, (63) que no primeiro ano, (64) avançámos apoiados (65) em muito pouco de concreto, (66) sem definir sequer outro desenho curricular. (67) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou

a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreaajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos.

(291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.5. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Percepções e crenças de Filipa sobre a função da Escola, o seu valor e os desafios lançados à Educação.

- Aspectos que denotam alterações ao longo da sua carreira

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.6. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções, crenças e atitudes de Filipa associadas aos papéis do professor. (natureza, ambiguidades e/ou contradições).

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (64) avançámos apoiados (65) em muito pouco de concreto, (66) sem definir sequer outro desenho curricular. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos (80) (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), (81) analisaram-se os programas das várias disciplinas, (82) encontraram-se pontos comuns, (83a) discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, (84) trocaram-se documentos, (85) reflectiu-se sobre eles, (86a) reformularam-se, planificaram-se as actividades. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para

além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, 102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 (113) o que provocou um grande desgaste. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a Cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18.30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (221) Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, (222) a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, (223) foi planificado genericamente em conselho de turma (224) de acordo com as características da turma: (225) alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (234a) No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. (235) Efectuou-se igualmente um debate (236) (previamente preparado pela turma) (237) sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicodependência”. (238) Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) (239) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos

em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização aberta da narrativa de Filipa

A dimensão relacional na narrativa de Filipa

Tabela 6.3.7. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Filipa

Vivências, percepções, sentimentos e atitudes de Filipa, em ambientes profissionais que a incentivaram ou lhe dificultaram a adopção e/ou a mudança de práticas ou as dos colegas.

Unidades de significado da narrativa de Filipa

(1) Os sonhos começam como? **(2)** É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. **(3)** Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? **(4)** Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, **(5)** ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma

outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabele-

cer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor

reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação

APÊNDICE 7 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO ABERTA DA NARRATIVA DE LUÍSA

7.1. A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.1. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Os aspectos biográficos de Luísa, dando a conhecer a pessoa e a profissional;

- Onde, com quem e como viveu, no espaço, no tempo ou na organização, aspectos influentes na sua aprendizagem e desenvolvimento

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor Almas – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora Luisa Gancho (72) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – Rui da Rosa – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (113) A nível tecnológico tenho formação em

cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)**

Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara

Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coi-

sas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.2. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, experiências e significações de Luísa, que apontam factos e/ou factores influentes na sua profissionalidade. (Saberes específicos, poder, clareza da função social, pertença a um grupo profissional)

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experien-

cias, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Acção Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado

(197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, (281) enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficaram envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa.

(307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (335) Julgo que respondi na alínea a) (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projetar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.3. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções, crenças, valores e atitudes de Luísa, que apontam no sentido do seu profissionalismo.

- Controlo sobre as condições de trabalho, a construção do conhecimento e o valor que atribui aos saberes, a necessidade, ou não de mudança efectiva nas práticas, percepções de atitudes, ou da sua alteração e de destrezas face a actos educativos).

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(5) Quando abriam estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à

cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) É claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) É claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173)

Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (198a) Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (230) 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço (230a) 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos (230b) 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. (230c) 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. (230d) 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. (230e) 6.º Trabalhar na escola (230f) 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria (231) Trabalhámos fora do tempo de aulas. (232) Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. (233) A tarde começava às 14h30 até essa hora. (234) Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. (235) As crianças que podiam é logico, (236) desenhavam e pintavam connosco. (237) As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. (238) Foi uma experiencia única. (239) As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamo-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (249) Formas inspiradas na

natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar para-

da **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projectar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.4. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências e experiências associadas à formação e aprendizagem de Luísa, entendida ao longo da vida;

- Significados e importância que atribui à investigação e/ou à reflexão;
- Percepções do seu envolvimento e/ou desenvolvimento intelectual, emocional e relacional;
- Experiências de saberes construídos (ou inibidos) por influência do seu envolvimento, em projectos individuais e/ou colectivos

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cerdiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procu-

ra de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(113)** A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** É claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto

muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)**

sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magiciar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projectar. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.5. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções de Luísa acerca da sua experiência profissional como factor que influencia o desenvolvimento (o seu e/ou dos colegas);

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a forma-

ção dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumprilos. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (145) Senti-me a voltar para trás. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que lecionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que lecionamos (203) realizamos

sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerculiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.6. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções, crenças, atitudes e valores de Luísa, associados às relações interpessoais e/ou à partilha de saberes e experiências entre pares;

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência

Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AML – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.7. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções e sentimentos de Luísa, no que respeita ao grupo profissional de pertença;

- Identificação de interesses comuns
- Valorização de práticas e/ou espaços e tempos de encontro com diferentes membros da comunidade escolar
- Significação e valorização da conversa ou outras interacções em ambientes diversos
- Identificação e/ou a superação de dificuldades

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está

previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(63)** Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – **(65)** solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – **(66)** que é auxiliar de acção educativa na escola, **(67)** nos desse uma aula, **(68)** uma pequena formação sobre o processo de soldadura **(69)** pois este é o soldador profissional **(70)** e tem gosto em nos ensinar. **(71)** Relativamente à cerâmica, **(72)** temos uma colega a professora L **(72)** que se tem vindo a especializar nesta área **(73)** e de vez em quando temos encontros **(75)** para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. **(76)** Também tenho um amigo que vive em lisboa – R – **(77)** que trabalhava em cerâmica com os alunos. **(78)** No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola **(79)** um soldado **(80)**, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiencias. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** É claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(86)** Neste momento por exemplo **(87)** vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” **(88)** que depois poderemos ensinar os nossos alunos. **(89)** A nível de projecto educativo e participação neste, **(90)** nós, **(91)** no departamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte

que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela se-

nhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.8. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências e experiências de Luísa, do seu entusiasmo, empenho e/ou satisfação no trabalho (ou os opostos).

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem

peessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiencias. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiencias (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de caracter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (238) Foi uma experiencia única. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamo-nos a mais... (243) Depois o

tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (249) Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos

encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.9. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções, crenças e atitudes de Luísa, enquanto pessoa e profissional;

- Contextos e/ou pessoas que a influenciaram;
- Contextos que ela influenciou

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A for-

mação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendizagem exigente (120) e rigorosa na parte da educação visual. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universi-

dade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (231) Trabalhámos fora do tempo de aulas. (232) Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. (233) A tarde começava às 14h30 até essa hora. (234) Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. (235) As crianças que podiam é logico, (236) desenhavam e pintavam connosco. (237) As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. (238) Foi uma experiencia única. (239) As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamo-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (249) Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha.

(271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, (281) enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São

peessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.10. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções de Luísa, acerca da realidade escolar e profissional;

- Convicções associadas a práticas docentes
- Vivências e sentimentos associados à sua evolução ou a perturbações na carreira

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião

não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138)

e sobretudo pela nossa experiencia, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (198a) Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar

(220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (238) Foi uma experiencia única. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, (281) enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler,

(339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projetar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.11. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, experiências, sentimentos, e reflexões de Luísa, relativas ao seu trabalho;

- Propósitos, meios e objectivos a atingir;
- Aprendizagem e formação por ele permitidas

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumprilos. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alu-

nos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendizagem exigente (120) e rigorosa na parte da educação visual. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) É claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (198a) Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). (199) Como já referi em

alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)**

convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(273)** O contacto conosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora

ra. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão pessoal na narrativa de Luísa

Tabela 7.1.12. Dimensões pessoais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências em ambientes formativos e percepções de Luísa relativas à necessidade, adequação, qualidade e efeitos de programas de formação de professores (enquanto participante ou não).

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam

presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(107)** Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. **(108)** Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. **(109)** Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” **(110)** e procura de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(113)** A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno.

(154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (198a) Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos.

(228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (231) Trabalhámos fora do tempo de aulas. (232) Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. (233) A tarde começava às 14h30 até essa hora. (235) As crianças que podiam é lógico, (236) desenhavam e pintavam connosco. (237) As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. (238) Foi uma experiência única. (239) As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamos-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (249) Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois

de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário.

7.2. A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.2.1. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Experiências, significações, sentimentos e crenças de Luísa acerca das aprendizagens que lhe foram possibilitadas (ou não) pelas relações interpessoais em diferentes ambientes (formais, não formais e informais)

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério.. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(63)** Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – **(65)** solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – **(66)** que é auxiliar de acção educativa na escola, **(67)** nos desse uma aula, **(68)** uma pequena formação sobre o processo de soldadura **(69)** pois este é o soldador profissional **(70)** e tem gosto em nos ensinar. **(71)** Relativamente à cerâmica, **(72)** temos uma colega a professora L **(72)** que se tem vindo a especializar nesta área **(73)** e de vez em quando temos encontros **(75)** para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. **(76)** Também tenho um amigo que vive em lisboa – R – **(77)** que trabalhava em cerâmica com os alunos. **(78)** No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola **(79)** um soldado **(80)**, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a

“pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (235) As crianças que podiam é lógico, (236) desenhavam e pintavam connosco. (237) As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. (238) Foi uma experiência única. (239) As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamos-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos alician-tes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esque-

ci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.2.2. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções, experiências, sentimentos, atitudes e crenças de Luísa, em relação a ambientes de maior ou menor isolamento profissional.

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFO-PREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este

problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos (230) 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço (230a) 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos (230b) 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. (230c) 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. (230d) 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. (230e) 6.º Trabalhar na escola (230f) 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria (234) Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. No tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, (281) enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na

altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.2.3. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções, pensamentos, atitudes e vivências de Luísa, entre pares em tempos de mudança curricular;

- A cooperação, a colaboração e o trabalho em equipa
- O diálogo
- A criatividade e o dinamismo
- A co-criação de recursos para a mudança

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiencias (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiencias. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do

meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerdiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)**

Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-

-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.2.4. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções e significados que Luísa atribui à influência de vivências em comunidade, no contexto do seu trabalho;

- Expressão dos contributos das culturas da escola (forma como valores, crenças, preconceitos e comportamentos são operacionalizados na vida micropolítica da escola) (ou da sua inexistência)

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(32) Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. **(86)** Neste momento por exemplo **(87)** vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” **(88)** que depois poderemos ensinar os nos-

sos alunos. **(89)** A nível de projecto educativo e participação neste, **(90)** nós, **(91)** no departamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar algum sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(238)** Foi uma experiencia única. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos

alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.2.5. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções, sentimentos e atitudes de Luísa, perante a liderança da escola;

- A colaboração, a cooperação e o trabalho em equipa
- A participação nas tomadas de decisão
- A identificação e resolução de problemas

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos

sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão relacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.2.6. Dimensões relacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências e crenças acerca das marcas dos professores na vida dos alunos;

- Influências da, e na aprendizagem de Luísa e o manter ou desenvolver desse desejo

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamos-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (249) Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fa-

das, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar

um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(413)** Gosto muito de ser professora.

7.3. A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.1. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções e crenças de Luísa acerca de processos de regulação externa, no período a que reporta a sua narrativa;

- Vivências, sentimentos e atitudes face às mudanças impostas
- Sentimentos e percepções acerca das possibilidades de realização de aprendizagens no contexto do seu trabalho (ou de obstáculos à sua concretização)
- Percepções sobre a autonomia da Escola e sobre as possibilidades de desenvolvimento do professor
- Condicionantes ditadas por um modelo de administração tendencialmente burocrático e centralizado

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28)

Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/ Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já

foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.2. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Sentimentos, pensamentos, crenças e atitudes de Luísa, implicando características da liderança, no que respeita a possibilidades de construção e/ou concretização de projectos de escola

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura,

design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliançantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276)

Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.3. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções e crenças de Luísa, que antevêm a cultura de escola como factor influente nas aprendizagens dos docentes.

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiencias (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiencias. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cerdiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores

de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficaram envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem,

(302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.4. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Conexões entre a profissionalidade de Luísa e a construção sócio histórica da profissão docente;

- Experiências pedagógicas e poder de decisão
- A construção e o valor dos saberes e avaliação (ou não) das experiências e/ou dos desempenhos docentes
- A função social esperada e o estatuto profissional

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43)

Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(281)** enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recrear, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois fi-

cam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projectar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406)

Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.5. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Percepções e crenças de Luísa sobre a função da Escola, o seu valor e os desafios lançados à Educação.

- Aspectos que denotam alterações ao longo da sua carreira

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiencia, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana –

todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)**

muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, **(284)** enquanto VOU AQUI!!! professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.6. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções, crenças e atitudes de Luísa associadas aos papéis do professor. (natureza, ambiguidades e/ou contradições).

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(5) Quando abriam estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam. (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam

por aprender (83) e por partilhar experiências. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cerdiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiencia, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiencias (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (230e) 6.º Trabalhar na escola (230f) 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria (231) Trabalhámos fora do tempo de aulas. (232) Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. (233) A tarde começava às 14h30 até essa hora. (235) As crianças que podiam é logico, (236) desenhavam e pintavam connosco. (237) As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. (238) Foi uma experiencia única. (239) As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamo-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio

no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, (281) enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estra-

tégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (335) Julgo que respondi na alínea a) (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magiciar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projectar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização aberta da narrativa de Luísa

A dimensão organizacional na narrativa de Luísa

Tabela 7.3.7. Dimensões organizacionais no desenvolvimento profissional de Luísa

Vivências, percepções, sentimentos e atitudes de Luísa, em ambientes profissionais que a incentivaram ou lhe dificultaram a adoção e/ou a mudança de práticas ou as dos colegas.

Unidades de significado da narrativa de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nos-

sas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) É claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cerdiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) É claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos

dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma

experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os pro-

jectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios.

APÊNDICE 8 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO AXIAL DA NARRATIVA DE ANA

8.1. Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.1. Um Retrato de Ana

a) Aspectos Biográficos – um retrato para conhecermos Ana

b) Ana – um percurso de aprendizagem ao longo da vida

(1) Peço desculpa pelo facto de, por vezes, incluir no meu discurso um pouco de ironia, mas faz parte do meu carácter tentar enfrentar a realidade com um pouco de sentido de humor, não deixando de ser frontal e sincera! (4) Uma reforma educativa que valorizava o espírito de descoberta e o sentido crítico dos alunos.. (5) Esta experiência ia decorrer na escola do Ciclo Preparatório – na altura a escola André de Resende – para- que estes alunos não saíssem do seu meio escolar e não fossem “lançados” para o Liceu Nacional de Évora – instituição para a qual certa e naturalmente seríamos canalizados, após termos finalizado o Ciclo Preparatório. (6) Algumas disciplinas foram substituídas por outras: em vez de “História e Geografia” tínhamos “Ciências Humanas”; a disciplina de “Desenho” passou a ser “Educação Visual”; “Trabalhos Manuais” passou a denominar-se “Trabalhos Oficiais”, na qual poderíamos escolher as áreas que queríamos aprender: “Trabalhos Caseiros”, “Noções Básicas de Electricidade” (7) (e já não me lembro de outras disciplinas, pois sempre fui um pouco “desprendida” de assuntos pedagógicos...) (8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. (22) “Embalada” nesta fortificante experiência de arrasar os nervos (23) após terminar os estudos no Liceu... eis que surge outra exxxxxxxxxtraoooooordinááááária e inovadora experiência pedagógica: O Ano Propedêutico com aulas transmitidas pela (imagem). (24) Sim, é isso mesmo: televisão! (25) AH! Que momentos edificantes e calmos, quando a programação sofria, “por vezes”, algumas alterações, por razões alheias a eles e a nós, audiência escravizada daquele detestável “caixote”! (26) “Magníficas” aquelas aulas de História, durante as quais “por razões alheias à produção”, faltava a ligação e ficávamos longos minutos com “o écran aos saltos”, certamente para que imaginássemos a batalha entre D. Afonso Henriques e D. Teresa, sua digníssima mãezinha!!! (27) Claro que no final do ano lectivo, e para variar, fomos convidados a realizar um exame a nível nacional, para serem testados os conhecimentos adquiridos por tão moderno método! (45) Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (46) e a sua frequência

era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... **(49a)** Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!). **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal,

quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos.

(136) Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)**

Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)**

Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.2. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

a) Profissionalidade – traçados de uma construção

(2) Começo esta narrativa reflectindo sobre a questão: “Em que medida é que as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ou não ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional?” Eis uma questão que se aplica não só à minha vida profissional, como até à minha vida académica (...). **(43)** Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) **(44a)** resolvi concorrer para

estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E ... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara **(47)** Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(60)** desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónico. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual

a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. Imagem **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1AAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos.

(136) Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias

mudanças curriculares e até dos TelPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.3. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

b) O Profissionalismo – presenças e ausências

(35) Com este pseudo – estatuto de cobaia pedagógica **(36)** tive que optar por ingressar num dos grupos do “ancient regime” e aquele que mais me agradou foi o 2.º grupo do 2.º Ciclo – Português-Francês. **(37)** Mais uma vez, o meu espírito combativo foi posto à prova **(38)** e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. **(45)** Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! **(46)** e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... **(49a)** Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(58)** Tenho que agradecer todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacular reformaaaaar pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o

professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edibilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de

apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.4. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

c) A pertença a um grupo profissional – desejando e concretizando

(53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (58) Tenho que agradecer todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (59) àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (69) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão (88) No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! (98) Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências (99) quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... (100) Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. (101) Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (111a) Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (118) Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. (119) Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! (120) Uma verdadeira bomba, esta modernice! (121) Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? (122) Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo (123) Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! (124) Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem (136) Devemos tro-

car impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.5. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

d) Reconstruindo Saberes – vivências (d)e formação

- Reflexão e Investigação
- Dilemas entre Razões e Emoções – apreciando, pensando e fazendo
- Participando em projectos individuais e colectivos

(2) Eis uma questão que se aplica não só à minha vida profissional, como até à minha vida académica: **(3)** Fui cobaia de uma inovadora experiência pedagógica – Reforma Veiga Simão – enquanto aluna do Ciclo Preparatório. **(11)** Ainda me recordo de alguns deles, que me deixam saudades. Conceição Cabral, Assunção Mira, Teodolinda Pascoal, Maria Manuel Charneca, Mourato, Luís Heftlen, Salette, ... **(13)** Após dois anos de existência, vimo-nos na grata e inesquecível missão de “fazermos as malas” e proceder à matrícula no Liceu Nacional de Évora. **(39)** Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico **(40)** e fi-la com prazer. **(43)** Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) **(44a)** resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara **(45)** Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! **(46)** e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... **(49a)** Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica. **(59)** àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca

perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que "... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional". **(64)** "Querer é poder". **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram "condignamente" alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter "sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(117)** A imposição não é aliada de qualidade **(118)** Outra indiscreta "nouvelle": a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num "território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... "t'ás a ver"? **(122)** Este "bijou" foi o "máximo" em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com "os Filipinos" em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, "Tá bem"! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido

de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar:

Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.6. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

e) O entusiasmo, o empenho e a satisfação de Ana

(39) Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e Ano Propedêutico **(40)** e fi-la com prazer. **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(96)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos,

segundo a minha modesta opinião, claro! **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.7. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

a) A pessoa e a profissional em transformação – valorizando espaços, momentos, acontecimentos e gente

(8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. **(38)** e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. **(39)** Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico **(40)** e fi-la com prazer. **(48)** A Área S. E. tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!) **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo

aliciante para o seu público-alvo. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio- cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras

do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.8. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

b) A carreira de Ana – experienciando realidades

(32) Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei” (33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! (34) Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão giiiiroooooo?! (47) Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. (50) mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva (61) “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. (62) No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (68) (Terei sido candidata única?!). (69) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão(75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (78) Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. (79) A aprendizagem não deve ser hermética (80) há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, (82) mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: (83) cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor

dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(114)** Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para to-

dos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.9. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

c) Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares

(41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi **(42)** com a troca de experiências com as colegas de grupo **(51)** Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agrade-

cera todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(60)** desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional. **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual.. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, **(82)** mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(112)** Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso

devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/ qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização axial da narrativa de Ana

Vivências de mudança a aprender e a ensinar:

Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 8.1.10. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

d) Representando-se – contextos e influências

(8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. **(9)** Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados **(28)** Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos. **(29)** Cada vez mais “calejada” com experiências inovadoras **(30)** e motivada para ser uma dama poliglota, tendo resistido ao exame do Ano Propedêutico, inscrevi-me num curso acabadinho de estrear na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: o curso de Línguas e Literaturas Modernas – variante – Francês-Inglês. **(31)** Sempre gostei de falar “estranheiro” e graças à excelente influência das minhas professoras, decidi-me por aquele curso. **(32)** Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei” **(33)** deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! (45) Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota moderna!!! (50) mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. (51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (59) àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca (62) No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que "... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional." (64) "Querer é poder". (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (70) Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (71) (Uma reforma alentejana??!!) (72) Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram "condignamente" alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... (91) pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. (92) Também é verdade que muitos docentes são "cientificamente correctos", mas "pedagogicamente inadaptados", por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... (93) e há pessoas que vão "dar aulas" e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... (94) por uns pagam todos!!! (95) Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças (96) talvez pelo facto de ter "sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência (96) mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. (98) Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências (99) quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... (100) Acho que fo-

ram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo**(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didáticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didático que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

8.2. Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.1. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

a) Aprendendo com os Outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais

(14) Aí, tal como esperávamos, não tivemos nenhuma comitiva de boas-vindas (15) e também nenhum currículo adaptado à nossa realidade pedagógica dos dois anos lectivos anteriores. (16) Pois é: podíamos ser uns alunos com um percurso pedagógico diferente dos demais, mas esse facto interessava a quem?! (28) Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos. (41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi. (42) com a troca de experiências com as colegas de grupo. (49b) Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica. (51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional. (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... (95) Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças (96) talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer refe-

rência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(114)** Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.2. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

b) Desenvolvendo-se como Profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação

(33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! **(47)** Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. **(48)** A Área S. E. tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação.. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!) **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(135)** A mudan-

ça curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar, **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências! **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.3. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

c) Trabalhando e Adquirindo Experiência Profissional – alguns efeitos transformadores e outros nem tanto

(41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação... **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!). **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(127)** – Eu

como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.4. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

a) Mudando entre interações e isolamento profissional

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca**(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as

disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação”. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio- cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor

de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.5. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

b) Vivendo entre pares – alguns recursos para aprender

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, (82) mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: (83) cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. (85) 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio-cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? (86) E qual a qualidade do material elaborado? (87) Seria apelativo? (88) No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! (90) mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente (91) pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. (98) Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências (99) quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... (100) Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. (101) Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da comunidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (104) Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! (105) Qual a dura realidade? (106) 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... (107) e muito relutantemente (perdão),

entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chegava-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. **(112)** Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.6. Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

- a) Comunidades vivas – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa
- b) Aprendendo participando e tomando decisões
- c) Na senda da mudança – identificando e resolvendo problemas

(9) Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados **(10)** (soube há pouco tempo) pelo director da escola – o Dr. Gabriel David. **(12)** Chumbada (presumo eu) esta “magnífica experiência pedagógica”. **(21)** Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! **(64)** “Querer é poder”. **(70)** Em 1999,

eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Categorização axial da narrativa de Ana

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 8.2.7. O poder dos alunos e a transformação da professora

a) Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professora – influências dos alunos

(125) Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não?! AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas, **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

8.3. Desenvolvimento do Professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Categorização axial da narrativa de Ana

Desenvolvimento do Professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 8.3.1. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

a) A regulação externa e as possibilidades de Ana
aprender – inovando, diluindo e (des)iludindo-se

(12) Chumbada (presumo eu) esta “magnífica experiência pedagógica”. (13) após dois anos de existência, vimo-nos na grata e inesquecível missão de “fazermos as malas” e proceder à matrícula no Liceu Nacional de Évora. (17) Incluídos numa turma de “currículo normal” dos restantes alunos que frequentavam o (antigo) 5.º ano de escolaridade do Liceu, deparámos com a obrigatoriedade de frequência de disciplinas que outrora não tivemos e com o mesmo grau de exigência de aproveitamento nas mesmas que os outros colegas de ano!!! (18) Uma atitude democrática, não?! (19) Deste modo e em clara desvantagem de oportunidades e de nível de conhecimentos adquiridos, fomos convidados a empenhar-nos duplamente para conseguirmos ter aproveitamento no final do ano lectivo (20) não esquecendo o exame final a nível nacional, cuja média de dispensa era “somente” de catorze valores! (21) Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! (44a) resolvi concorrer para estágio (45) Este modelo de estágio era inovador: “Profissionalização em Exercício” – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (47) Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” (64) “Querer é poder”. (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (70) Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (71) (Uma reforma alentejana??!!) (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos

jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, **(82)** mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser de-

envolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos

(149) e nunca me arrependi de aprender. (152) Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha (153) que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... (154) Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

desenvolvimento pessoal e profissional do professor: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 8.3.2. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

b) O desenvolvimento profissional de ana – construindo a profissão entre quadros de autonomia e as suas margens

(21) Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! (33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! (34) Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão giiiiroooooo?! (44a) resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. (44b) E... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara, leccionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Francês (45) Este modelo de estágio era inovador: – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (46) e a sua frequência era de dois anos! (o algarismo dois continua a ser uma operseguição para mim)... (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (68) (Terei sido candidata única?! (69) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. (70) Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (71) (Uma reforma alentejana??!!) (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos 81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, (82) mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: (83) cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. (92) Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... (93) e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não

terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efêmeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 8.3.3. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

c) Aprendendo num espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e

cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que "... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional." **(64)** "Querer é poder". **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram "condignamente" alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma **(92)** Também é verdade que muitos docentes são "cientificamente correctos", mas "pedagogicamente inadaptados", por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão "dar aulas" e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter "sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(102)** A Área-Escola, para mim, "foi o máximo"!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O "pobre" do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser "assediado" por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para "dar estatística" e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é "gerado um tema original"! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem "afinal havia outras", pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)**

Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei

à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 8.3.4. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

d) Possibilitando projectos de acção e de transformação – denunciando dinâmicas e características das lideranças

(9) Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados. **(10)** (soube há pouco tempo) pelo director da escola – o Dr. Gabriel David. **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca **(83)** cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola,

a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 8.3.5. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

a) Funções da Escola e Inovação – implicando as crenças no seu desenvolvimento

(75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(77)** A teoria de só se aprender o que nos interessa poderá, à partida, ser muito atractivo, mas... será “pedagogicamente correcto”? **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de

sucesso seja igual para toda a classe discente. **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(114)** Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!” **(128)** E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

Categorização axial da narrativa de Ana

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 8.3.6. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

b) A Cultura da Escola – influenciando formas singulares de tomar decisões, organizando acções

(103) Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O

“pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Categorização axial da narrativa de Ana

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 8.3.7. Quotidianos escolares complexos e papéis da professora

c) Vivendo tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva (98) Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências (99) quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... (100) Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. (101) Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (111a) Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (118) Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. (121) Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? (139) A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... (140) com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei (141) tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (150) Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar (151) mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. (64) “Querer é poder”. (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (70) Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (72) Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos (75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (84) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi

também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não? 1 AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

APÊNDICE 9 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO AXIAL DA NARRATIVA DE JOSÉ

9.1. Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.1. Um Retrato de José

a) Aspectos Biográficos – um retrato para conhecermos José

b) José – um percurso de aprendizagem ao longo da vida

(2) Tenho quase 27 anos de serviço, sendo 13 anteriores à profissionalização, um de estágio e os restantes após a profissionalização. (2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente (3) e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português nos 2.º e 3.º ciclos. (4) Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História (5) até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. (9) A entrada na profissão (10) A minha entrada na profissão docente foi mais um “acidente da vida” (11) do que uma vocação clara e de infância. (12) A conclusão do curso dos liceus (actual 11.º ano) coincidiu com algumas dificuldades económicas dos meus pais (13) e com a vinda do núcleo duro do meu grupo de amigos para a cidade de Évora. (14) Esse grupo de amigos, todos eles mais velhos, vinham iniciar o seu estágio profissional de medicina no Hospital Distrital (15) e eu ficaria sem “nada” que fazer em Lisboa e num ano em que não tinha obrigações estudantis. (6) Profissionalizado no 3.º CEB e Secundário, (7) optei por fixar-me numa escola com 3.º CEB, não tendo grande desejo de mudar de nível de ensino. (24) Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, (25) resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação (26) no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. (27) Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. (28) Era o dia 18 de Março de 1976 (29) e tinha apenas dezoito anos. (30) Não podia então imaginar que um “acidente da vida” (31) se iria revelar como uma realização profissional. (32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreaajuda era enorme (39) e o ambiente

solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(110)** o que trouxe cada vez mais problemas. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História

na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobi-

lização e aposta pessoal na profissão. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(285)** É muito idealismo **(286)** e muita ingenuidade **(287)** para um homem de trinta anos, **(288)** mas acho que muitos de nós tivemos **(289)** e vivemos essa ingenuidade. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(313)** Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. **(314)** Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. **(315)** O curso de História em Letras era um curso científico, **(316)** sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. **(318)** Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, **(319)** e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, **(320)** com metodologias científicas **(321)** e com uma perspectiva e abordagem novas. **(325)** O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, **(326)** por trabalhos (de grupo ou individuais) **(327)** obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. **(328)** Mas fazia crescer intelectualmente, **(329)** fazia aumentar o poder crítico **(330)** e a reflexão. **(336)** Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. **(337)** A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, **(338)** um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, **(339)** em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, **(340)** em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, **(341)** criou alguns problemas de habituação. **(342)** Depois compreendi que para ter boas notas em Évora **(343)** era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(432)** Da profissionalização à efectivação **(433)** Passei a ser professor contratado profissionalizado no ano lectivo de 1991/92. **(434)** Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes esco-

las do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(475)** Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. **(476)** Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(500)** O retorno à escola **(501)** O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular

de Escola. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (609) Parti para esta narrativa, (610) preocupado em fazer qualquer coisa de útil (606) para o trabalho de uma colega. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.2. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

a) Profissionalidade – traçados de uma construção

(43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61a) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguin-

do orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do mini-concurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colo-

cado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao lembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(211)** ou os conselhos de turma. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham

em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(285)** É muito idealismo **(286)** e muita ingenuidade **(287)** para um homem de trinta anos, **(288)** mas acho que muitos de nós tivemos **(289)** e vivemos essa ingenuidade. **(290)** Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão **(291)** e sobretudo descrença nas políticas dos governos **(292)** e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalên-

cia ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (386) Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. (387) Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. (388) pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, (389) que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. (390) Esta ambiguidade foi contraproducente (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (396) Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. (397) Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, (398) a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (400) Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. (402) Não me parece que se esteja a fazer isso. (403) A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, (404) aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. (405) Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, (406) desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. (407) Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, (408) talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino (409) esteja a criar clivagens artifi-

ciais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar **(448)** Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 **(449)** e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(467)** Muitos outros temas tiveram também muita análise, **(468)** reflexão pessoal **(469)** e colectiva, **(470)** nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes **(471)** e os seus efeitos na qualidade das escolas, **(472)** avaliação, **(473)** gestão escolar e modelos de organização, **(474)** comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. **(475)** Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para restringir as despesas correntes. **(494)** Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação **(495)** e os professores **(496)** como uma despesa e não como um investimento. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao peda-

gógico. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115 A, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.3. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

b) O profissionalismo – presenças e ausências

(2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente **(3)** e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º ciclo. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(87)** As medidas economicistas não são novidade de agora. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de

estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante

tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram

anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de

preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel

como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes deci-

dirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.4. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

c) A pertença a um grupo profissional – desejando e concretizando

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (80) Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também

que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promo-

veu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos

(277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (403) A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, (404) aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. (405) Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, (406) desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. (407) Talvez porque o ensino universitário este-

ja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de

gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562)

sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.5. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

d) Reconstruindo Saberes – vivências (d)e formação

- Reflexão e Investigação
- Dilemas entre Razões e Emoções – apreciando, pensando e fazendo
- Participando em projectos individuais e colectivos

(4) Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História (5) até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. (32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (38) O sentido de entreajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45)

ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (109) Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados (110) o que trouxe cada vez mais problemas. (111) Os colegas da universidade prosseguiram os seus estudos (112) e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. (113) Esta situação (114) e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras (115) faziam com que o curso superior fosse marcando passo. (116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” (117) pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. (118) Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem

à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (151) convém realçar os seguintes aspectos: (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao lembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (183) Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. (184) Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação (185) sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras (186) ao que esta direcção geral respondeu (187) que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos (188) no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo (189) e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. (190) De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. (191) Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. (192) Os professores de Francês da escola estiveram presentes (193) mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas (194) pois diziam respeito a outra disciplina. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino

(202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (234) para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (290) Talvez por isso tenhamos, nós professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram

forte (298) e com enorme empenho. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (318) Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. (358) De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (393) As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (431) Em termos de acções de formação contí-

nua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(467)** Muitos outros temas tiveram também muita análise, **(468)** reflexão pessoal **(469)** e colectiva, **(470)** nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes **(471)** e os seus efeitos na qualidade das escolas, **(472)** avaliação, **(473)** gestão escolar e modelos de organização, **(474)** comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. **(475)** Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de

Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.6. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

e) O entusiasmo, o empenho e a satisfação de José

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreaajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (108) É o primeiro ano em que assumi

claramente a opção de ser professor. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes

discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se,

já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(476)** Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que

entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.7. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

a) A pessoa e o profissional em transformação – valorizando espaços, momentos, acontecimentos e gente

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os pro-

fessores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(52)** que somente pretendia subir de posto no emprego, **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno. **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser

professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao lembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (234) para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de

grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois

reproduzir nos testes. **(344)** De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos **(345)** (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores

aos outros. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414) É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (417) Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (435) Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (438) Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal (439) e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. (440) As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (466) Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. (467) Muitos outros temas tiveram também muita análise, (468) reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do siste-

ma educativo. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/ financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588)

não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.8. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

b) A carreira de José – experienciando realidades

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em

qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)**

fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão esti-

veram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz

de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (349) Creio que não é abonatório em relação à qualidade do ensino superior. (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (355) Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. (358) De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretarem, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (382) No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. (383) Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, (384) poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente (385) e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (403) A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, (404) aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414)

É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (433) Passei a ser professor contratado profissionalizado no ano lectivo de 1991/92. (434) Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). (435) Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos

exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.9. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

c) Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer

aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo,

(160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (183) Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. (184) Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação (185) sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras (186) ao que esta direcção geral respondeu (187) que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos (188) no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo (189) e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. (190) De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. (191) Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. (192) Os professores de Francês da escola estiveram presentes (193) mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas (194) pois diziam respeito a outra disciplina. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (273) É curioso que esta mobilização

se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professoras a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse (440) As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (504) Os professores do 3.º

CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola.

Categorização axial da narrativa de José

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 9.1.10. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

d) Representando-se – contextos e influências

(2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente **(3)** e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º ciclo. **(4)** Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História **(5)** até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. **(24)** Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, **(25)** resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação **(26)** no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. **(27)** Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. **(29)** e tinha apenas dezoito anos. **(30)** Não podia então imaginar que um “acidente da vida” **(31)** se iria revelar como uma realização profissional. **(33)** O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreatuda era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que

tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (108) É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. (109) Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados (110) o que trouxe cada vez mais problemas. (111) Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos (112) e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. (113) Esta situação (114) e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras (115) faziam com que o curso superior fosse marcando passo. (118) Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo li-

ceal) (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembra o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (191) Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. (192) Os professores de Francês da escola estiveram presentes (193) mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas (194) pois diziam respeito a outra disciplina. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeccção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos

punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306)

pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(315)** O curso de História em Letras era um curso científico, **(316)** sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. **(317)** Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. **(318)** Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, **(319)** e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, **(320)** com metodologias científicas **(321)** e com uma perspectiva e abordagem novas. **(322)** De notar que estava por fazer uma história em Portugal **(323)** sem a pressão ou influências da censura fascista de antes do 25 de Abril. **(324)** Era uma altura em que a influência do marxismo e da historiografia francesa se faziam sentir intensamente. **(325)** O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, **(326)** por trabalhos (de grupo ou individuais) **(327)** obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. **(328)** Mas fazia crescer intelectualmente, **(329)** fazia aumentar o poder crítico **(330)** e a reflexão. **(331)** Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. **(332)** Não sendo um modelo perfeito, **(333)** muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, **(334)** desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos **(335)** que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. **(336)** Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. **(337)** A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, **(338)** um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, **(339)** em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, **(340)** em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, **(341)** criou alguns problemas de habituação. **(342)** Depois compreendi que para ter boas notas em Évora **(343)** era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. **(344)** De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos **(345)** (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(351)** As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. **(352)** É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia **(354)** e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. **(355)** Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. **(356)** Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. **(357)** Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. **(358)** De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e

experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(386)** Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. **(387)** Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. **(390)** Esta ambiguidade foi contraproducente **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(434)** Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). **(435)** Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portale-

gre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as constantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sinto-ma do masoquismo e fatalismo português? (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entre-

tanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos.

9.2. Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.1. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

a) Aprendendo com os outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais

(38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando

quase todos os alunos eram mais velhos. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do

3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois

verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (312) A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (417) Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, (418) mas tendo sempre em conta que a qualidade (419) e valor acrescentado de um professor (420) advém da sua experiência (421) e das vivências, (422) onde devemos integrar a formação contínua. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (440) As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo.

(525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola.

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.2. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

b) Desenvolvendo-se como Profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação

(32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores

era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilida-

de de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(313)** Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. **(314)** Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. **(315)** O curso de História em Letras era um curso científico, **(316)** sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. **(317)** Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. **(318)** Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, **(319)** e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, **(320)** com metodologias científicas **(321)** e com uma perspectiva e abordagem novas. **(325)** O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, **(326)** por trabalhos (de grupo ou individuais) **(327)** obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a

um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (349) Creio que não é abonatório em relação à qualidade do ensino superior. (350) Um outro aspecto que me desiludiu foi a maneira como foi tratado o problema das duas cadeiras semestrais de Economia que havia no currículo do curso de História. (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (355) Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. (358) De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. (387) Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. (390) Esta ambiguidade foi contraproducente (388) pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, (389) que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (393) As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (400) Isto é, uma

formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(531)** foram

realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos.

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.3. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

c) Trabalhando e Adquirindo Experiência Profissional – alguns efeitos transformadores e outros nem tanto

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase

27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do mini-concurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do mini-concurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habi-

litações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (183) Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos traba-

lhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastan-

tes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão.

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.4. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

a) Mudando entre interacções e isolamento profissional

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu

senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva Direcção Geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(191)** Noutra circunstância a referida Direcção Geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparató-

ria de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objecti-

vos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.5. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

b) Vivendo entre pares – alguns recursos para aprender

(16) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS,

(266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (545) Nos

dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.6. Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

- a) Comunidades vivas – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa
- b) Aprendendo participando e tomando decisões
- c) Na senda da mudança – identificando e resolvendo problemas

(67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchem os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)**

nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (184) Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação (185) sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras (186) ao que esta direcção geral respondeu (187) que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos (188) no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo (189) e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. (190) De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (205) Formalmente essa reunião não aconteceu, (206) mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que

apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(514)** No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, **(515)** continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização axial da narrativa de José

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 9.2.7. O poder dos alunos e a transformação do professor

a) Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professor – influências dos alunos

(49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédi-

co, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(587)** No entanto, esta descrença nas opções do sistema **(588)** não tem diminuído a convicção que os professores **(589)** e as escolas públicas **(590)** têm vindo a evoluir **(591)** e que fazem, geralmente, **(592)** um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos **(593)** apesar dos deficientes apoios que têm **(594)** e das situações cada vez mais complexas que encontram. **(595)** Com filhos no sistema educativo, **(596)** creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, **(597)** têm conhecimentos muito mais diversificados **(598)** e conceitos muito mais difíceis para aprender, **(599)** se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. **(600)** O problema não está nos alunos **(601)** ou nos professores que os ensinam, **(602)** mas sobretudo nos difíceis e extensos programas **(603)** e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. **(604)** Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, **(605)** educador **(606)** e formador **(607)** com os meus alunos. **(642)** São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa **(643)** e educacional **(644)** determinante **(645)** nos nossos alunos. **(646)** O saber só é útil **(647)** se produzir o bem **(647)** e a felicidade **(648)** nos que nos rodeiam **(649)** e sobretudo naqueles que construirão, **(650)** com humanidade e saber, **(651)** o futuro e riqueza deste país.

9.3. Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Categorização axial da narrativa de José

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 9.3.1. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

a) A regulação externa e as possibilidades de José
aprender – inovando, diluindo e (des)iludindo-se

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61a) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (87) As medidas economicistas não são novidade de agora. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham

pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes

anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva Direcção Geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso Ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acasas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço

(272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (381) É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo. (396) Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia,

sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. (397) Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, (398) a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. (403) A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, (404) aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (435) Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (466) Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. (467) Muitos outros temas tiveram também muita análise, (468) reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (502) Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão

Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão

sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

desenvolvimento pessoal e profissional do professor: itinerários por (estretos) corredores institucionais

Tabela 9.3.2. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

b) O desenvolvimento profissional de José – construindo a profissão entre quadros de autonomia e as suas margens

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (87) As medidas economicistas não são novidade de agora. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo

(95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” (117) pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. (118) Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que

não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercício, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e

aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a

ser feita junto do poder governamental. **(381)** É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(448)** Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 **(449)** e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. **(466)** Apesar de alguns anos

terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. (467) Muitos outros temas tiveram também muita análise, (468) reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as constantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sinto-ma do masoquismo e fatalismo português? (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das pro-

postas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 9.3.3. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

c) Aprendendo num espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança

(60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61a) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente

(79) ou não possuíam licenciatura. (80) Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (87) As medidas economicistas não são novidade de agora. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (106) O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz (107) e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. (108) É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. (116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” (117) pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. (118) Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las

com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões aceras, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante

acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (382) No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. (383) Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, (384) poucas cadeiras tinham uma aplica-

ção prática na vida docente (385) e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. (386) (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (396) Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. (397) Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, (398) a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (400) Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. (402) Não me parece que se esteja a fazer isso. (403) A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, (404) aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e

no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 9.3.4. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

d) Possibilitando projectos de acção e de transformação – denunciando dinâmicas e características das lideranças

(67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (80) Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. (116) Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” (117) pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar

em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (502) Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (514) No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, (515) continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertar no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização axial da narrativa de José

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 9.3.5. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

a) Funções da Escola e Inovação – implicando as crenças no seu desenvolvimento

(57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (87) As medidas economicistas não são novidade de agora. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (235) Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes

energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico. (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretarem, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. (378) Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. (379) Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, (380) está a ser feita junto do poder governamental. (381) É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo (400) Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. (410) Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, (411) em suma um sistema educativo com mais sucesso, (412) todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. (413) Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. (414) É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores (415) mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes (416) ou a mandona sobre as outras escolas. (436) e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido (437) e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. (448) Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 (449) e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação

(582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

Categorização axial da narrativa de José

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 9.3.6. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

b) A Cultura da Escola – influenciando formas singulares de tomar decisões, organizando acções

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatjada era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (80) Estes geralmente preenchem os horários do nocturno. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que per-

guntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (423) Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, (424) lacunas no corpo docente de uma escola, (425) devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. (426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (502) Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos ma-

teriais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma.

Categorização axial da narrativa de José

Desenvolvimento do professor: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 9.3.7. Quotidianos escolares complexos e papéis do professor

a) Vivendo tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreajuda era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos re-

cém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (99) Preconceitos de muitos (100) que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, (101) aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas (102) como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (103) É a perspectiva elitista (104) que recupera agora (105) na nova lei de bases do sistema educativo. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (236) Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (237) A diferença era abissal. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (396) Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. (397) Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, (398) a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. (502) Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão (503) e dos professores do 2.º CEB. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares.

(534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (83) De notar ainda que as medidas governamentais, (84) como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria (85) e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, (86) marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (119) A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período (120) e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. (121) O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. (122) Mas o que mais curioso teve este ano lectivo (123) foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro (124) e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação (125) só terem chegado no final do 2.º Período. (126) Valeu-me o extraordinário apoio de colegas (127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o progra-

ma oficial também faltava em Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembrao o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (212) Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, (213) mas havia um grande diálogo entre os professores. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (220) Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, (221) havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (249) Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, (250) da profissionalização em exercí-

cio, (251) das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, (252) dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, (253) era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) (254) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (275) Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25

de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, (401) que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e

propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (466) Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (490) É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional (491) com mais de treze anos de experiência (492) e saber profissional (493) só para restringir as despesas correntes. (494) Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação (495) e os professores (496) como uma despesa e não como um investimento. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º 115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (564) Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, (565) o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/ financiamento do ensino particular (566) e ser muito mais elitista (567) (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), (568) a constante referência à necessidade de avaliação das escolas (569) e dos professores, (570) a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas ve-

zes realizados por pessoas que se esquecem **(628)** (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) **(629)** que ser professor é ser um actor **(630)** do imediato, **(631)** que apesar das necessárias preparações científicas **(632)** e pedagógicas **(633)** e das necessárias preparações **(634)** de unidades e de aulas, **(635)** o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação **(636)** ao momento que o professor deve ter, **(637)** que a intuição **(638)** e uma reflexão contínua **(639)** sobre factores não quantificáveis, **(640)** muitas vezes subjectivos **(641)** é que são determinantes na nossa profissão. **(642)** São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa **(643)** e educacional **(644)** determinante **(645)** nos nossos alunos. **(646)** O saber só é útil **(647)** se produzir o bem **(647)** e a felicidade **(648)** nos que nos rodeiam **(649)** e sobretudo naqueles que construirão, **(650)** com humanidade e saber, **(651)** o futuro e riqueza deste país.

APÊNDICE 10 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO AXIAL DA NARRATIVA DE FILIPA

10.1. Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.1. Um Retrato de Filipa

a) Aspectos Biográficos – um retrato para conhecermos Filipa

b) Filipa – um percurso de aprendizagem ao longo da vida

(1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (21) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, (22) daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (25) Já que isto vai ao sabor dos dedos, (26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento des-

lumbrante de descoberta e partilha. **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na ses-

são mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.2. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

a) Profissionalidade – traçados de uma construção

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria tra-

balhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espreitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (66a) É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (68a) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (72) Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (excepcionalmente as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz.. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreatajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos

que se reforçaram positivamente, **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das

áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.3. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

b) O profissionalismo – presenças e ausências

(10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os as-

pectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz,

não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18.30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(234a)** No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. **(235)** Efectuou-se igualmente um debate **(236)** (previamente preparado pela turma) **(237)** sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicod dependência”. **(238)** Na Área de Projecto

(para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professoras e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.4. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

c) A pertença a um grupo profissional – desejando e concretizando

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrançar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (88a) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem

estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 (113) o que provocou um grande desgaste. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (127) Foi uma formação muito prática (128) com aplicação de técnicas (129) e metodologias activas, (130) que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (132) Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (133) Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, (134) a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação (135) sobre metodologia de Projecto (136) que se veio a realizar (136a) mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (137) (são as vicissitudes da formação...). (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreatajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor.

(209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.5. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

d) Reconstruindo Saberes – vivências (d) e formação

- Reflexão e Investigação
- Dilemas entre Razões e Emoções – apreciando, pensando e fazendo
- Participando em projectos individuais e colectivos

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espreitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (88a) Assim, de repente, o que de melhor ricordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, ape-

sar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar

uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.6. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

e) O entusiasmo, o empenho e a satisfação de Filipa

(29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (67) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (72) e em melhor qualidade. (75a) Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (exceptuando assalás específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)...

(115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade.. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (127) Foi uma formação muito prática (128) com aplicação de técnicas (129) e metodologias activas, (130) que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entajada, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (221) Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, (222) a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, (223) foi planificado genericamente em conselho de turma (224) de acordo com as características da turma: (225) alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (234a) No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. (235) Efectuou-se igualmente um debate (236) (previamente preparado pela turma) (237) sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicodependência”. (238) Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) (239) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos (240) e envolveram a pesquisa de informação (241) em várias fontes (incluindo a internet), (243) o seu tratamento (244) (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) (245) – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). (250a) A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (252) foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, (253) não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, (254) a negociação dos projectos nem sempre

foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.7. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

a) A pessoa e o profissional em transformação – valorizando espaços, momentos, acontecimentos e gente

(25) Já que isto vai ao sabor dos dedos, (26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrancar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (44) Para além do fim em si, (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (66a) É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (67) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos (80) (eram tur-

mas com um grau de auto-estima muito baixo), **(81)** analisaram-se os programas das várias disciplinas, **(82)** encontraram-se pontos comuns, **(83a)** discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, **(84)** trocaram-se documentos, **(85)** reflectiu-se sobre eles, **(86a)** reformularam-se, planificaram-se as actividades. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (excluindo assaladas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior

segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (252) foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, (253) não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, (254) a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. (255) E esse mal-estar foi de professores e alunos. (256) Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, (257) e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. (258) Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, (259) fruto de tantas mãos, (260) foi quase sempre suficientemente gratificante. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma mar-

gem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.8. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

b) A carreira de Filipa – experienciando realidades

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(1)** Os sonhos começam como? **(2)** É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. **(3)** Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? **(4)** Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, **(5)** ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valo-

res e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma

(178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (220) A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (252) foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, (253) não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, (254) a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. (255) E esse mal-estar foi de professores e alunos. (256) Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, (257) e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. (258) Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, (259) fruto de tantas mãos, (260) foi quase sempre suficientemente gratificante. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto

(282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.9. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

c) Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares

(27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (34) Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou (35) perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, (36) que iria arrançar no ano lectivo seguinte (37) com duas turmas do PEPT 2000, (38) ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. (39) Foi-me dito (40) que tentaríamos agir com eles de forma diferente, (41) de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, (42) tentando evitar o abandono. (43) Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho espeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos (80) (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), (81) analisaram-se os programas das várias disciplinas, (82) encontraram-se pontos comuns, (83a) discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, (84) trocaram-se documentos, (85) reflectiu-se sobre eles, (86a) reformularam-se, planificaram-se as actividades. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (92)

A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entrea-juda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a

envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 10.1.10. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

d) Representando-se – contextos e influências

(25) Já que isto vai ao sabor dos dedos, **(26)** lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espreitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(75a)** Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir,

reflectir e trabalhar em conjunto. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em

relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos.

10.2. Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.1. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

a) Aprendendo com os outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(34)** Foi num “intervalo”, quando

vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos

ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.2. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

b) Desenvolvendo-se como profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não

tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço

final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.3. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

c) Trabalhando e Adquirindo Experiência Profissional – alguns efeitos transformadores e outros nem tanto

(45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho respeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 (113) o que provocou um grande desgaste. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143)

existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(234a)** No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. **(235)** Efectuou-se igualmente um debate **(236)** (previamente preparado pela turma) **(237)** sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicodependência”. **(251)** Nem sempre foi fácil o

trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.4. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

a) Mudando entre interacções e isolamento profissional

(29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava

interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente

disso. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (221) Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, (222) a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, (223) foi planificado genericamente em conselho de turma (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (239) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (254) a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. (255) E esse mal-estar foi de professores e alunos. (256) Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, (257) e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. (258) Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, (259) fruto de tantas mãos, (260) foi quase sempre suficientemente gratificante. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportuni-

dade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.5. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

b) Vivendo entre pares – alguns recursos para aprender

(16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espreitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(72)** Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas **(73)** para discutir, **(74)** reflectir **(75)** e trabalhar em conjunto. **(76)** Estabeleceu-se um consenso **(77)** em relação às atitudes, **(78)** aos valores **(79)** e aos comportamentos **(80)** (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), **(81)** analisaram-se os programas das várias disciplinas, **(82)** encontraram-se pontos comuns, **(83a)** discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, **(84)** trocaram-se documentos, **(85)** reflectiu-se sobre eles, **(86a)** reformularam-se, planificaram-se as actividades. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que

nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreajudada, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania,

(223) foi planificado genericamente em conselho de turma (224) de acordo com as características da turma: (225) alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (238) Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) (239) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos (240) e envolveram a pesquisa de informação (241) em várias fontes (incluindo a internet), (243) o seu tratamento (244) (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) (245) – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). (250a) A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (252) foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, (253) não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, (254) a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. (255) E esse mal-estar foi de professores e alunos. (256) Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, (257) e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. (258) Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, (259) fruto de tantas mãos, (260) foi quase sempre suficientemente gratificante. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída,

ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.6. Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

- a) Comunidades vivas – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa
- b) Aprendendo participando e tomando decisões
- c) Na senda da mudança – identificando e resolvendo problemas

(10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior

número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 (113) o que provocou um grande desgaste. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (124) A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, (125) promovida pelo DEB (126) veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (130) que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (131) (doze, só da Escola de Santa Clara). (133) Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, (134) a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação (135) sobre metodologia de Projecto (136) que se veio a realizar (136a) mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (137) (são as vicissitudes da formação...). (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente

o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 10.2.7. O poder dos alunos e a transformação da professora

a) Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professor – influências dos alunos

(16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(72)**. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas **(73)** para discutir, **(74)** reflectir **(75)** e trabalhar em conjunto. **(76)** Estabeleceu-se um consenso **(77)** em relação às atitudes, **(78)** aos valores **(79)** e aos comportamentos **(80)** (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), **(81)** analisaram-se os programas das várias disciplinas, **(82)** encontraram-se pontos comuns, **(83a)** discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, **(84)** trocaram-se documentos, **(85)** reflectiu-se sobre eles, **(86a)** reformularam-se, planificaram-se as actividades. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN,

EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. 209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(238)** Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

10.3. Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Categorização axial da narrativa de Filipa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 10.3.1. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

a) A regulação externa e as possibilidades de Filipa
aprender – inovando, diluindo e (des)iludindo-se

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (52) Não percebi, por exemplo (53) que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades (54) de inserção (55) e de trabalho na escola, (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (66a) É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (67) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade.

(88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 (113) o que provocou um grande desgaste. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (133) Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, (134) a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação (135) sobre metodologia de Projecto (136) que se veio a realizar (136a) mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (137) (são as vicissitudes da formação...). (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (148) E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, (149) o difícil que é ver (150) e agir de outra maneira. (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos

programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (220) A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. (289) Foi feita por pessoas desta escola, (290) eu incluída, ao longo destes anos. (291) Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência

desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

desenvolvimento pessoal e profissional da professora: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 10.3.2. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

b) O desenvolvimento profissional de Filipa – construindo a profissão entre quadros de autonomia e as suas margens

(24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(61)** É certo, **(62)** também, **(63)** que no primeiro ano, **(64)** avançámos apoiados **(65)** em muito pouco de concreto, **(66)** sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam

a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, **(143)** existem outros, **(144)** mais respeitáveis, **(145)** que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, **(146)** e que até fazem um bom trabalho, **(147)** independentemente disso. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreatjada, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** É o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-

-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 10.3.3. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

c) Aprendendo num espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança

(1) Os sonhos começam como? **(2)** É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. **(3)** Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? **(4)** Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, **(5)** ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos as-

pectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (66a) É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (67) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (95) mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais (112) Já no alargamento a todos os 5.º anos (112a) isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 (113) o que provocou um grande desgaste. (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (148) E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, (149) o difícil que é ver (150) e agir de outra maneira. (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreaajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (167) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de

Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(188)** E o pior **(189)** é que o termo possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(258)** Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, **(259)** fruto de tantas mãos, **(260)** foi quase sempre suficientemente gratificante. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)**

por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação

Categorização axial da narrativa de Filipa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 10.3.4. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

d) Possibilitando projectos de acção e de transformação – denunciando dinâmicas e características das lideranças

(29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano,

avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18.30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 10.3.5. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

a) Funções da Escola e Inovação – implicando as crenças no seu desenvolvimento

(177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação (299) num ensino que se é para todos (300) não pode ser igual para todos. (301) É nisso, (302) nesses caminhos, (303) nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, (304) que eu acredito.

Categorização axial da narrativa de Filipa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 10.3.6. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

b) A Cultura da Escola – influenciando formas singulares de tomar decisões, organizando acções

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (9) O CP deu o seu aval, (10) mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas. (45) agradava-me o grupo de colegas (46) com quem iria trabalhar, (47) pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, (48) cujo trabalho respeitava (49) e com quem sabia ter coisas em comum. (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer”

(57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (67) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (96) Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, (97) momento deslumbrante de descoberta e partilha. (98) Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, (99) como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (99a) (reduzindo assim o n.º de professores por turma), (100) a concentração dos alunos numa mesma sala (100a) (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), (102) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreatajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas).

Categorização axial da narrativa de Filipa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 10.3.7. Quotidianos escolares complexos e papéis da professora

a) Vivendo tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças

(26) lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. (27) Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, (28) com a minha orientadora, (29) “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” (30) Reza a história que deram por mim, (31) mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva (32) de “estarem atentos” (33) e de apoiarem o trabalho. (17) Duas ou três pessoas, não mais. (18) Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, (19) isso terá pesado no delinear da decisão. (24) Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (50) Mas também eu (51) não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (56a) não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (57) (nomeadamente, os aspectos organizacionais), (58) não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular (59) mas a uma outra atitude (60) e a uma outra prática. (67) Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, (68a) desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) (69) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: (70) em maior quantidade (71) e em melhor qualidade. (72). Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas (73) para discutir, (74) reflectir (75) e trabalhar em conjunto. (76) Estabeleceu-se um consenso (77) em relação às atitudes, (78) aos valores (79) e aos comportamentos. (87) E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (88) Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (89) (que fiz) (90) em relação à Área de Projecto (91) (já no segundo ano da experiência.) (92) A consciência (93) de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (94) (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), (103) Obstáculos também os houve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (107) Bom, o trabalho acrescido era óbvio, (108) não só o maior número de reuniões (109) mas também a necessidade de adaptar (110) reformular (111) criar materiais. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreaju-

da, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(168)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(178)** – aí se atingiria o âmbito da flexibilidade. **(179)** Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(186)** essa “cultura prudente” **(187)** em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(221)** Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.º anos, **(222)** a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, **(223)** foi planificado genericamente em conselho de turma **(224)** de acordo com as características da turma: **(225)** alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. **(226)** Escolheram-se os jogos a aplicar, **(227)** metodologia a seguir, **(228)** os intervenientes. **(229)** Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, **(230)** com o intuito de os levar a perceber **(231)** que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. **(232)** Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, **(233)** na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. **(251)** Nem sempre foi fácil o trabalho, **(252)** foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, **(253)** não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, **(254)** a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. **(255)** E esse mal-estar foi de professores e alunos. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi

assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola **(64)** avançámos apoiados **(65)** em muito pouco de concreto, **(66)** sem definir sequer outro desenho curricular. **(80)** (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), **(81)** analisaram-se os programas das várias disciplinas, **(82)** encontraram-se pontos comuns, **(83a)** discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, **(84)** trocaram-se documentos, **(85)** reflectiu-se sobre eles, **(86a)** reformularam-se, planificaram-se as actividades. **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(209)** Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência **(210)** mas ainda me parece **(211)** que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, **(212)** há turmas em que se sente que as coisas resultam **(213)** e outras em que não se sentem grandes diferenças. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(234a)** No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das

relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. **(235)** Efetuou-se igualmente um debate **(236)** (previamente preparado pela turma) **(237)** sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicodependência”. **(238)** Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) **(239)** os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos **(240)** e envolveram a pesquisa de informação **(241)** em várias fontes (incluindo a internet), **(243)** o seu tratamento **(244)** (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) **(245)** – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). **(250a)** A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o poto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. **(256)** Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, **(257)** e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

APÊNDICE 11 TABELAS DE CATEGORIZAÇÃO AXIAL DA NARRATIVA DE LUÍSA

11.1. Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.1. Um Retrato de Luísa

a) Aspectos Biográficos – um retrato para conhecermos Luísa

b) Luísa – um percurso de aprendizagem ao longo da vida

(55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor Almas – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora Luisa Gancho (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – Rui da Rosa – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (113) A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendi-

zagem exigente (120) e rigorosa na parte da educação visual. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (128) É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) É claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (230) 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço (230a) 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos (230b) 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. (230c) 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. (230d) 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. (230e) 6.º Trabalhar na escola (230f) 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria (231) Trabalhámos fora do tempo de aulas. (232) Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. (233) A tarde começava às 14h30 até essa hora. (234) Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocá-

mos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no

próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de

ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.2. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

a) Profissionalidade – traçados de uma construção

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi reali-

zada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiencia, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Acção Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiencias, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiencias (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas

extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respei-

tamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (335) Julgo que respondi na alínea a) (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projetar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.3. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

b) O profissionalismo – presenças e ausências

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom

grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade

em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que

este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios,

(357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projectar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.4. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

c) A pertença a um grupo profissional – desejando e concretizando

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis

não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(63)** Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – **(65)** solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – **(66)** que é auxiliar de acção educativa na escola, **(67)** nos desse uma aula, **(68)** uma pequena formação sobre o processo de soldadura **(69)** pois este é o soldador profissional **(70)** e tem gosto em nos ensinar. **(71)** Relativamente à cerâmica, **(72)** temos uma colega a professora L **(72a)** que se tem vindo a especializar nesta área **(73)** e de vez em quando temos encontros **(75)** para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. **(76)** Também tenho um amigo que vive em lisboa – R – **(77)** que trabalhava em cerâmica com os alunos. **(78)** No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola **(79)** um soldado **(80)**, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(86)** Neste momento por exemplo **(87)** vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” **(88)** que depois poderemos ensinar os nossos alunos. **(89)** A nível de projecto educativo e participação neste, **(90)** nós, **(91)** no departamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(188)** Relativamente

à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na

natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente.

(313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.5. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

d) Reconstruindo Saberes – vivências (d)e formação

- Reflexão e Investigação
- Dilemas entre Razões e Emoções – apreciando, pensando e fazendo
- Participando em projectos individuais e colectivos

(42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano.

(105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (113) A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendizagem exigente (120) e rigorosa na parte da educação visual. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiencia, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (143) Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiencias, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiencias (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de

uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar.

(321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procu-ro também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas ante-riores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistemática-mente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exem-plo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procu-ro ler, (354) saber, (355) actua-lizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aque-las idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na apren-dizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da ex-perimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que pen-so. (387) Gosto de planear num papel, de projectar. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de per-guntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me ques-tionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.6. Produzindo a vida e a profissão – sendo, pertencendo, e transformando-se

e) O entusiasmo, o empenho e a satisfação de Luísa

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nos-

sos alunos. **(89)** A nível de projecto educativo e participação neste, **(90)** nós, **(91)** no departamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(238)** Foi uma experiencia única. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspira-

das na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385)

Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.7. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

a) A pessoa e o profissional em transformação – valorizando espaços, momentos, acontecimentos e gente

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e inves-

timos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendizagem exigente (120) e rigorosa na parte da educação visual. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) É claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191)

Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes,

formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo

como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projectar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.8. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

b) A carreira de Luísa – experienciando realidades

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma

reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reco-

nheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (142) O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (158) Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. (159) Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (198a) Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos

trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (238) Foi uma experiencia única. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficaram envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O

modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.9. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

c) Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiencias (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiencias. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com

o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Vivências de mudança a aprender e a ensinar: Trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

Tabela 11.1.10. Entre Crenças, Atitudes e Valores – Itinerários e Aprendizagens

d) Representando-se – contextos e influências

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (95) Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também

em desenho. **(108)** Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. **(109)** Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” **(110)** e procura de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFO-PREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humani-

zação do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” –

reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

11.2. Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.1. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

a) Aprendendo com os outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério.. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”. (149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (160) Se fálássemos (161) ou

relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos alicianantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou

instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.2. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

b) Desenvolvendo-se como Profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação

(6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (113) A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendizagem exigente (120) e rigorosa na parte da

educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** É claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerdiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lu-

gar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia

(297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.3. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

c) Trabalhando e Adquirindo Experiência Profissional – alguns efeitos transformadores e outros nem tanto

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em

pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** É claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(128)** É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** É claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo.

(259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.4. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

a) Mudando entre interacções e isolamento profissional

(6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens (45)

O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFO-PREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no

local – Serviço de Pediatria **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. No tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos mui-

to, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.5. A cultura profissional como recurso para aprender – contingências, estímulos e teias relacionais

b) Vivendo entre pares – alguns recursos para aprender

(26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no depar-

tamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem.

(98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até

essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos

muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.6. Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

- a) Comunidades vivas – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa
- b) Aprendendo participando e tomando decisões
- c) Na senda da mudança – identificando e resolvendo problemas

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)**

realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(351)**

Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Sujeitos, acções e relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

Tabela 11.2.7. O poder dos alunos e a transformação da professora

a) Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professor – influências dos alunos

(81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiencias. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(86)** Neste momento por exemplo **(87)** vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” **(88)** que depois poderemos ensinar os nossos alunos. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cericidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais...

(243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (249) Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de

vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(413)** Gosto muito de ser professora.

11.3. Desenvolvimento da professora: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Categorização axial da narrativa de Luísa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 11.3.1. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

a) A regulação externa e as possibilidades de Luísa
aprender – inovando, diluindo e (des)iludindo-se

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou co-

lega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/ Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois

essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

desenvolvimento pessoal e profissional da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 11.3.2. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

b) O desenvolvimento profissional de Luísa – construindo a profissão entre quadros de autonomia e as suas margens

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (45) O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263)

e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficaram envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas

ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projectar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 11.3.3. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

c) Aprendendo num espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por

exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiencias. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (96) Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiencia, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (140) Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiencias (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos

um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de huma-

nização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gos-

to também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 11.3.4. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

d) Possibilitando projectos de acção e de transformação – denunciando dinâmicas e características das lideranças

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. **(89)** A nível de projecto educativo e participação neste, **(90)** nós, **(91)** no departamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 con-

tos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar.

(290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estreitos) corredores institucionais

Tabela 11.3.5. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

a) Funções da Escola e Inovação – implicando as crenças no seu desenvolvimento

(97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das aprendizagens das tecnologias. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para

ensinar. **(133)** É claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiencia, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)**

Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e

se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magiciar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(413)** Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 11.3.6. Aprendendo para melhorar e/ou melhorando para aprender

b) A Cultura da Escola – influenciando formas singulares de tomar decisões, organizando acções

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte

que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este

projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiencia (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (413) Gosto muito de ser professora.

Categorização axial da narrativa de Luísa

Desenvolvimento da professora: itinerários por (estritos) corredores institucionais

Tabela 11.3.7. Quotidianos escolares complexos e papéis da professora

a) Vivendo tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para

uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino

esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerdiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar algum sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos.

(253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. (287c) Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos (287d) mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. (288) Este projecto, juntamente com uma exposição, (289) está já planeado como um projecto a realizar. (290) Julgo que dá para ver (291) e sentir (292) que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficaram envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa.

(307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (335) Julgo que respondi na alínea a) (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projectar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

APÊNDICE 12 GUIÃO DE ANÁLISE – O CASO DE ANA

12.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajetórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

12.1.1. Um Retrato de Ana

12.1.1.1. Aspectos Biográficos

(1) Peço desculpa pelo facto de, por vezes, incluir no meu discurso um pouco de ironia, mas faz parte do meu carácter tentar enfrentar a realidade com um pouco de sentido de humor, não deixando de ser frontal e sincera! (4) Uma reforma educativa que valorizava o espírito de descoberta e o sentido crítico dos alunos... (5) Esta experiência ia decorrer na escola do Ciclo Preparatório – na altura a escola André de Resende – para- que estes alunos não saíssem do seu meio escolar e não fossem “lançados” para o Liceu Nacional de Évora – instituição para a qual certa e naturalmente seríamos canalizados, após termos finalizado o Ciclo Preparatório. (6) Algumas disciplinas foram substituídas por outras: em vez de “História e Geografia” tínhamos “Ciências Humanas”; a disciplina de “Desenho” passou a ser “Educação Visual”; “Trabalhos Manuais” passou a denominar-se “Trabalhos Oficiais”, na qual poderíamos escolher as áreas que queríamos aprender: “Trabalhos Caseiros”, “Noções Básicas de Electricidade” (7) (e já não me lembro de outras disciplinas, pois sempre fui um pouco “desprendida” de assuntos pedagógicos...) (8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. (22) “Embalada” nesta fortificante experiência de arrasar os nervos (23) após terminar os estudos no Liceu... eis que surge outra exxxxxxxxxtraooooordinááááária e inovadora experiência pedagógica: O Ano Propedêutico com aulas transmitidas pela (imagem). (24) Sim, é isso mesmo: televisão! (25) AH! Que momentos edificantes e calmos, quando a programação sofria, “por vezes”, algumas alterações, por razões alheias a eles e a nós, audiência escravidada daquele detestável “caixote”! (26) “Magníficas” aquelas aulas de História, durante as quais “por razões alheias à produção”, faltava a ligação e ficávamos longos minutos com “o écran aos saltos”, certamente para que imaginássemos a batalha entre D. Afonso Henriques e D. Teresa, sua digníssima mãezinha!!! (27) Claro que no final do ano lectivo, e para variar, fomos convidados a realizar um exame a nível nacional, para serem testados os conhecimentos adquiridos por tão moderno método! (45) Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (46) e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... (49a) Também tive que elaborar um Plano

Individual de Trabalho. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(68)** (Terei sido candidata única?!). **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer

referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”! **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

-

- Então?! Não somos todos iguais?

-

- AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os

momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha.

12.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

12.1.2.1. Representando-se – contextos e influências na auto compreensão

(8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. **(9)** Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados **(28)** Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos. **(29)** Cada vez mais “calejada” com experiências inovadoras **(30)** e motivada para ser uma dama poliglota, tendo resistido ao exame do Ano Propedêutico, inscrevi-me num curso acabadinho de estrear na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: o curso de Línguas e Literaturas Modernas – variante – Francês-Inglês. **(31)** Sempre gostei de falar “estrangeiro” e graças à excelente influência das minhas professoras, decidi-me por aquele curso. **(32)** Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei” **(33)** deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! **(45)** Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota moderna!!! **(50)** mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. **(51)** Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este

ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(96)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo**(118)** Outra indiscretoável “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”?**(124)** Nunca nenhuma

mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!”**(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não?! AAAAH, “Tá bem!” É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?!Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

12.1.2.2. *Construindo-se Profissional – desejando e concretizando*

(2) Começo esta narrativa reflectindo sobre a questão: “Em que medida é que as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ou não ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional?” Eis uma questão que se aplica não só à minha vida profissional, como até à minha vida académica (...).

(3) Fui cobaia de uma inovadora experiência pedagógica – Reforma Veiga Simão – enquanto aluna do Ciclo Preparatório. (11) Ainda me recordo de alguns deles, que me deixam saudades. Conceição Cabral, Assunção Mira, Teodolinda Pascoal, Maria Manuel Charneca, Mourato, Luís Heftlen, Salette, ... (13) Após dois anos de existência, vimo-nos na grata e inesquecível missão de “fazermos as malas” e proceder à matrícula no Liceu Nacional de Évora. (35) Com este pseudo – estatuto de cobaia pedagógica (36) tive que optar por ingressar num dos grupos do “ancient regime” e aquele que mais me agradou foi o 2.º grupo do 2.º Ciclo – Português-Francês. (37) Mais uma vez, o meu espírito combativo foi posto à prova (38) e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. (39) Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico (40) e fi-la com prazer. (43) Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) (44a) resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E ... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara (45) Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! (46) e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo dois continua a ser uma perseguição para mim)... (47) Esta “9ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. (49a) Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. (49b) Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica (50) mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas,

repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(59)** àquela colega e presente amiga que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. **(60)** desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional. **(61)** “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. **(62)** No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.”. **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(69)** Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularíssima reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónico. **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(78)** Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. **(79)** A aprendizagem não deve ser hermética **(80)** há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhe-

cimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... **(81)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!!**(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”!

Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. Imagem **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia!” **(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não?! AAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais (129) os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. (130) Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. (131) Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... (132) Lado positivo deste empenhamento pedagógico: (133) uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. (134) Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?!Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! (135) A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. (136) Devemos trocar impressões com os colegas (137) depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação (138) Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. (139) A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... (140) com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei (141) tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (145) Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional (146) e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. (147) Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; (148) muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos (149) e nunca me arrependi de aprender. (150) Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar (151) mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. (152) Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha (153) que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... (154) Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

12.1.3. Entre Crenças Atitudes e Valores – itinerários e aprendizagens

12.1.3.1. *A pessoa e profissional em transformação – o valor dos espaços, dos momentos, acontecimentos e gente*

(8) Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. (38) e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. (39) Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico (40) e fi-la com prazer. (48) A Área S. E. tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional. (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (68) (Terei sido candidata única?!) (71) (Uma reforma alentejana??!!) (72) Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. (75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (78) Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. (79) A aprendizagem não deve ser hermética (80) há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... (84) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um profes-

sor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio-cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!!**(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreto “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras

do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia”!**(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?!Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)**

Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

12.1.3.2. Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares

(41) No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi (42) com a troca de experiências com as colegas de grupo (51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (58) Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. (59) àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mósca. (60) desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional. (61) “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. (62) No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual.. (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (69) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. (81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, (82) mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: (83) cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que

tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiirooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(112)** Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... **(114)** desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “tás a ver”? **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das

salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

12.2. Sujeitos, Acções e Relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

12.2.1. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

12.2.1.1. *Aprendendo com os outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais*

(14) Aí, tal como esperávamos, não tivemos nenhuma comitiva de boas-vindas **(15)** e também nenhum currículo adaptado à nossa realidade pedagógica dos dois anos lectivos anteriores. **(16)** Pois é: podíamos ser uns alunos com um percurso pedagógico diferente dos demais, mas esse facto interessava a quem?! **(28)** Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos. **(41)** No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi. **(42)** com a troca de experiências com as colegas de grupo. **(49b)** Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica. **(51)** Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(52)** Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades.

(53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(55)** No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) **(56)** Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. **(57)** No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva. **(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que "... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional. **(73)** As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos **(74)** 1. Em Lisboa, onde os professores foram "condignamente" alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter "sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas - como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiii-rooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 - O "pobre" do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão),

entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(114)** Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

12.2.1.2. *Desenvolvendo-se como Profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação*

(33) deparei com um outro obstáculo: NÃO FOI CRIADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UM GRUPO ESPECÍFICO PARA A VARIANTE DESTES CURSOS RECENTES!!!! (47) Esta “9.^a maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. (48) A Área S.E. tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua. (49b) Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica (50) mas... NUNCA tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (61) “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. (62) No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual. (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” (64) “Querer é poder”. (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação.. (66) Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias (67) concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (68) (Terei sido candidata única?!). (69) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do

escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar, **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências! **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

12.2.2. Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

12.2.2.1. Comunidades Vivas na Senda da Mudança – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa, participando e tomando decisões, identificando e resolvendo problemas

(9) Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados **(10)** (soube há pouco tempo) pelo director da escola – o Dr. Gabriel David. **(12)** Chumbada (presumo eu) esta “magnífica experiência pedagógica”. **(21)** Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema “2 em 1”!!! **(51)** Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva **(59)** àquela colega e presente amiga, que teve a coragem de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: Antonieta Mós-

ca**(63)** Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação”. **(66)** Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias **(67)** concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(71)** (Uma reforma alentejana??!!) **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(85)** 1. Se a turma A fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio-cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? **(86)** E qual a qualidade do material elaborado? **(87)** Seria apelativo? **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(93)** e há pes-

soas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião,

claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

12.2.2.2. Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professora – influência dos alunos

(125) Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste

país top-model, fala-se da inclusão de todos em todo o lado... “Vivá Democracia”!(127) – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas, **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

12.3. Desenvolvimento do Professor – itinerários por (estreitos) corredores institucionais

12.3.1. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

12.3.1.1. *Aprendendo num Espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança*

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. (52) Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. (53) Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram (54) mas a nível informal... (55) No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) (56) Incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. (57) No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de orientação formal até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos dois meses seguintes: Maio e Junho! (63) Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” (64) “Querer é poder”. (65) Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (70) Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (73) As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos (74) 1. Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). 2. Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... (75) Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres (76) que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. (81) Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma (92) Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... (93) e há pessoas

que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... **(94)** por uns pagam todos!!! **(95)** Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças **(96)** talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência **(97)** mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(102)** A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos **dos** docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazero que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(117)** A imposição não é aliada de qualidade. **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”:

a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(119)** Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! **(120)** Uma verdadeira bomba, esta modernice! **(121)** Estilo g (escolas) em 1... “t’ás a ver”?**(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia!”**(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

–

– Então?! Não somos todos iguais?

–

– AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?!Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(135)** A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TeIPs... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(145)** Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional **(146)** e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. **(147)** Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico

que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

12.3.2. Quotidianos Escolares Complexos e Papéis da Professora

12.3.2.1. Agência e desenvolvimento – tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças

(51) Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. **(53)** Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram **(54)** mas a nível informal... **(58)** Tenho que agradecer a todos os colegas que, informalmente, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva **(98)** Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências **(99)** quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... **(100)** Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. **(101)** Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edibilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. **(111a)** Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... **(118)** Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. **(121)** Estilo 9 (escolas) em 1... “tás

a ver”? **(139)** A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpS... **(140)** com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei **(141)** tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. **(150)** Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar **(151)** mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências. **(64)** “Querer é poder”. **(65)** Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. **(70)** Em 1999, eis que surge mais uma espectacularaaaaaar reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. **(72)** Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos **(75)** Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres **(76)** que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. **(84)** Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: um profissional. **(88)** No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! **(89)** A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante **(90)** mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada **(91)** pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. **(92)** Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... **(103)** Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. **(104)** Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! **(105)** Qual a dura realidade? **(106)** 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta activida-

de... **(107)** e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... **(109)** O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que Imagem “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!! **(113)** Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! **(115a)** Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! **(122)** Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Dentro das salas de aula dos Profs. Do 2.º Ciclo **(123)** Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional! **(124)** Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! Imagem **(125)** Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! **(126)** Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “Vivá Democracia”!**(127)** – Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

-

- Então?! Não somos todos iguais?

-

- AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!

(128) E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais **(129)** os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. **(130)** Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. **(131)** Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avalia-

ção adaptadas para os menos iguais... **(132)** Lado positivo deste empenhamento pedagógico: **(133)** uma pesquisa mais aprofundada de materiais didáticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvaguardar a pseudo-individualização do ensino. **(134)** Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! **(136)** Devemos trocar impressões com os colegas **(137)** depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. **(138)** Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional. **(148)** muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didático que considere interessante explorar na sala de aula com os meus alunos **(149)** e nunca me arrependi de aprender. **(152)** Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha **(153)** que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... **(154)** Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa.

APÊNDICE 13 GUIÃO DE ANÁLISE – O CASO DE JOSÉ

13.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

13.1.1. Um Retrato de José

13.1.1.1. Aspectos Biográficos

(2) Tenho quase 27 anos de serviço, sendo 13 anteriores à profissionalização, um de estágio e os restantes após a profissionalização. (2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente (3) e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português nos 2.º e 3.º ciclos. (4) Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História (5) até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. (9) A entrada na profissão (10) A minha entrada na profissão docente foi mais um “acidente da vida” (11) do que uma vocação clara e de infância. (12) A conclusão do curso dos liceus (actual 11.º ano) coincidiu com algumas dificuldades económicas dos meus pais (13) e com a vinda do núcleo duro do meu grupo de amigos para a cidade de Évora. (14) Esse grupo de amigos, todos eles mais velhos, vinham iniciar o seu estágio profissional de medicina no Hospital Distrital (15) e eu ficaria sem “nada” que fazer em Lisboa e num ano em que não tinha obrigações estudantis. (6) Profissionalizado no 3.º CEB e Secundário, (7) optei por fixar-me numa escola com 3.º CEB, não tendo grande desejo de mudar de nível de ensino. (24) Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, (25) resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação (26) no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. (27) Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. (28) Era o dia 18 de Março de 1976 (29) e tinha apenas dezoito anos. (30) Não podia então imaginar que um “acidente da vida” (31) se iria revelar como uma realização profissional. (32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreaajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era

o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(110)** o que trouxe cada vez mais problemas. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à

minha escola. (133) Após um ano de trabalho na escola de Redondo (134) fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos (135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, (137) continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano (138) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (146) Continuei a querer ser professor de História (147) (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) (148) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico) (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas (211) ou os conselhos de turma. (214) Relembro que eram reuniões sempre muito longas (215) e em que a formação que dávamos (216) e recebíamos (217) era fruto da troca de experiências profissionais (218) ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica (219) e psicopedagógica mais avançada. (222) É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, (223) ou da taxonomia de Bloom (224) e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos (225) e poder-se ou não dar nível dois, etc. (226) Eram por vezes discussões acesas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação

muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didáticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didático, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(285)** É muito idealismo **(286)** e muita ingenuidade **(287)** para um homem de trinta anos, **(288)** mas acho que muitos de nós tivemos **(289)** e vivemos essa ingenuidade. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(313)** Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. **(314)** Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o regresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. **(315)** O curso de História em Letras era um curso científico, **(316)** sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. **(318)** Assim a preparação científica era exigente, por parte da

maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (391) Após a formação pedagógica e didáctica universitária, (392) a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. (394) Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, (395) na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. (399) Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (432) Da profissionalização à efectivação (433) Passei a ser professor contratado profissionalizado no ano lectivo de 1991/92. (434) Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). (438) Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal (439) e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. (440) As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão,

(445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (459) A título de exemplo realço o trabalho de investigação, (460) análise (461) e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, (462) e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo (463) e até de conferências de quadros sindicais (464) e com professores, (465) às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. (476) Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (500) O retorno à escola (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Quí-

mica desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (609) Parti para esta narrativa, (610) preocupado em fazer qualquer coisa de útil (606) para o trabalho de uma colega. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

13.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

13.1.2.1. Representando-se – contextos e influências na auto compreensão

(2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente (3) e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º

ciclo. **(4)** Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História **(5)** até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. **(24)** Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, **(25)** resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação **(26)** no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. **(27)** Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. **(29)** e tinha apenas dezoito anos. **(30)** Não podia então imaginar que um “acidente da vida” **(31)** se iria revelar como uma realização profissional. **(33)** O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreaajuda era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida

que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(110)** o que trouxe cada vez mais problemas. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos

(135) onde permaneci vários anos. (136) Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française,) e comecei a sentir um pouco de estabilidade (139) e pertença a uma escola. (140) O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital (141) e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações (142) permitia alguma transparência nas colocações (143) e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. (144) No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. (145) Era preciso acabar o curso. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (177) Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos (178) a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, (179) sobretudo os do 2.º CEB (180) que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB (181) e que tinham muito mais apoio documental (182) e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (191) Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. (192) Os professores de Francês da escola estiveram presentes (193) mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas (194) pois

diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profis-

sionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(285)** É muito idealismo **(286)** e muita ingenuidade **(287)** para um homem de trinta anos, **(288)** mas acho que muitos de nós tivemos **(289)** e vivemos essa ingenuidade. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(315)** O curso de História em Letras era um curso científico, **(316)** sem qualquer componente ou

preocupação pedagógica. (317) Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. (318) Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (322) De notar que estava por fazer uma história em Portugal (323) sem a pressão ou influências da censura fascista de antes do 25 de Abril. (324) Era uma altura em que a influência do marxismo e da historiografia francesa se faziam sentir intensamente. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, (334) desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos (335) que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (336) Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. (337) A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, (338) um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, (339) em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, (340) em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, (341) criou alguns problemas de habituação. (342) Depois compreendi que para ter boas notas em Évora (343) era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (344) De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (345) (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), (346) que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava (347) e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, (348) somente estudei os apontamentos das aulas. (351) As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. (352) É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia (354) e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. (355) Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. (356) Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. (357) Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta univer-

sidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. **(358)** De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(386)** Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. **(387)** Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. **(390)** Esta ambiguidade foi contraproducente **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes

técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(434)** Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). **(435)** Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeada-

mente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (487) Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, (488) tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país (489) e sendo sempre contratado. (497) De facto é difícil continuar motivado para a profissão, (498) mas ainda estou. (499) Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (501) O meu retorno a tempo inteiro à escola de Santa Clara coincidiu com a introdução da experiência da Gestão Flexível do Currículo no segundo ciclo. (508) A par com esta “reforma” (509) foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º115, (510) nomeadamente nas constantes alterações (511) a que foi sujeito o Regulamento Interno. (512) Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA (513) e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. (516) Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado (517) a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. (518) Essa tomada de decisão (519) obrigou a inúmeras reuniões de grupo, (520) de departamento (521) e do pedagógico. (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (553) Creio que todas estas

reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de ciclo **(572)** e para avaliar o trabalho dos professores **(573)** (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), **(574)** leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opinião pública **(577)** do nosso trabalho **(578)** têm-me trazido um sentimento crescente **(579)** de desencanto **(580)** e de alguma demissão **(581)** nos processos de discussão sobre aspectos da educação **(582)** e do ensino. **(583)** Acho que já não vale a pena **(584)** e que independentemente das propostas dos professores, **(585)** os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, **(586)** por vezes pouco claros objectivos **(604)** Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, **(605)** educador **(606)** e formador **(607)** com os meus alunos.

13.1.2.2. Construindo-se Profissional – desejando e concretizando

(2a) Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente **(3)** e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º ciclo. **(4)** Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História **(5)** até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. **(32)** De estudante e professor a professor/estudante **(33)** O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, **(34)** e representou uma experiência, **(35)** que passados uns anos, avalio como determinante. **(36)** Na escola, os professores efectivos eram poucos **(37)** e eram ainda menos os licenciados. **(38)** O sentido de entreatajuda era enorme **(39)** e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, **(40)** pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o

meu. **(41)** Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor **(42)** e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. **(43)** É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, **(44)** como “autoridade” **(45)** ou no meu saber, por qualquer aluno. **(46)** É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo **(47)** que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, **(48)** questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(61a)** Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchem os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(87)** As medidas economicistas não são novidade de agora. **(88)** É curioso referir

como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(109)** Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados **(110)** o que trouxe cada vez mais problemas. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)** pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nes-

ta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de

conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conheci-

mentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(231)** Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. **(232)** Estas provocaram a minha curiosidade **(233)** e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didáticos **(234)** para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didático, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser pro-

fessor (276) e que juntos (277) conseguiriam ser reconhecidos (278) e valorizados. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (303) O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e (304) tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (318) Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, (319) e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, (320) com metodologias científicas (321) e com uma perspectiva e abordagem novas. (325) O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, (326) por trabalhos (de grupo ou individuais) (327) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. (328) Mas fazia crescer intelectualmente, (329) fazia aumentar o poder crítico (330) e a reflexão. (331) Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. (332) Não sendo um modelo perfeito, (333) muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade

de estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, **(334)** desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos **(335)** que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. **(336)** Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. **(337)** A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, **(338)** um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, **(339)** em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, **(340)** em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, **(341)** criou alguns problemas de habituação. **(342)** Depois compreendi que para ter boas notas em Évora **(343)** era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. **(344)** De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos **(345)** (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(351)** As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. **(352)** É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia **(354)** e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. **(356)** Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. **(357)** Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. **(358)** De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos.

(371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(386)** Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. **(387)** Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. **(388)** pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, **(389)** que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. **(390)** Esta ambiguidade foi contraproducente **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação

de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito

conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(448)** Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 **(449)** e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(467)** Muitos outros temas tiveram também muita análise, **(468)** reflexão pessoal **(469)** e colectiva, **(470)** nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes **(471)** e os seus efeitos na qualidade das escolas, **(472)** avaliação, **(473)** gestão escolar e modelos de organização, **(474)** comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. **(475)** Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. **(476)** Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(487)** Desde a profissio-

nalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para restringir as despesas correntes. **(494)** Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação **(495)** e os professores **(496)** como uma despesa e não como um investimento. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º115 A, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(514)** No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, **(515)** continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma

experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de ciclo **(572)** e para avaliar o trabalho dos professores **(573)** (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), **(574)** leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opinião pública **(577)** do nosso trabalho **(578)** têm-me trazido um sentimento crescente **(579)** de desencanto **(580)** e de alguma demissão **(581)** nos processos de discussão sobre aspectos da educação **(582)** e do ensino. **(583)** Acho que já não vale a pena **(584)** e que independentemente das propostas dos professores, **(585)** os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, **(586)** por vezes pouco claros objectivos. **(587)** No

entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

13.1.3. Entre Crenças Atitudes e Valores – itinerários e aprendizagens

13.1.3.1. *A pessoa e profissional em transformação – o valor dos espaços, dos momentos, acontecimentos e gente*

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações

pedagógicas e didáticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(150)** (anos em que o ensino unificado se procurava

afirmar em relação ao modelo liceal) **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões ace-

sas, (227) que muitas vezes nos punham em causa, (228) mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos (229) que o sistema nos obrigava a cumprir (230) (sem termos tido formação muitos de nós). (231) Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. (232) Estas provocaram a minha curiosidade (233) e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos (234) para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. (238) As reuniões formais onde também se planificava, (239) o apoio das delegadas de grupo que tive, (240) a elaboração de testes e materiais em conjunto (241) e a sua partilha, (242) vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto (243) e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. (244) Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas (245) para também poder acabar o curso. (246) De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional (247) ou de habilitações superior ao meu, (248) nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (255) Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, (256) foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, (257) foi um período riquíssimo de reuniões (258) de aspectos políticos, (259) sindicais, (260) profissionais (261) e pedagógicos (262) e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (263) Nestes anos participei em imensas discussões (264) (por vezes bastante acaloradas), (265) em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, (266) participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, (267) e concluí as cadeiras da minha licenciatura. (268) Foram anos de intensa formação (269) formal e informal. (270) Foram anos de intenso trabalho, (271) de grande cansaço (272) mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (273) É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e

de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(337)** A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, **(338)** um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, **(339)** em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, **(340)** em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, **(341)** criou alguns problemas de habituação. **(342)** Depois compreendi que para ter boas notas em Évora **(343)** era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. **(344)** De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos **(345)** (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames

como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(410)** Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, **(411)** em suma um sistema educativo com mais sucesso, **(412)** todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua ex-

periência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(435)** Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado **(436)** e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido **(437)** e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. **(438)** Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal **(439)** e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(448)** Pensar que os sindicatos só discutem questões salariais e de natureza laboral é sinónimo de ignorância sobre o papel dos sindicatos dos professores no desenvolvimento do sistema educativo desde o 1974 **(449)** e no combate ao retorno a políticas educativas e exclusivas que se têm pretendido instituir. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(467)** Muitos outros temas tiveram também muita análise, **(468)**

reflexão pessoal (469) e colectiva, (470) nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes (471) e os seus efeitos na qualidade das escolas, (472) avaliação, (473) gestão escolar e modelos de organização, (474) comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. (475) Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. (477) Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, (478) nomeadamente o cansaço, (479) a saturação da vida política activa (480) e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais (481) mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente (522) Nessa altura era chefe de departamento (523) e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de ob-

jectivos. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de ciclo **(572)** e para avaliar o trabalho dos professores **(573)** (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), **(574)** leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opinião pública **(577)** do nosso trabalho **(578)** têm-me trazido um sentimento crescente **(579)** de desencanto **(580)** e de alguma demissão **(581)** nos processos de discussão sobre aspectos da educação **(582)** e do ensino. **(583)** Acho que já não vale a pena **(584)** e que independentemente das propostas dos professores, **(585)** os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, **(586)** por vezes pouco claros objectivos. **(587)** No entanto, esta descrença nas opções do sistema **(588)** não tem diminuído a convicção que os professores **(589)** e as escolas públicas **(590)** têm vindo a evoluir **(591)** e que fazem, geralmente, **(592)** um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos **(593)** apesar dos deficientes apoios que têm **(594)** e das situações cada vez mais complexas que encontram. **(624)** Ser um bom professor aprende-se **(625)** através das vivências **(626)** e não através de inúmeros estudos teóricos, **(627)** muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem **(628)** (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) **(629)** que ser professor é ser um actor **(630)** do imediato, **(631)** que apesar das necessárias preparações científicas **(632)** e pedagógicas **(633)** e das necessárias preparações **(634)** de unidades e de aulas, **(635)** o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação **(636)** ao momento que o professor deve ter, **(637)** que a intuição **(638)** e uma reflexão contínua **(639)** sobre factores não quantificáveis, **(640)** muitas vezes subjectivos **(641)** é que são determinantes na nossa profissão. **(642)** São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa **(643)** e educacional **(644)** determinante **(645)** nos nossos alunos. **(652)** Fico, agora, **(653)** ainda mais convicto **(654)** que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica **(655)** e que a burocratização, **(656)** a procura de quantificações **(657)** e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos **(658)** estão lentamente **(659)** a esgotar **(660)** e a esvaziar **(661)** os professores da sua alma.

13.1.3.2. *Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares*

(36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61a) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (74) Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações (75) e, pela primeira vez, (76) verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (77) (e por vezes efectivos) (78) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente (79) ou não possuíam licenciatura. (81) De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos (82) e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (92) Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, (98) não tendo em conta que todos já ti-

nham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(149)** No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos **(151)** convém realçar os seguintes aspectos: **(152)** fui director de turma dois anos **(153)** depois, como já referi, deixei de o poder ser, **(154)** fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. **(155)** Também não havia formalmente grupo disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma ac-

ção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões aceras, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se com-

preenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(285)** É muito idealismo **(286)** e muita ingenuidade **(287)** para um homem de trinta anos, **(288)** mas acho que muitos de nós tivemos **(289)** e vivemos essa ingenuidade. **(290)** Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão **(291)** e sobretudo descrença nas políticas dos governos **(292)** e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude

dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(541)** Pena que essa auto-formação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de

desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (553) Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), (554) a par com indefinições, (555) desvalorizações (556) e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, (557) levam a alguma saturação (558) e sentimento de desalento entre o corpo docente. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola.

13.2. Sujeitos, Acções e Relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

13.2.1. Construindo-se profissional em diferentes ambientes e circunstâncias

13.2.1.1. *Aprendendo com os outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais*

(38) O sentido de entreajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de gru-

po, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(111)** Os colegas da universidade prosseguiam os seus estudos **(112)** e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. **(113)** Esta situação **(114)** e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras **(115)** faziam com que o curso superior fosse marcando passo. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do

2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua

partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(325)** O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, **(326)** por trabalhos (de grupo ou individuais) **(327)** obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. **(328)** Mas fazia crescer intelectualmente, **(329)** fazia aumentar o poder crítico **(330)** e a reflexão. **(331)** Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. **(332)** Não sendo um modelo perfeito, **(333)** muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, **(334)** desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos **(335)** que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar.

(426) Um clima de trabalho assente na autoformação (427) e no trabalho colectivo da escola (428) poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas (429) e por catálogo, (430) muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (440) As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, (441) as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof (442) com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, (443) reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, (444) foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, (445) o contacto com alunos, (446) com os colegas (447) e com a comunidade educativa. (450) A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão (451) e o meu papel como educador, (452) formador (453) e professor (454) foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (455) Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões (456) e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos (457) e do sistema educativo (458) e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. (482) Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), (483) a não participação nas reuniões (484) e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato (485) e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato (486) levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (504) Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. (505) Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (506) A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico (507) e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (524) Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. (525) Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB (526) e após ter sido desenhado o currículo da escola (527) e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, (528) processo que não fácil (529) mas que correu bem (530) e com consenso na escola, (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540)

de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (611) Após uma reflexão (612) sobre a minha actuação enquanto professor, (613) tenho uma muito mais sólida convicção (614) que a profissão docente se vai construindo (615) sobretudo através de experiências pessoais (616) e experiências de grupo. (617) Esse grupo (618) vai do mero colega, um só, (619) ao grupo disciplinar, (620) departamento (621) e até às vivências profissionais (622) e pessoais (623) que se vão adquirindo na escola.

13.2.1.2. *Desenvolvendo-se como Profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação*

(32) De estudante e professor a professor/estudante (33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (38) O sentido de entreatajuda era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração (68) e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, (69) tenha corrido sem problemas (70) e com aprovação pelos órgãos da escola. (71) O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. (72) Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, (73) também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (88) É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, (89) nomeadamente em Évora – (90) no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” (91) e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. (93) Eu senti muitas vezes essa atitude, (94) sobretudo quando era mais novo (95) e não profissionalizado. (96) A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. (97) Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos

posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(183)** Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. **(191)** Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a

realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(303)** O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas

de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(312)** A formação inicial – duas universidades, dois modelos, e formação contínua **(313)** Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. **(314)** Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. **(315)** O curso de História em Letras era um curso científico, **(316)** sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. **(317)** Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. **(318)** Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, **(319)** e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, **(320)** com metodologias científicas **(321)** e com uma perspectiva e abordagem novas. **(325)** O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, **(326)** por trabalhos (de grupo ou individuais) **(327)** obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. **(328)** Mas fazia crescer intelectualmente, **(329)** fazia aumentar o poder crítico **(330)** e a reflexão. **(331)** Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. **(332)** Não sendo um modelo perfeito, **(333)** muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, **(334)** desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos **(335)** que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. **(336)** Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. **(337)** A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, **(338)** um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, **(339)** em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, **(340)** em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, **(341)** criou alguns problemas de habituação. **(342)** Depois compreendi que para ter boas notas em Évora **(343)** era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes **(346)** que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava **(347)** e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, **(348)** somente estudei os apontamentos das aulas. **(349)** Creio que não é abonatório em relação à qualidade do ensino superior. **(350)** Um outro aspecto que me desiludiu foi a maneira como foi tratado o problema das duas cadeiras semestrais de Economia que havia no currículo do curso de História. **(351)** As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. **(352)** É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia **(354)** e o programa era

o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. **(355)** Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. **(356)** Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. **(357)** Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. **(358)** De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. **(387)** Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. **(390)** Esta ambiguidade foi contraproducente **(388)** pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, **(389)** que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(393)** As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino uni-

versitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(431)** Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. **(440)** As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, **(441)** as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof **(442)** com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, **(443)** reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, **(444)** foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, **(445)** o contacto com alunos, **(446)** com os colegas **(447)** e com a comunidade educativa. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também

elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. (531) foram realizadas várias reuniões (532) para formar os professores do 3.º CEB (533) nas novas áreas disciplinares. (534) Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo (535) e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência (536) e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (541) Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME (542) ou até pela opinião pública. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos.

13.2.2. Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

13.2.2.1. *Comunidades Vivas na Senda da Mudança – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa, participando e tomando decisões, identificando e resolvendo problemas*

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreadjuva era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo

menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(131)** De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores **(132)** porque o programa oficial também faltava em Évora. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(155)** Também não havia formalmente grupo

disciplinar, **(156)** pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. **(157)** Não podia por isso haver grupo disciplinar. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(177)** Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos **(178)** a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, **(179)** sobretudo os do 2.º CEB **(180)** que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB **(181)** e que tinham muito mais apoio documental **(182)** e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. **(184)** Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação **(185)** sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras **(186)** ao que esta direcção geral respondeu **(187)** que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos **(188)** no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo **(189)** e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. **(190)** De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo **(191)** Noutra circunstância a referida Direcção Geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. **(192)** Os professores de Francês da escola estiveram presentes **(193)** mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas **(194)** pois diziam respeito a outra disciplina. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(201)** Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspecção Geral de Ensino **(202)** e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector **(203)** que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores **(204)** que nunca tinham tido qualquer formação para tal. **(205)** Formalmente essa reunião não aconteceu, **(206)** mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. **(207)** Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos **(208)** ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola **(209)** ou de turma, **(210)** os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era

fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(235)** Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(304)** tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccio-

nar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(514)** No final do ano lectivo de 1999/2000 era preciso decidir o que fazer com os alunos que estavam a concluir o 2.º CEB, **(515)** continuariam com o novo currículo ou o 3.º CEB só entraria nesse currículo quando todas as escolas o fizessem. **(516)** Sabendo que a Gestão Flexível do Currículo iria ser generalizado **(517)** a escola decidiu entrar nessa gestão no ano de 2000/2001. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham

produzido. (537) Foi uma experiência profissional muito positiva (538) e que me demonstrou a enorme qualidade (539) e dedicação ao ensino (540) de muitos dos meus colegas. (543) Foram períodos de muito trabalho (544) mas com um grande enriquecimento. (545) Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências (546) e acertos no currículo, (547) nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. (548) Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas (549) e das experiências de aprendizagem (550) derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos (551) e não em termos de objectivos. (552) A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. (559) É de notar que a escola tem o cuidado (560) de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, (561) em que os professores da escola procuram trocar experiências, (562) sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares (563) e da implementação dos projectos curriculares de turma.

13.2.2.2. *Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professor – influência dos alunos*

(49) Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (50) (por ventura imaturidade) (51) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos (52) que somente pretendia subir de posto no emprego, (53) agora, ao fim de quase 27 anos, (54) esse mesmo tipo de “benevolência” (55) alicerça-se em sensibilidade (56) e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação (57) e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, (58) é reflectir (59) em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (279) Lembro-me de ter dito à minha mulher, (280) também professora, (281) por volta de 1990, (282) que os professores seriam reconhecidos (283) e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado (284) pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. (285) É muito idealismo (286) e muita ingenuidade (287) para um homem de trinta anos, (288) mas acho que muitos de nós tivemos (289) e vivemos essa ingenuidade. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com

enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas. **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a coloca-

ção de, pelo menos, um destes técnicos na escola, (398) a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. (431) Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (595) Com filhos no sistema educativo, (596) creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, (597) têm conhecimentos muito mais diversificados (598) e conceitos muito mais difíceis para aprender, (599) se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. (600) O problema não está nos alunos (601) ou nos professores que os ensinam, (602) mas sobretudo nos difíceis e extensos programas (603) e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país.

13.3. Desenvolvimento do Professor – itinerários por (estreitos) corredores institucionais

13.3.1. Acomodando Mudanças ou Refazendo Identidades?

13.3.1.1. *Aprendendo num Espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança*

(60) Voltando a este meu primeiro ano, (61) foi muito importante a minha delegada de grupo. (61a) Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, (62) e apoiou-me bastante na preparação das aulas (63) seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais (64) e não a cópia daquilo que fizeram comigo. (65) Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança (66) necessária a qualquer professor. (67) É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a

conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchem os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(82)** e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(87)** As medidas economicistas não são novidade de agora. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(106)** O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz **(107)** e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. **(108)** É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. **(116)** Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” **(117)**

pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. **(118)** Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas **(127)** e amigas pessoais que tive numa escola em Évora **(128)** que me ajudaram a preparar as aulas **(129)** e a coligir os materiais necessários para leccionar **(130)** até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. **(140)** O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital **(141)** e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações **(142)** permitia alguma transparência nas colocações **(143)** e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. **(144)** No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. **(145)** Era preciso acabar o curso. **(146)** Continuei a querer ser professor de História **(147)** (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) **(148)** e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. **(158)** Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo **(159)** ou pagamento das horas para reunião de grupo, **(160)** recusei fazê-las com carácter sistemático. **(161)** Quando os professores do grupo se reuniam informalmente **(162)** era para conversar sobre o andamento das aulas **(163)** e da leccionação dos programas **(164)** e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. **(165)** É curioso, ao relembrar o meu passado profissional **(166)** verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, **(167)** boa vontade **(168)** e aposta de muitos professores, **(169)** que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. **(170)** Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham **(171)** eram o direito a faltar na véspera e dia de exame **(172)** e não o pagamento de propinas na universidade. **(173)** Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam **(174)** nunca foi aposta do Ministério da Educação **(175)** não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário **(176)** ou outro tipo de regalia. **(195)** A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos **(196)** foi uma formação clandestina e ilegal. **(197)** Foi realizada por um inspector de ensino **(198)** que foi “ensinar” os professores da escola **(199)** a calendarizarem as actividades lectivas **(200)** e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. **(210)** os espaços mais formativos eram as

conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(267)** e concluí as cadeiras da minha licenciatura. **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia inten-

samente nas escolas (274) e era por vezes contagiante. (290) Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão (291) e sobretudo descrença nas políticas dos governos (292) e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. (293) Mas creio que somos uma profissão com enormes energias (294) e exemplo disso é a Escola de Santa Clara (295) que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo (296) e os professores da escola investiram (297) e apostaram forte (298) e com enorme empenho. (299) Somos resistentes. (300) Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara (301) foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal (302) e de experiências pedagógicas. (305) Foi uma experiência excepcional (306) pois verifiquei que era possível leccionar em par (307) ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (308) Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, (309) para prepararmos as duas horas de aula semanais, (310) e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados (311) e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas (312) ou eventuais divergências. (313) Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas (359) Há mudanças curriculares, (360) há discussões em torno dos programas, (361) da sua dimensão, (362) ou até, em torno da sua concepção. (363) É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. (364) Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, (365) o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos (366) e de dimensões já há muito exageradas. (367) Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, (368) de todas as novidades científicas (369) que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. (370) Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. (371) É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, (372) e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. (373) Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, (374) e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (375) Creio que o percurso não está a ser esse, (376) e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, (377) estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas

a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(386)** **(391)** Após a formação pedagógica e didáctica universitária, **(392)** a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. **(394)** Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, **(395)** na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(399)** Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe actualmente no ensino básico. **(477)** Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, **(478)** nomeadamente o cansaço, **(479)** a saturação da vida política activa **(480)** e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais **(481)** mas passam a vida a dizer

que os sindicatos não fazem nada. **(482)** Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), **(483)** a não participação nas reuniões **(484)** e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato **(485)** e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato **(486)** levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)**

a constante referência à necessidade de exames (571) para saber se os alunos devem passar de ciclo (572) e para avaliar o trabalho dos professores (573) (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), (574) leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (575) Para mim, estes factores assim como a constante não valorização (576) até pela opinião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país. (652) Fico, agora, (653) ainda mais convicto (654) que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica (655) e que a burocratização, (656) a procura de quantificações (657) e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos (658) estão lentamente (659) a esgotar (660) e a esvaziar (661) os professores da sua alma.

13.3.2. Quotidianos Escolares Complexos e Papéis do Professor

13.3.2.1. *Agência e desenvolvimento – tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças*

(33) O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, (34) e representou uma experiência, (35) que passados uns anos, avalio como determinante. (36) Na escola, os professores efectivos eram poucos (37) e eram ainda menos os licenciados. (38) O sentido de entreadjuva era enorme (39) e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, (40) pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. (41) Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor (42) e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (43) É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, (44) como “autoridade” (45) ou no meu saber, por qualquer aluno. (46) É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo (47) que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, (48) questionou as minhas avaliações

em relação a um aluno. **(65)** Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança **(66)** necessária a qualquer professor. **(67)** É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração **(68)** e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, **(69)** tenha corrido sem problemas **(70)** e com aprovação pelos órgãos da escola. **(71)** O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. **(72)** Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, **(73)** também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. **(74)** Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações **(75)** e, pela primeira vez, **(76)** verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados **(77)** (e por vezes efectivos) **(78)** em relação aos professores que tinham habilitação suficiente **(79)** ou não possuíam licenciatura. **(80)** Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. **(81)** De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(93)** Eu senti muitas vezes essa atitude, **(94)** sobretudo quando era mais novo **(95)** e não profissionalizado. **(96)** A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. **(97)** Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, **(98)** não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. **(99)** Preconceitos de muitos **(100)** que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, **(101)** aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas **(102)** como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. **(103)** É a perspectiva elitista **(104)** que recupera agora **(105)** na nova lei de bases do sistema educativo. **(133)** Após um ano de trabalho na escola de Redondo **(134)** fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos **(135)** onde permaneci vários anos. **(136)** Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, **(137)** continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano **(138)** e comecei a sentir um pouco de estabilidade **(139)** e pertença a uma escola. **(236)** Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas

e administrativas consolidadas. **(237)** A diferença era abissal. **(238)** As reuniões formais onde também se planificava, **(239)** o apoio das delegadas de grupo que tive, **(240)** a elaboração de testes e materiais em conjunto **(241)** e a sua partilha, **(242)** vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto **(243)** e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. **(244)** Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas **(245)** para também poder acabar o curso. **(246)** De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional **(247)** ou de habilitações superior ao meu, **(248)** nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. **(396)** Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. **(397)** Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, **(398)** a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. **(502)** Foi uma aposta muito grande por parte do órgão de gestão **(503)** e dos professores do 2.º CEB. **(504)** Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. **(505)** Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. **(506)** A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico **(507)** e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. **(518)** Essa tomada de decisão **(519)** obrigou a inúmeras reuniões de grupo, **(520)** de departamento **(521)** e do pedagógico. **(522)** Nessa altura era chefe de departamento **(523)** e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. **(524)** Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. **(525)** Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB **(526)** e após ter sido desenhado o currículo da escola **(527)** e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, **(528)** processo que não fácil **(529)** mas que correu bem **(530)** e com consenso na escola, **(531)** foram realizadas várias reuniões **(532)** para formar os professores do 3.º CEB **(533)** nas novas áreas disciplinares. **(534)** Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo **(535)** e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência **(536)** e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. **(537)** Foi uma experiência profissional muito positiva **(538)** e que me demonstrou a enorme qualidade **(539)** e dedicação ao ensino **(540)** de muitos dos meus colegas. **(545)** Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências **(546)** e acertos no currículo, **(547)** nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-

-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. **(548)** Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas **(549)** e das experiências de aprendizagem **(550)** derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos **(551)** e não em termos de objectivos. **(552)** A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. **(559)** É de notar que a escola tem o cuidado **(560)** de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, **(561)** em que os professores da escola procuram trocar experiências, **(562)** sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares **(563)** e da implementação dos projectos curriculares de turma. **(49)** Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição **(50)** (por ventura imaturidade) **(51)** e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos **(52)** que somente pretendia subir de posto no emprego, **(53)** agora, ao fim de quase 27 anos, **(54)** esse mesmo tipo de “benevolência” **(55)** alicerça-se em sensibilidade **(56)** e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação **(57)** e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, **(58)** é reflectir **(59)** em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. **(60)** Voltando a este meu primeiro ano, **(61)** foi muito importante a minha delegada de grupo. **(62)** e apoiou-me bastante na preparação das aulas **(63)** seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais **(64)** e não a cópia daquilo que fizeram comigo. **(83)** De notar ainda que as medidas governamentais, **(84)** como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria **(85)** e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, **(86)** marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. **(88)** É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, **(89)** nomeadamente em Évora – **(90)** no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do miniconcurso” **(91)** e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. **(92)** Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. **(119)** A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período **(120)** e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. **(121)** O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. **(122)** Mas o que mais curioso teve este ano lectivo **(123)** foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro **(124)** e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação **(125)** só terem chegado no final do 2.º Período. **(126)** Valeu-me o extraordinário apoio de colegas

(127) e amigas pessoais que tive numa escola em Évora (128) que me ajudaram a preparar as aulas (129) e a coligir os materiais necessários para leccionar (130) até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. (131) De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores (132) porque o programa oficial também faltava em Évora. (149) No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (150) (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) (151) convém realçar os seguintes aspectos: (152) fui director de turma dois anos (153) depois, como já referi, deixei de o poder ser, (154) fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (155) Também não havia formalmente grupo disciplinar, (156) pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. (157) Não podia por isso haver grupo disciplinar. (158) Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo (159) ou pagamento das horas para reunião de grupo, (160) recusei fazê-las com carácter sistemático. (161) Quando os professores do grupo se reuniam informalmente (162) era para conversar sobre o andamento das aulas (163) e da leccionação dos programas (164) e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (165) É curioso, ao relembrar o meu passado profissional (166) verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, (167) boa vontade (168) e aposta de muitos professores, (169) que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. (170) Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham (171) eram o direito a faltar na véspera e dia de exame (172) e não o pagamento de propinas na universidade. (173) Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam (174) nunca foi aposta do Ministério da Educação (175) não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário (176) ou outro tipo de regalia. (195) A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos (196) foi uma formação clandestina e ilegal. (197) Foi realizada por um inspector de ensino (198) que foi “ensinar” os professores da escola (199) a calendarizarem as actividades lectivas (200) e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. (201) Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeção Geral de Ensino (202) e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector (203) que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores (204) que nunca tinham tido qualquer formação para tal. (207) Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos (208) ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola (209) ou de turma, (210) os espaços mais for-

mativos eram as conversas com os colegas **(211)** ou os conselhos de turma. **(212)** Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, **(213)** mas havia um grande diálogo entre os professores. **(214)** Relembro que eram reuniões sempre muito longas **(215)** e em que a formação que dávamos **(216)** e recebíamos **(217)** era fruto da troca de experiências profissionais **(218)** ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica **(219)** e psicopedagógica mais avançada. **(220)** Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, **(221)** havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. **(222)** É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, **(223)** ou da taxonomia de Bloom **(224)** e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos **(225)** e poder-se ou não dar nível dois, etc. **(226)** Eram por vezes discussões acesas, **(227)** que muitas vezes nos punham em causa, **(228)** mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos **(229)** que o sistema nos obrigava a cumprir **(230)** (sem termos tido formação muitos de nós). **(249)** Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, **(250)** da profissionalização em exercício, **(251)** das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, **(252)** dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, **(253)** era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) **(254)** e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. **(255)** Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, **(256)** foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, **(257)** foi um período riquíssimo de reuniões **(258)** de aspectos políticos, **(259)** sindicais, **(260)** profissionais **(261)** e pedagógicos **(262)** e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. **(263)** Nestes anos participei em imensas discussões **(264)** (por vezes bastante acaloradas), **(265)** em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, **(266)** participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, **(268)** Foram anos de intensa formação **(269)** formal e informal. **(270)** Foram anos de intenso trabalho, **(271)** de grande cansaço **(272)** mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. **(273)** É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas **(274)** e era por vezes contagiante. **(275)** Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor **(276)** e que juntos **(277)** conseguiriam ser reconhecidos **(278)** e valorizados. **(279)** Lembro-me de ter dito à minha mulher, **(280)** também professora, **(281)** por volta de 1990, **(282)** que os professores seriam reconhecidos **(283)** e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado **(284)** pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. **(290)** Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frus-

tração, desilusão **(291)** e sobretudo descrença nas políticas dos governos **(292)** e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. **(293)** Mas creio que somos uma profissão com enormes energias **(294)** e exemplo disso é a Escola de Santa Clara **(295)** que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo **(296)** e os professores da escola investiram **(297)** e apostaram forte **(298)** e com enorme empenho. **(299)** Somos resistentes. **(300)** Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara **(301)** foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal **(302)** e de experiências pedagógicas **(305)** Foi uma experiência excepcional **(306)** pois verifiquei que era possível leccionar em par **(307)** ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). **(308)** Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, **(309)** para prepararmos as duas horas de aula semanais, **(310)** e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados **(311)** e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas **(312)** ou eventuais divergências. **(313)** Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. **(359)** Há mudanças curriculares, **(360)** há discussões em torno dos programas, **(361)** da sua dimensão, **(362)** ou até, em torno da sua concepção. **(363)** É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. **(364)** Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, **(365)** o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos **(366)** e de dimensões já há muito exageradas. **(367)** Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, **(368)** de todas as novidades científicas **(369)** que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. **(370)** Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. **(371)** É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, **(372)** e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. **(373)** Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, **(374)** e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. **(375)** Creio que o percurso não está a ser esse, **(376)** e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, **(377)** estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. **(378)** Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. **(379)** Esta discussão

está neste momento a ser feita fora da escola, **(380)** está a ser feita junto do poder governamental. **(382)** No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. **(383)** Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, **(384)** poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente **(385)** e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. **(400)** Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, **(401)** que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. **(402)** Não me parece que se esteja a fazer isso. **(403)** A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, **(404)** aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. **(405)** Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, **(406)** desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. **(407)** Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, **(408)** talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino **(409)** esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. **(413)** Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. **(414)** É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores **(415)** mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes **(416)** ou a mandona sobre as outras escolas. **(417)** Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, **(418)** mas tendo sempre em conta que a qualidade **(419)** e valor acrescentado de um professor **(420)** advém da sua experiência **(421)** e das vivências, **(422)** onde devemos integrar a formação contínua. **(423)** Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, **(424)** lacunas no corpo docente de uma escola, **(425)** devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. **(426)** Um clima de trabalho assente na autoformação **(427)** e no trabalho colectivo da escola **(428)** poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas **(429)** e por catálogo, **(430)** muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. **(450)** A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão **(451)** e o meu papel como educador, **(452)** formador **(453)** e professor **(454)** foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. **(455)** Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões **(456)** e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos **(457)** e do sistema educativo **(458)** e na forma como me empenhei na Gestão Flexível do Currículo que existe

actualmente no ensino básico. **(459)** A título de exemplo realço o trabalho de investigação, **(460)** análise **(461)** e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, **(462)** e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo **(463)** e até de conferências de quadros sindicais **(464)** e com professores, **(465)** às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. **(466)** Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma **(487)** Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, **(488)** tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país **(489)** e sendo sempre contratado. **(490)** É no mínimo curioso que um país se dê ao luxo de correr o risco de perder um profissional **(491)** com mais de treze anos de experiência **(492)** e saber profissional **(493)** só para restringir as despesas correntes. **(494)** Isto é, em Portugal continua a considerar-se a educação **(495)** e os professores **(496)** como uma despesa e não como um investimento. **(497)** De facto é difícil continuar motivado para a profissão, **(498)** mas ainda estou. **(499)** Sintoma do masoquismo e fatalismo português? **(508)** A par com esta “reforma” **(509)** foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º115, **(510)** nomeadamente nas constantes alterações **(511)** a que foi sujeito o Regulamento Interno. **(512)** Estas alterações surgiram sobretudo devido aos atrasos da homologação por parte da DREA **(513)** e por constantes alterações legais por parte do Ministério de Educação. **(541)** Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME **(542)** ou até pela opinião pública. **(543)** Foram períodos de muito trabalho **(544)** mas com um grande enriquecimento. **(553)** Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), **(554)** a par com indefinições, **(555)** desvalorizações **(556)** e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, **(557)** levam a alguma saturação **(558)** e sentimento de desalento entre o corpo docente. **(564)** Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, **(565)** o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular **(566)** e ser muito mais elitista **(567)** (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), **(568)** a constante referência à necessidade de avaliação das escolas **(569)** e dos professores, **(570)** a constante referência à necessidade de exames **(571)** para saber se os alunos devem passar de ciclo **(572)** e para avaliar o trabalho dos professores **(573)** (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), **(574)** leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. **(575)** Para mim, estes factores assim como a constante não valorização **(576)** até pela opi-

nião pública (577) do nosso trabalho (578) têm-me trazido um sentimento crescente (579) de desencanto (580) e de alguma demissão (581) nos processos de discussão sobre aspectos da educação (582) e do ensino. (583) Acho que já não vale a pena (584) e que independentemente das propostas dos professores, (585) os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, (586) por vezes pouco claros objectivos. (587) No entanto, esta descrença nas opções do sistema (588) não tem diminuído a convicção que os professores (589) e as escolas públicas (590) têm vindo a evoluir (591) e que fazem, geralmente, (592) um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos (593) apesar dos deficientes apoios que têm (594) e das situações cada vez mais complexas que encontram. (604) Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, (605) educador (606) e formador (607) com os meus alunos. (624) Ser um bom professor aprende-se (625) através das vivências (626) e não através de inúmeros estudos teóricos, (627) muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (628) (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) (629) que ser professor é ser um actor (630) do imediato, (631) que apesar das necessárias preparações científicas (632) e pedagógicas (633) e das necessárias preparações (634) de unidades e de aulas, (635) o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação (636) ao momento que o professor deve ter, (637) que a intuição (638) e uma reflexão contínua (639) sobre factores não quantificáveis, (640) muitas vezes subjectivos (641) é que são determinantes na nossa profissão. (642) São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa (643) e educacional (644) determinante (645) nos nossos alunos. (646) O saber só é útil (647) se produzir o bem (647) e a felicidade (648) nos que nos rodeiam (649) e sobretudo naqueles que construirão, (650) com humanidade e saber, (651) o futuro e riqueza deste país.

APÊNDICE 14 GUIÃO DE ANÁLISE – O CASO DE FILIPA

14.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajetórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

14.1.1. Um Retrato de Filipa

14.1.1.1. *Aspectos Biográficos*

Anos de escolaridade que lecciono: 5.º e 6.º anos

Número de anos de serviço nesta Escola: 16 anos

Curso de Formação Inicial: Licenciatura em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

Ano de conclusão do curso: 1987

Ano de nascimento: 1963

Primeiro contacto com o Projecto de Gestão Flexível: 1997

Ano de adesão ao Projecto: 1997

14.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

14.1.2.1. *Representando, desejando e concretizando – Itinerários e aprendizagens entre crenças atitudes e valores*

(1) Os sonhos começam como? **(2)** É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. **(3)** Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? **(4)** Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, **(5)** ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo de 96/97. **(25)** Já que isto vai ao sabor dos dedos, **(26)** lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara **(25)** Já que isto vai ao sabor dos dedos, **(26)** lembro-me, por exemplo, do que senti quando

soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30, **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(142a)** Para além dos habituais “não faz, não

quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (148) E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, (149) o difícil que é ver (150) e agir de outra maneira. (158) Foram uns primeiros anos muito activos, (159) confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, (160) tempos ambivalentes, (161) de entusiasmos e desânimos, (162) que sempre foram ultrapassados (163) pela cumplicidade, (164) pela entreatajuda, (165) pela troca de experiências (166) e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (287) Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas (288) aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. Interessava-me menos essa parte, (292) talvez por temperamento (293) ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. (294) parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola (295) no sentido de alterar e melhorar as práticas. (296) Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. (297) Penso que abre caminhos (298) e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação

14.1.2.2. *Sendo Professora – vivências formadoras, entusiasmo, empenho e a satisfação de Filipa*

(1) Os sonhos começam como? (2) É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (3) Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? (4) Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, (5) ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. (10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (16) A vontade de introduzir mudança na massa por ve-

zes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas) **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(36)** que iria arrancar no ano lectivo seguinte **(37)** com duas turmas do PEPT 2000, **(38)** ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. **(39)** Foi-me dito **(40)** que tentaríamos agir com eles de forma diferente, **(41)** de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, **(42)** tentando evitar o abandono. **(43)** Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho respeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os hou-

ve... (104) e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... (105) porque fomos ultrapassando os principais, (106) ou porque já tudo se mistura no tempo? (113a) Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia (114) em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (115) Uma coisa é o reconhecimento do interesse, (116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (122) Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, (123) escudado na insegurança de quem o faz. (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como professora de EVT, (206) já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega (207) mas aí o “universo” é muito parecido, (208) fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (209) Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência (210) mas ainda me parece (211) que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, (212) há turmas em que se sente que as coisas resultam (213) e outras em que não se sentem grandes diferenças. (214) Em relação ao meu próprio trabalho, (215) talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, (216) não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, (217) mas sim ao nível das novas áreas curriculares (218) – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (219) (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). (220) A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. (221) Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.ºanos, (222) a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, (223) foi planificado genericamente em conselho de turma (224) de acordo com as características da turma: (225) alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. (226) Escolheram-se os jogos a aplicar, (227) metodologia a seguir, (228) os intervenientes. (229) Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, (230) com o intuito de os levar a perceber (231) que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. (232) Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, (233) na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. (234a) No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. (235) Efectuou-se igualmente um debate (236) (previamente preparado pela turma) (237) sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicoddependência”.

(238) Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) (239) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos (240) e envolveram a pesquisa de informação (241) em várias fontes (incluindo a internet), (243) o seu tratamento (244) (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) (245) – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). (250a) A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. (251) Nem sempre foi fácil o trabalho, (252) foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, (253) não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, (254) a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. (255) E esse mal-estar foi de professores e alunos. (256) Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, (257) e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. (261) O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho (262) tornou fácil planear as actividades, (263) já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, (264) tanto a nível de planificação (265) como a nível de qualquer tipo de participação. (266) Para além das actividades lectivas, (267) como Coordenadora da Área de Projecto, (268) mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas (269) até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, (270) dissolver mal entendidos. (271) Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto (272) e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania (275) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. (276) Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, (277) com elementos de outras escolas também na experiência, (278) para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (279) (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (280) Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, (281) procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto (282) por ser uma oportunidade a não perder, (283) de ter reunidos todos os directores de turma (284) e de assim, “em família”, (285) construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas

aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas.

14.2. Sujeitos, Acções e Relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

14.2.1. Culturas Profissionais, Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

14.2.1.1. *Colaborando para transformar (ou) desenvolvendo a colaboração nos contextos de trabalho*

(Cultura Profissional Mudando entre relações, partilhas de saberes e vivências entre pares)

(10a) De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(26)** Lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. **(27)** Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, **(28)** com a minha orientadora, **(29)** “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” **(30)** Reza a história que deram por mim, **(31)** mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva **(32)** de “estarem atentos” **(33)** e de apoiarem o trabalho. **(34)** Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou **(35)** perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, **(44)** Para além do fim em si, **(45)** agradava-

-me o grupo de colegas **(46)** com quem iria trabalhar, **(47)** pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, **(48)** cujo trabalho espeitava **(49)** e com quem sabia ter coisas em comum. **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(88a)** Assim, de repente, o que de melhor ricordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)** A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(96)** Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, **(97)** momento deslumbrante de descoberta e partilha. **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(100a)** (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse,

(116) da importância dessas novas áreas, (117) outra coisa é saber que o que fazemos (118) ou queremos fazer tem sentido, (119) é legítimo (120) e é correcto (121) Não basta muito boa vontade. (138) Claro que me estava a esquecer (139) dos terríveis obstáculos, (140) humanos que são, (141) que se encontram em todos os projectos. (142a) Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, (143) existem outros, (144) mais respeitáveis, (145) que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, (146) e que até fazem um bom trabalho, (147) independentemente disso. (151) Em relação a apoios, parece-me evidente (152) que um projecto deste tipo, (153) com tantas implicações, (154) dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. (155) E esse apoio existiu desde o início. (156) E depois a força (157) e a total convicção da coordenadora do Projecto. (167) Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, (168) por ex. – aspectos organizacionais (169) (passou a ser possível reunir antes das 18.30, (170) o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, (171) passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), (172) uma maior segurança (173) e enriquecimento das novas áreas curriculares (174) mas outros aspectos houve que se descuraram (175) – a gestão dos programas, (176) o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (177) Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma (178) – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. (179) Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, (180) tinham dificuldade em diagnosticar problemas, (181) em estabelecer finalidades, (182) em projectar formas de as alcançar, (183) em trabalhar entrosadamente os programas, (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (184) em partilhar materiais (185) e experiências... (186) essa “cultura prudente” (187) em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (188) E o pior (189) é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” (190) não levou a mais ou melhores reuniões. (191) Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, (192) chegando-se a propostas, (193) apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, (194) de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) (195) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, (196) e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (197) Há dois aspectos que me parecem fundamentais (198) e que esta prática veio introduzir (199) (ou reintroduzir) (200) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola (201) enquanto organismo vivo e palpitante. (202) A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (203) E também as relações de trabalho com os colegas (204) (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). (205) Eu, como profes-

sora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(266)** Para além das actividades lectivas, **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(289)** Foi feita por pessoas desta escola, **(290)** eu incluída, ao longo destes anos. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “Galinha dos Ovos de Ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

14.2.2. Comunidades vivas na senda da mudança

14.2.2.1. Contextos de trabalho e caminhos de trans(formação)

(88a) Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem

mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... **(115)** Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, **(117)** outra coisa é saber que o que fazemos **(118)** ou queremos fazer tem sentido, **(119)** é legítimo **(120)** e é correcto **(121)** Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(124)** A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, **(125)** promovida pelo DEB **(126)** veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. **(127)** Foi uma formação muito prática **(128)** com aplicação de técnicas **(129)** e metodologias activas, **(130)** que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram **(131)** (doze, só da Escola de Santa Clara). **(132)** Foi certamente a melhor em que até hoje participei. **(133)** Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, **(134)** a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação **(135)** sobre metodologia de Projecto **(136)** que se veio a realizar **(136a)** mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área **(137)** (são as vicissitudes da formação...). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência. **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...).

14.3. Desenvolvimento do Professor – itinerários por (estritos) corredores institucionais

14.3.1. Acomodando Mudanças (ou) Refazendo Identidades

14.3.1.1. *Aprendendo num Espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança*

(1) Os sonhos começam como? **(2)** É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. **(3)** Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? **(4)** Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, **(5)** ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. **(10a)** De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. **(16)** A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. **(24)** Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). **(50)** Mas também eu **(51)** não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. **(52)** Não percebi, por exemplo **(53)** que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades **(54)** de inserção **(55)** e de trabalho na escola, **(56a)** não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” **(57)** (nomeadamente, os aspectos organizacionais), **(58)** não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular **(59)** mas a uma outra atitude **(60)** e a uma outra prática. **(66a)** É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. **(67)** Assim, de repente, o que de melhor recordo do início, **(68a)** desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) **(69)** é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: **(70)** em maior quantidade **(71)** e em melhor qualidade. **(87)** E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. **(88)** Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez **(89)** (que fiz) **(90)** em relação à Área de Projecto **(91)** (já no segundo ano da experiência.) **(92)**

A consciência **(93)** de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas **(94)** (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), **(95)** mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes **(98)** Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, **(99)** como sejam a tendência da colocação de professores por áreas **(99a)** (reduzindo assim o n.º de professores por turma), **(100)** a concentração dos alunos numa mesma sala **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. **(103)** Obstáculos também os houve... **(104)** e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... **(105)** porque fomos ultrapassando os principais, **(106)** ou porque já tudo se mistura no tempo? **(107)** Bom, o trabalho acrescido era óbvio, **(108)** não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar **(110)** reformular **(111)** criar materiais **(112)** Já no alargamento a todos os 5.º anos **(112a)** isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 **(113)** o que provocou um grande desgaste. **(113a)** Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia **(114)** em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... Não basta muito boa vontade. **(122)** Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, **(123)** escudado na insegurança de quem o faz. **(138)** Claro que me estava a esquecer **(139)** dos terríveis obstáculos, **(140)** humanos que são, **(141)** que se encontram em todos os projectos. **(148)** E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, **(149)** o difícil que é ver **(150)** e agir de outra maneira. **(151)** Em relação a apoios, parece-me evidente **(152)** que um projecto deste tipo, **(153)** com tantas implicações, **(154)** dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. **(155)** E esse apoio existiu desde o início. **(156)** E depois a força **(157)** e a total convicção da coordenadora do Projecto. **(158)** Foram uns primeiros anos muito activos, **(159)** confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, **(162)** que sempre foram ultrapassados **(163)** pela cumplicidade, **(164)** pela entreaajuda, **(165)** pela troca de experiências **(166)** e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. **(167)** Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, **(167)** por ex. – aspectos organizacionais **(169)** (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, **(170)** o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, **(171)** passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), **(172)** uma maior segurança **(173)** e enriquecimento das novas áreas curriculares **(174)** mas outros aspectos houve que se descuraram **(175)** – a gestão dos programas, **(176)** o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. **(177)** Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma **(179)** Mas eles

eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, **(180)** tinham dificuldade em diagnosticar problemas, **(181)** em estabelecer finalidades, **(182)** em projectar formas de as alcançar, **(183)** em trabalhar entrosadamente os programas, **(184)** em partilhar materiais **(185)** e experiências... **(188)** E o pior **(189)** é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” **(190)** não levou a mais ou melhores reuniões. **(191)** Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, **(192)** chegando-se a propostas, **(193)** apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, **(194)** de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) **(195)** com “agenda” discutida e aprovada no CDT, **(196)** e balanço a efectuar no final do 1.º Período. **(197)** Há dois aspectos que me parecem fundamentais **(198)** e que esta prática veio introduzir **(199)** (ou reintroduzir) **(200)** e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola **(201)** enquanto organismo vivo e palpitante. **(202)** A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. **(203)** E também as relações de trabalho com os colegas **(204)** (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). **(205)** Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega **(207)** mas aí o “universo” é muito parecido, **(208)** fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. **(214)** Em relação ao meu próprio trabalho, **(215)** talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, **(216)** não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, **(217)** mas sim ao nível das novas áreas curriculares **(218)** – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. **(219)** (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). **(220)** A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. **(261)** O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho **(262)** tornou fácil planear as actividades, **(263)** já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, **(264)** tanto a nível de planificação **(265)** como a nível de qualquer tipo de participação. **(267)** como Coordenadora da Área de Projecto, **(268)** mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas **(269)** até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, **(270)** dissolver mal entendidos. **(271)** Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto **(272)** e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania **(275)** onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. **(276)** Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, **(277)** com elementos de outras escolas também na experiência, **(278)** para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas

ainda não envolvidas **(279)** (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). **(280)** Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, **(281)** procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto **(282)** por ser uma oportunidade a não perder, **(283)** de ter reunidos todos os directores de turma **(284)** e de assim, “em família”, **(285)** construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. **(287)** Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas **(288)** aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. **(291)** Interessava-me menos essa parte, **(292)** talvez por temperamento **(293)** ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. **(294)** parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola **(295)** no sentido de alterar e melhorar as práticas. **(296)** Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. **(297)** Penso que abre caminhos **(298)** e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação. **(299)** num ensino que se é para todos **(300)** não pode ser igual para todos. **(301)** É nisso, **(302)** nesses caminhos, **(303)** nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, **(304)** que eu acredito.

APÊNDICE 15 GUIÃO DE ANÁLISE – O CASO DE LUÍSA

15.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajetórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

15.1.1. Um Retrato de Luísa

15.1.1.1. Aspectos Biográficos

(55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor Almas – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora Luisa Gancho (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – Rui da Rosa – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem (107) Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. (108) Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. (109) Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” (110) e procura de uma linguagem individual. (111) Foi extremamente interessante a nível pessoal, (112) e gratificante. (113) A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. (114) O “meu” curso – pintura – (115) tem também uma “grande carga” de formação estética, (116) e educação (117) e formação do gosto a nível visual e estético. (118) Há um ensinar do saber “ver”, (119) há uma aprendizagem exigente (120) e rigorosa na parte da educação visual. (121) Posso dizer que durante a minha vida de professora, (122) tenho tirado outro “curso”. (123) O curso das

aprendizagens das tecnologias. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(228)**

A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as

ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)**

Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procu-ro também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procu-ro ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magiciar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de

questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

15.1.1.2. Representando-se – contextos e influências na auto compreensão

Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de

trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(107)** Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. **(108)** Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. **(109)** Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” **(110)** e procura de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiencia, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiencias, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas proble-

máticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas,

(250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. (254) Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante (255) para os alunos (256) e nós professoras. (257) Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro (258) convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. (259) Foi outro desafio. (260) O contacto humano foi muito diferente (261) pois desta vez não eram crianças. (262) Os ecos foram positivos (263) e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. (264) Possibilidade de humanização de outros espaços. (265) São projectos aliciantes, (266) muito ricos, (267) mas extremamente envolventes (268) e desgastantes. (269) Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas (270) que é mãe de uma antiga aluna minha. (271) Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. (272) Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. (273) O contacto connosco foi realizado (274) e nós resolvemos aceitar este desafio, (275) tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (276) Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições (277) as ideias são lançadas nas reuniões de departamento (278) e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. (279) Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. (280) Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, (281) decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (282) Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. (283) Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. (284) Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. (284a) Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. (284b) Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. (284c) Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. (285) Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, (286) procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. (287) Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. (287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. (287b) Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes,

um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuero ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar”

com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

15.1.1.3. Construindo-se Profissional – desejando e concretizando

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhámos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de

escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(63)** Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – **(65)** solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – **(66)** que é auxiliar de acção educativa na escola, **(67)** nos desse uma aula, **(68)** uma pequena formação sobre o processo de soldadura **(69)** pois este é o soldador profissional **(70)** e tem gosto em nos ensinar. **(71)** Relativamente à cerâmica, **(72)** temos uma colega a professora L **(72)** que se tem vindo a especializar nesta área **(73)** e de vez em quando temos encontros. **(75)** para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. **(76)** Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – **(77)** que trabalhava em cerâmica com os alunos. **(78)** No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola **(79)** um soldado **(80)**, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** É claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(86)** Neste momento por exemplo **(87)** vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” **(88)** que depois poderemos ensinar os nossos alunos. **(89)** A nível de projecto educativo e participação neste, **(90)** nós, **(91)** no departamento de artes **(92)** somos muito activos **(93)** e trabalhamos **(94)** e colaboramos no projecto. **(95)** Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em

formação. **(107)** Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. **(108)** Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. **(109)** Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” **(110)** e procura de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(113)** A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Acção Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a rela-

ção turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (188) Relativamente à formação contínua formal, (189) na nossa área – artes (190) temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. (191) Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento (192) vamos ter uma acção de cerâmica. (193) No nosso centro de formação – CEFOPREM, (194) as acções são muito repetitivas (195) e pouco variadas. (196) Na nossa escola este problema já foi levantado (197) e procura-se modificar as coisas (198) no sentido de variar mais o leque de formação. (199) Como já referi em alíneas anteriores (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (203a) – Pinturas murais – Cerdiana – todos os anos (203b) – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (204) – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora (205) e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (206) As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (207) Julgamos que o empenhamento de todos, (208) e a qualidade dos trabalhos (209) implicam estes resultados. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (218) Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir (219) para melhorar (220) e valorizar aspectos sociais tao importantes. (221) Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (222) Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de

refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi

realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é dife-

rente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que

penso. **(387)** Gosto de planejar num papel, de projetar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

15.1.1.4. A pessoa e profissional em transformação – o valor dos espaços, dos momentos, acontecimentos e gente

1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiencias **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito

diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(108)** Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. **(109)** Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” **(110)** e procura de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professoras. **(128)** E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** E claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações professor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram

valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiencias **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosi-

dade pode ter um significado muito importante para ajudar a memorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as

nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza.

(346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (374) O sentido prático das coisas preocupa-me. (375) Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem (376) para podermos encontrar equilíbrios. (377) Gosto da investigação. (378) Da experimentação no “terreno”. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (381) Gosto de desafiar. (382) Não gosto de ideias pré-concebidas. (383) Gosto de descobrir. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (385) Gosto de reflectir. (386) Gosto de me sentar e escrever o que penso. (387) Gosto de planear num papel, de projetar. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403) Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (404) Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (405) Não gosto que as coisas não se resolvam. (406) Sou muito teimosa. (407) Sou chata. (408) Não gosto do “tanto faz...” (409) Gosto que me questionem. (411) Gosto de reflectir. (412) Gosto de agir. (413) Gosto muito de ser professora.

15.1.1.5. Olhando para relações, partilhas de saberes e vivências entre pares

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design –

equipamento. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construámos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(71)** Relativamente à cerâmica, **(72)** temos uma colega a professora L **(72a)** que se tem vindo a especializar nesta área **(73)** e de vez em quando temos encontros **(75)** para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. **(76)** Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – **(77)** que trabalhava em cerâmica com os alunos. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500

contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamo-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(359)** Concorri para dar aulas na Universida-

de de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário (384) Gosto de trabalhar em conjunto.

15.1.1.6. *Aprendendo com os outros – dinâmicas e possibilidades dos ambientes informais*

(5) Quando abriam estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (63) Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – (65) solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – (66) que é auxiliar de acção educativa na escola, (67) nos desse uma aula, (68) uma pequena formação sobre o processo de soldadura (69) pois este é o soldador profissional (70) e tem gosto em nos ensinar. (71) Relativamente à cerâmica, (72) temos uma colega a professora L (72a) que se tem vindo a especializar nesta área (73) e de vez em quando temos encontros (75) para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. (76) Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – (77) que trabalhava em cerâmica com os alunos. (78) No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola (79) um soldado (80), e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (144) Foi um ano com muito pouca aprendizagem. (145) Senti-me a voltar para trás. (146) Nem sequer para a faculdade, (147) que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, (148) mas a voltar para as “aulas de liceu”.

(149) As aulas eram dadas com acetatos. (150) Os acetatos eram lidos. (151) Os conteúdos desfasados de uma realidade, (152) do que é uma escola. (153) Das relações professor/aluno. (154) Não havia ligação dos conteúdos leccionados (155) com a realidade das escolas. (156) Forneciam-nos folhas de apoio (157) para realizarmos os exames. (160) Se falássemos (161) ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, (162) as respostas não eram valorizadas. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e aprendizagens. (179) Não valeu a pena este primeiro ano. (180) Vinha habituada a uma universidade (181) onde se valoriza a investigação, (182) trabalho de acção crítica (183) e interventiva. (184) Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, (185) deste ensino “livresco” (186) memorizado (187) sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (200) somos um grupo de professores muito activos. (201) Todos os anos (202) para além das disciplinas que leccionamos (203) realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (210) O mais importante (211) e que persiste no nosso departamento, (212) é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. (213) Conhecer as associações em causa, (214) seus objectivos, (215) trabalho de campo (216) e podermos ajudar, (217) colaborar com estas. (223) Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. (224) Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (225) Foi um grande desafio. (226) Para nós (3 professoras) (227) e os nossos alunos. (228) A dificuldade de ser um hospital (229) e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. (235) As crianças que podiam é lógico, (236) desenhavam e pintavam connosco. (237) As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. (238) Foi uma experiência única. (239) As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. (240) Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. (241) O espaço, um hospital, as crianças. (242) Sentíamos-nos a mais... (243) Depois o tempo ia passando (244) e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. (245) Os alunos andavam felizes. (246) Todos sentíamos alegria (247) porque víamos que as coisas que criamos (248) ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. (250) deram vida àqueles espaços. (251) Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. (252) Afectos que foram partilhados e sentidos. (253) Foi um projecto

que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns

com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

15.1.1.7. *Desenvolvendo-se como Profissional – adequação, qualidades e efeitos da formação*

(6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobre tudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento

de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** É claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(107)** Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. **(108)** Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. **(109)** Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” **(110)** e procura de uma linguagem individual. **(111)** Foi extremamente interessante a nível pessoal, **(112)** e gratificante. **(113)** A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. **(114)** O “meu” curso – pintura – **(115)** tem também uma “grande carga” de formação estética, **(116)** e educação **(117)** e formação do gosto a nível visual e estético. **(118)** Há um ensinar do saber “ver”, **(119)** há uma aprendizagem exigente **(120)** e rigorosa na parte da educação visual. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** É claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(142)** O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. **(143)** Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Ação Educativa e Didáctica. **(144)** Foi um ano com muito pouca aprendizagem. **(145)** Senti-me a voltar para trás. **(146)** Nem sequer para a faculdade, **(147)** que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, **(148)** mas a voltar para as “aulas de liceu”. **(149)** As aulas eram dadas com acetatos. **(150)** Os acetatos eram lidos. **(151)** Os conteúdos desfasados de uma realidade, **(152)** do que é uma escola. **(153)** Das relações profes-

sor/aluno. **(154)** Não havia ligação dos conteúdos leccionados **(155)** com a realidade das escolas. **(156)** Forneciam-nos folhas de apoio **(157)** para realizarmos os exames. **(158)** Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. **(159)** Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. **(160)** Se falássemos **(161)** ou relacionássemos com as nossas vivências e experiências, **(162)** as respostas não eram valorizadas. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)** Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(198a)** Quanto à formação informal julgo que já respondi na alínea b). **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerdiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamen-

to, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários ineren-

tes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário.

15.1.1.8. Comunidades Vivas na Senda da Mudança – colaborando, cooperando e trabalhando em equipa, participando e tomando decisões, identificando e resolvendo problemas

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – **(2)** na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) **(3)** dada a formação dos professores do grupo. **(4)** E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. **(5)** Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer

professor **(7)** ou colega do ministério. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiencias **(41)** e sobretudo aprendizagens **(45)** O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando os programas eram novos **(49)** nem durante a sua existência. **(50)** A formação foi realizada, **(51)** e posso dizê-lo com muita satisfação, **(52)** na troca de saberes **(53)** que fizemos nas oficinas de arte da escola. **(54)** As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiencias. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos

diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerculiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a memorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(234)** Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. No tecto da sala de tratamentos, colocámos os móveis. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiencia muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espirito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)**

Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem

(301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (335) Julgo que respondi na alínea a) (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam para estes desafios. (367) Começo logo “a magicar” coisas, (368) a “sonhar” com elas, (369) como vou fazer, (370) o que vamos experimentar, (371) o que será mais importante. (372) Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, (373) das nossas experiências. (379) Gosto de pessoas. (380) Gosto de conhecê-las. (384) Gosto de trabalhar em conjunto. (388) Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (389) Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (400) Gosto de verificar. (401) Gosto de questionar, (402) de perguntar. (403)

Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(413)** Gosto muito de ser professora.

15.1.1.9. Mantendo e desenvolvendo o desejo de ser professora – influência dos alunos

(84) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. **(86)** Neste momento por exemplo **(87)** vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” **(88)** que depois poderemos ensinar os nossos alunos. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cericidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(224)** Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos

também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”.

(287a) Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiência **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(413)** Gosto muito de ser professora.

15.1.1.10. *Aprendendo num Espaço “entre dois” – a centralidade da escola e a mudança*

(1) Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – (2) na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) (3) dada a formação dos professores do grupo. (4) E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. (6) Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor (7) ou colega do ministério. (8) Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro (9) com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. (10) Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. (11) Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar (12) porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. (13) Senti uma falta de respeito. (14) E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou (15) porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. (16) Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. (17) Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) (18) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” (19) mas pessoas que agissem, (20) que reflectissem (21) com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. (22) Que existisse um diálogo, (23) uma troca de experiências, (24) uma verdadeira avaliação de todo o processo. (25) Como já disse os programas chegaram às escolas. (26) Procurámos cumpri-los. (27) Procurámos encontrar um “fio condutor”. (28) Trabalhámos muito na área da planificação, (29) articular os objectivos, (30) os conteúdos (31) e as estratégias. (32) Trabalhamos sozinhos (33) e no grupo. (34) Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. (35) Os primeiros anos foram mais difíceis, (36) depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. (37) Planeámos, (38) criticámos, (39) construímos, (40) e trocámos experiências (41) e sobretudo aprendizagens. (42) Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. (43) Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. (44) E vice-versa. (46) É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. (47) Não tivemos qualquer formação neste sentido, (48) nem quando os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as ou-

tras. **(55)** No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. **(56)** Saberes muito diversos e que se completam, **(57)** vamos perguntando uns aos outros como se faz **(58)** e investimos muito na autoformação. **(59)** Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. **(60)** Pelo nosso interesse **(61)** vemos como se faz **(62)** e perguntamos uns aos outros. **(63)** Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – **(65)** solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – **(66)** que é auxiliar de acção educativa na escola, **(67)** nos desse uma aula, **(68)** uma pequena formação sobre o processo de soldadura **(69)** pois este é o soldador profissional **(70)** e tem gosto em nos ensinar. **(71)** Relativamente à cerâmica, **(72)** temos uma colega a professora L **(72a)** que se tem vindo a especializar nesta área **(73)** e de vez em quando temos encontros **(75)** para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. **(76)** Também tenho um amigo que vive em Lisboa – R – **(77)** que trabalhava em cerâmica com os alunos. **(78)** No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola **(79)** um soldado **(80)**, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. **(81)** Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, **(82)** porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender **(83)** e por partilhar experiências. **(84)** Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. **(85)** É claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. **(96)** Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. **(97)** Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. **(98)** Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. **(99)** Procuramos desenvolver um sentido estético, **(100)** crítico **(101)** e de intervenção nos nossos alunos **(102)** ao nível do meio social, **(103)** cultural **(104)** e humano. **(105)** Sensibilizando para valores importantes **(106)** para jovens que se encontram em formação. **(121)** Posso dizer que durante a minha vida de professora, **(122)** tenho tirado outro “curso”. **(123)** O curso das aprendizagens das tecnologias. **(124)** O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, **(125)** julgo que passa muito pela humildade **(126)** da necessidade de aprendizagem **(127)** por parte de nós, professores. **(128)** É claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, **(129)** sobretudo a nível estético, **(130)** ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos **(131)** e aprendizagens. **(132)** Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. **(133)** É claro na parte teórica do processo. **(134)** Na parte prática é muito diferente. **(135)** Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” **(136)** é já outra aprendizagem **(137)** que fazemos por nós próprios, **(138)** e sobretudo pela nossa experiência, **(139)** de todas as vivências de aprendizagens. **(140)** Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. **(163)** Foi um grande choque. **(164)** Foi um frete. **(165)** Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. **(166)**

Senti que as pessoas que leccionavam, **(167)** com todo o respeito, **(168)** estavam longe do que é a vida numa escola. **(169)** O que é a relação turma professor **(170)** e vice-versa. **(171)** O que são turmas problemáticas. **(172)** Afinal o que é ser professor? **(173)** Poderia ter sido interessante, **(174)** se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. **(175)** Trabalhos de campo **(176)** e de investigação no nosso quotidiano. **(177)** Troca de experiências **(178)** e aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(180)** Vinha habituada a uma universidade **(181)** onde se valoriza a investigação, **(182)** trabalho de acção crítica **(183)** e interventiva. **(184)** Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, **(185)** deste ensino “livresco” **(186)** memorizado **(187)** sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. **(188)** Relativamente à formação contínua formal, **(189)** na nossa área – artes **(190)** temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. **(191)** Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento **(192)** vamos ter uma acção de cerâmica. **(193)** No nosso centro de formação – CEFOPREM, **(194)** as acções são muito repetitivas **(195)** e pouco variadas. **(196)** Na nossa escola este problema já foi levantado **(197)** e procura-se modificar as coisas **(198)** no sentido de variar mais o leque de formação. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a menorizar alguma sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço

de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(229)** e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes. **(230)** 1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço **(230a)** 2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos **(230b)** 3.ª Encontrar a temática – a natureza e seus elementos. **(230c)** 4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar. **(230d)** 5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes. **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11 horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é lógico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiência única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo. **(249)** Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, **(250)** deram vida àqueles espaços. **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)**

que somos professores dinâmicos, (293) com vontade de intervir, (294) aprender (295) e mudar a qualidade de vida. (296) E após estes anos de experiência (297) podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa (298) pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, (299) “transbordando” eles também com novas ideias. (300) É neste processo ensino-aprendizagem (301) que as relações afectivas se desenvolvem, (302) que amadurecem (303) e se solidificam. (304) Encontrar um sentido na aprendizagem. (305) E que afinal vale a pena. (306) A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. (307) É uma relação de respeito, (308) de partilhar experiências (309) e saberes. (310) Somos todos muito diferentes (311) e também temos formações diferentes como já referi. (312) O modo de “ver” é diferente. (313) O modo de ensinar é diferente. (314) O modo de agir é diferente. (315) As estratégias são diferentes. (316) Mas respeitamo-nos. (317) Respeitamo-nos como pessoas (318) e respeitamos opiniões. (319) Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. (320) As nossas maneiras de pensar. (321) Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. (322) Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. (323) Mas como já disse, respeitamo-nos muito, (324) aprendemos muito uns com os outros, (325) tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (326) Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – (327) conselho executivo, há muitos anos. (328) São pessoas muito competentes (329) a nível profissional (330) e humano. (331) O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. (332) Vive com muita intensidade a escola. (333) Sabe o que se passa na escola (334) e sabe inteligentemente como agir. (336) O meu investimento pessoal, acho que existe (337) com profundidade. (338) Gosto de ler, (339) de aprender, (340) de desafios. (341) É difícil ficar parada (342) sem projectos pessoais. (343) Procuo também um caminho de autoconhecimento, (344) através de leitura (345) e do yoga que pratico. (346) O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. (347) Gosto de desafios. (348) Procurar uma autoformação. (349) Estou sistematicamente numa procura de saber (350) para poder ensinar. (351) Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (352) Leccionar desenho no Departamento de Artes. (353) Procuo ler, (354) saber, (355) actualizar os meus conhecimentos. (356) Gosto de desafios, (357) gosto de pensar como resolver situações, (358) o que fazer, como fazer. (359) Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, (360) podia ter ficado, mas depois de reflectir (361) e sobretudo os projectos, (362) aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas (363) fez-me ficar no Ensino Secundário. (364) Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. (365) Aquelas idades também me agradam. (366) Gosto quando me convidam

para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magicar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios.

15.1.1.11. Agência e desenvolvimento – tensões e dilemas entre exigências, incertezas e inseguranças

(5) Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. **(6)** Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor **(7)** ou colega do ministério. **(8)** Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro **(9)** com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. **(10)** Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. **(11)** Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar **(12)** porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. **(13)** Senti uma falta de respeito. **(14)** E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou **(15)** porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. **(16)** Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. **(17)** Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) **(18)** que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” **(19)** mas pessoas que agissem, **(20)** que reflectissem **(21)** com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. **(22)** Que existisse um diálogo, **(23)** uma troca de experiências, **(24)** uma verdadeira avaliação de todo o processo. **(25)** Como já disse os programas chegaram às escolas. **(26)** Procurámos cumpri-los. **(27)** Procurámos encontrar um “fio condutor”. **(28)** Trabalhámos muito na área da planificação, **(29)** articular os objectivos, **(30)** os conteúdos **(31)** e as estratégias. **(32)** Trabalhamos sozinhos **(33)** e no grupo. **(34)** Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. **(35)** Os primeiros anos foram mais difíceis, **(36)** depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. **(37)** Planeámos, **(38)** criticámos, **(39)** construímos, **(40)** e trocámos experiências **(41)** e sobretudo aprendizagens. **(42)** Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. **(43)** Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. **(44)** E vice-versa. **(46)** É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. **(47)** Não tivemos qualquer formação neste sentido, **(48)** nem quando

os programas eram novos (49) nem durante a sua existência. (50) A formação foi realizada, (51) e posso dizê-lo com muita satisfação, (52) na troca de saberes (53) que fizemos nas oficinas de arte da escola. (54) As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. (55) No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. (56) Saberes muito diversos e que se completam, (57) vamos perguntando uns aos outros como se faz (58) e investimos muito na autoformação. (59) Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. (60) Pelo nosso interesse (61) vemos como se faz (62) e perguntamos uns aos outros. (81) Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, (82) porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender (83) e por partilhar experiências. (84) Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. (85) E claro que se reflete no processo ensino – aprendizagem. (86) Neste momento por exemplo (87) vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” (88) que depois poderemos ensinar os nossos alunos. (89) A nível de projecto educativo e participação neste, (90) nós, (91) no departamento de artes (92) somos muito activos (93) e trabalhamos (94) e colaboramos no projecto. (97) Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. (98) Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. (99) Procuramos desenvolver um sentido estético, (100) crítico (101) e de intervenção nos nossos alunos (102) ao nível do meio social, (103) cultural (104) e humano. (105) Sensibilizando para valores importantes (106) para jovens que se encontram em formação. (124) O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, (125) julgo que passa muito pela humildade (126) da necessidade de aprendizagem (127) por parte de nós, professores. (128) E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, (129) sobretudo a nível estético, (130) ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos (131) e aprendizagens. (132) Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (133) E claro na parte teórica do processo. (134) Na parte prática é muito diferente. (135) Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” (136) é já outra aprendizagem (137) que fazemos por nós próprios, (138) e sobretudo pela nossa experiência, (139) de todas as vivências de aprendizagens. (163) Foi um grande choque. (164) Foi um frete. (165) Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. (166) Senti que as pessoas que leccionavam, (167) com todo o respeito, (168) estavam longe do que é a vida numa escola. (169) O que é a relação turma professor (170) e vice-versa. (171) O que são turmas problemáticas. (172) Afinal o que é ser professor? (173) Poderia ter sido interessante, (174) se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. (175) Trabalhos de campo (176) e de investigação no nosso quotidiano. (177) Troca de experiências (178) e

aprendizagens. **(179)** Não valeu a pena este primeiro ano. **(199)** Como já referi em alíneas anteriores **(200)** somos um grupo de professores muito activos. **(201)** Todos os anos **(202)** para além das disciplinas que leccionamos **(203)** realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. **(203a)** – Pinturas murais – Cerculiana – todos os anos **(203b)** – Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. **(204)** – As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora **(205)** e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. **(206)** As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). **(207)** Julgamos que o empenhamento de todos, **(208)** e a qualidade dos trabalhos **(209)** implicam estes resultados. **(210)** O mais importante **(211)** e que persiste no nosso departamento, **(212)** é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. **(213)** Conhecer as associações em causa, **(214)** seus objectivos, **(215)** trabalho de campo **(216)** e podermos ajudar, **(217)** colaborar com estas. **(218)** Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir **(219)** para melhorar **(220)** e valorizar aspectos sociais tao importantes. **(221)** Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar algum sofrimento. **(222)** Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espírito Santo. **(223)** Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. **(225)** Foi um grande desafio. **(226)** Para nós (3 professoras) **(227)** e os nossos alunos. **(228)** A dificuldade de ser um hospital **(230e)** 6.º Trabalhar na escola **(230f)** 7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria **(231)** Trabalhámos fora do tempo de aulas. **(232)** Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. **(233)** A tarde começava às 14h30 até essa hora. **(235)** As crianças que podiam é logico, **(236)** desenhavam e pintavam connosco. **(237)** As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco. **(238)** Foi uma experiencia única. **(239)** As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia. **(240)** Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. **(241)** O espaço, um hospital, as crianças. **(242)** Sentíamos-nos a mais... **(243)** Depois o tempo ia passando **(244)** e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço. **(245)** Os alunos andavam felizes. **(246)** Todos sentíamos alegria **(247)** porque víamos que as coisas que criamos **(248)** ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo **(251)** Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos. **(252)** Afectos que foram partilhados e sentidos. **(253)** Foi um projecto que não

iremos esquecer de certeza. **(254)** Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante **(255)** para os alunos **(256)** e nós professoras. **(257)** Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro **(258)** convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. **(259)** Foi outro desafio. **(260)** O contacto humano foi muito diferente **(261)** pois desta vez não eram crianças. **(262)** Os ecos foram positivos **(263)** e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. **(264)** Possibilidade de humanização de outros espaços. **(265)** São projectos aliciantes, **(266)** muito ricos, **(267)** mas extremamente envolventes **(268)** e desgastantes. **(269)** Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas **(270)** que é mãe de uma antiga aluna minha. **(271)** Foi a senhora enfermeira Conceição Antas que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. **(272)** Depois teve o apoio do Dr. Hélder Gonçalves – médico responsável por este serviço de pediatria. **(273)** O contacto connosco foi realizado **(274)** e nós resolvemos aceitar este desafio, **(275)** tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. **(276)** Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições **(277)** as ideias são lançadas nas reuniões de departamento **(278)** e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. **(279)** Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. **(280)** Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, **(281)** decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. **(282)** Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. **(283)** Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. **(284)** Porque descobrimos que tínhamos uma “papelão” na escola e não era utilizado. **(284a)** Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. **(284b)** Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do “papelão”. **(284c)** Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. **(285)** Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome “Criar, Recriar, Reciclar” com objectos recuperados, **(286)** procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar. **(287)** Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”. **(287a)** Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental. **(287b)** Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora. **(287c)** Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano

lectivo, porque existem ecopontos **(287d)** mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos. **(288)** Este projecto, juntamente com uma exposição, **(289)** está já planeado como um projecto a realizar. **(290)** Julgo que dá para ver **(291)** e sentir **(292)** que somos professores dinâmicos, **(293)** com vontade de intervir, **(294)** aprender **(295)** e mudar a qualidade de vida. **(296)** E após estes anos de experiencia **(297)** podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa **(298)** pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, **(299)** “transbordando” eles também com novas ideias. **(300)** É neste processo ensino-aprendizagem **(301)** que as relações afectivas se desenvolvem, **(302)** que amadurecem **(303)** e se solidificam. **(304)** Encontrar um sentido na aprendizagem. **(305)** E que afinal vale a pena. **(306)** A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. **(307)** É uma relação de respeito, **(308)** de partilhar experiências **(309)** e saberes. **(310)** Somos todos muito diferentes **(311)** e também temos formações diferentes como já referi. **(312)** O modo de “ver” é diferente. **(313)** O modo de ensinar é diferente. **(314)** O modo de agir é diferente. **(315)** As estratégias são diferentes. **(316)** Mas respeitamo-nos. **(317)** Respeitamo-nos como pessoas **(318)** e respeitamos opiniões. **(319)** Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. **(320)** As nossas maneiras de pensar. **(321)** Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. **(322)** Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. **(323)** Mas como já disse, respeitamo-nos muito, **(324)** aprendemos muito uns com os outros, **(325)** tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. **(326)** Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – **(327)** conselho executivo, há muitos anos. **(328)** São pessoas muito competentes **(329)** a nível profissional **(330)** e humano. **(331)** O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola. **(332)** Vive com muita intensidade a escola. **(333)** Sabe o que se passa na escola **(334)** e sabe inteligentemente como agir. **(335)** Julgo que respondi na alínea a) **(336)** O meu investimento pessoal, acho que existe **(337)** com profundidade. **(338)** Gosto de ler, **(339)** de aprender, **(340)** de desafios. **(341)** É difícil ficar parada **(342)** sem projectos pessoais. **(343)** Procuo também um caminho de autoconhecimento, **(344)** através de leitura **(345)** e do yoga que pratico. **(346)** O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. **(347)** Gosto de desafios. **(348)** Procurar uma autoformação. **(349)** Estou sistematicamente numa procura de saber **(350)** para poder ensinar. **(351)** Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. **(352)** Leccionar desenho no Departamento de Artes. **(353)** Procuo ler, **(354)** saber, **(355)** actualizar os meus conhecimentos. **(356)** Gosto de desafios, **(357)** gosto de pensar como resolver situações, **(358)** o que fazer, como fazer. **(359)** Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, **(360)** podia ter ficado, mas depois de re-

reflectir **(361)** e sobretudo os projectos, **(362)** aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas **(363)** fez-me ficar no Ensino Secundário. **(364)** Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. **(365)** Aquelas idades também me agradam. **(366)** Gosto quando me convidam para estes desafios. **(367)** Começo logo “a magiciar” coisas, **(368)** a “sonhar” com elas, **(369)** como vou fazer, **(370)** o que vamos experimentar, **(371)** o que será mais importante. **(372)** Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, **(373)** das nossas experiências. **(374)** O sentido prático das coisas preocupa-me. **(375)** Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem **(376)** para podermos encontrar equilíbrios. **(377)** Gosto da investigação. **(378)** Da experimentação no “terreno”. **(379)** Gosto de pessoas. **(380)** Gosto de conhecê-las. **(381)** Gosto de desafiar. **(382)** Não gosto de ideias pré-concebidas. **(383)** Gosto de descobrir. **(384)** Gosto de trabalhar em conjunto. **(385)** Gosto de reflectir. **(386)** Gosto de me sentar e escrever o que penso. **(387)** Gosto de planear num papel, de projectar. **(388)** Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. **(389)** Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. **(400)** Gosto de verificar. **(401)** Gosto de questionar, **(402)** de perguntar. **(403)** Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. **(404)** Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. **(405)** Não gosto que as coisas não se resolvam. **(406)** Sou muito teimosa. **(407)** Sou chata. **(408)** Não gosto do “tanto faz...” **(409)** Gosto que me questionem. **(411)** Gosto de reflectir. **(412)** Gosto de agir. **(413)** Gosto muito de ser professora.

APÊNDICE 16 GUIÃO INTERPRETATIVO DA HISTÓRIA DE ANA

Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças, talvez pelo facto de ter “sofrido na pele” os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência – mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos.

Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências; quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa. (Ana, 95-98)

16.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

16.1.1. Um Retrato de Ana

16.1.1.1. Aspectos biográficos – a pessoa, o estudante e a profissão

Ela própria o escreveu e ilustrou:

É com prazer que escrevo uma breve narrativa da minha vida profissional, na esperança que este pequeno contributo possa vir a ser de alguma utilidade, no âmbito das provas de doutoramento da minha estimada colega e ex-Enc. de Educação – Maria da Conceição Leal da Costa

Peço desculpa pelo facto de, por vezes, incluir no meu discurso um pouco de ironia, mas faz parte do meu carácter tentar enfrentar a realidade com um pouco de sentido de humor, não deixando de ser frontal e sincera! (Ana, 1)

Começo esta narrativa reflectindo sobre a questão: “Em que medida é que as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ou não ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional?” Eis uma questão que se aplica não só à minha vida profissional, como até à minha vida académica: (Ana, 2)

16.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

16.1.2.1. Representando, desejando e concretizando – itinerários e aprendizagens entre crenças, atitudes e valores

Fui cobaia de uma inovadora experiência pedagógica – enquanto aluna do Ciclo Preparatório. Esta experiência ia decorrer na escola do Ciclo Preparatório – na altura a escola André de Resende – para que estes alunos não saíssem do seu meio escolar e não fossem “lançados” para o Liceu Nacional de Évora – Instituição escolar para a qual certa e naturalmente seríamos canalizados, após termos finalizado o Ciclo Preparatório.

Algumas disciplinas foram substituídas por outras: em vez de “História e Geografia”, tínhamos “Ciências Humanas”; a disciplina de “Desenho” passou a ser “Educação Visual”; “Trabalhos Manuais” passou a denominar-se “Trabalhos Oficiais”, na qual podíamos escolher as áreas que queríamos aprender: “Trabalhos Caseiros”; “Noções Básicas de electricidade” (e já não me lembro de outras disciplinas, pois sempre fui um pouco “desprendida” de assuntos pedagógicos...). Não foi somente o nome das disciplinas que mudou, mas a metodologia de ensino. Os docentes seleccionados para leccionar estas novas disciplinas foram cuidadosamente seleccionados (soube há pouco tempo) pelo director da escola – o Dr. Gabriel David.

Ainda me recordo de alguns deles, que me deixam saudades. CC, AM, TP, MMC, M, LHF, S,... (Ana, 3-11)

“Chumbada” (presumo eu) esta “magnífica experiência pedagógica”, após dois anos de existência, vimo-nos na grata e inesquecível missão de “fazermos as malas” e proceder à matrícula no Liceu Nacional de Évora.

Aí, tal como esperávamos, não tivemos nenhuma comitiva de boas-vindas e também nenhum currículo adaptado à nossa realidade pedagógica dos dois anos lectivos anteriores! Pois é: podíamos ser uns alunos com um percurso pedagógico diferente dos demais, mas esse facto interessava a quem?!

Incluídos numa turma de “currículo normal” dos restantes alunos que frequentavam o (antigo) 5.º ano de escolaridade do liceu, deparámos com a obrigatoriedade de frequência de disciplinas que outrora não tivemos e com o mesmo grau de exigência de aproveitamento nas mesmas que outros colegas de ano!!! Uma atitude democrática, não?! Deste modo e em clara desvantagem de oportunidades e de nível de conhecimentos adquiridos, fomos convidados a empenhar-nos duplamente para conseguirmos ter aproveitamento no final do ano

lectivo, não esquecendo o exame final a nível nacional, cuja média de dispensa era “somente” de catorze valores!

Talvez o ministro Veiga Simão pretendesse testar a eficiência do sistema !!! (Ana, 13-21)

Embalada nesta fortificante experiência de arrasar os nervos, após terminar os estudos no liceu... eis que surge outra exxxxxxxxxtraooooodinááááária e inovadora experiência pedagógica: O com aulas transmitidas pela televisão. Sim, é isso mesmo: !

AH! Que momentos edificantes e calmos, quando a programação sofria, “por vezes”, algumas alterações, por razões alheias a eles e a nós, audiência escravizada daquele detestável “caixote”!

“Magníficas”, aquelas aulas de História, durante as quais “por razões alheias à produção”, faltava a ligação e ficávamos longos minutos com “o écran aos saltos”, certamente para que imaginássemos a batalha entre D. Afonso Henriques e D. Teresa, sua digníssima mãezinha!!!

Claro que no final do ano lectivo, e para variar, fomos convidados a realizar um exame a nível nacional, para serem testados os conhecimentos adquiridos por tão moderno método! Ai de nós se invocássemos as, “por vezes”, tão precárias condições de transmissão de conhecimentos! (Ana, 3-28)

Cada vez mais “calejada” com experiências inovadoras e motivada para ser uma dama poliglota, tendo resistido ao exame do Ano Propedêutico, inscrevi-me num curso acabadinho de estreir na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: o curso de Línguas e Literaturas Modernas – variante – Francês-Inglês. Sempre gostei de falar “estrangeiro” e graças à excelente influência das minhas professoras, decidi-me por aquele curso. (Ana, 29-31)

Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei” deparei com um outro obstáculo: Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão?!

Com este pseudo-estatuto de cobaia pedagógica tive que optar por ingressar num dos grupos do “ancient regime” e aquele que mais me agradou foi o 2.º grupo do 2.º Ciclo – Português-Francês. Mais uma vez, o meu espírito combativo foi posto à prova e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico e fi-la com prazer. (Ana, 32-40)

a) Vivências na formação inicial

No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo, na qual muito aprendi com a troca de experiências com as colegas de grupo.

Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E ... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara. Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota moderna!!!e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo continua a ser uma perseguição para mim)...

Esta “9ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área scola, Área istema ducativo e Área urma.

Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica mas... tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho)incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos meses seguintes: Maio e Junho!

Tenho que agradecer a todos os colegas que, , me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva; àquela colega e presente amiga que teve a de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: – desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional e “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual.

Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser

um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” “Querer é poder”. Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (Ana, 41-65)

“não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação de Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º ciclo. Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º, 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico e fi-la com prazer” (Ana, 37-40).

Ana refere-se repetidas vezes e em diferentes fases do seu percurso profissional ao seu “caracter combativo e persistente” (Ana, 51a) atitude que antes também podemos ler por palavras diferentes enquanto aluna.

16.1.2.2. Sendo Professora – vivências formadoras, entusiasmo empenho e satisfação no trabalho

Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias, concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (Terei sido a candidata única?!) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio na escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. (Ana, 66-69)

Em 1999, eis que surge mais uma reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (Uma reforma alentejana??!!!!). Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. (Ana, 70-73)

Em teoria, esta reforma educativa tinha ideais muito nobres, que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos, partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público -alvo.

A teoria de que só se aprender o que nos interessa poderá, à partida, ser muito atractivo, mas... será “pedagogicamente correcto”? Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. A aprendizagem não deve ser hermética: há que potenciali-

zarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... (Ana, 75-80)

No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!!

A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinante, mas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada, pois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo, o seu douto saber... e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... por uns, pagam todos!!!

Sempre tenho tido uma postura um pouco rertaída face às mudanças, talvez pelo facto de ter “sofrido na pele” os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência – mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. (Ana 88-97)

Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação / qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! A imposição não é aliada da qualidade! (Ana, 115-117)

Lado positivo deste empenhamento pedagógico: uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvar a pseudo-individualização do ensino. Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia!

A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional. Devemos trocar impressões com os colegas, depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional.

A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de prof. efectivos) foi uma das escolas pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TEIPs... com Projecto Educativo bem definido, de acordo com o disposto na lei, tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (Ana, 132-141)

Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante a explorar na sala de aula com os meus alunos e nunca me arrependi de aprender. Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar, mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências!

Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha; que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/ aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa. (Ana 145-154)

16.1.2.3. *Colaborando para transformar (ou) desenvolvendo a colaboração nos contextos de trabalho*

Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais “me especializei”, deparei com um outro obstáculo: Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão ?!

Com este pseudo – estatuto de cobaia pedagógica tive que optar por ingressar num dos grupos do “ancient régime” e aquele que mais me agradou foi o 2.º grupo do 2.º Ciclo – Português – Francês.

Mais uma vez, o meu espírito combativo foi posto à prova e embora não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação de Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º ciclo. Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º, 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico e fi-la com prazer.

No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo, na qual muito aprendi com a troca de experiências com as colegas de grupo. (Ana, 32-42)

Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses), resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “”. E... Fiquei colocada, como formanda, na escola de Santa Clara, leccionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Francês. Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! – e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo continua a ser uma perseguição para mim)...

Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. A Área tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua.

Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. Foram feitas muitas actividades; foi trocada muita experiência pedagógica, mas... tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. Refiro este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram, No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) – incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos meses seguintes: Maio e Junho!

Tenho que agradecer a todos os colegas que, me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva; àquela colega e presente amiga, que teve a de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: -desempenhado- o com grande qualidade humana e profissional e “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico ou pedagógico, foi onde não tive senão um apoio pontual...

Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências

vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.”. Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (Ana, 55-65)

Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras:

Se a turma fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio- cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio- económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? E qual a qualidade do material elaborado? Seria apelativo?

No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! (Ana, 81-88)

A Área-Escola, para mim, “foi o máximo”!!! (Ana, 102)

Qual a dura realidade?

1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos...

O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que “afinal, havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!!

Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O Ambiente”, constando do Plano Anual de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... (Ana, 105-112)

E ainda num outro exemplo:

Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola-mãe). Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! Uma verdadeira bomba, esta modérnice! Estilo g (escolas) em 1... “t’ás a ver”?

Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... ! Houve um chimfrim infernal com parte do povo escolar como um espírito tal como em 1640, mas com “os Filipinos em território nacional”!

Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! (Ana, 118-124)

Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo, o seu douto saber... e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... por uns, pagam todos!!! (Ana, 92-94)

Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças talvez pelo facto de ter “sofrido na pele” os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência – mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. Durante todas as mudanças curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências; quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da edibilidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (Ana, 95-101)

“os elementos da gestão são professores trabalhadores, valorizando a experimentação de novas metodologias pedagógicas, preferindo correr riscos, analisando/solucionando os problemas daí resultantes” (Ana, 142-144).

Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O Ambiente”, constando do Plano Anual de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o que não partir do interesse pessoal quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (Ana, 111a)

Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação / qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! A imposição não é aliada da qualidade! (Ana, 115a)

A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional. Devemos trocar impressões com os colegas, depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional (Ana, 135-138).

16.1.2.4. Contextos de trabalho e caminhos de (trans)formação

Em 1999, eis que surge mais uma reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (Uma reforma alentejana??!!). Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos:

Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época).

Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. e talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!! A Deus tudo é possível...

Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. A aprendizagem não deve ser hermética, há que potencializarmos as nossas capacidades e

interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu...” (Ana, 70-80)

Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considere interessante a explorar na sala de aula com os meus alunos e nunca me arrependi de aprender. Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar, mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências! (Ana, 145-151)

Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo e um Jardim de Infância... num “território educativo... com uma escola sede ou escola-mãe). Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! Uma verdadeira bomba, esta modérrnice! Estilo g (escolas) em 1... “t’ás a ver”?

Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... ! Houve um chimfrim infernal com parte do povo escolar como um espírito tal como em 1640, mas com “os Filipinos em território nacional”!

Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão!

A teoria de só se aprender aquilo que nos interessa poderá, à partida, ser muito atractiva, mas... será “pedagogicamente correto”? Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciar-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. A aprendizagem não deve ser hermética: há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu...” (Ana, 75-80)

Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha; que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência...

Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/ aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa. (Ana, 152-153)

E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais”, os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais...

Lado positivo deste empenhamento pedagógico: uma pesquisa mais aprofundada de materiais didácticos e uma constante renovação dos mesmos, para evitar repetições e salvar a pseudo-individualização do ensino. Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia!

A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional. Devemos trocar impressões com os colegas, depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional.

A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de prof. efectivos) foi uma das escolas pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TEIPs... com Projecto Educativo bem definido, de acordo com o disposto na lei, tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (Ana, 128-141)

Cada vez estou mais convicta que o que não partir do interesse pessoal quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia...

Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação / qualidade de empenhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro! A imposição não é aliada da qualidade! (Ana, 113-117)

16.1.2.5. *Desenvolver-se na escola para além fronteiras a escola se desenvolver*

Após ter terminado a minha licenciatura e quando pensava que iria leccionar as duas disciplinas para as quais me “me especializei” deparei com um outro obstáculo: Deste modo, os grupos para efeito de concurso eram os mesmos que existiam antes da criação dos cursos ministrados pelas universidades públicas! Não é tão ?!

Com este pseudo-estatuto de cobaia pedagógica tive que optar por ingressar num dos grupos do “ancient regime” e aquele que mais me agradou foi o 2.º grupo do 2.º Ciclo – Português-Francês. Mais uma vez, o meu espírito combativo foi posto à prova e embora eu não tivesse tido a preparação científica na Faculdade de Letras para a leccionação da Língua Portuguesa, empenhei-me em estudar os conteúdos do Programa de Língua Portuguesa do 2.º Ciclo. Não foi uma tarefa árdua, pois tive esta disciplina durante os 5.º, 6.º e 7.º anos do Liceu e ano Propedêutico e fi-la com prazer.

No mês seguinte à obtenção da minha licenciatura, fiquei colocada, pela primeira vez, na escola de Viana do Alentejo na qual muito aprendi com a troca de experiências com as colegas de grupo. Com um espírito de aventura próprio da idade (22 anos feitos há 3 meses) resolvi concorrer para estágio – modelo também inovador: “Profissionalização em Exercício”. E... fiquei colocada como formanda na escola de Santa Clara. Este modelo de estágio era inovador – Oh! Como eu sou uma garota modernaça!!! e a sua frequência era de dois anos! (O algarismo continua a ser uma perseguição para mim)...

Esta “9.ª maravilha da natureza pedagógica” abrangia três diferentes áreas: Área Escola, Área Sistema Educativo e Área Turma. A Área tinha como meta a intervenção dos professores em formação no sistema educativo, de modo que pudessem contribuir para a sua renovação contínua.

Também tive que elaborar um Plano Individual de Trabalho. Foram feitas muitas actividades, foi trocada muita experiência pedagógica, mas... tive uma delegada de disciplina de Língua Portuguesa para a profissionalização. Dos então dezoito professores que leccionavam a referida disciplina naquela escola, ninguém esteve disposto a candidatar-se ao cargo de delegado de formação. Refiro-me a este facto porque, mais uma vez, vali-me do meu carácter combativo e persistente para ultrapassar as dificuldades. Felizmente tive boas colegas que muito me ajudaram...

No final do primeiro ano de profissionalização, a então Orientadora Pedagógica de Língua Portuguesa (personagem que pontualmente se deslocava à escola para assistir às nossas aulas e orientar o nosso trabalho) incompatibilizou-se com a minha colega de estágio e cessou as suas funções. No ano lectivo seguinte não tivemos qualquer tipo de até meados de Abril, altura em que foi nomeada uma nova orientadora, vinda de Coimbra, e a qual assistiu a várias aulas, repartidas pelos meses seguintes: Maio e Junho! (Ana, 32-57)

Tenho que agradecer a todos os colegas que me ajudaram na procura de um constante aperfeiçoamento da minha prática lectiva àquela colega e presente amiga, que teve a de assumir este ingrato papel de ser delegada de profissionalização na disciplina de Francês: desempenhando-o com grande qualidade humana e profissional e “modestamente” a mim própria, por ter sido combativa e não ter nunca perdido a fé nas minhas capacidades, com condições tão adversas. No fundo, na disciplina que mais necessitava de apoio científico e pedagógico foi onde não tive senão um apoio pontual...

Graças a Deus, consegui terminar a minha profissionalização em ambas as disciplinas e de uma forma global, com uma agradável média, pelo que posso afirmar que “... as experiências vividas pelos professores, com vista à implementação de mudanças curriculares podem ser um espaço potencializador de desenvolvimento pessoal e profissional.” “Querer é poder”. Acho que este ditado se ajusta perfeitamente, nesta situação. (*Ana*, 58-65)

Depois desta “half self-service metodologia pedagógico-profissionalizante” e tendo em conta a necessidade de outras estagiárias concorri para a orientação de estágio em Língua Portuguesa – 2.º ciclo, concurso aberto pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e para o qual fui aceite. (Terei sido a candidata única?!) Durante o anteriormente referido espaço de tempo, orientei estágio nas escolas de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão. (*Ana*, 66-69)

Em 1999, eis que surge mais uma reforma pedagógica, para a qual cada professor em vez de leccionar duas disciplinas, iria escolher uma só. (Uma reforma Alentejana??!!) Se bem me lembro, o professor deixava de ter o papel de centro das atenções e de ter uma atitude directiva, para dar lugar a um docente voltado para as experiências dos alunos. As Acções de Formação foram multiplicadas em muitas e em locais diversos e antagónicos: (*Ana*, 70-73)

Em Lisboa, onde os professores foram “condignamente” alojados em pensões situadas na zona do Conde Redondo... (é verídico e foi um facto muito comentado nos jornais da época). (*Ana*, 74/imagem ilustrativa)

Em Fátima, depois do escândalo causado pelos motivos expostos em 1. E talvez na esperança da iluminação divina de algumas teorias humanamente impossíveis!!! A Deus tudo é possível... (*Ana*, 74/imagem ilustrativa)

Em teoria, esta reforma tinha ideais muito nobres que visavam a melhoria da qualidade de aprendizagem nas diversas disciplinas, pois o que supostamente era ensinado aos alunos partia dos seus interesses, tornando desta forma, o ensino em algo aliciante para o seu público-alvo. A teoria de só se aprender o que nos interessa poderá, à partida, ser muito

atractivo, mas... Estou consciente do facto que só se aprende bem aquilo pelo qual nutrimos interesse, mas não podemos distanciarmo-nos da realidade e da globalidade das aprendizagens. A aprendizagem não deve ser hermética há que potencializarmos as nossas capacidades e interesses em várias direcções para sabermos seleccionar e aplicar os conhecimentos no contexto do nosso quotidiano, acho eu... (Ana, 75-80)

Não me recordo dos diversos objectivos desta nova reforma, mas um dos factores que contribuíram para o seu insucesso foi também o facto de não haver um manual escolar específico para cada disciplina: cada docente era responsável pela elaboração de material pedagógico de apoio, o que colocava os alunos em diferentes circunstâncias: se um professor decidisse não se empenhar na elaboração de tal material de apoio, os alunos ficariam em desvantagem em relação aos que tinham um professor dedicado e cumpridor, em duas palavras: . (Ana, 84)

1. Se a turma fosse uma turma composta por alunos desinteressados pela escola e de um meio sócio- cultural pouco favorável, em oposição à turma B, constituída por alunos de um satisfatório meio sócio-económico e cultural, qual seria a diferença na qualidade da aprendizagem com diferente tipo de professor e dependendo exclusivamente do material que o professor elaborasse? E qual a qualidade do material elaborado? Seria apelativo? (Ana, 85-87)

No fundo, os alunos nunca teriam as mesmas possibilidades de aquisição dos conhecimentos, pois dependiam muito do material que o docente viesse a facultar-lhes e da qualidade pedagógica do docente, sobretudo!!! (Ana, 88)

A qualidade científica e pedagógica dos docentes é determinantemas havendo material didáctico comum a todos, a desvantagem do meio sócio-cultural é menos acentuada pois o que deve ser exigido saber é o que consta do manual e nas fichas entregues pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discentepois o que deve ser exigido saber é o que consta no manual e nas fichas entregue pelo docente para que a oportunidade de sucesso seja igual para toda a classe discente. Também é verdade que muitos docentes são “cientificamente correctos”, mas “pedagogicamente inadaptados”, por não conseguirem transmitir com clareza e entusiasmo o seu douto saber... e há pessoas que vão “dar aulas” e mais valia não terem ido, evitando o vilipêndio da classe docente pela sociedade em geral... por uns pagam todos!!! Sempre tenho tido uma postura um pouco retraída face às mudanças talvez pelo facto de ter “sofrido na pele os efémeros efeitos de algumas delas – como já tive ocasião de fazer referência mas mesmo assim, tenho tentado tirar partido do lado positivo de cada uma delas e disfrutado dos mesmos. Durante todas as mudanças

curriculares, pelo menos, houve uma troca de saberes, uma partilha de experiências quer no trabalho diário; quer em actividades da comunidade educativa: festas de Natal, festas de fim de ano lectivo... Acho que foram momentos bastante enriquecedores para ambas as partes: classe docente, classe discente e comunidade educativa. Por ocasião destas festividades, foram convidados a participar vários elementos da comunidade: artesãos, músicos, artistas de várias áreas, com os quais foi extremamente interessante contactar. (Ana, 89-101)

A Área-Escola, para mim foi o “máximo”!!!

Pretendia-se que cada turma elaborasse um plano próprio com um tema a desenvolver, no qual estivessem representadas grande parte das disciplinas do currículo. Seria uma actividade para a concretização da qual era suposta a participação e empenhamento de muitos dos docentes e da totalidade dos alunos da turma que, por sua vez, trabalhariam em ritmos e interesses individualizados. Que giiiiroooooooooo!!!! Qual a dura realidade? 1 – O “pobre” do director de turma é que era o responsável pela concretização desta actividade... e muito relutantemente (perdão), entusiasticamente, era o cabeça de lista, que com o seu charme pessoal e munido de muita delicadeza, pedia a colaboração dos colegas mais amigos... (Ana, 103-107)

O professor de Educ. Visual acedia a este irrecusável convite, não sem antes refilar por ser “assediado” por todos os D. T. dos conselhos de turma dos quais fazia parte; o professor de Matemática referia o facto de ainda não ser a ocasião para “dar estatística” e que pouco ou nada poderia contribuir para o projecto... e após algumas horas de reuniões, impregnadas de uma fresca brisa de charme e contestação, eis que é “gerado um tema original”! Na reunião de Coordenação de Directores de Turma chega-se à brilhante conclusão que “afinal havia outras”, pois eram várias as turmas que adoptaram o mesmo tema que nós!!!

Perante esta discreta “clonagem” de temas da Área-Escola, a gestão escolar decidiu que houvesse um único tema aglutinador para a referida área em cada ano lectivo, como por exemplo: “O ambiente”, constando do Plano de Actividades da escola e que a partir dele, vários subtemas e actividades pudessem vir a ser desenvolvidos. Confesso que, nem mesmo assim, esta área teve grande sucesso... Cada vez estou mais convicta que o não partir do interesse pessoal, quer da classe discente, quer da classe docente, é uma perda de tempo! Embora recorde que não podemos só fazer o que nos apetece... desejo uma situação intermédia... (Ana, 109-114)

Nem sempre a área-escola foi um fracasso, mas o seu sucesso devia-se única e exclusivamente a dois factores: ao interesse do tema a trabalhar e à motivação/qualidade de empe-

nhamento dos que nela eram os agentes activos, segundo a minha modesta opinião, claro!
(*Ana*, 115-116)

“imposição não é aliada da qualidade” (*Ana*, 117).

Outra indiscreta “nouvelle”: a escola tipo TEIP (Integração de várias escolas do 1.º Ciclo num “território educativo... com uma escola sede ou escola mãe. Ideias da feiosa Secretária de Estado – Ana Barbosa!!! Uma verdadeira bomba, esta modernice! Estilo 9 (escolas) em 1... “t’ás a ver”? (*Ana*, 118-121)

Este “bijou” foi o “máximo” em desatino: discutiu-se a possibilidade das professoras do 1.º ciclo poderem vir acompanhar os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem... Houve um chinfrim infernal com parte do povo escolar com um espírito tal como em 1640, nas com “os Filipinos” em território nacional”! (*Ana*, 122-123)

Nunca nenhuma mudança pedagógica tinha provocado tamanha e acesa discussão! (*Ana*, 124/Imagem)

Quem tem dificuldades educativas deverá ficar retido no mesmo ano e se precisa de apoio pedagógico individualizado, então que o tenha em lugar próprio, em sala reservada para não prejudicar o resto dos alunos da turma! Na Alemanha, há diversos tipos de escolas, de acordo com as capacidades intelectuais e financeiras de cada indivíduo; aqui neste país top-model, fala-se da inclusão de todos em todoo lado... “VIVÁ DEMOCRACIA”!

– Eu como não sou menos que o Champalimaud, quero ter um Bentley...

– ...

– Então?! Não somos todos iguais?

– ... – AH Não?! AAAAAH, “Tá bem”! É só na documentação do Ministério da Educação!
(*Ana*, 125-127)

E com este espírito de direito à diferença, “sendo todos iguais os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica. Resultado: os menos dotados aprendem pouco e os mais dotados não aprendem muito. Como contributo para este ritmo de trabalho, há ainda que referir

o facto do docente ter que elaborar fichas de trabalho e fichas de avaliação adaptadas para os menos iguais... (Ana, 128-129)

Querem o ensino para todos e individualizado para alguns?! Devo ser das menos dotadas, pois não consigo perceber esta pedagogia! (Ana, 134)

A mudança curricular é sempre um momento de desenvolvimento pessoal e profissional se soubermos aproveitar os seus aspectos positivos. Devemos trocar impressões com os colegas depois de aplicadas certas metodologias pedagógicas e a partir dos resultados obtidos, procedermos à sua detalhada avaliação. Este tipo de atitude deverá ser uma constante na nossa vida profissional.

A escola André de Resende (já há 16 anos que faço parte do quadro de efectivos) foi uma das pioneiras das várias mudanças curriculares e até dos TelpPs... com Projecto Educativo bem definido de acordo com o disposto na lei tentando fazer com que o seu corpo docente esteja em permanente colaboração e troca de saberes entre si. (Ana, 135-141).

Os elementos da gestão são professores trabalhadores, valorizando a experimentação de novas metodologias pedagógicas, preferindo correr riscos, analisando /solucionando os problemas daí resultantes. (Ana, 142-144)

Muitas têm sido as Acções de Formação que frequentei ao longo da minha carreira profissional e em todas elas aprendi algo que pude aplicar no meu quotidiano. Muitos livros e revistas comprei pelo prazer de me instruir sobre este ou aquele assunto; muitas horas dediquei à pesquisa e à elaboração de material didáctico que considerei interessante explorar na sala de aula com os meus alunos e nunca me arrependi de aprender. Foram bons os momentos pedagógicos a ler ou a trabalhar mas, sobretudo, a conviver com os meus colegas numa salutar troca de experiências.

Ideal seria que todo o professor sentisse orgulho e motivação na profissão que desempenha que esta tivesse um objectivo que não se aplicasse, somente, num futuro imediato para um fim específico e que perdurasse no quotidiano dos seus alunos, ao longo da sua existência... Com “modernices” ou “old fashion way”, o que importa é que a qualidade do que é ensinado/aprendido, seja como o brilho da estrela que orienta a rota pretendida: pragmática e precisa. (Ana, 145-154)

APÊNDICE 17 GUIÃO INTERPRETATIVO DA HISTÓRIA DE JOSÉ

17.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

17.1.1. Um Retrato de José

17.1.1.1. Aspectos biográficos – a pessoa, o estudante e a profissão

“entrada na profissão docente foi mais um “acidente da vida” do que uma vocação clara e de infância (José, 10-11).

A conclusão do curso dos liceus (actual 11.º ano) coincidiu com algumas dificuldades económicas dos meus pais e com a vinda do núcleo duro do meu grupo de amigos para a cidade de Évora. Esse grupo de amigos, todos eles mais velhos, vinham iniciar o seu estágio profissional de medicina no Hospital Distrital e eu ficaria sem “nada” que fazer em Lisboa e num ano em que não tinha obrigações estudantis. Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. Era o dia 18 de Março de 1976 e tinha apenas dezoito anos. Não podia então imaginar que um “acidente da vida” se iria revelar como uma realização profissional. (José, 12-31)

O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, e representou uma experiência, que passados uns anos, avalio como determinante. Na escola, os professores efectivos eram poucos e eram ainda menos os licenciados. O sentido de entreatjada era enorme e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (José, 33-42)

O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (José, 71-73)

O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados o que trouxe cada vez mais problemas. Os colegas da universidade prosseguiram os seus estudos e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. Esta situação e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras faziam com que o curso superior fosse marcando passo. (José, 106-115)

A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período. (José, 119)

Após um ano de trabalho na escola de Redondo fui colocado em miniconcurso¹ na escola de Arraiolos onde permaneci vários anos. Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano e comecei a sentir um pouco de estabilidade e pertença a uma escola. No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. Era preciso acabar o curso. Continuei a querer ser professor de História (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (José, 133-148)

No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos fui director de turma e dois anos depois, como já referi, deixei de o poder ser, fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. (José, 149-154)

Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. (José, 235-236)

Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas para também poder acabar o curso. Concluí as cadeiras da minha licenciatura (José 244-245; 267)

1 Este foi um processo de colocação dos professores que não faziam parte dos quadros das escolas. Eram recrutados em concursos regionais, numa segunda fase, com vista a preenchimento de vagas sobranes da 1.ª fase do concurso de âmbito nacional. Era regulamentado anualmente e de acordo com as necessidades inventariadas após a primeira fase. A informação legislativa pode ser consultada em http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL_075_85.htm

Como já disse, frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. (José, 313-315)

Passei a ser professor contratado profissionalizado no ano lectivo de 1991/92. Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). (José, 433-438)

Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. (José, 476-480)

Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país e sendo sempre contratado. (José, 487-489)

17.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

17.1.2.1. Representando, desejando e concretizando – itinerários e aprendizagens entre crenças, atitudes e valores

Os meus primeiros anos de profissão foram desempenhados como professor de habilitação suficiente e estive a leccionar as disciplinas de Francês e Português no 2.º e 3.º ciclo. Entretanto, a minha formação inicial dividia-se entre a Universidade de Letras de Lisboa, nos primeiros anos do curso de História, e a Universidade de Évora, no Curso de Ensino em História até ao ano lectivo de 1990/91, ano do Estágio Integrado. (José, 2a-5)

a) A entrada na profissão (José, 9)

A minha entrada na profissão docente foi mais um “acidente da vida” do que uma vocação clara e de infância. A conclusão do curso dos liceus (actual 11.º ano) coincidiu com algumas dificuldades económicas dos meus pais e com a vinda do núcleo duro do meu grupo de amigos para a cidade de Évora. Esse grupo de amigos, todos eles mais velhos, vinham iniciar

o seu estágio profissional de medicina no Hospital Distrital e eu ficaria sem “nada” que fazer em Lisboa e num ano em que não tinha obrigações estudantis. (*José*, 10-15)

O ano lectivo de 1976/77 foi um ano de transição no sistema educativo pois coincidiu com o fim do Serviço Cívico e antes da criação do Ano Propedêutico (ano que deu origem ao 12.º ano de escolaridade). Esse ano, apelidado de “Ano Vestibular”, não teve qualquer actividade lectiva ou de serviço à comunidade, representava um ano sem fazer nada e com um exame de acesso à Universidade no final do ano. Era a primeira vez que esse exame se iria realizar após o 25 de Abril de 1974. (*José*, 17-23)

Assim, e atendendo ao facto de ter feito parte do meu percurso estudantil no Lycée Français Charles Le Pierre em Lisboa, resolvi enviar uma carta para o Ministério da Educação no sentido de obter uma colocação como professor de Francês numa escola perto da cidade de Évora. Passado perto de um mês recebi uma carta desta entidade para me apresentar na Escola Secundária de Montemor-o-Novo para um horário completo. Era o dia 18 de Março de 1976 e tinha apenas dezoito anos. Não podia então imaginar que um “acidente da vida” se iria revelar como uma realização profissional. (*José*, 24-31)

b) De estudante e professor a professor/estudante (*José*, 32)

O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, e representou uma experiência, que passados uns anos, avalio como determinante. Na escola, os professores efectivos eram poucos e eram ainda menos os licenciados. (*José*, 33-37)

Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (*José*, 41-42)

Voltando a este meu primeiro ano, foi muito importante a minha delegada de grupo. Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, e apoiou-me bastante na preparação das aulas seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais e não a cópia daquilo que fizeram comigo. Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança. (*José*, 60-65)

O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. (*José*, 71-73)

O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. Obviamente os estudos começaram a ficar atrasados o que trouxe cada vez mais problemas. Os colegas da universidade prosseguiram os seus estudos e eu deixava de ter o seu apoio para fazer trabalhos de grupo e apontamentos das aulas. Esta situação e o pouco respeito que gradualmente se fazia sentir pelos estudantes/trabalhadores (os alunos voluntários) na Faculdade de Letras faziam com que o curso superior fosse marcando passo. Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. O do mini-concurso ficou com o que ninguém queria. Mas o que mais curioso teve este ano lectivo foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação só terem chegado no final do 2.º Período. Valeu-me o extraordinário apoio de colegas e amigas pessoais que tive numa escola em Évora que me ajudaram a preparar as aulas e a coligir os materiais necessários para leccionar até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores porque o programa oficial também faltava em Évora. (José, 106-132)

Após um ano de trabalho na escola de Redondo fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos onde permaneci vários anos. Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, e comecei a sentir um pouco de estabilidade e pertença a uma escola. O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações permitia alguma transparência nas colocações e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. Era preciso acabar o curso. No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) fui director de turma dois anos depois, como já referi, deixei de o poder ser, fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. Também não havia formalmente grupo disciplinar, pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. Não podia por isso haver grupo disciplinar. Não havendo horas de redu-

ção para o cargo de Delegado de Grupo ou pagamento das horas para reunião de grupo, recusei fazê-las com carácter sistemático. (*José*, 133-159)

É curioso, ao relembrar o meu passado profissional verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, boa vontade e aposta de muitos professores, que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham eram o direito a faltar na véspera e dia de exame e não o pagamento de propinas na universidade. Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam nunca foi aposta do Ministério da Educação não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário ou outro tipo de regalia. Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, sobretudo os do 2.º CEB que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB e que tinham muito mais apoio documental e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (*José*, 165-182)

Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola ou de turma, os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas ou os conselhos de turma. Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, mas havia um grande diálogo entre os professores. Relembro que eram reuniões sempre muito longas e em que a formação que dávamos e recebíamos era fruto da troca de experiências profissionais ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica e psicopedagógica mais avançada. Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. Eram por vezes discussões acesas, que muitas vezes nos punham em causa, mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos que o sistema nos obrigava a cumprir (sem termos tido formação muitos de nós). (*José*, 207-230)

Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. A diferença era abissal. As reuniões formais onde também se planificava, o apoio das delegadas de grupo que tive, a elaboração de testes e materiais em conjunto e a sua partilha, vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas para também poder acabar o curso. De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional ou de habilitações superior

ao meu, nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (José, 235-248)

Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, da profissionalização em exercício, das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, os documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, foi um período riquíssimo de reuniões de aspectos políticos, sindicais, profissionais e pedagógicos e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. (José, 249-262)

Nestes anos participei em imensas discussões (por vezes bastante acaloradas), em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, e concluí as cadeiras da minha licenciatura. Foram anos de intensa formação formal e informal. Foram anos de intenso trabalho, de grande cansaço mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (José, 263-272)

É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas e era por vezes contagiante. Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor e que juntos conseguiriam ser reconhecidos e valorizados. Lembro-me de ter dito à minha mulher, também professora, por volta de 1990, que os professores seriam reconhecidos e que se compreenderia que deveriam ter um bom ordenado pois eram fundamentais ao desenvolvimento e riqueza do país. É muito idealismo e muita ingenuidade para um homem de trinta anos, mas acho que muitos de nós tivemos e vivemos essa ingenuidade. (José, 273-289)

Mas creio que somos uma profissão com enormes energias e exemplo disso é a Escola de Santa Clara que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo e os professores da escola investiram e apostaram forte e com enorme empenho. Somos resistentes. Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal e de experiências pedagógicas. O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. Foi uma experiência excepcional pois verifiquei que era possível leccionar em par ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). (José, 293-307)

Já muito antes tinha recebido o convite para integrar a direcção do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS). Aceitei esse compromisso pois já estava profissionalizado e senti que o Cavaquismo precisava de ser combatido e era preciso defender uma escola pública democrática e de qualidade. Foi um período riquíssimo em termos de formação pessoal e extraordinariamente importante para conhecer o sistema educativo e a qualidade educativa. As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, o contacto com alunos, com os colegas e com a comunidade educativa. A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão e o meu papel como educador, formador e professor foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. (José, 434-454)

Foi uma experiência profissional muito positiva e que me demonstrou a enorme qualidade e dedicação ao ensino de muitos dos meus colegas. Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME ou até pela opinião pública. Foram períodos de muito trabalho mas com um grande enriquecimento. Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), a par com indefinições, desvalorizações e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, levam a alguma saturação e sentimento de desalento entre o corpo docente. (José, 537-558)

Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular e ser muito mais elitista (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), a constante referência à necessidade de avaliação das escolas e dos professores, a constante referência à necessidade de exames para saber se os alunos devem passar de ciclo e para avaliar o trabalho dos professores (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. Para mim, estes factores assim como a constante não valorização até pela opinião pública do nosso trabalho têm-me trazido um sentimento crescente de desencanto e de alguma demissão nos processos de discussão sobre aspectos da educação e do ensino. Acho que já não vale a pena e que independentemente das propostas dos professores, os governos ou outros poderes decidirão sempre de

acordo com os seus, por vezes pouco claros objectivos. Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, educador e formador com os meus alunos. (*José, 564-607*)

c) A carreira de José

O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, e representou uma experiência, que passados uns anos, avalio como determinante. Na escola, os professores efectivos eram poucos e eram ainda menos os licenciados. O sentido de entreatajuda era enorme e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (*José, 33-42*)

É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, como “autoridade” ou no meu saber, por qualquer aluno. É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. Foco este episódio pois se naquela altura a minha “benevolência” na nota teve a sua parte de intuição (por ventura imaturidade) e vontade de premiar um senhor com quarenta e tal anos que somente pretendia subir de posto no emprego, agora, ao fim de quase 27 anos, esse mesmo tipo de “benevolência” alicerça-se em sensibilidade e estudo dos factores não objectivos e quantificáveis na avaliação e que avaliar é muito mais que pôr uma chapa em qualquer aluno, é reflectir em como é que essa chapa o pode transformar num melhor aluno e numa melhor pessoa. (*José, 43-59*)

Voltando a este meu primeiro ano, foi muito importante a minha delegada de grupo. Apoiou-me bastante na preparação das aulas seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais e não a cópia daquilo que fizeram comigo. Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança necessária a qualquer professor. É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, tenha corrido sem problemas e com aprovação pelos órgãos da escola (*José, 60-70*)

Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (*José, 97-98*)

d) A formação inicial – duas universidades, dois modelos e formação contínua (José, 312)

Como já disse frequentei a Universidade de Letras de Lisboa entre 1977/78 e 83/84. Estive dois anos sem me inscrever e depois, em 1986/87, pedi o reingresso e transferência para a Universidade de Évora – Curso de Ensino em História. (José, 313-314)

O curso de História em Letras era um curso científico, sem qualquer componente ou preocupação pedagógica. Ainda não tinham sido criados os cursos de via ensino. Assim a preparação científica era exigente, por parte da maioria dos professores, e que se preocupava sobretudo na criação de pessoas capazes de trabalhar em História, com metodologias científicas e com uma perspectiva e abordagem novas. De notar que estava por fazer uma história em Portugal sem a pressão ou influências da censura fascista de antes do 25 de Abril. Era uma altura em que a influência do marxismo e da historiografia francesa se faziam sentir intensamente. O facto de a avaliação ser feita em quase todas as cadeiras, por trabalhos (de grupo ou individuais) obrigava o estudante a imensas leituras bibliográficas e a um esforço de escrita e organização muito difícil. Mas fazia crescer intelectualmente, fazia aumentar o poder crítico e a reflexão. Em geral os trabalhos eram apresentados ao resto da turma durante as aulas. Não sendo um modelo perfeito, muitas vezes prejudicado por alguma instabilidade estudantil, política e da reestruturação das universidades pós 25 de Abril, desenvolvia mais as capacidades intelectuais dos alunos que o modelo posterior de avaliação por exames ou frequências. (José, 315-335)

Este foi o facto que estranhei mais na formação que tive na Universidade de Évora. A quase não existência de trabalhos nas cadeiras da Universidade de Évora, um modelo de avaliação baseado em frequências e exames, em que se estuda como para teste da escola básica ou secundária, em que o esforço maior é o de memorização e não o da reflexão, criou alguns problemas de habituação. Depois compreendi que para ter boas notas em Évora era preciso memorizar, decorar os apontamentos das aulas (tirados por mim ou por colegas que me emprestavam), e depois reproduzir nos testes. (José, 336-343)

De notar que algumas perguntas dos testes eram iguais a algumas que faço agora aos meus alunos (por exemplo: indica as características do estilo Gótico), que era preciso ser capaz de escrever aquilo que se memorizava e que consegui fazer cadeiras científicas sem ler qualquer bibliografia, somente estudei os apontamentos das aulas. Creio que não é abonatório em relação à qualidade do ensino superior. (José, 344-349)

Um outro aspecto que me desiludiu foi a maneira como foi tratado o problema das duas cadeiras semestrais de Economia que havia no currículo do curso de História. As cadeiras de Economia tinham enorme insucesso escolar nos alunos de História. É óbvio que isso tinha de acontecer pois era uma cadeira leccionada pelos professores do departamento de economia e o programa era o mesmo que para todos os outros cursos, nomeadamente Economia ou Gestão de Empresas. Era necessário fazer contas, decorar fórmulas, pois nos testes não havia consulta. Em vez de reformularem os conteúdos e as metodologias destas disciplinas, para permitir que estudantes sem capacidades matemáticas pudessem ter noções importantes de economia, resolveram retirar estas cadeiras do currículo do curso. Foi um erro pois as noções básicas de macro economia que aprendi nesta universidade têm sido úteis para explicar aos alunos alguns conteúdos dos programas que tenho de leccionar. De notar, ainda, que acontece o mesmo que nos programas de história do 3.º CEB. Não houve praticamente nenhuma aula sobre os processos históricos do Século XX na Universidade. Não houve tempo de tratar o Século XX. É o mesmo que acontece nas escolas básicas. Há mudanças curriculares, há discussões em torno dos programas, da sua dimensão, ou até, em torno da sua concepção. É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos e de dimensões já há muito exageradas. (*José, 350-366*)

Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, de todas as novidades científicas que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, e reformular os programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. (*José, 367-374*)

Creio que o percurso não está a ser esse, e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, está a ser feita junto do poder governamental. É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo. (*José, 375-381*)

No que respeita à formação pedagógica deste curso de via ensino, ela manteve a linha de academismo e intelectualidade. Esteve muito longe da realidade das escolas básicas e secundárias, poucas cadeiras tinham uma aplicação prática na vida docente e estavam carregadas de teorias para decorar, algumas com centenas de anos. Creio que havia uma confusão grande no Departamento de Pedagogia. Pretendia-se fazer a preparação pedagógica e didáctica dos futuros docentes mas, ao mesmo tempo, criar futuros investigadores na área das ciências de educação. Esta ambiguidade foi contraproducente pois são poucos os docentes, excepto os que pretendem carreira no ensino superior, que pretendam investigar, trabalhar ou ter formação contínua nesta área. *(José, 382-389)*

Após a formação pedagógica e didáctica universitária, a maior lacuna que senti foi no campo da psicologia da adolescência. As duas cadeiras semestrais da universidade foram manifestamente insuficientes e mais direccionadas para a memorização de modelos teóricos (Piaget, fases de desenvolvimento desde a infância, etc.) do que uma análise e reflexão em torno da faixa etária em que iríamos trabalhar. *(José, 391-393)*

Continuo a sentir que tenho lacunas de formação em psicologia da adolescência, na forma como motivar ou compreender o adolescente, a sua relação com a escola e com o mundo do adulto ou como lidar com as dificuldades de concentração ou aprendizagem. Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. *(José, 394-398)*

Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. *(José, 399-401)*

Não me parece que se esteja a fazer isso. A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva

a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. (José, 402-409)

Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, em suma um sistema educativo com mais sucesso, todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores mas em que a universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes ou a mandona sobre as outras escolas. (José, 410-416)

Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, mas tendo sempre em conta que a qualidade e valor acrescentado de um professor advém da sua experiência e das vivências, onde devemos integrar a formação contínua. (José, 417-422)

Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, lacunas no corpo docente de uma escola, devendo ser estes a definir o âmbito de formação que deverão frequentar. Um clima de trabalho assente na autoformação e no trabalho colectivo da escola poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas e por catálogo, muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (José, 423-431)

As reuniões sindicais com colegas nas diferentes escolas do distrito e nalgumas escolas dos distritos de Portalegre, Beja e Faro, as reuniões de Direcção, as reuniões nacionais na Fenprof com colegas muito conhecedores de diversas vertentes do sistema educativo, reuniões que tinham aspectos de natureza política mas também de natureza pedagógica e didáctica, foram um factor essencial para a minha forma de abordar a profissão, o contacto com alunos, com os colegas e com a comunidade educativa. A forma crítica e analítica como tenho abordado a minha profissão e o meu papel como educador, formador e professor foi, em muito, fruto da minha experiência e formação obtida no trabalho como dirigente sindical. Esta forma tem sido muito positiva nas reflexões e atitudes que tenho em relação à avaliação dos alunos e do sistema educativo e na forma como me empenhei na Gestão Flexível

do Currículo que existe actualmente no ensino básico. A título de exemplo realço o trabalho de investigação, análise e propostas de alteração ao actual sistema formação de professores que tive de fazer, e que deu origem, após várias reuniões de trabalho colectivo e até de conferências de quadros sindicais e com professores, às propostas que a Fenprof entregou no Ministério de Educação. (*José*, 440-465)

Apesar de alguns anos terem passado o modelo de formação inicial continua na mesma. Muitos outros temas tiveram também muita análise, reflexão pessoal e colectiva, nomeadamente o da estabilidade de emprego e profissional dos docentes e os seus efeitos na qualidade das escolas, avaliação, gestão escolar e modelos de organização, comparação com outros modelos educativos estrangeiros, etc. Em suma, o trabalho sindical permitiu um conhecimento global do sistema educativo. Foram nove anos de intenso trabalho, seis a tempo inteiro no sindicato, um com trabalho lectivo na Escola de Santa Clara e no SPZS e dois com horário completo nas escolas e trabalho sindical. Neste momento, e após ter sido delegado sindical na escola, sou somente um activista sindical. (*José*, 466-476)

e) O entusiasmo o empenho e a satisfação na profissão

Desde a profissionalização, demorei mais seis anos a conseguir ser efectivo, tendo ainda que passar pelos quadros de zona pedagógica mesmo concorrendo a todo o país e sendo sempre contratado. (*José*, 487-489)

De facto é difícil continuar motivado para a profissão, mas ainda estou. Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (*José*, 497-499)

Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (*José*, 504-507)

A par com esta “reforma” foi também necessário adaptar e actualizar a escola em relação ao novo modelo de gestão consignado no decreto-lei n.º115 A, nomeadamente nas constantes alterações a que foi sujeito o Regulamento Interno. Nessa altura era chefe de departamento e houve um enorme cuidado em envolver todos os docentes na tomada de decisão. Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomas-

sem conhecimento de tudo o que estava em jogo. Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB e após ter sido desenhado o currículo da escola e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, processo que não fácil mas que correu bem e com consenso na escola, foram realizadas várias reuniões para formar os professores do 3.º CEB nas novas áreas disciplinares. Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. Foi uma experiência profissional muito positiva e que me demonstrou a enorme qualidade e dedicação ao ensino de muitos dos meus colegas. (José, 508-540)

Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME ou até pela opinião pública. Foram períodos de muito trabalho mas com um grande enriquecimento. (José, 541-544)

Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências e acertos no currículo, nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas e das experiências de aprendizagem derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos e não em termos de objectivos. A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), a par com indefinições, desvalorizações e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, levam a alguma saturação e sentimento de desalento entre o corpo docente. (José, 545-558)

Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular e ser muito mais elitista (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), a constante referência à necessidade de avaliação das escolas e dos professores, a constante referência à necessidade de exames para saber se os alunos devem passar de ciclo e para avaliar o trabalho dos professores (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. (José, 564-574)

Para mim, estes factores assim como a constante não valorização até pela opinião pública do nosso trabalho têm-me trazido um sentimento crescente de desencanto e de alguma demissão nos processos de discussão sobre aspectos da educação e do ensino. Acho que já não vale a pena e que independentemente das propostas dos professores, os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, por vezes pouco claros objectivos. (José, 575-586)

No entanto, esta descrença nas opções do sistema não tem diminuído a convicção que os professores e as escolas públicas têm vindo a evoluir e que fazem, geralmente, um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos apesar dos deficientes apoios que têm e das situações cada vez mais complexas que encontram. (José, 587-594)

Com filhos no sistema educativo, creio que agora os jovens sabem muito mais que os jovens do meu tempo, têm conhecimentos muito mais diversificados e conceitos muito mais difíceis para aprender, se bem que, por vezes, sejam menos proficientes na forma como os aplicam. O problema não está nos alunos ou nos professores que os ensinam, mas sobretudo nos difíceis e extensos programas e carga horária de trabalho a que os alunos estão sujeitos. (José, 595-603)

f) Conclusão (José, 608)

Parti para esta narrativa, preocupado em fazer qualquer coisa de útil para o trabalho de uma colega. Após uma reflexão sobre a minha actuação enquanto professor, tenho uma muito mais sólida convicção que a profissão docente se vai construindo sobretudo através de experiências pessoais e experiências de grupo. Esse grupo vai do mero colega, um só, ao grupo disciplinar, departamento e até às vivências profissionais e pessoais que se vão adquirindo na escola. Ser um bom professor aprende-se através das vivências e não através de inúmeros estudos teóricos, muitas vezes realizados por pessoas que se esquecem (por motivos políticos ou por outras vivências profissionais) que ser professor é ser um actor do imediato, que apesar das necessárias preparações científicas e pedagógicas e das necessárias preparações de unidades e de aulas, o bom resultado delas surge de uma capacidade de adaptação ao momento que o professor deve ter, que a intuição e uma reflexão contínua sobre factores não quantificáveis, muitas vezes subjectivos é que são determinantes na nossa profissão. São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa e educacional determinante nos nossos alunos. O saber só é útil se produzir o bem e a felici-

dade nos que nos rodeiam e sobretudo naqueles que construirão, com humanidade e saber, o futuro e riqueza deste país. Fico, agora, ainda mais convicto que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica e que a burocratização, a procura de quantificações e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos estão lentamente a esgotar e a esvaziar os professores da sua alma. (José, 609-661)

17.2. Sujeitos, Acções e Relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

17.2.1. Culturas Profissionais, Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

17.2.1.1. Colaborando para transformar (ou) desenvolvendo a colaboração nos contextos de trabalho

O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, e representou uma experiência, que passados uns anos, avalio como determinante. Na escola, os professores efectivos eram poucos e eram ainda menos os licenciados. O sentido de entreatajuda era enorme e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. (José, 33-42)

Voltando a este meu primeiro ano, foi muito importante a minha delegada de grupo. Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, e apoiou-me bastante na preparação das aulas seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais e não a cópia daquilo que fizeram comigo. Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança necessária a qualquer professor. É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, tenha corrido sem problemas e com aprovação pelos órgãos da escola. (José, 60-70)

O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações e, pela primeira vez, verifiquei que existia algum preconceito de alguns professores licenciados (e por vezes efectivos) em relação aos professores que tinham habi-

litação suficiente ou não possuíam licenciatura. Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. (José, 71-80)

De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. De notar ainda que as medidas governamentais, como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. As medidas economicistas não são novidade de agora. É curioso referir como exemplo que nalgumas escolas onde a estabilidade profissional dos professores era mais evidente, nomeadamente em Évora – no início do ano lectivo havia alguns colegas mais velhos que perguntavam aos recém-chegados “é colega ou do mini-concurso” e que havia mesas das salas dos professores que, tácita ou implicitamente, estavam destinadas aos efectivos mais velhos. Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. Eu senti muitas vezes essa atitude, sobretudo quando era mais novo e não profissionalizado. (José, 81-95)

Preconceitos de muitos que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. (José, 99-102)

A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. (José, 96-98)

A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. Valeu-me o extraordinário apoio de colegas e amigas pessoais que tive numa escola em Évora que me ajudaram a preparar as aulas e a coligir os materiais necessários para leccionar até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores porque o programa oficial também faltava em Évora. (José, 119-132)

Após um ano de trabalho na escola de Redondo fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos onde permaneci vários anos. Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, continuei o curso à velocidade mínima

de quanto muito uma cadeira por ano e comecei a sentir um pouco de estabilidade e pertença a uma escola. (José, 133-139)

Quando os professores do grupo se reuniam informalmente era para conversar sobre o andamento das aulas e da leccionação dos programas e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (José, 161-164)

Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, sobretudo os do 2.º CEB que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB e que tinham muito mais apoio documental e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (José, 177-182)

Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola ou de turma, os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas ou os conselhos de turma. Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, mas havia um grande diálogo entre os professores. Relembro que eram reuniões sempre muito longas e em que a formação que dávamos e recebíamos era fruto da troca de experiências profissionais ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica e psicopedagógica mais avançada. Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, ou da taxonomia de Bloom e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos e poder-se ou não dar nível dois, etc. Eram por vezes discussões acesas, que muitas vezes nos punham em causa, mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos que o sistema nos obrigava a cumprir (sem termos tido formação muitos de nós). (José, 207-230)

Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. (José, 235)

As reuniões formais onde também se planificava, o apoio das delegadas de grupo que tive, a elaboração de testes e materiais em conjunto e a sua partilha, vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas para também poder acabar o curso. (José, 238-241)

Nestes anos participei em imensas discussões (por vezes bastante acaloradas), em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, participei em reuniões de carácter pe-

dagógico e didáctico, organizadas pela escola, e concluí as cadeiras da minha licenciatura. Foram anos de intensa formação formal e informal. Foram anos de intenso trabalho, de grande cansaço mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas e era por vezes contagiante. (José, 263-274)

Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal e de experiências pedagógicas. O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e tem uma disciplina, Formação Complementar, que é leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. Foi uma experiência excepcional pois verifiquei que era possível leccionar em par ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, para prepararmos as duas horas de aula semanais, e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas ou eventuais divergências. (José, 300-312)

Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, mas tendo sempre em conta que a qualidade e valor acrescentado de um professor advêm da sua experiência e das vivências, onde devemos integrar a formação contínua. Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, lacunas no corpo docente de uma escola, devendo ser estes a definir o âmbito de formação que devem frequentar. Um clima de trabalho assente na autoformação e no trabalho colectivo da escola poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas e por catálogo, muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. Em termos de acções de formação contínua, a minha opção tem sido a aposta nas novas tecnologias (aplicações informáticas, internet, utilização pedagógica destas tecnologias) e em acções relacionadas com a dinâmica de grupos e as relações interpessoais. (José, 417-431)

Vários motivos me levaram a abandonar o trabalho sindical mais intenso, nomeadamente o cansaço, a saturação da vida política activa e, sobretudo, a atitude dos professores que pouco participam nas reuniões sindicais mas passam a vida a dizer que os sindicatos não fazem nada. Esta atitude utilitarista do sindicato (o sindicato serve para resolver o meu problema e não os da classe), a não participação nas reuniões e nas formas de luta ou actividades (até pedagógicas) do sindicato e as contantes críticas e responsabilidades atribuídas ao sindicato levaram-me à posição, por ventura egoísta, de não achar que valha a pena defender o global da classe docente. (José, 477-486)

a) O retorno à escola (José, 500)

Os professores do 3.º CEB viam inúmeras reuniões na escola com os professores que estavam na experiência. Viam também elementos da escola irem a reuniões nacionais de avaliação da experiência. A participação dos professores do 3.º CEB era feita através dos seus elementos no Conselho Pedagógico e das informações e propostas que estes levavam ao pedagógico. (José, 504-507)

Houve também reuniões em que os colegas que tinham participado na experiência tomassem conhecimento de tudo o que estava em jogo. Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB e após ter sido desenhado o currículo da escola e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, processo que não fácil mas que correu bem e com consenso na escola, foram realizadas várias reuniões para formar os professores do 3.º CEB nas novas áreas disciplinares. Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. Foi uma experiência profissional muito positiva e que me demonstrou a enorme qualidade e dedicação ao ensino de muitos dos meus colegas. (José, 524-540)

Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME ou até pela opinião pública. Foram períodos de muito trabalho mas com um grande enriquecimento. Nos dois anos que se seguiram continuámos internamente a ter reuniões para troca de experiências e acertos no currículo, nomeadamente para introduzir a disciplina de Físico-Química desde o 7.º ano de escolaridade com as necessárias adaptações às cargas horárias das disciplinas. Também houve bastantes reuniões de departamento e grupo para a conceptualização dos programas e das experiências de aprendizagem derivadas da necessidade de pensar em termos de desenvolvimento de competências e capacidades dos alunos e não em termos de objectivos. A par destas reuniões também fizemos o Projecto Educativo de Agrupamento e o Projecto Curricular de Escola. Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), a par com indefinições, desvalorizações e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, levam a alguma saturação e sentimento de desalento entre o corpo docente. É de notar que a escola tem o cuidado de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, em que os

professores da escola procuram trocar experiências, sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares e da implementação dos projectos curriculares de turma. (José, 541-563)

Após uma reflexão sobre a minha actuação enquanto professor, tenho uma muito mais sólida convicção que a profissão docente se vai construindo sobretudo através de experiências pessoais e experiências de grupo. Esse grupo vai do mero colega, um só, ao grupo disciplinar, departamento e até às vivências profissionais e pessoais que se vão adquirindo na escola. (José, 611-623)

17.2.2. Agência e autonomia em comunidades vivas

17.2.2.1. Contextos de trabalho (e) caminhos de trans(formação)

Voltando a este meu primeiro ano, foi muito importante a minha delegada de grupo. Era efectiva, em aproximação para a Grande Lisboa, e apoiou-me bastante na preparação das aulas seguindo orientações pedagógicas e didácticas actuais e não a cópia daquilo que fizeram comigo. Este primeiro ano foi também importante no sentido do início do alicerçar de uma autoconfiança necessária a qualquer professor. É significativo o facto de ter tido que fazer sozinho dois exames de escola para a conclusão dos antigos cursos de electricista e administração e que o processo, apoiado pela delegada de grupo, tenha corrido sem problemas e com aprovação pelos órgãos da escola. (José, (60, 70)

No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) convém realçar os seguintes aspectos: fui director de turma dois anos depois, como já referi, deixei de o poder ser, fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. Também não havia formalmente grupo disciplinar, pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. Não podia por isso haver grupo disciplinar. Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo ou pagamento das horas para reunião de grupo, recusei fazê-las com carácter sistemático. Quando os professores do grupo se reuniam informalmente era para conversar sobre o andamento das aulas e da leccionação dos programas e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. É curioso, ao relembrar o meu passado profissional verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, boa vontade e aposta de muitos professores, que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. Importa frisar que os únicos direitos que

os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham eram o direito a faltar na véspera e dia de exame e não o pagamento de propinas na universidade. Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam nunca foi aposta do Ministério da Educação não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário ou outro tipo de regalia. Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, sobretudo os do 2.º CEB que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB e que tinham muito mais apoio documental e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (José, 149-182)

Realçam-se aqui três factos passados nestes anos em Arraiolos. (José, 183)

Num dos anos os professores de Francês e Inglês do 3.º CEB solicitaram à respectiva direcção geral uma acção de formação sobre planificação e didáctica das línguas estrangeiras ao que esta direcção geral respondeu que já tinha estado presente um professor da escola de Arraiolos no ano anterior numa acção promovida para o 2.º ciclo e que não compensaria a deslocação de uma equipa a Arraiolos. De notar que o referido professor já não se encontrava na escola naquele ano lectivo. (José, 184-190)

Noutra circunstância a referida direcção geral promoveu uma acção para os professores de Inglês. Os professores de Francês da escola estiveram presentes mas curiosamente as formadoras não quiseram responder a quaisquer perguntas por eles colocadas pois diziam respeito a outra disciplina. (José, 191-194)

A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos foi uma formação clandestina e ilegal. Foi realizada por um inspector de ensino que foi “ensinar” os professores da escola a calendarizarem as actividades lectivas e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. Formalmente essa reunião não aconteceu, mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (José, 195-206)

Destes anos, em que nem se ouvia falar de projectos educativos ou nem se sonhava sobre projectos curriculares de escola ou de turma, os espaços mais formativos eram as conversas com os colegas ou os conselhos de turma. Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, mas havia um grande diálogo entre os professores. Relembro que eram reuniões sempre muito longas e em que a formação que dávamos e recebíamos era fruto da troca de experiências profissionais ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica e psicopedagógica mais avançada. Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, havendo muita discussão em torno

do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, ou da taxonomia de Bloom e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos e poder-se ou não dar nível dois, etc. Eram por vezes discussões acesas, que muitas vezes nos punham em causa, mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos que o sistema nos obrigava a cumprir (sem termos tido formação muitos de nós). (*José*, 207-230)

Nos anos lectivos de 1987/88 a 89/90 estive colocado na então Escola Preparatória de Santa Clara em Évora. Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. A diferença era abissal. As reuniões formais onde também se planificava, o apoio das delegadas de grupo que tive, a elaboração de testes e materiais em conjunto e a sua partilha, vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas para também poder acabar o curso. De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional ou de habilitações superior ao meu, nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas.

Foram anos de intensa formação formal e informal. Foram anos de intenso trabalho, de grande cansaço mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas e era por vezes contagiante. Naquela altura os professores sentiam que valia a pena ser professor e que juntos conseguiriam ser reconhecidos e valorizados. (*José*, 268-278)

Ainda devo referir que a leccionação do ensino recorrente nocturno na Escola de Santa Clara foi muito rica do ponto de vista da formação pessoal e de experiências pedagógicas. O plano de estudos de equivalência ao 2.º CEB está desenhado para um ano, tem menos disciplinas que o ensino diurno e tem uma disciplina, Formação Complementar, que leccionada uma vez por semana e por todos os professores da turma. Foi uma experiência excepcional pois verifiquei que era possível leccionar em par ou mesmo quadra pedagógica (quatro professores a leccionar). Tínhamos uma hora coincidente marcada no horário como componente lectiva, para prepararmos as duas horas de aula semanais, e portanto os temas tratados nas aulas com os alunos estavam devidamente preparados e conseguimos sempre saber gerir as diferentes formas de abordagem desses temas ou eventuais divergências. Lembro até que, um dos anos, conseguimos trabalhar o 25 de Abril, os direitos dos trabalhadores e a Reforma Agrária sendo um grupo de quatro com perspectivas políticas e ideológicas completamente diversas. (*José*, 300-313)

Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB e após ter sido desenhado o currículo da escola e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, processo que não foi fácil mas que correu bem e com consenso na escola, foram realizadas várias reuniões para formar os professores do 3.º CEB nas novas áreas disciplinares. Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. Foi uma experiência profissional muito positiva e que me demonstrou a enorme qualidade e dedicação ao ensino de muitos dos meus colegas. Pena que essa autoformação na escola não seja nem reconhecida nem valorizada pelas estruturas do ME ou até pela opinião pública. Foram períodos de muito trabalho mas com um grande enriquecimento. (José, 525-544)

17.3. Desenvolvimento do Professor – itinerários por (estreitos) corredores institucionais

17.3.1. Acomodar Mudanças, Refazer Identidades ou Veredas de Desenvolvimento?

17.3.1.1. *Desenvolver-se na escola para além fronteiras a escola se desenvolver*

O primeiro ano foi um ano curto, de Março a Junho, e representou uma experiência, que passados uns anos, avalio como determinante. Na escola, os professores efectivos eram poucos e eram ainda menos os licenciados. O sentido de entreajuda era enorme e o ambiente solidário do momento histórico fazia-se sentir, pelo menos entre os professores do ensino nocturno, que era o meu. Era curioso, eu ter passado tão rapidamente de aluno a professor e ainda para mais quando quase todos os alunos eram mais velhos. É extraordinariamente curioso que não me tenha sentido alguma vez posto em causa, como “autoridade” ou no meu saber, por qualquer aluno. É curioso, ainda, que o mesmo não possa dizer de um dos meus colegas de grupo que, estando ainda a terminar a sua licenciatura, questionou as minhas avaliações em relação a um aluno. (José, 33-48)

O segundo ano de trabalho foi, ao mesmo tempo, o primeiro como estudante da Faculdade de Letras de Lisboa no curso de História. Em termos profissionais ele decorreu na mesma escola, também no ensino nocturno mas com horário incompleto para tentar conciliar os estudos. Foi o ano em que a Escola Secundária de Montemor-o-Novo ocupou as novas e actuais instalações e, pela primeira vez, verifiquei que existia algum preconceito de alguns

professores licenciados (e por vezes efectivos) em relação aos professores que tinham habilitação suficiente ou não possuíam licenciatura. Estes geralmente preenchiam os horários do nocturno. De notar, que esta clivagem foi-se acentuando com o decorrer dos anos e à medida que o nível global das habilitações dos professores foi aumentando. De notar ainda que as medidas governamentais, como o retirar do direito ao vínculo aos professores sem habilitação própria e, mais tarde, o retirar o direito de ser director de turma ou delegado de grupo aos professores de habilitação suficiente, marcam uma visão utilitária destes professores por parte do poder político e da administração. As medidas economicistas não são novidade de agora. (José, 71-87)

Provavelmente ainda há quem hoje pense assim. Eu senti muitas vezes essa atitude, sobretudo quando era mais novo e não profissionalizado. A última vez foi no ano de estágio, em 1990/91. Na última reunião conjunta dos orientadores das escolas de Évora com os estagiários, um dos orientadores, após as notas de estágio estarem atribuídas virou-se para os estagiários e disse “agora já vos posso tratar por colegas”, não tendo em conta que todos já tinham pelo menos um ano de ensino, e que eu tinha já treze anos de serviço. Preconceitos de muitos que pensam também que há disciplinas que têm mais valor na formação global dos alunos, aqueles que pensam que as disciplinas intelectuais têm mais importância que as disciplinas mais práticas como as Educações Físicas ou Tecnológicas ou ainda as expressões artísticas. É a perspectiva elitista que recupera agora na nova lei de bases do sistema educativo. (José, 92-104)

O terceiro ano de trabalho coincidiu com a mudança para a Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz e com uma aposta pessoal mais séria na profissão. É o primeiro ano em que assumi claramente a opção de ser professor. Em termos de mudança curricular foi um ano que agora chamaria de “curioso” pois foi o ano de lançamento do 11.º ano. Era a primeira vez que se leccionava o 11.º ano em Portugal. A minha colocação em Reguengos ocorreu a meio do 1.º Período e quando cheguei era o único professor a leccionar o 11.º ano e o 10.º ano. O do miniconcurso ficou com o que ninguém queria. Mas o que mais curioso teve este ano lectivo foi o facto dos programas de Francês do 11.º ano só chegarem à escola em Fevereiro e os manuais que eram distribuídos pela editorial do Ministério da Educação só terem chegado no final do 2.º Período. Valeu-me o extraordinário apoio de colegas e amigas pessoais que tive numa escola em Évora que me ajudaram a preparar as aulas e a coligir os materiais necessários para leccionar até à chegada dos materiais de apoio à minha escola. De notar que a orientação dada à disciplina nesta escola foi da iniciativa dos professores porque o programa oficial também faltava em Évora. (José, 106-132)

Após um ano de trabalho na escola de Redondo fui colocado em miniconcurso na escola de Arraiolos onde permaneci vários anos. Para garantir uma habilitação suficiente para o ensino da disciplina de Francês tirei o diploma da Alliance Française, continuei o curso à velocidade mínima de quanto muito uma cadeira por ano e comecei a sentir um pouco de estabilidade e pertença a uma escola. O facto de os concursos passarem a ter uma dimensão distrital e ser uma entidade externa à escola a fazer essas colocações permitia alguma transparência nas colocações e permitia ir sabendo se ficaria colocado no ano seguinte. No entanto era notória que a situação do professor com habilitação suficiente iria conduzir inevitavelmente ao desemprego. Era preciso acabar o curso. Continuei a querer ser professor de História (e não professor de Português e Francês como fui sendo nestes anos) e decidi, no ano lectivo de 1986/87 transferir-me para o curso de Ensino em História na Universidade de Évora. (José, 133-146)

No que respeita a experiências profissionais nestes anos de permanência na escola de Arraiolos (anos em que o ensino unificado se procurava afirmar em relação ao modelo liceal) convém realçar os seguintes aspectos: fui director de turma dois anos depois, como já referi, deixei de o poder ser, fruto de decisão administrativa do Ministério de Educação. Também não havia formalmente grupo disciplinar, pois na maior parte dos anos em que ali leccionei não havia ninguém titular de habilitação própria no grupo de Francês do 3.º CEB. Não podia por isso haver grupo disciplinar. Não havendo horas de redução para o cargo de Delegado de Grupo ou pagamento das horas para reunião de grupo, recusei fazê-las com carácter sistemático. Quando os professores do grupo se reuniam informalmente era para conversar sobre o andamento das aulas e da leccionação dos programas e no final do ano para elaborar as necessárias provas de exame de responsabilidade da escola. (José, 149-164)

É curioso, ao relembrar o meu passado profissional verificar que o sistema de ensino português esteve durante muito tempo dependente do voluntarismo, boa vontade e aposta de muitos professores, que não tiveram por parte do poder qualquer recompensa. Importa frisar que os únicos direitos que os professores com o estatuto de trabalhador estudante tinham eram o direito a faltar na véspera e dia de exame e não o pagamento de propinas na universidade. Nitidamente a formação dos professores com habilitação suficiente que exerciam nunca foi aposta do Ministério da Educação não lhes permitindo nunca qualquer redução de horário ou outro tipo de regalia. Portanto, nestes anos de trabalho na escola de Arraiolos a formação que obtive foi à custa de conversas e discussões com colegas de trabalho, sobretudo os do 2.º CEB que tinham mais habilitações que os do 3.º CEB e que tinham

muito mais apoio documental e de acções de formação pontuais por parte da então Direcção Geral do Ensino Básico. (José, 165-182)

A única acção de formação formal desenvolvida por uma estrutura do nosso ministério durante estes anos foi uma formação clandestina e ilegal. Foi realizada por um inspector de ensino que foi “ensinar” os professores da escola a calendarizarem as actividades lectivas e forneceu alguns suportes para podermos começar a planificar. Foi ilegal porque o Ministério da Educação tinha retirado competência de formação à Inspeccção Geral de Ensino e clandestina pois foi fruto da boa vontade e consciência profissional de um inspector que não considerava legítimo estar-se a exigir competências profissionais a professores que nunca tinham tido qualquer formação para tal. Formalmente essa reunião não aconteceu, mas teve a presença de quase todo o corpo docente da escola. (José, 195-206)

Nos conselhos de turma disciplinares havia uma muito menos formalidade do que actualmente, mas havia um grande diálogo entre os professores. Relembro que eram reuniões sempre muito longas e em que a formação que dávamos e recebíamos era fruto da troca de experiências profissionais ou até por parte de algum colega com uma formação didáctica e psicopedagógica mais avançada. Nos conselhos de turma de avaliação a realidade era a mesma, havendo muita discussão em torno do preenchimento dos “famosos” parâmetros das fichas de avaliação. É a primeira vez que oiço falar de pedagogia por objectivos, ou da taxonomia de Bloom e da impossibilidade ou possibilidade de atribuir um reduzido na aquisição de conhecimentos e poder-se ou não dar nível dois, etc. Eram por vezes discussões acesas, que muitas vezes nos punham em causa, mas que muitas vezes esclareciam alguns aspectos que o sistema nos obrigava a cumprir (sem termos tido formação muitos de nós). (José, 212-229)

Seria um estudo curioso comparar as habilitações do corpo docente das escolas e a sua localização geográfica. Estas provocaram a minha curiosidade e originaram as primeiras leituras de textos pedagógicos e didácticos para além dos maçudos e pouco esclarecedores programas de então. Foi a primeira vez que estive numa escola com todas as estruturas pedagógicas e administrativas consolidadas. A diferença era abissal. As reuniões formais onde também se planificava, o apoio das delegadas de grupo que tive, a elaboração de testes e materiais em conjunto e a sua partilha, vieram mostrar-me que o caminho para a afirmação da profissão docente se deve fazer através de um trabalho de conjunto e que devemos combater a tentação do individualismo na nossa profissão. Foram anos riquíssimos com enorme ajuda de diversos colegas para também poder acabar o curso. De notar que apesar de quase todos os professores da escola terem um estatuto profissional ou de habilitações superior

ao meu, nunca senti qualquer atitude de superioridade por parte destes excelentes colegas. (José, 231-248)

Eram os anos após a elaboração e aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, da profissionalização em exercício, das discussões em torno do Estatuto da Carreira Docente, dos documentos preparatórios para a Reforma Educativa conhecida pela reforma de Roberto Carneiro, era ainda o tempo da dinamização/recuperação do Sindicato dos Professores da Zona Sul (SPZS) e das grandes greves dos professores em torno do Estatuto da Carreira Docente. Foram períodos de grande discussão nas escolas portuguesas, foi um período em que a natureza e o significado da profissão estiveram em jogo, foi um período riquíssimo de reuniões de aspectos políticos, sindicais, profissionais e pedagógicos e todos estiveram em discussão, quase que simultaneamente. Nestes anos participei em imensas discussões (por vezes bastante acaloradas), em reuniões sindicais e pedagógicas promovidas pelo SPZS, participei em reuniões de carácter pedagógico e didáctico, organizadas pela escola, e concluí as cadeiras da minha licenciatura. Foram anos de intensa formação formal e informal. Foram anos de intenso trabalho, de grande cansaço mas de mobilização e aposta pessoal na profissão. (José, 249-272)

É curioso que esta mobilização se sentia e se vivia intensamente nas escolas e era por vezes contagiante. Talvez por isso tenhamos, nos professores de quarenta e cinquenta anos, tanta frustração, desilusão e sobretudo descrença nas políticas dos governos e que este sentimento que se reflecte, por vezes, nas reformas ou projectos novos. Mas creio que somos uma profissão com enormes energias e exemplo disso é a Escola de Santa Clara que avançou como escola experimental para a proposta do anterior governo de Gestão Flexível do Currículo e os professores da escola investiram e apostaram forte e com enorme empenho. Somos resistentes. (José, 273-299)

Há mudanças curriculares, há discussões em torno dos programas, da sua dimensão, ou até, em torno da sua concepção. É de realçar que houve a necessidade de conceptualizar o programa de História do 3.º CEB em função de competências, desenvolvimento de capacidades nos alunos e experiências de aprendizagem diversificadas. Mas continuamos a ter os mesmos conteúdos programáticos, o mesmo programa desenhado numa pedagogia por objectivos e de dimensões já há muito exageradas. Continua a entender-se o aluno como aquele que deve saber um pouco de tudo, de todas as novidades científicas que entretanto a ciência, no seu normal avanço, vai encontrando. Se, já agora, dificilmente se consegue tratar o 25 de Abril e o seu percurso democrático imagine-se o que será daqui a vinte anos. É preciso romper com a filosofia da matriz liceal do ensino enciclopédico, e reformular os

programas em função das capacidades e competências a desenvolver nos alunos. Torná-los capazes de lerem, interpretar, compreenderem e até analisarem criticamente a diferente informação que lhes é fornecida, e desenvolver a capacidade de elaborar nova informação. Creio que o percurso não está a ser esse, e com a tentativa de se divinizar os exames como o factor único, idóneo e infalível de avaliação, estaremos a tornar a escola não um local de educação ou formação, mas a tornar a escola uma estrutura de preparação para exames. Ensinar e educar é diferente de preparar para exames. Esta discussão está neste momento a ser feita fora da escola, está a ser feita junto do poder governamental. É a melhor maneira de privilegiar o ensino particular lucrativo. (José, 359-381)

Continuamos, em Santa Clara, a trabalhar sem o apoio sistemático de técnicos de psicologia, sem sequer ter Serviço de psicologia e orientação escolar. Apesar da escola repetidamente solicitar a colocação de, pelo menos, um destes técnicos na escola, a administração educativa e o ministério das finanças têm recusado. (José, 396-398)

Em termos de balanço, importa referir que, apesar das muitas críticas que tenho em relação à totalidade da minha formação inicial, considero que foi necessária à minha qualidade como professor. Isto é, uma formação de grau superior de licenciatura para os professores é uma obrigatoriedade, que esta deve ser rigorosa, de qualidade e apostando na criação de futuros professores reflexivos, desejosos de formação permanente e com gosto pelo saber. Não me parece que se esteja a fazer isso. A formação contínua de professores não aparece como uma necessidade para os professores, aparece muito mais como uma necessidade para a progressão na carreira. Talvez porque a formação inicial é demasiadamente académica, desligada das realidades pedagógicas que os professores vão encontrar. Talvez porque o ensino universitário esteja cada vez mais desligado da realidade dos ciclos imediatamente anteriores, talvez porque este academismo exacerbado da sociedade portuguesa e que leva a alguns laivos de superioridade que o ensino universitário pretende ter sobre os outros ciclos de ensino esteja a criar clivagens artificiais no sistema educativo. Se queremos passar a ter um sistema educativo de maior qualidade, mais eficiente, mais preparador para a cidadania ou para uma profissão, em suma um sistema educativo com mais sucesso, todos os contributos de todos os sectores de ensino são essenciais e não pode qualquer sector de ensino ser deixado de lado, ou permitir-se que haja professores ou sectores de ensino mais importantes ou superiores aos outros. Não podemos continuar a dizer que a falta de qualidade dos alunos é responsabilidade do ciclo anterior. É preciso introduzir formas de colaboração ou parceria entre escolas superiores e escolas não superiores mas em que a

universidade não pode nem deve sentir-se como detentora dos saberes ou a mandona sobre as outras escolas. (José, 399-416)

Em minha opinião, a licenciatura deve ser o mínimo para a formação inicial de professores, mas tendo sempre em conta que a qualidade e valor acrescentado de um professor advêm da sua experiência e das vivências, onde devemos integrar a formação contínua. Esta formação deve estar sobretudo direccionada para ajudar a colmatar lacunas pessoais, lacunas no corpo docente de uma escola, devendo ser estes a definir o âmbito de formação que deverão frequentar. Um clima de trabalho assente na autoformação e no trabalho colectivo da escola poderá ser muito mais valioso de que acções de formação creditadas e por catálogo, muitas vezes frequentadas pois não há mais nada de interesse. (José, 417-430)

De facto é difícil continuar motivado para a profissão, mas ainda estou. Sintoma do masoquismo e fatalismo português? (José, 497-499)

Após a tomada de decisão de estender a Gestão Flexível do Currículo ao 3.º CEB e após ter sido desenhado o currículo da escola e as cargas das diferentes disciplinas e áreas disciplinares, processo que não fácil mas que correu bem e com consenso na escola, foram realizadas várias reuniões para formar os professores do 3.º CEB nas novas áreas disciplinares. Essas reuniões realizaram-se no final do ano e no início do novo ano lectivo e tinham como formadores os professores da escola que tinham participado na experiência e que foram excepcionais no apoio e na partilha dos materiais que entretanto tinham produzido. Foi uma experiência profissional muito positiva e que me demonstrou a enorme qualidade e dedicação ao ensino de muitos dos meus colegas. Foram períodos de muito trabalho mas com um grande enriquecimento. Creio que todas estas reuniões, mais as reuniões de Conselhos de Turma para construir os projectos Curriculares de Turma (e mais reuniões de directores de turma), a par com indefinições, desvalorizações e discurso pouco coerente da actual equipa governativa no ME, levam a alguma saturação e sentimento de desalento entre o corpo docente. (José, 500-557)

É de notar que a escola tem o cuidado de realizar em cada início de ano reuniões com os professores recém-chegados, em que os professores da escola procuram trocar experiências, sobretudo no âmbito das novas áreas curriculares e da implementação dos projectos curriculares de turma. Na minha opinião, o facto da Gestão Flexível do Currículo ser uma inovação introduzida pelo Partido Socialista, o facto de o projecto político dos partidos da coligação ser muito mais o da valorização/financiamento do ensino particular e ser muito mais elitista (aspectos bem traduzidos na Lei de Bases proposta pelo governo), a constante

referência à necessidade de avaliação das escolas e dos professores, a constante referência à necessidade de exames para saber se os alunos devem passar de ciclo e para avaliar o trabalho dos professores (e discussão sobre a validade dos exames como instrumento de avaliação é necessária), leva a que se sinta alguma frustração na classe docente. Para mim, estes factores assim como a constante não valorização até pela opinião pública do nosso trabalho têm-me trazido um sentimento crescente de desencanto e de alguma demissão nos processos de discussão sobre aspectos da educação e do ensino. Acho que já não vale a pena e que independentemente das propostas dos professores, os governos ou outros poderes decidirão sempre de acordo com os seus, por vezes pouco claros objectivos. (José, 559-586)

Continuo a acreditar no meu trabalho de professor, educador e formador com os meus alunos. São esses os factores essenciais para que deixemos uma marca formativa e educacional determinante nos nossos alunos. O saber só é útil se produzir o bem e a felicidade nos que nos rodeiam e sobretudo naqueles que construirão, com humanidade e saber, o futuro e riqueza deste país. Fico, agora, ainda mais convicto que a profissão docente é uma profissão muito mais humana do que técnica e que a burocratização, a procura de quantificações e a procura da tecnicidade nos actos pedagógicos estão lentamente a esgotar e a esvaziar os professores da sua alma. (José, 604-661)

Cara colega

Não queria deixar de começar por lhe pedir desculpa pelo atraso indesculpável do meu envio.

Esta minha narrativa teve outros formatos preparatórios, mas decidi-me por uma reflexão mais pessoal, por ventura mais intimista e de escrita sem grande apuro ou revisão. Também é necessário que nos sintamos bem a fazer as coisas e as memórias foram saltando. Não sei se este estilo e tipo de informação lhe é útil, mas procurei fazer o meu melhor.

Espero que ela tenha alguma utilidade para si. Para mim já o teve pois é importante reflectirmos e recordarmos aquilo que fizemos e fazemos. Renovo neste momento a minha disponibilidade para qualquer outra colaboração que entenda útil ao seu trabalho ou até para qualquer esclarecimento ou desenvolvimento de algum aspecto focado e menos esclarecedor.

Com amizade

Os melhores cumprimentos,

José

“um trabalho extraordinariamente positivo com os seus alunos apesar dos deficientes apoios que têm e das situações cada vez mais complexas que encontram” (José, 593-594).

APÊNDICE 18 GUIÃO INTERPRETATIVO DA HISTÓRIA DE FILIPA

18.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajectórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

18.1.1. Um Retrato de Filipa

18.1.1.1. Aspectos de natureza biográfica

Filipa nasceu em 1963. Fez a licenciatura em Pintura na Escola Superior de Belas Artes em Lisboa, curso que terminou em 1987. É docente de Educação Visual e Tecnológica e tinha 16 anos de serviço na data em que iniciou a sua participação neste estudo, o que embora não o tenha escrito explicitamente, denuncia que trabalhou algum tempo antes da profissionalização ao dizer: “lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em Sta Clara” (*Filipa*, 26). Leccionava ao 2.º Ciclo do Ensino Básico daquela escola havia 14 anos quando iniciou a escrita da narrativa e tinha aderido ao Projecto de Gestão Flexível (denominação que utiliza) em 1997, referindo que foi nesse mesmo ano que teve com ele o seu primeiro contacto. Por entre mudanças e diferentes planos curriculares, leccionou também áreas curriculares não disciplinares, a Educação para a cidadania, a Área de Projecto, para além da Formação Cívica.

Dos cargos de gestão que a ocuparam profissionalmente, deu enorme importância ao facto de ter desenvolvido actividades no âmbito da Coordenação da Área de Projecto, da Direcção de Turma e da sua coordenação, valorizando o seu exercício como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico nesta que considera ser uma importante estrutura da gestão intermédia da escola.

18.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

18.1.2.1. Representando, desejando e concretizando – itinerários e aprendizagens entre crenças, atitudes e valores

Os sonhos começam como? É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, ou então aquelas recordações de infância que não

sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. Ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo de 96/97. (*Filipa*, 1-10a).

Já que isto vai ao sabor dos dedos, lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, com a minha orientadora, “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades? Reza a história que deram por mim, mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva de “estarem atentos” e de apoiarem o trabalho. (*Filipa*, 25-33)

Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, que iria arrancar no ano lectivo seguinte com duas turmas do PEPT 2000, ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. Foi-me dito que tentaríamos agir com eles de forma diferente, de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, tentando evitar o abandono. Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. Para além do fim em si, agradava-me o grupo de colegas com quem iria trabalhar, pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, cujo trabalho respeitava e com quem sabia ter coisas em comum. (*Filipa*, 34-49)

Mas também eu não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (*Filipa*, 50-51).

Não percebi, por exemplo, que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades de inserção e de trabalho na escola, não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (nomeadamente, os aspectos organizacionais), não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular mas a uma outra atitude e a uma outra prática. Não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” nomeadamente, os aspectos organizacionais), não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular mas a uma outra atitude e a uma outra prática. É certo também que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular (*Filipa*, 52-66)

Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (que fiz) em relação à Área de Projecto (já no segundo ano da experiência). A consciência de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), mas que podia constituir-se como uma diferente

integração de diferentes saberes. Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, momento deslumbrante de descoberta e partilha. (...) a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (*Filipa*, 88-97; 102)

Obstáculos também os houve... e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... porque fomos ultrapassando os principais, ou porque já tudo se mistura no tempo? (*Filipa*, 103-106)

Bom, o trabalho acrescido era óbvio, isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18. 30 o que provocou um grande desgaste. (*Filipa*, 107)

Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto) (*Filipa*, 113a-114)

Uma coisa é o reconhecimento do interesse, da importância dessas novas áreas, outra coisa é saber que o que fazemos ou queremos fazer tem sentido, é legítimo e é correcto. Não basta muito boa vontade. Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, escudado na insegurança de quem o faz. (*Filipa*, 121-126)

A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, promovida pelo DEB veio, no ano lectivo 1998/99, dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. (*Filipa*, 124-126)

Foram uns primeiros anos muito activos, confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, tempos ambivalentes, de entusiasmos e desânimos, que sempre foram ultrapassados pela cumplicidade, pela entreatajuda, pela troca de experiências e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (*Filipa*, 158-166)

Claro que me estava a esquecer dos terríveis obstáculos, humanos que são, que se encontram em todos os projectos. Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, existem outros, mais respeitáveis, que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, e que até fazem um bom trabalho, independentemente disso. (*Filipa*, 138-147)

E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, o difícil que é ver e agir de outra maneira. (*Filipa*, 148-150)

O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho tornou fácil planear as actividades, já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, tanto a nível de planificação como a nível de qualquer tipo de participação. (*Filipa*, 261-265)

Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto por ser uma oportunidade a não perder, de ter reunidos todos os directores de turma e de assim, “em família”, construir/ analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (*Filipa*, 280-285)

Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. Foi feita por pessoas desta escola, eu incluída, ao longo destes anos. Interessava-me menos essa parte, talvez por temperamento ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola no sentido de alterar e melhorar as práticas (*Filipa*, 287-295)

18.1.2.2. Sendo Professora – vivências formadoras, entusiasmo, empenho e a satisfação de Filipa

Os sonhos começam como? É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. (*Filipa*, 1-2)

Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (*Filipa*, 3-10a)

(16) A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. **(17)** Duas ou três pessoas, não mais. **(18)** Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, **(19)** isso terá pesado no delinear da decisão. (*Filipa* 16-19)

Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (*Filipa*, 24)

Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo, que iria arrancar no ano lectivo seguinte com duas turmas do PEPT 2000, ou seja com meninos com uma história económica, social e escolar difícil. Foi-me dito que tentaríamos agir com eles de forma diferente, de modo a potencializar uma vida escolar minimamente significativa, tentando evitar o abandono. Não foi preciso pensar muito para dizer que sim. Para além do fim em si, agradava-me o grupo de colegas com quem iria trabalhar, pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, cujo trabalho respeitava e com quem sabia ter coisas em comum. (*Filipa*, 34-49)

Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (*Filipa*, 88a)

Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (que fiz) em relação à Área de Projecto (já no segundo ano da experiência.). A consciência de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes. Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, momento deslumbrante de descoberta e partilha. (*Filipa*, 88-98)

Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, como sejam a tendência de colocação de professores por áreas (reduzindo assim o n.º de professores por turma), a concentração dos alunos numa mesma sala (exceptuando as salas específicas de CN, EVT, EM e EF), a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (*Filipa*, 98-102)

“obstáculos também os houve... e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... porque fomos ultrapassando os principais, ou porque já tudo se mistura no tempo?” (*Filipa*, 104-105).

Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... Uma coisa é o reconhecimento do interesse, **(116)** da importância dessas novas áreas, outra coisa é saber que o que fazemos ou queremos fazer tem sentido, é legítimo e é correcto. Não basta muito boa vontade. Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, escudado na insegurança de quem o faz. (*Filipa*, 113a-123)

(agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). Eu, como professora de EVT, **(206)** já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega mas aí o “universo” é muito parecido, fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência mas ainda me parece que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, há turmas em que se sente que as coisas resultam e outras em que não se sentem grandes diferenças. Em relação ao meu próprio trabalho, talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, mas sim ao nível das novas áreas curriculares – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. (*Filipa*, 204-221)

Em 1998/99, o primeiro ano em que fui directora de turma na generalização aos 5.ºanos, a aplicação do “Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais” em Educação para a Cidadania, foi planificado genericamente em conselho de turma de acordo com as características da turma: alunos academicamente brilhantes mas com falhas ao nível das relações interpessoais. Escolheram-se os jogos a aplicar, metodologia a seguir, os intervenientes. Na maior parte das vezes, outra professora para além de mim, participou nas sessões, com o intuito de os levar a perceber que os objectivos que se pretendiam alcançar eram partilhados por todos os profs. da turma. Como nem sempre havia tempo para a reflexão sobre a actividade desenvolvida, na sessão mais próxima da área de Projecto, a colega que tinha participado aparecia de novo. No ano seguinte, as actividades foram essencialmente na área do desenvolvimento das relações interpessoais, da comunicação não verbal e da resolução de problemas. Efectuou-se igualmente um debate (previamente preparado pela turma) sobre um tema escolhido pelos alunos: “Toxicod dependência”. Na Área de Projecto (para além

do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos e envolveram a pesquisa de informação em várias fontes (incluindo a internet), o seu tratamento (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. Nem sempre foi fácil o trabalho, foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. E esse mal-estar foi de professores e alunos. Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de se perceber em que é que se tinha falhado, e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, fruto de tantas mãos, foi quase sempre suficientemente gratificante. (*Filipa*, 221-260)

O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho tornou fácil planear as actividades, já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, tanto a nível de planificação como a nível de qualquer tipo de participação. (*Filipa*, 261-265)

Para além das actividades lectivas, como Coordenadora da Área de Projecto, mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, dissolver mal entendidos. Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, com elementos de outras escolas também na experiência, para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto por ser uma oportunidade a não perder, de ter reunidos todos os directores de turma e de assim, “em família”, construir/ analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (*Filipa*, 266-285)

Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. Interessava-me menos essa parte, talvez por temperamento ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola no sentido de alterar e melhorar as práticas. (*Filipa*, 287-295)

18.2. Sujeitos, Acções e Relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

18.2.1. Culturas Profissionais, Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

18.2.1.1. Colaborando para transformar (ou) desenvolvendo a colaboração nos contextos de trabalho

De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. (*Filipa*, 10a)

Lembro-me, por exemplo, do que senti quando soube, em 1991, que ia estagiar em St. Clara. Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, com a minha orientadora, “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” Reza a história que deram por mim, mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva de “estarem atentos” e de apoiarem o trabalho. (*Filipa*, 26-33)

A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. Duas ou três pessoas, não mais. Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, isso terá pesado no delinear da decisão. (*Filipa*, 16-19)

Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (*Filipa*, 24)

Foi num “intervalo”, quando vinha a entrar na sala de professores que uma colega do Conselho Directivo me abordou perguntando se estava interessada em participar no Projecto de Gestão Flexível do Currículo (*Filipa*, 34-35)

Para além do fim em si, agradava-me o grupo de colegas com quem iria trabalhar, pessoas com quem já tinha trabalhado noutros conselhos de turma, cujo trabalho espeitava e com quem sabia ter coisas em comum. Mas também eu não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. (*Filipa*, 44-51)

Não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (nomeadamente, os aspectos organizacionais), não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular mas a uma outra atitude e a uma outra prática. (*Filipa*, 56a-60)

Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (*Filipa*, 88a)

Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (que fiz) em relação à Área de Projecto (já no segundo ano da experiência). A consciência de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes. Foi com o projecto “Carrinhos de Rolamentos”, momento deslumbrante de descoberta e partilha. (*Filipa*, 88-97)

Para além disso existiram obviamente outros aspectos positivos, como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (reduzindo assim o n.º de professores por turma), a concentração dos alunos numa mesma sala (exceptuando as salas específicas de CN, EVT; EM e EF), **(102)** a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (*Filipa*, 98-102)

Obstáculos também os houve... e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... porque fomos ultrapassando os principais, ou porque já tudo se mistura no tempo? (*Filipa*, 103-106)

Bom, o trabalho acrescido era óbvio, não só o maior número de reuniões mas também a necessidade de adaptar, reformular criar materiais. Já no alargamento a todos os 5.º anos isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 o que provocou um grande desgaste. (*Filipa*, 107-113)

Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... Uma coisa é o reconhecimento do interesse, da importância dessas novas áreas, outra coisa é saber que o que fazemos ou queremos fazer tem sentido, é legítimo e é correcto. Não basta muito boa vontade. (*Filipa*, 113a-121)

“alguém imaginasse onde se ia meter” (*Filipa*, 10) para além de “duas ou três pessoas, não mais” (*Filipa*, 17).

Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... Uma coisa é o reconhecimento do interesse, da importância dessas novas áreas, outra coisa é saber que o que fazemos ou queremos fazer tem sentido, é legítimo e é correcto. Não basta muito boa vontade. (*Filipa*, 113a-121)

Claro que me estava a esquecer dos terríveis obstáculos, humanos que são, que se encontram em todos os projectos. Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, existem outros, mais respeitáveis, que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, e que até fazem um bom trabalho, independentemente disso. (*Filipa*, 138-147)

Em relação a apoios, parece-me evidente que um projecto deste tipo, com tantas implicações, dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. E esse apoio existiu desde o início. E depois a força e a total convicção da coordenadora do Projecto. (*Filipa*, 151-157)

Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma – aí se atingiria o âmago da flexibilidade.

Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, tinham dificuldade em diagnosticar problemas, em estabelecer finalidades, em projectar formas de as alcançar, em trabalhar entrosadamente os programas, em partilhar materiais e experiências... essa “cultura prudente” em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. (*Filipa*, 177- 187)

E o pior é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” não levou a mais ou melhores reuniões. Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma,

chegando-se a propostas, apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (*Filipa*, 188- 196)

Há dois aspectos que me parecem fundamentais e que esta prática veio introduzir (ou reintroduzir) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola enquanto organismo vivo e palpitante. A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. (*Filipa*, 197- 202)

E também as relações de trabalho com os colegas (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). Eu, como professora de EVT, já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega mas aí o “universo” é muito parecido, fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (*Filipa*, 203- 208)

O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho tornou fácil planear as actividades, já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, tanto a nível de planificação como a nível de qualquer tipo de participação. Para além das actividades lectivas, como Coordenadora da Área de Projecto, mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, dissolver mal entendidos. Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto por ser uma oportunidade a não perder, de ter reunidos todos os directores de turma e de assim, “em família”, construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (*Filipa*, 261-285)

Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. Foi feita por pessoas desta escola, eu incluída, ao longo destes anos. Interessava-me menos essa parte, talvez por temperamento ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola no sentido de alterar e melhorar as práticas. Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. Penso que abre caminhos e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação num ensino

que se é para todos não pode ser igual para todos. É nisso, nesses caminhos, nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, que eu acredito (*Filipa*, 287-303)

18.2.2. Comunidades vivas na senda da mudança

18.2.2.1. Contextos de trabalho (e) caminhos de trans(formação)

Desabafava eu, ingenuamente e em pânico, com a minha orientadora, “mas como é que vão dar por mim, se esta escola tem tantas actividades?” Reza a história que deram por mim, mas se isso aconteceu foi também devido a essa capacidade invisível e afectiva de “estarem atentos” e de apoiarem o trabalho. (*Filipa*, 27-33)

Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (*Filipa*. 113a-114)

Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo, analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades). (*Filipa*, 88a)

Uma coisa é o reconhecimento do interesse, da importância dessas novas áreas, outra coisa é saber que o que fazemos ou queremos fazer tem sentido, é legítimo e é correcto. Não basta muito boa vontade. Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, escudado na insegurança de quem o faz. (*Filipa*, 115-123)

A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, promovida pelo DEB veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. Foi uma formação muito prática com aplicação de técnicas e metodologias activas, que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (doze, só da Escola de Santa Clara). Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (*Filipa*, 124-132)

Com o mesmo objectivo de obter formação na área de Projecto, a Escola apresentou ao FOCO uma candidatura para uma acção de formação sobre metodologia de Projecto que se

veio a realizar mas que infelizmente não trouxe nenhum efeito positivo prático na leccionação da nova área (são as vicissitudes da formação...) (*Filipa*, 133-137)

Parecia-me que ainda havia um grande caminho a percorrer na própria escola no sentido de alterar e melhorar as práticas. (*Filipa*, 294-295)

Foram uns primeiros anos muito activos, confusos e ao mesmo tempo de uma grande clareza, **(160)** tempos ambivalentes, **(161)** de entusiasmos e desânimos, que sempre foram ultrapassados pela cumplicidade, pela entreatajuda, pela troca de experiências e às vezes, só, pelo estar lá para ouvir. (*Filipa*, 158-166)

Há dois aspectos que me parecem fundamentais e que esta prática veio introduzir (ou reintroduzir) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola enquanto organismo vivo e palpitante. A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. E também as relações de trabalho com os colegas (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). Eu, como professora de EVT, já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega mas aí o “universo” é muito parecido, fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (*Filipa*, 197-208)

Para além das actividades lectivas, como Coordenadora da Área de Projecto, mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, dissolver mal entendidos. Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto por ser uma oportunidade a não perder, de ter reunidos todos os directores de turma e de assim, “em família”, construir/ analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (*Filipa*, 266-285)

Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania) onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, com elementos de outras escolas também na experiência. (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). (*Filipa*, 271-279)

18.3. Desenvolvimento do Professor – itinerários por (estreitos) corredores institucionais

18.3.1. Acomodar Mudanças, Refazer Identidades ou Veredas de Desenvolvimento?

18.3.1.1. *Desenvolver-se na escola para além fronteiras a escola se desenvolver*

Os sonhos começam como? É que do que nos lembramos nem sempre é do seu início. Quando foi que pela primeira vez ouvi falar do Projecto de Gestão Flexível? Novamente os sonhos, a superfície fluida dos sonhos, ou então aquelas recordações de infância que não sabemos se recordamos realmente ou se é só a memória de tanto ouvir contar. De tanto ouvir contar, e parece-me que de ouvir contar mesmo, creio que o PGF deu o seu primeiro passo, na minha escola, quando se apresentou a proposta da DREA, no Conselho Pedagógico, no final do ano lectivo 96/97. O CP deu o seu aval, mas duvido que alguém imaginasse onde se ia meter. A vontade de introduzir mudança na massa por vezes indiferenciada do ensino, a vontade de melhorar as práticas pedagógicas, de as tornar mais significativas para os alunos, disso tenho eu a certeza que as pessoas que agarraram a ideia queriam. Duas ou três pessoas, não mais. Talvez a sorte tenha sido que uma delas fazia parte do então Conselho Pedagógico, isso terá pesado no delinear da decisão. Mas para dizer a verdade, penso que muito poucos dos que concordaram com a adesão pensaram que “isso” não era só mais um projecto, daqueles em que a escola sempre foi pródiga em aderir e desenvolver (Quando digo escola, refiro-me, evidentemente, a um núcleo fundamental de pessoas). (*Filipa*, 1-24)

Mas também eu não percebia a extensão “daquilo” em que me ia meter. Não percebi, por exemplo que não era um projecto apenas para os alunos com muitas dificuldades de inserção e de trabalho na escola, não percebi que o Projecto “mexia” em muitos aspectos em que não era habitual “mexer” (nomeadamente, os aspectos organizacionais), não percebi que não se resumia a um determinado desenho curricular mas a uma outra atitude e a uma outra prática. É certo, também, que no primeiro ano, avançámos apoiados em muito pouco de concreto, sem definir sequer outro desenho curricular. (*Filipa*, 50-66a)

Assim, de repente, o que de melhor recorde do início, desses dois primeiros anos (apenas com duas turmas na escola) é o facto de as reuniões do Conselho de Turma serem mais: em maior quantidade e em melhor qualidade. Lembro-me da grande disponibilidade das pessoas para discutir, reflectir e trabalhar em conjunto. Estabeleceu-se um consenso em relação às atitudes, aos valores e aos comportamentos (eram turmas com um grau de auto-estima muito baixo), analisaram-se os programas das várias disciplinas, encontraram-se

pontos comuns, discutiu-se a forma de operacionalizar essa transversalidade, trocaram-se documentos, reflectiu-se sobre eles, reformularam-se, planificaram-se as actividades. E isso, apesar da nossa longa história de conselhos de turma, não é assim tão comum. (*Filipa*, 88a)

Depois, lembro-me também muito bem, do “click” que se fez (que fiz) em relação à Área de Projecto (já no segundo ano da experiência). A consciência de que o projecto a desenvolver nesta área não tinha necessariamente de incluir todas as disciplinas (herança pesada da Área Escola que nos custou a abandonar), mas que podia constituir-se como uma diferente integração de diferentes saberes. Para além disso, existiram obviamente outros aspectos positivos, como sejam a tendência da colocação de professores por áreas (reduzindo assim o n.º de professores por turma), a concentração dos alunos numa mesma sala a crescente sensação da vitalidade que as novas áreas curriculares poderiam introduzir na construção do saber. (*Filipa*, 88-97)

Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma – aí se atingiria o âmago da flexibilidade. Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, tinham dificuldade em diagnosticar problemas em estabelecer finalidades, em projectar formas de as alcançar, em trabalhar entrosadamente os programas, em partilhar materiais e experiências... essa “cultura prudente” em que vivemos que se sobrepõe a uma cultura de partilha para crescer. E o pior é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” não levou a mais ou melhores reuniões. (*Filipa*, 177-190)

Obstáculos também os houve... e nem estou bem a perceber porque é que não me estou a lembrar deles... porque fomos ultrapassando os principais, ou porque já tudo se mistura no tempo? Bom, o trabalho acrescido era óbvio, não só o maior número de reuniões **(109)** mas também a necessidade de adaptar reformular criar materiais. Já no alargamento a todos os 5.º anos isso acentuou-se por não termos previsto a possibilidade de reunir senão às 18.30 o que provocou um grande desgaste. Outra dificuldade foi a falta de formação que se sentia em relação às novas áreas (nomeadamente Educação para a cidadania e para a Área de Projecto)... (*Filipa*, 103-114)

Em relação aos alunos creio que as mudanças tiveram alguma consistência, mas ainda me parece que há grandes discrepâncias em termos de trabalho com os alunos, há turmas em que se sente que as coisas resultam e outras em que não se sentem grandes diferenças. (*Filipa*, 209-213)

Na Área de Projecto (para além do ano dos “carrinhos de rolamento”, em que se introduziram as novas áreas apenas no 2.º período) os temas desenvolvidos nos dois anos lectivos

em que fui, com outro colega, professora dessa área, foram sempre escolhidos pelos alunos e envolveram a pesquisa de informação em várias fontes (incluindo a internet), o seu tratamento (segundo técnicas já tratadas em Estudo Acompanhado) – retirar ideias principais de um texto, elaboração de resumos). A execução dos projectos incluiu a elaboração de cartazes, de pequenas brochuras, de um Jornal de Turma e terminou com a gravação de um CD da turma. Estabeleceram-se grupos de trabalho, que se propunham executar determinadas tarefas, fazia-se pontualmente o ponto da situação, no final, apresentava-se o trabalho de cada grupo, e analisava-se criticamente. Nem sempre foi fácil o trabalho, foi por vezes difícil gerir o trabalho dos vários grupos, não se conseguiu manter sempre todos os alunos ocupados, a negociação dos projectos nem sempre foi pacífica. E esse mal-estar foi de professores e alunos. Após o trabalho terminado houve, no entanto, a capacidade de perceber em que é que se tinha falhado, e tentado evitar cair nos mesmos erros no projecto seguinte. Para além disso, a satisfação de ver o trabalho concluído, fruto de tantas mãos, foi quase sempre suficientemente gratificante. (*Filipa*, 238-260)

Uma coisa é o reconhecimento do interesse, da importância dessas novas áreas, outra coisa é saber que o que fazemos ou queremos fazer tem sentido, é legítimo e é correcto. Não basta muito boa vontade. Principalmente se não se quer ficar por um trabalho superficial, escudado na insegurança de quem o faz. (*Filipa*, 115-123)

A oficina de formação “Expressões Integradas no Programa de Desenvolvimento de Competências Sociais”, promovida pelo DEB veio, no ano lectivo 1998/99, veio dar resposta a uma lacuna na formação dos professores. Foi uma formação muito prática, com aplicação de técnicas e metodologias activas, que se revelou bastante útil para os professores que a frequentaram (doze, só da Escola de Santa Clara). Foi certamente a melhor em que até hoje participei. (*Filipa*, 124-131)

Claro que me estava a esquecer dos terríveis obstáculos, humanos que são, que se encontram em todos os projectos. Para além dos habituais “não faz, não quer fazer e tem raiva de quem faz”, existem outros, mais respeitáveis, que não sentem que o PGF possa trazer muito mais ao que já há, e que até fazem um bom trabalho, independentemente disso. E não vale a pena fugir ao que de resistência à mudança há sempre em todos nós, o difícil que é ver e agir de outra maneira. (*Filipa*, 138-150)

Em relação a apoios, parece-me evidente que um projecto deste tipo, com tantas implicações, dificilmente progrediria sem o apoio do Orgão de Gestão. E esse apoio existiu desde o início. E depois a força e a total convicção da coordenadora do Projecto. (*Filipa*, 151-157)

Com o alargamento a todas as turmas de 5.º ano, houve aspectos que se reforçaram positivamente, por ex. – aspectos organizacionais (passou a ser possível reunir antes das 18. 30, o par pedagógico de Estudo Acompanhado estabilizou, passando a ser o mesmo nos dois tempos lectivos), uma maior segurança e enriquecimento das novas áreas curriculares mas outros aspectos houve que se descuraram – a gestão dos programas, o desenvolvimento planificado das então aprendizagens nucleares e competências gerais. (*Filipa*, 167-176)

Os Conselhos de Turma são o veículo de um verdadeiro projecto de turma. Mas eles eram, salvo raros exemplos, pouco dinâmicos, tinham dificuldade em diagnosticar problemas, em estabelecer finalidades, em projectar formas de as alcançar, em trabalhar entrosadamente os programas, em partilhar materiais e experiências... E o pior é que o termos possibilidade de reunir a horas “decentes” não levou a mais ou melhores reuniões. Isso chegou a ser discutido no Conselho de Directores de Turma, chegando-se a propostas, apresentadas depois ao Conselho Pedagógico, de um número obrigatório de reuniões de conselho de turma no 1.º Período (quatro) com “agenda” discutida e aprovada no CDT, e balanço a efectuar no final do 1.º Período. (*Filipa*, 177-196)

Há dois aspectos que me parecem fundamentais e que esta prática veio introduzir (ou reintroduzir) e que foram: uma “atenção” quase contínua a todos os aspectos da Escola enquanto organismo vivo e palpitante. A atenção, essa atenção, é o primeiro factor de mudança. E também as relações de trabalho com os colegas (agora já não se trabalha e discute apenas com os colegas de grupo). Eu, como professora de EVT, já tinha hábito de trabalhar na mesma sala com outro colega mas aí o “universo” é muito parecido, fazê-lo com professores de outras áreas tem sido enriquecedor. (*Filipa*, 197-208)

Em relação ao meu próprio trabalho, talvez por leccionar uma disciplina que tem ela própria uma estrutura muito flexível, não foi ao nível das aulas curriculares que senti as maiores diferenças, mas sim ao nível das novas áreas curriculares – Área de Projecto e Ed. Para a Cidadania. (Nas actividades curriculares várias vezes em EVT se trabalha em interdisciplinaridade com outras disciplinas). A nível do Projecto de Gestão Flexível, tenho leccionado, para além de EVT, Área de Projecto e Educação para a Cidadania. (*Filipa*, 214-220)

O facto de haver um bom relacionamento com o meu colega de trabalho tornou fácil planear as actividades, já em relação ao Conselho de Turma houve mais dificuldade de se envolver de alguma forma no projecto, tanto a nível de planificação como a nível de qualquer tipo de participação. (*Filipa*, 261-265)

Como Coordenadora da Área de Projecto, mantive-me disponível para discutir com os colegas as suas práticas até porque muitas vezes o trocar impressões informalmente é suficiente para desbloquear problemas, dissolver mal entendidos. Reuni frequentemente com a Coordenadora do Projecto e com as coordenadoras das áreas de Estudo Acompanhado e de Educação para a Cidadania onde se planearam reuniões e sessões de trabalho com os professores envolvidos no PGF, com os professores a envolver (profs. de 3.º ciclo) e onde se discutiu amplamente o desenvolvimento do PGF. Por diversas vezes participei em reuniões com elementos do DEB, com elementos de outras escolas também na experiência, para além de várias sessões de divulgação do PGF para escolas ainda não envolvidas (já me ia a esquecer da participação nas reuniões do BOA ESPERANÇA...). Como Coordenadora dos Directores de Turma do 2.º Ciclo, procurei que nas reuniões houvesse sempre um espaço final de discussão em torno do Projecto por ser uma oportunidade a não perder, de ter reunidos todos os directores de turma e de assim, “em família”, construir/analisar documentos, procurar sugestões, propor reflexões. (*Filipa*, 267-285)

Em relação à disseminação desta experiência a outras escolas aí o meu entusiasmo não foi assim tão grande. Interessava-me menos essa parte, talvez por temperamento ou porque tenha dificuldade em considerar a experiência desta Escola suficientemente inovadora. Parecia-me que havia um grande caminho a percorrer na própria escola no sentido de alterar e melhorar as práticas. (*Filipa*, 287-295)

Não creio que este Projecto seja a “galinha dos ovos de ouro”. Penso que abre caminhos e que dá alguma margem de manobra no sentido de possibilitar a diferenciação. **(299)** num ensino que se é para todos não pode ser igual para todos. É nisso, nesses caminhos, nessas clareiras que se vão abrindo no meio do bosque, que eu acredito. (*Filipa*, 296-304)

APÊNDICE 19 GUIÃO INTERPRETATIVO DA HISTÓRIA DE LUÍSA

19.1. Vivências de Mudança a Aprender e a Ensinar – trajetórias de aprendizagem escritas na primeira pessoa

19.1.1. Um Retrato de Luísa

19.1.1.1. *Aspectos de natureza biográfica*

Luísa tinha dezoito anos de serviço docente e quarenta e dois de idade quando escreveu a narrativa de vida. Foi docente antes da profissionalização durante quatro anos e leccionou (ainda lecciona) no Ensino Secundário. Foi, e ainda é, professora cooperante da Universidade de Évora durante vários anos, colaborando ao nível da docência do então denominado Curso de Licenciatura em Artes Plásticas.

É Licenciada em Artes Plásticas, Pintura, curso de licenciatura que frequentou na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Na escola onde sempre leccionou, exerceu diferentes cargos em órgãos de gestão intermédia dos quais destacou ter sido Directora de Turma, Assessora dos Cursos Nocturnos, Membro da Assembleia da Escola, Representante (Pais) – Encarregados de Educação em Conselhos de Turma, Representante dos Encarregados de Educação na Assembleia da Escola dos filhos e também foi Delegada de Grupo.

19.1.2. Produzindo a Vida e a Profissão – sendo, pertencendo e transformando-se

19.1.2.1. *Representando, Desejando e Concretizando – itinerários e aprendizagens entre crenças, atitudes e valores*

a) A formação inicial de Luísa – dois cursos e a escola

Como já referi na questão anterior, a minha formação inicial foi em pintura. Claro que também em desenho. Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” e procura de uma linguagem individual. Foi extremamente interessante a nível pessoal, e gratificante. A nível tecnológico tenho formação em cerâmica (área bidimensional/pintura de azulejos) e de Mosaico. O “meu” curso – pintura – tem também uma “grande carga” de formação

estética, e educação e formação do gosto a nível visual e estético. Há um ensinar do saber “ver”, há uma aprendizagem exigente e rigorosa na parte da educação visual. (*Luísa*, 107-120)

Posso dizer que durante a minha vida de professora, tenho tirado outro “curso”. O curso das aprendizagens das tecnologias. E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, sobretudo a nível estético, ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos e aprendizagens. Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. E claro na parte teórica do processo. Na parte prática é muito diferente. Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” é já outra aprendizagem que fazemos por nós próprios, e sobretudo pela nossa experiencia, de todas as vivências de aprendizagens. (*Luísa*, 121-139)

O meu investimento pessoal, acho que existe com profundidade. Gosto de ler, de aprender, de desafios. É difícil ficar parada sem projectos pessoais. Procuo também um caminho de autoconhecimento, através de leitura e do yoga que pratico. O meu investimento profissional acho que se sente na resposta às alíneas anteriores. Gosto de desafios. Procurar uma autoformação. Estou sistematicamente numa procura de saber para poder ensinar. Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. Leccionar desenho no Departamento de Artes. Procuo ler, saber, actualizar os meus conhecimentos. Gosto de desafios, gosto de pensar como resolver situações, o que fazer, como fazer. (*Luísa*, 336-358)

Também passei pelos 2 anos de estágio depois do curso. O primeiro ano com aulas aqui na universidade de Évora. Disciplinas teóricas – Psicologia, Sociologia, Organização curricular, Métodos e Técnicas de Acção Educativa e Didáctica. Foi um ano com muito pouca aprendizagem. Senti-me a voltar para trás. Nem sequer para a faculdade, que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, mas a voltar para as “aulas de liceu”. As aulas eram dadas com acetatos. Os acetatos eram lidos. Os conteúdos desfasados de uma realidade, do que é uma escola. Das relações professor/aluno. Não havia ligação dos conteúdos leccionados com a realidade das escolas. Forneciam-nos folhas de apoio para realizarmos os exames. Segundo Bloom, a parte, ou melhor a etapa mais baixa do conhecimento é a memorização. Pois essas folhas tinham de ser memorizadas para responder às questões do exame. Se falássemos ou relacionássemos com as nossas vivências e experiencias, as respostas não eram valorizadas. Foi um grande choque. Foi um frete. Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. Senti que as pessoas que leccionavam, com todo o respeito, estavam longe do que é a vida numa escola. O que é a relação turma professor e vice-versa. O que são turmas problemáticas. Afinal o que é ser professor? Poderia ter sido interessante, se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis.

Trabalhos de campo e de investigação no nosso quotidiano. Troca de experiências e aprendizagens. Não valeu a pena este primeiro ano. Vinha habituada a uma universidade onde se valoriza a investigação, trabalho de acção crítica e interventiva. Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, deste ensino “livresco” memorizado sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. (*Luísa*, 140-186)

b) O profissionalismo e a pertença a um grupo profissional entre desejos e concretizações

“um ensinar do saber “ver” (...) uma aprendizagem exigente e rigorosa na parte da educação visual” (*Luísa*, 118-120).

Nos 3 primeiros anos – bacharelato, tive uma formação que posso dizer de “Académica”. Nos 2 últimos anos de curso tive uma formação voltada para o “seu interior” e procura de uma linguagem individual. Foi extremamente interessante a nível pessoal, e gratificante. O “meu” curso – pintura – tem também uma “grande carga” de formação estética, e educação e formação do gosto a nível visual e estético.

Há um ensinar do saber “ver”, há uma aprendizagem exigente e rigorosa na parte da educação visual. (*Luísa*, 108-118)

E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, sobretudo a nível estético, ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos e aprendizagens.

Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. (*Luísa*, 128-132)

Procuramos desenvolver um sentido estético, crítico e de intervenção nos nossos alunos ao nível do meio social, cultural e humano. Sensibilizando para valores importantes para jovens que se encontram em formação. (*Luísa*, 99-106)

O “meu” curso – pintura – tem também uma “grande carga” de formação estética, e educação e formação do gosto a nível visual e estético. (*Luísa*, 114-117)

Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – que é auxiliar de acção educativa na escola, nos desse uma aula, uma pequena formação sobre o processo de soldadura pois este é o soldador profissional e tem gosto em nos ensinar. (*Luísa*, 63-70)

Relativamente à cerâmica, temos uma colega a professora Luisa Gancho que se tem vindo a especializar nesta área e de vez em quando temos encontros para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. *(Luísa, 71-75)*

Também tenho um amigo que vive em Lisboa – RR – que trabalhava em cerâmica com os alunos. No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola um soldado, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. *(Luísa, 76-80)*

Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender e por partilhar experiências. *(Luísa, 81-83)*

Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. *(Luísa, 84)*

E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. *(Luísa, 85)*

Neste momento por exemplo vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” que depois poderemos ensinar os nossos alunos. *(Luísa, 86-88)*

Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade. Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana. *(Luísa, 95- 98)*

As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. *(Luísa, 54)*

No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. *(Luísa, 55)*

Saberes muito diversos e que se completam, vamos perguntando uns aos outros como se faz e investimos muito na autoformação. No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. Saberes muito diversos e que se completam, vamos perguntando uns aos outros como se faz e investimos muito na autoformação. Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. Pelo nosso interesse vemos como se faz e perguntamos uns aos outros. *(Luísa, 56-62)*

E após estes anos de experiência podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, “transbordando” eles também com novas ideias. É neste processo ensino-aprendizagem que as relações afectivas se desenvolvem, que amadurecem e se solidificam. Encontrar um sentido na aprendizagem. E que afinal vale a pena. A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. É uma relação de respeito, de partilhar experiências e saberes. Somos todos muito diferentes e também temos forma-

ções diferentes como já referi. O modo de “ver” é diferente. O modo de ensinar é diferente. O modo de agir é diferente. As estratégias são diferentes. Mas respeitamo-nos. Respeitamo-nos como pessoas e respeitamos opiniões. Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. As nossas maneiras de pensar. Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. Mas como já disse, respeitamo-nos muito, aprendemos muito uns com os outros, tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. *(Luísa, 296-325)*

O mais importante e que persiste no nosso departamento é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. Conhecer as associações em causa, os seus objectivos, trabalho de campo e podermos ajudar, colaborar com estas. Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir para melhorar e valorizar aspectos sociais tao importantes. Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. *(Luísa, 210-221)*

Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. Leccionar desenho no Departamento de Artes. Procuo ler, saber, actualizar os meus conhecimentos. Gosto de desafios, gosto de pensar como resolver situações, o que fazer, como fazer. Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, podia ter ficado, mas depois de reflectir e sobretudo os projectos, aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas fez-me ficar no Ensino Secundário. Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. Aquelas idades também me agradam. Gosto quando me convidam para estes desafios. Começo logo “a magicar” coisas, a “sonhar” com elas, como vou fazer, o que vamos experimentar, o que será mais importante. Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, das nossas experiências. *(Luísa, 351-373).*

O meu investimento pessoal, acho que existe com profundidade. *(Luísa, 336-337)*

Gosto de ler, de aprender, de desafios. *(Luísa, 338-340)*

Gosto de desafios. Procurar uma autoformação. Estou sistematicamente numa procura de saber para poder ensinar. *(Luísa, 336-350)*

O sentido prático das coisas preocupa-me. *(Luísa, 374)*

Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem para podermos encontrar equilíbrios. Gosto da investigação. Da experimentação no “terreno”. *(Luísa, 375-376)*

Julgo que dá para ver e sentir que somos professores dinâmicos, com vontade de intervir, aprender e mudar a qualidade de vida.

E após estes anos de experiencia podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, “transbordando” eles também com novas ideias. É neste processo ensino-aprendizagem que as relações afectivas se desenvolvem, que amadurecem e se solidificam. Encontrar um sentido na aprendizagem. E que afinal vale a pena. (Luísa, 290-305)

Gosto de pessoas. Gosto de conhecê-las. Gosto de desafiar. (Luísa, 379-381)

Não gosto de ideias pré-concebidas. (Luísa, 382)

Gosto de descobrir. (Luísa, 383)

Gosto de trabalhar em conjunto. (Luísa, 384)

Gosto de reflectir. (Luísa, 386)

Gosto de me sentar e escrever o que penso. (Luísa, 387)

Gosto de planear num papel, de projectar. Não gosto de pessoas que “sabem tudo”. (Luísa, 387-388)

Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada. (Luísa, 389)

Gosto de verificar. (Luísa, 400)

Gosto de questionar, de perguntar. (Luísa, 401-402)

Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos. (Luísa, 403)

Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola. (Luísa, 404)

Não gosto que as coisas não se resolvam. (Luísa, 405)

Gosto muito de ser professora. (Luísa, 412)

19.1.2.2. Sendo Professora – vivências formadoras, entusiasmo empenho e satisfação no trabalho

Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) dada a formação dos professores do grupo. E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos

programas. Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor ou colega do ministério. *(Luísa, 1-7)*

Procurámos cumpri-los. Procurámos encontrar um “fio condutor”. Trabalhámos muito na área da planificação, articular os objectivos, os conteúdos e as estratégias. Trabalhamos sozinhos e no grupo. Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo. Os primeiros anos foram mais difíceis, depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho. Planeámos, criticámos, construímos, e trocámos experiências e sobretudo aprendizagens. Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. E vice-versa. O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. *(Luísa, 26-45)*

É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor. Não tivemos qualquer formação neste sentido, nem quando os programas eram novos nem durante a sua existência. A formação foi realizada, e posso dizê-lo com muita satisfação, na troca de saberes que fizemos nas oficinas de arte da escola. *(Luísa, 46-53)*

As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. Saberes muito diversos e que se completam, vamos perguntando uns aos outros como se faz e investimos muito na autoformação. *(Luísa, 54-58)*

Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. Pelo nosso interesse vemos como se faz e perguntamos uns aos outros. *(Luísa, 59-62)*

Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – que é auxiliar de acção educativa na escola, nos desse uma aula, uma pequena formação sobre o processo de soldadura pois este é o soldador profissional e tem gosto em nos ensinar. *(Luísa, 63-70)*

Relativamente à cerâmica, temos uma colega a professora L que se tem vindo a especializar nesta área e de vez em quando temos encontros para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica. Também tenho um amigo que vive em lisboa – R – que trabalhava em cerâmica com os alunos. *(Luísa, 71-77)*

No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola um soldado, e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados. *(Luísa, 78-80)*

Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender e por partilhar experiências. Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. Neste momento por exemplo vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” que depois poderemos ensinar os nossos alunos. *(Luísa, 81-88)*

Procuramos desenvolver um sentido estético, crítico e de intervenção nos nossos alunos ao nível do meio social, cultural e humano. Sensibilizando para valores importantes para jovens que se encontram em formação. *(Luísa, 99-106)*

O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, julgo que passa muito pela humildade da necessidade de aprendizagem por parte de nós, professores. E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, sobretudo a nível estético, ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos e aprendizagens. Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. E claro na parte teórica do processo. Na parte prática é muito diferente. Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” é já outra aprendizagem que fazemos por nós próprios, e sobretudo pela nossa experiência, de todas as vivências de aprendizagens. *(Luísa, 124-139)*

A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. É uma relação de respeito, de partilhar experiências e saberes. *(Luísa, 306-309)*

Somos todos muito diferentes e também temos formações diferentes como já referi.

O modo de “ver” é diferente.

O modo de ensinar é diferente.

O modo de agir é diferente.

As estratégias são diferentes. *(Luísa, 310-315)*

Mas respeitamo-nos. *(Luísa, 316)*

Respeitamo-nos como pessoas e respeitamos opiniões. *(Luísa, 317-318)*

Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. As nossas maneiras de pensar. Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. Mas como já disse, respeitamo-nos muito, aprendemos muito uns com os outros, tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. *(Luísa, 319-325)*

O meu investimento pessoal, acho que existe com profundidade. Gosto de ler, de aprender, de desafios. *(Luísa, 336-340)*

É difícil ficar parada sem projectos pessoais. Procuo também um caminho de autoconhecimento, através de leitura e do yoga que pratico. (Luísa, 341-345)

Gosto de desafios. Procurar uma autoformação. Estou sistematicamente numa procura de saber para poder ensinar. (Luísa, 347-350)

Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. (Luísa, 351)

Leccionar desenho no Departamento de Artes. (Luísa, 352)

Procuo ler, saber, actualizar os meus conhecimentos. (Luísa, 353-355)

Gosto de desafios, gosto de pensar como resolver situações, o que fazer, como fazer. (Luísa, 356-358)

Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, podia ter ficado, mas depois de reflectir e sobretudo os projectos, aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas fez-me ficar no Ensino Secundário. (Luísa, 359-363)

Gosto quando me convidam para estes desafios. Começo logo “a magicar” coisas, a “sonhar” com elas, como vou fazer, o que vamos experimentar, o que será mais importante.

Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, das nossas experiências. (Luísa, 372-373)

O sentido prático das coisas preocupa-me.

Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem para podermos encontrar equilíbrios.

Gosto da investigação. Da experimentação no “terreno”.

Gosto de pessoas. Gosto de conhecê-las. Gosto de desafiar.

Não gosto de ideias pré-concebidas.

Gosto de descobrir.

Gosto de trabalhar em conjunto.

Gosto de reflectir.

Gosto de me sentar e escrever o que penso.

Gosto de planear num papel, de projectar. Não gosto de pessoas que “sabem tudo”.

Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada.

Gosto de verificar.

Gosto de questionar, de perguntar.

Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos.

Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Não gosto que as coisas não se resolvam.

Sou muito teimosa.

Sou chata.

Não gosto do “tanto faz...”

Gosto que me questionem.

Gosto de reflectir.

Gosto de agir.

Gosto muito de ser professora. (*Luísa*, 374-413)

19.2. Sujeitos, Acções e Relações – laços feitos de histórias pessoais e colectivas para aprender

19.2.1. Culturas Profissionais, Lideranças e Quotidianos – possibilidades de formação e de transformação

19.2.1.1. Colaborando para transformar (ou) desenvolvendo a colaboração nos contextos de trabalho

Recordo a mudança curricular com os cursos tecnológicos – Curso Tecnológico de Artes e Ofícios – na Escola optámos por seleccionar a vertente (Pintura/Escultura) dada a formação dos professores do grupo.

E também o Curso Tecnológico de Design – equipamento. (*Luísa*, 1-4)

Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições as ideias são lançadas nas reuniões de departamento e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo.

Procuramos saber e recolher elementos sobre o trabalho efectuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. Pois pensamos que se nós soubermos estes aspectos e estivermos motivados, decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (*Luísa*, 276-281)

A nível de projecto educativo e participação neste, nós, no departamento de artes somos muito activos e trabalhamos e colaboramos no projecto.

Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade.

Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem. *(Luísa, 89-97)*

Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – conselho executivo, há muitos anos. São pessoas muito competentes a nível profissional e humano.

O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola.

Vive com muita intensidade a escola. Sabe o que se passa na escola e sabe inteligentemente como agir. *(Luísa, 326-333)*

Quando abriram estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas.

Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor ou colega do ministério. *(Luísa, 5-6)*

Não tivemos qualquer formação neste sentido, nem quando os programas eram novos nem durante a sua existência. A formação foi realizada, e posso dizê-lo com muita satisfação, na troca de saberes que fizemos nas oficinas de arte da escola.

As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras.

No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. *(Luísa, 47-55)*

Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país.

Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro.

Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes.

Senti uma falta de respeito. *(Luísa, 8-13)*

E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) que realmente podiam

deixar de ser “cabeças pensantes” mas pessoas que agissem, que reflectissem com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem.

Que existisse um diálogo, uma troca de experiencias, uma verdadeira avaliação de todo o processo. *(Luísa, 14-24)*

Foi um ano com muito pouca aprendizagem.

Senti-me a voltar para trás. Nem sequer para a faculdade, que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, mas a voltar para as “aulas de liceu”. *(Luísa, 144-148)*

Os conteúdos desfasados de uma realidade, do que é uma escola. Das relações professor/aluno.

Não havia ligação dos conteúdos leccionados com a realidade das escolas. *(Luísa, 151-155)*

Foi um grande choque.

Foi um frete.

Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio.

Senti que as pessoas que leccionavam, com todo o respeito, estavam longe do que é a vida numa escola.

O que é a relação turma professor e vice-versa.

O que são turmas problemáticas. *(Luísa, 163-171)*

Lamentando, Luísa questionou e respondeu com o que considerava poder ser uma formação em parceria com uma universidade, que servisse a escola, os professores, os alunos e a educação globalmente. Dessas vivências escreveu o seguinte:

Afinal o que é ser professor?

Poderia ter sido interessante, se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis.

Trabalhos de campo e de investigação no nosso quotidiano.

Troca de experiencias e aprendizagens.

Não valeu a pena este primeiro ano.

Vinha habituada a uma universidade onde se valoriza a investigação, trabalho de acção crítica e interventiva.

Fiquei com muito má impressão deste ensino desta universidade, deste ensino “livresco” memorizado sem aplicação numa verdadeira aprendizagem. *(Luísa, 172-187)*

Relativamente à formação contínua formal, na nossa área – artes temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento vamos ter uma acção de cerâmica.

No nosso centro de formação – CEFOPREM, as acções são muito repetitivas e pouco variadas.

Na nossa escola este problema já foi levantado e procura-se modificar as coisas no sentido de variar mais o leque de formação. (*Luísa*, 188-198)

“como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender e por partilhar experiências. Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho. E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem” (*Luísa*, 81-85).

“A formação foi realizada, e posso dizê-lo com muita satisfação, na troca de saberes que fizemos nas oficinas de arte da escola (*Luísa*, 50-53).

No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura.

Saberes muito diversos e que se completam, vamos perguntando uns aos outros como se faz e investimos muito na autoformação. (*Luísa*, 55-57)

Posso dizer que durante a minha vida de professora, tenho tirado outro “curso”. O curso das aprendizagens das tecnologias. O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, julgo que passa muito pela humildade da necessidade de aprendizagem por parte de nós, professores. (*Luísa*, 121-127)

Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” é já outra aprendizagem que fazemos por nós próprios, e sobretudo pela nossa experiencia, de todas as vivências de aprendizagens. (*Luísa*, 135-139)

Julgamos que o empenhamento de todos, e a qualidade dos trabalhos implicam estes resultados. (*Luísa*, 207-209)

Retomando algumas palavras da história de vida de Luísa, ilustrando a interpretação que já vai longa:

A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. É uma relação de respeito, de partilhar experiências e saberes.

Somos todos muito diferentes e também temos formações diferentes como já referi. (Luísa, 306-309)

Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. As nossas maneiras de pensar. Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. Mas como já disse, respeitamo-nos muito, aprendemos muito uns com os outros, tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza. (Luísa, 319-325)

Gosto de ler, de aprender, de desafios. (Luísa, 338-340)

É difícil ficar parada sem projectos pessoais. Procuo também um caminho de autoconhecimento, através de leitura e do yoga que pratico. (Luísa, 341-345)

Gosto de desafios. (Luísa, 347)

Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora. Leccionar desenho no Departamento de Artes. (Luísa, 351-352)

Gosto de desafios, gosto de pensar como resolver situações, o que fazer, como fazer. (Luísa, 356-358)

Sou muito teimosa. (Luísa, 406)

Sou chata. (Luísa, 407)

Não gosto do “tanto faz...” (Luísa, 408)

Gosto que me questionem. (Luísa, 409)

Gosto de reflectir. (Luísa, 410)

Gosto de agir. (Luísa, 411)

O mais importante e que persiste no nosso departamento, é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. Conhecer as associações em causa, seus objectivos, trabalho de campo e podermos ajudar, colaborar com estas.

Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir para melhorar e valorizar aspectos sociais tao importantes.

Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. (Luísa, 210-221)

Julgo que dá para ver e sentir que somos professores dinâmicos, com vontade de intervir, aprender e mudar a qualidade de vida.

E após estes anos de experiencia podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, “transbordando” eles também com novas ideias. É neste processo ensino-aprendizagem que as relações afectivas se desenvolvem, que amadurecem e se solidificam. Encontrar um sentido na aprendizagem. E que afinal vale a pena. (Luísa, 290-305)

19.2.2. Comunidades vivas na senda da mudança

19.2.2.1. *Trabalhando em Projectos e por Projectos – construindo saberes, valorizando caminhadas e partilhando destinos*

Todos os anos para além das disciplinas que leccionamos realizamos sempre projectos diferentes que passo a citar alguns. (Luísa, 201-203)

– Pinturas murais – Cercidiana – todos os anos (Luísa, 203a)

– Exposições venda a favor de: cantinho dos animais; UNICEF; assistência Médica Internacional; Chão dos meninos; APPC e associação João Cidade. (Luísa, 203b)

– As referidas exposições tiveram lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Évora e no ano passado foi uma na Feira de Arte que se realizou na praça do Giraldo com o tema Évora. (Luísa, 204-205)

As quantias monetárias que temos dado às referidas associações são significativas: AMI – 600 contos; UNICEF – 700 contos; Chão dos meninos – 400 contos; Cantinho dos animais – 350 contos; APPC – 500 contos + João Cidade – 500 contos; Feira de Arte – 1000 contos (total). (Luísa, 206)

Julgamos que o empenhamento de todos, e a qualidade dos trabalhos implicam estes resultados.

O mais importante e que persiste no nosso departamento é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. Conhecer as associações em causa, seus objectivos, trabalho de campo e podermos ajudar, colaborar com estas. (Luísa, 207-217)

Relativamente aos outros projectos – exposições venda a favor de instituições as ideias são lançadas nas reuniões de departamento e depois escolhemos a associação ou instituição que vamos entregar o donativo. Procuramos saber e recolher elementos sobre o traba-

lho efetuado sobre as instituições em causa e os valores humanitários inerentes. Pois pensamos que se nós soubermos estes aspetos e estivermos motivados, decerto que os nossos alunos também ficarão com essa motivação. (*Luísa*, 276-281)

Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir para melhorar e valorizar aspectos sociais tao importantes.

Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar algum sofrimento.

Outro projecto que aconteceu no ano lectivo passado foi a “humanização do espaço de pediatria” do hospital do Espirito Santo. Foi um projecto muito interessante e enriquecedor. Humanizar 7 enfermarias, 1 sala de refeições, 1 sala de tratamentos, quarto do isolamento, casa de banho, corredor e hall de entrada. (*Luísa*, 218-224)

Esqueci-me de referir que este projecto de “humanização do espaço de pediatria” o contacto foi feito pela senhora enfermeira chefe-enfermeira Conceição Antas que é mãe de uma antiga aluna minha. Foi a senhora enfermeira CA que se lembrou e teve a ideia da humanização do serviço. Depois teve o apoio do Dr. HG – médico responsável por este serviço de pediatria. O contacto connosco foi realizado e nós resolvemos aceitar este desafio, tornando-o num projecto em que envolvemos as nossas turmas. (*Luísa*, 269-275)

Foi um grande desafio.

Para nós (3 professoras) e os nossos alunos.

A dificuldade de ser um hospital e como é lógico conhecer e ver as crianças doentes.

1.º Conhecer e fazer um levantamento do espaço

2.º Dividir as salas e quartos pelas professoras e respectivos alunos

3.º Encontrar a temática – a natureza e seus elementos.

4.º Projectar – desenhar, pesquisar, criar.

5.º Executar os projectos em diferentes materiais, com diferentes instrumentos e suportes.

6.º Trabalhar na escola

7.º Trabalhar no local – Serviço de Pediatria

Trabalhámos fora do tempo de aulas. Às sextas-feiras ficávamos até às 11horas da noite. A tarde começava às 14h30 até essa hora. Colocámos os objectos e formas realizadas, e pintámos as paredes das enfermarias, os vidros. O tecto da sala de tratamentos, colocámos os

móviles. As crianças que podiam é lógico, desenhavam e pintavam connosco. As mães, na enfermaria do mar também pintavam connosco.

Foi uma experiencia única.

As senhoras enfermeiras e as senhoras auxiliares foram de um grande acolhimento e simpatia.

Nos primeiros dias de trabalho, foi difícil. O espaço, um hospital, as crianças. Sentíamos-nos a mais...

Depois o tempo ia passando e sentíamos como se pertencêssemos também aquele espaço.

Os alunos andavam felizes.

Todos sentíamos alegria porque víamos que as coisas que criamos ajudavam aquelas crianças a passar melhor o tempo.

Formas inspiradas na natureza, flores, pássaros, gatos, peixes, formas imaginadas, gnomos, fadas, deram vida àqueles espaços.

Tivemos sorrisos, tivemos desenhos, tivemos afectos.

Afectos que foram partilhados e sentidos.

Foi um projecto que não iremos esquecer de certeza. Volto a referir que foi uma experiência muito gratificante para os alunos e nós professoras.

Depois deste projecto este ano lectivo, 2003/2004 no mês de Dezembro convidaram-nos a realizar um presépio no hospital do Espírito Santo. Foi outro desafio. O contacto humano foi muito diferente pois desta vez não eram crianças. Os ecos foram positivos e estão-se a abrir outras portas para outros projectos no hospital. Possibilidade de humanização de outros espaços. São projectos aliciantes, muito ricos, mas extremamente envolventes e desgastantes. (*Luísa*, 225-268)

Há uns anos também fizemos um trabalho sobre reciclagem. Este trabalho foi mais desenvolvido por mim, enquanto professora. Porque descobrimos que tínhamos uma "papelão" na escola e não era utilizado. Fizemos uma exposição de trabalhos plásticos alusivos ao tema reciclagem. Sensibilizámos a comunidade escolar para a utilização do "papelão". Realizámos cartazes com mensagens sobre a sensibilização da reciclagem. Concretizámos no ano seguinte uma exposição no palácio D. Manuel com o nome "Criar, Recriar, Reciclar" com ob-

jectos recuperados, procurando uma vertente estética e uma mensagem visual ao nível da importância dos “3 R” – reduzir, reutilizar, reciclar.

Com este projecto procurámos sensibilizar a comunidade para a utilização do “papelão” e do “pilhão”.

Para esta exposição realizámos panfletos informativos sobre o papel e as pilhas e a importância destes elementos, a nível ambiental.

Nesse ano entregamos na Câmara Municipal, no dia 5 de Junho, Dia Mundial do Ambiente, ao presidente da câmara, na altura Dr. Abílio Fernandes, um abaixo-assinado com cerca de 800 assinaturas para solicitar a colocação de “ecopontos” na cidade de Évora.

Este projecto possivelmente irá continuar este ou no próximo ano lectivo, porque existem ecopontos mas gostaríamos de saber qual o percurso que é dado aos materiais que são colocados nos ecopontos.

Este projecto, juntamente com uma exposição, está já planeado como um projecto a realizar.

Julgo que dá para ver e sentir que somos professores dinâmicos, com vontade de intervir, aprender e mudar a qualidade de vida.

E após estes anos de experiência podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, “transbordando” eles também com novas ideias. É neste processo ensino-aprendizagem que as relações afectivas se desenvolvem, que amadurecem e se solidificam. Encontrar um sentido na aprendizagem. E que afinal vale a pena. (Luísa, 282-305)

19.3. Desenvolvimento do Professor – itinerários por (estreitos) corredores institucionais

19.3.1. Acomodar Mudanças, Refazer Identidades ou Veredas de Desenvolvimento?

19.3.1.1. *Desenvolver-se na escola para além fronteiras a escola se desenvolver*

Quando abriam estes cursos apenas nos deram os programas e orientações dos respectivos programas. Nunca houve reuniões ou orientações dadas por qualquer professor ou colega do ministério. (Luísa, 5-7)

Procurámos cumpri-los. Procurámos encontrar um “fio condutor”.

Trabalhámos muito na área da planificação, articular os objectivos, os conteúdos e as estratégias.

Trabalhamos sozinhos e no grupo.

Procurando uma articulação entre as disciplinas do grupo.

Os primeiros anos foram mais difíceis, depois fomos solidificando e melhorando o nosso trabalho.

Planeámos, criticámos, construímos, e trocámos experiencias e sobretudo aprendizagens. (*Luísa*, 26-41)

Estes programas dos cursos tecnológicos – implicam que o professor saiba muitas tecnologias de pintura e de escultura. Ora se o professor é formado em pintura, tem lacunas nas tecnologias de escultura. E vice-versa.

O que está previsto a nível de conteúdos é uma diversidade nas áreas Pintura/Escultura de várias tecnologias: acrílico, óleo, aguarela, técnica mista, guache, preparação de suportes, etc, barro, gesso, metal, pedra, cera, cerâmica, etc. É um leque muito variado e abrange saber muitas técnicas, para um só professor.

Não tivemos qualquer formação neste sentido, nem quando os programas eram novos nem durante a sua existência.

A formação foi realizada, e posso dizê-lo com muita satisfação, na troca de saberes que fizemos nas oficinas de arte da escola.

As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras.

No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura.

Saberes muito diversos e que se completam, vamos perguntando uns aos outros como se faz e investimos muito na autoformação.

Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram.

Pelo nosso interesse vemos como se faz e perguntamos uns aos outros. (*Luísa*, 42-62)

Por exemplo o trabalho sobre metal – tecnologia de metal – solicitámos recentemente que um senhor – senhor A – que é auxiliar de acção educativa na escola, nos desse uma aula,

uma pequena formação sobre o processo de soldadura pois este é o soldador profissional e tem gosto em nos ensinar.

Relativamente à cerâmica, temos uma colega a professora LG que se tem vindo a especializar nesta área e de vez em quando temos encontros para ela nos explicar conceitos sobre esta técnica.

Também tenho um amigo que vive em Lisboa – RDR – que trabalhava em cerâmica com os alunos. No ano lectivo anterior 2002/2003 veio até à nossa escola um soldado e ensinou-nos algumas técnicas de vidrados.

Como podemos constatar há uma verdadeira autoformação, porque este grupo tem pessoas que se interessam por aprender e por partilhar experiências.

Este grupo de pessoas tem na verdade características de um bom grupo de trabalho.

E claro que se reflecte no processo ensino – aprendizagem. (*Luísa, 63-85*)

Lembro-me também que há uns anos houve uma convocatória para uma reunião em Faro com os professores dos diferentes grupos que estavam a leccionar cursos tecnológicos de todo o país. Na altura eu era delegada de grupo e fui à referida reunião que estava marcada na escola de Faro. Quando cheguei à hora marcada, fomos informados que a reunião não se iria realizar porque os representantes e responsáveis pela reunião não estavam presentes. Senti uma falta de respeito. E soubemos mais tarde que a reunião não se realizou porque os responsáveis não estavam “preparados” para a referida reunião. Nessa altura senti-me a desacreditar de “muita coisa”. Sobretudo dos senhores do ministério (com todo o respeito) que realmente podiam deixar de ser “cabeças pensantes” mas pessoas que agissem, que reflectissem com os professores que se encontravam no processo ensino-aprendizagem. Que existisse um diálogo, uma troca de experiências, uma verdadeira avaliação de todo o processo. (*Luísa, 8-23*)

As nossas salas de aula têm comunicação umas com as outras. No departamento de artes temos pessoas formadas em pintura, escultura, design, arquitectura. Saberes muito diversos e que se completam, vamos perguntando uns aos outros como se faz e investimos muito na autoformação. Mas tudo isto tem a ver com o grupo de pessoas que ali se encontram. Pelo nosso interesse vemos como se faz e perguntamos uns aos outros. (*Luísa, 54-61*)

Neste momento por exemplo vamos aprender uma nova técnica de cerâmica – “o Raku” que depois poderemos ensinar os nossos alunos.

A nível de projecto educativo e participação neste, nós, no departamento de artes somos muito activos e trabalhamos e colaboramos no projecto.

Organizamos exposições/venda a favor de instituições de solidariedade. Procuramos estabelecer uma relação entre a escola e meio envolvente – cidade.

Realizamos projectos de intervenção, por exemplo ao nível da reciclagem.

Trabalhamos com instituições todos os anos como a Cercidiana.

Procuramos desenvolver um sentido estético, crítico e de intervenção nos nossos alunos ao nível do meio social, cultural e humano. Sensibilizando para valores importantes para jovens que se encontram em formação. *(Luísa, 86-106)*

O desempenho de qualidade ao longo da carreira, que se fala no guião da narrativa, julgo que passa muito pela humildade da necessidade de aprendizagem por parte de nós, professores. *(Luísa, 124-127)*

O mais importante e que persiste no nosso departamento, é sensibilizar os nossos alunos para valores de carácter humanitário. Conhecer as associações em causa, seus objectivos, trabalho de campo e podermos ajudar, colaborar com estas.

Perceber que o desenho, a pintura, a cerâmica, a escultura, etc, podem também ser áreas que podem intervir para melhorar e valorizar aspectos sociais tao importantes.

Que os nossos alunos possam perceber que a sua generosidade pode ter um significado muito importante para ajudar a minorizar alguma sofrimento. *(Luísa, 210-221)*

E claro que reconheço que tive nas Belas Artes um ensino de qualidade, sobretudo a nível estético, ensino esse que me ajudou a “solidificar” conceitos e aprendizagens. Curso este que a nível de conceitos e teoria me “preparou” para os saberes para ensinar. E claro na parte teórica do processo. Na parte prática é muito diferente. Na parte prática do “ensinar” a desenhar e a “pintar” é já outra aprendizagem que fazemos por nós próprios, e sobretudo pela nossa experiencia, de todas as vivências de aprendizagens. *(Luísa, 128-139)*

Foi um ano com muito pouca aprendizagem. *(Luísa, 144)*

Senti-me a voltar para trás. Nem sequer para a faculdade, que tem um ensino muito mais aberto e evoluído, mas a voltar para as “aulas de liceu”. *(Luísa, 145-148)*

Os conteúdos desfasados de uma realidade, do que é uma escola. Das relações professor/aluno.

Não havia ligação dos conteúdos leccionados com a realidade das escolas. *(Luísa, 151-155)*

Foi um grande choque. Foi um frete. Foi uma chatice, este primeiro ano de estágio. Senti que as pessoas que leccionavam, com todo o respeito, estavam longe do que é a vida numa escola. O que é a relação turma professor e vice-versa. O que são turmas problemáticas. Afinal o que é ser professor? Poderia ter sido interessante, se fosse a teoria voltada para uma verdadeira praxis. Trabalhos de campo e de investigação no nosso quotidiano. Troca de experiências e aprendizagens. Não valeu a pena este primeiro ano. (*Luísa*, 163-179)

Relativamente à formação contínua formal, na nossa área – artes temos dificuldade em ter acções de formação tão específicas. Este ano, graças à insistência de uma colega de departamento vamos ter uma acção de cerâmica.

No nosso centro de formação – CEFOPREM, as acções são muito repetitivas e pouco variadas.

Na nossa escola este problema já foi levantado e procura-se modificar as coisas no sentido de variar mais o leque de formação. (*Luísa*, 188-197)

E após estes anos de experiência podemos dizer que a adesão dos nossos alunos é muito boa pois ficam envolvidos com o nosso entusiasmo, “transbordando” eles também com novas ideias. É neste processo ensino-aprendizagem que as relações afectivas se desenvolvem, que amadurecem e se solidificam. Encontrar um sentido na aprendizagem. E que afinal vale a pena.

A relação entre os colegas como já foi referido, é muito boa. É uma relação de respeito, de partilhar experiências e saberes.

Somos todos muito diferentes e também temos formações diferentes como já referi.

O modo de “ver” é diferente.

O modo de ensinar é diferente.

O modo de agir é diferente.

As estratégias são diferentes.

Mas respeitamo-nos.

Respeitamo-nos como pessoas e respeitamos opiniões.

Nas reuniões de departamento expomos as nossas ideias. As nossas maneiras de pensar. Não estamos sempre de acordo, pelo contrário. Confrontamo-nos várias vezes com ideias diferentes. Mas como já disse, respeitamo-nos muito, aprendemos muito uns com os outros, tendo como base a relação de amizade que nos caracteriza.

Os elementos de gestão são pessoas que já estão nesta gestão – conselho executivo, há muitos anos. São pessoas muito competentes a nível profissional e humano.

O presidente do conselho executivo é o rosto desta escola.

Vive com muita intensidade a escola. Sabe o que se passa na escola e sabe inteligentemente como agir. (Luísa, 296-334)

Gosto de desafios. Procurar uma autoformação. Estou sistematicamente numa procura de saber para poder ensinar.

Aceito desafios como por exemplo leccionar – Expressão Plástica ao Complemento de Formação na Universidade de Évora.

Leccionar desenho no Departamento de Artes.

Procuro ler, saber, actualizar os meus conhecimentos.

Gosto de desafios, gosto de pensar como resolver situações, o que fazer, como fazer.

Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, podia ter ficado, mas depois de reflectir e sobretudo os projectos, aquilo que tenho construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas fez-me ficar no Ensino Secundário.

Mas gosto muito de ensinar também aos alunos da universidade. Aquelas idades também me agradam.

Gosto quando me convidam para estes desafios. Começo logo “a magicar” coisas, a “sonhar” com elas, como vou fazer, o que vamos experimentar, o que será mais importante.

Gosto também que haja algumas “conclusões” que possamos tirar das nossas aprendizagens, das nossas experiências.

O sentido prático das coisas preocupa-me.

Gosto de criar “desequilíbrios” na aprendizagem para podermos encontrar equilíbrios.

Gosto da investigação. Da experimentação no “terreno”.

Gosto de pessoas. Gosto de conhecê-las. Gosto de desafiar.

Não gosto de ideias pré-concebidas.

Gosto de descobrir.

Gosto de trabalhar em conjunto.

Gosto de reflectir.

Gosto de me sentar e escrever o que penso.

Gosto de planear num papel, de projectar. Não gosto de pessoas que “sabem tudo”.

Não gosto de muita teoria que se sente que não é vivenciada.

Gosto de verificar.

Gosto de questionar, de perguntar.

Gosto dos alunos que me aparecem todos os anos.

Gosto de os ver crescer durante os 3 anos que estão na escola.

Não gosto que as coisas não se resolvam.

Sou muito teimosa.

Sou chata.

Não gosto do “tanto faz...”

Gosto que me questionem.

Gosto de reflectir.

Gosto de agir.

Gosto muito de ser professora. (*Luísa*, 347-412)

APÊNDICE 20 CORREIO ELECTRÓNICO RELATIVO AO FEEDBACK SOLICITADO À ANA

Querida [Ana]

Conforme combinámos, terminadas as suas férias, envio o texto (em anexo) cuja leitura lhe solicitei. Peço desculpa, mas como estou em Lisboa não pode ser bebendo um chá! No entanto fica a promessa do encontro.

Nele encontrará a sua história de vida profissional, interpretada por mim e com entradas por diferentes temáticas. Isto significa que a sua história me permitiu, entre várias leituras e quadros teóricos, deixar emergir o que considere ser possível conhecer acerca das suas vivências, em abordagens diversas e chamando-lhe Ana. No final deverei ser capaz de identificar as características dos contextos que potenciaram, ou que inibiram, o seu desenvolvimento profissional. Alcançaremos então o objectivo inicial da investigação em conjunto com mais três colegas que, tal como a Adelaide, participaram neste projecto. Mais tarde, quando for a discussão pública, conto convosco e, se estiverem de acordo, poderemos quebrar o anonimato (o qual me parece sempre duvidoso nestes processos!!).

O que lhe solicito neste momento é uma resposta em breves palavras às questões também em anexo. Pode, ou melhor até seria desejável, responder em texto e não como resposta questão a questão, podendo apontar para 10-15 linhas, sff. Como já estamos condicionadas pelo tempo, agradeço a brevidade da resposta sff.

Irei telefonar-lhe em seguida, para agradecer pessoalmente, avisando simultaneamente que enviei este email.

Muito obrigado Adelaide! O seu bom humor e o tom que colocou na sua narrativa, já serviram para aliviar alguma tensão que se gera nestes processos de escrita tão isolados. Estou a aprender muito com o vosso trabalho, espero que o meu possa retribuir, para em conjunto levarmos este barco a bom porto!

Cumprimentos,
São Leal da Costa

P. S. Algumas questões de semântica e de sintaxe também poderão surgir... Peço desculpa, mas entre a pressa e o cansaço, reconheço os problemas linguísticos.

APÊNDICE 21 CORREIO ELECTRÓNICO RELATIVO AO FEEDBACK SOLICITADO A JOSÉ

Caro colega

Com um enorme pedido de desculpa por interromper as suas férias, envio o texto cuja leitura lhe solicitei via sms.

Nele encontrará a sua história de vida profissional, interpretada por mim, com o nome de José (como já lhe tinha desvendado) e com entradas por diferentes temáticas. Isto significa que a sua história de vida me permitiu, entre as várias leituras e quadros teóricos, deixar emergir o que considerei ser possível conhecer acerca das suas vivências em tempos de mudança mediante diferentes enfoques. No final, deverá ser possível identificar as características dos contextos que potenciaram ou inibiram o seu desenvolvimento profissional, alcançando assim o objectivo inicial da investigação.

O que lhe solicito neste momento é uma resposta em breves palavras às questões também em anexo, uma vez que é um dos quatro colaboradores neste projecto. Pode (até seria desejável) responder em texto e não como resposta questão a questão e aponte para 10-15 linhas no máximo, sff.

Irei telefonar-lhe assim que regressar a Portugal caso o Paulo não se adiante em contactar-me. No entanto esse será um tempo para lhe agradecer pessoalmente, avisando simultaneamente o envio deste email.

Muito obrigado,
Conceição

P. S. Algumas questões de semântica e de sintaxe também poderão surgir... Peço desculpa, mas entre a pressa e o cansaço, reconheço os problemas linguísticos.

APÊNDICE 22 CORREIO ELECTRÓNICO RELATIVO AO FEEDBACK SOLICITADO A FILIPA

Querida colega

Com um enorme pedido de desculpa pelo meu atraso, envio o texto cuja leitura lhe solicitei.

Nele encontrará a sua história de vida profissional, interpretada por mim e com entradas por diferentes temáticas. Isto significa que a sua história de vida me permitiu, entre várias leituras e quadros teóricos, deixar emergir o que considere ser possível conhecer acerca das suas vivências, em abordagens diversas. No final, deverei identificar as características dos contextos que potenciaram ou inibiram o seu desenvolvimento profissional, alcançando o objectivo inicial da investigação.

O que lhe solicito neste momento é uma resposta em breves palavras às questões também em anexo, uma vez que é uma das quatro colaboradoras neste projecto. Pode (até seria desejável) responder em texto e não como resposta questão a questão e aponte para 10-15 linhas no máximo, sff.

Irei telefonar-lhe em seguida, para lhe agradecer pessoalmente, avisando simultaneamente o envio deste email.

Muito obrigado,
São Leal da Costa

P. S. Algumas questões de semântica e de sintaxe também poderão surgir... Peço desculpa, mas entre a pressa e o cansaço, reconheço os problemas linguísticos.

APÊNDICE 23 CORREIO ELECTRÓNICO RELATIVO AO FEEDBACK SOLICITADO A LUÍSA

Querida [Luísa]

Com um enorme pedido de desculpa pelo meu atraso, envio o texto cuja leitura te solicitei.

Nele encontrarás a tua história de vida profissional, interpretada por mim e com entradas por diferentes temáticas. Isto significa que a tua história me permitiu, entre várias leituras e quadros teóricos, deixar emergir o que considere ser possível conhecer acerca das tuas vivências, em abordagens diversas e chamando-te Luísa. No final, deverei identificar as características dos contextos que potenciaram ou inibiram o teu desenvolvimento profissional, alcançando o objectivo inicial da investigação em conjunto com o mesmo tipo de colaboração de mais três colegas. Mais tarde, quando for a discussão pública, conto convosco e se quiserem poderemos quebrar o anonimato (o qual me parece sempre duvidoso nestes processos!!).

O que solicito neste momento é uma resposta em breves palavras às questões também em anexo, uma vez que és uma das quatro colaboradoras neste projecto. Pode, ou melhor até seria desejável, responderes em texto e não como resposta questão a questão e apontando para 10-15 linhas, sff.

Irei telefonar-te em seguida, para agradecer pessoalmente, avisando simultaneamente do envio deste email.

Muito obrigado [Luísa]! Já aprendi imenso com o teu trabalho e estou certa que ainda que de forma muito ténue, conseguiremos que mais alguém o faça com os professores!

Bjs,

São

P. S. Algumas questões de semântica e de sintaxe também poderão surgir... Peço desculpa, mas entre a pressa e o cansaço, reconheço os problemas linguísticos.

APÊNDICE 24 FICHEIRO ANEXO AO EMAIL INICIAL ONDE FOI SOLICITADO O FEEDBACK AOS COLABORADORES

Algumas questões, para responder após leitura da (re) interpretação da sua história de vida...

- O que mais a/o surpreendeu ao fazer a leitura da interpretação que realizei da sua história de vida?
- O que mais apreciou ao ler essa interpretação? Diria que foi uma experiência formadora?
- Sentiu-se verdadeiramente colaborador/a neste percurso investigativo?
- Acrescentaria ou alteraria alguma informação na minha construção interpretativa da sua história de vida (profissional)? Qual?

Muito obrigado pela sua colaboração! (Mais uma vez...)

Conceição Leal da Costa

(8 de agosto de 2014)

ANEXOS

ANEXO 1 FEEDBACK DE ANA

Feedback 1

Querida Conceição

Conforme combinámos aqui vão algumas propostas de alteração do texto e algumas dúvidas com que fiquei na tua interpretação sobre o texto que escrevi, constante no documento que me enviaste

Peço desculpa pelo incómodo. Sou uma pessoa com sentido de humor mas não desejo ofender/ chocar quem quer que seja com as minhas brincadeiras / comentários. O meu texto foi escrito há muito tempo e não tenho o original.

Amanhã (perdão) logo, se Deus Quiser, depois de almoçar com uma amiga, irei tentar dar resposta às tuas questões. Agora já tenho vontade de “me espojar” na minha adorada caminha, pois atã! Poderei enviar o dito, ao final da tarde?

Desculpa a maçada, ok?

Beijinhos da

A.

Feedback 2

Ai, ai...

Aqui vai o doc... .

Estou com sono, pois atã!

Desculpa, ok?

Beijinhos,

A.

Évora, 30 de agosto de 2014

Querida Conceição

Julgavas que eu me tivesse esquecido, não?! Eh!Eh!Eh!

Só há pouco regressiei a casa. Antes de ter ido jantar com a minha amiga ainda recebi um telefonema de uma outra colega amiga. Peço desculpa pelo adiantado da hora, mas não quis deixar de te enviar este curto e simples texto com as correções relativamente aos anos de escolaridade durante os quais fui aluna na Reforma Veiga Simão; sobre a minha opinião acerca da classe docente e sobre alguns aspetos da minha personalidade. Fiz bem? Achas que são dados úteis? Selecciona a informação que considerares relevante para o teu trabalho, ok?

Tal como referi na nossa conversa ao telefone não tenho em meu poder o texto original que escrevi há uma década atrás, sobre a minha história de vida profissional. Não me recordo, na íntegra, de tudo o que escrevi. Ontem, através de uma conversa com uma amiga e colega, apercebi-me que me enganara (no espaço de dez anos) na data de uma das Reformas educativas! Sempre fui muito distraída...

Também a partir de uma conversa com a mesma amiga e colega (já na merecida aposentação), cheguei à conclusão que há que corrigir uma outra situação por mim descrita no meu percurso de vida: eu fui aluna da experiência pedagógica – Reforma Veiga Simão – não nos anos de ciclo preparatório, mas sim nos anos escolares seguintes- correspondentes aos atuais 7.º e 8.º anos de escolaridade. Gostei imenso deste período por ter disciplinas diferentes, tal como foi referido no meu texto. Lamento que tal reforma tivesse acabado / sido extinta e ao ingressar no 5.º ano (actual 9.º ano de escolaridade) e que não tivesse havido “uma ponte” entre este e o outro modelo de ensino, ficando eu e os meus colegas sujeitos ao programa e ao exame final, igual para nós (alunos desta experiência) e para os restantes alunos do mesmo ano de escolaridade do Liceu. Foi uma mudança brusca, mas encontrámos junto de alguns professores a sensibilidade necessária para entender as nossas dificuldades em relação a algumas matérias do programa vigente. Alguns docentes estiveram disponíveis para esclarecimento de dúvidas e respeitaram o nosso ritmo de aprendizagem, já nessa época remota!

Escolhi a profissão de professora porque gosto de ensinar.

Agradeço, reconhecidamente, aos meus professores, aos meus colegas e aos meus alunos o prazer que me têm proporcionado durante estes anos da minha vida profissional. Apesar dos muitos desafios à mudança (para a qual confesso ter sido, inicialmente também, “pouco aberta” a algumas situações inovadoras – ter um colega de outro nível de ensino a dar apoio dentro da minha sala de aula – contrariamente aos elogios que a Conceição me teceu no seu texto). Foi com a assídua e enriquecedora troca de experiências e de saberes entre os vários colegas, nos diversos estabelecimentos de Ensino onde lecionei, que me tornei na profissional que hoje sou.

Fui docente durante várias Reformas Educativas e fui aprendendo e testando as novas metodologias. Os meus alunos contaram comigo para os ajudar a aprender. Estive sempre disponível para o esclarecimento de dúvidas e tentei (sempre que possível), respeitar os seus ritmos de aprendizagem. Dei aulas de Apoio Pedagógico para os que revelaram mais dificuldades de aprendizagem e elaborei Fichas de trabalho e Fichas de Avaliação adaptadas às suas dificuldades de aprendizagem. Mantenho um bom clima de trabalho dentro da sala de aula, alicerçado no respeito mútuo e no tratamento afetuoso (q. b.).

Tento desenvolver nos meus alunos o gosto pela aprendizagem quer na sala de aula, quer fora dela. Por exemplo, é gratificante saber que um aluno fez um trabalho de pesquisa por sua própria iniciativa. Prova que se interessou pelo assunto que foi abordado ou trabalhado dentro da sala de aula e que consegui motivá-lo para essa tarefa. São os “pequenos pormenores” como este que vão enriquecendo pouco a pouco, a minha vida profissional.

Segundo a minha opinião, os momentos destinados à auto e à hetero –avaliação dos alunos (e do professor que for empenhado e que consegue ver refletida a qualidade do seu trabalho nos resultados escolares dos seus alunos e/ou nos comentários que estes fazem às suas aulas), no final de cada período escolar revestem-se de grande importância porque nos convidam a refletir sobre o que correu bem e sobre o que correu menos bem. Julgo que é a partir desta reflexão conjunta (se a classe discente for sincera / séria na sua avaliação, claro, e se o docente for humilde e recetivo às críticas construtivas), que poderão ser “construídas” estratégias que conduzam à superação das dificuldades encontradas, em prol da qualidade das aprendizagens. Na minha disciplina, as fichas de auto -avaliação dos alunos têm um espaço destinado a comentários que queiram fazer as aulas.

Sou de opinião que as críticas deverão ser sempre construtivas, pois não desejo ofender ou humilhar quem quer que seja. Se tiver que fazer algum comentário negativo relativamente ao comportamento de algum aluno, por exemplo, faço-o de uma forma discreta, chamando-o à parte, sem que os outros colegas tenham acesso ao teor da conversa.

Tenho sentido de humor e gosto de o utilizar para criar um ambiente de trabalho descontraído e afável, aplicando-o (q.b.) no meu quotidiano, junto das pessoas com quem convivo diariamente. Gosto de viver em ambientes tranquilos, propícios à aprendizagem e à troca de saberes.

Sou uma profissional reconhecida a todos os que me ajudam a aprender e espero ter ajudado a minha colega Conceição, com esta minha simples (e confusa nas datas) recordação de vida.

Já nem sei se poderei afirmar, como a velhota no anúncio televisivo: “Eu ainda sou do tempo...”, pois já tenho receio de dizer que sou e afinal... a data e o ciclo (Reforma Veiga S.) ter sido outro... . Ai, ai (suspiro)!

Beijinhos da tua colega,

[Ana]

Feedback 3

Évora, 29 de agosto de 2014

Querida Conceição

Conforme combinámos através de conversa telefónica, apresento as minhas dúvidas na interpretação que fizeste do meu relato de vida profissional – escrita há mais de uma década – assim como as minhas humildes e sinceras propostas de alteração do texto do presente documento.

PROPOSTAS DE ALTERAÇÃO

Pág. 1	Retirar o advj. “excelente” , pois eu sou apenas uma profissional trabalhadora.
Pág. 9	“(…) ser professora de Português” em vez de “(…) ser professora de Francês”
Pág. 12, 19, 31 por exemplo	Corrigir o meu erro: “desfrutar” em vez de “disfrutar” , como consta no meu texto!!!
Pág. 20 e outras...	Retirar as imagens que ilustram o meu texto, uma vez que as mesmas me parecem inadequadas para apresentação pública. A sua inclusão no meu texto original (escrito há muitos anos atrás) teve como único objetivo proporcionar um breve momento de humor à pessoa que me solicitou o texto, que o leu e com quem eu senti confiança para o fazer – a Conceição L. da Costa – mais ninguém.
Pág. 20 Pág.28 (data) Pág.28 (comentário Ponto n.º 1). Pág.29 (comentários Ponto n.º 1 e n.º 2).	DATA A CORRIGIR ! Em conversa com outra colega e amiga, a data da Reforma Educativa a que me refiro nesta página, parece ter sido em 1989 !!! Dez anos mais cedo! A minha colega fazia parte da direcção da escola e corrigiu-me na data ! Ai, ai, Foi o ano em que eu fui para a escola André de Resende. Depois de ter conversado com ela (hoje ao serão, ao telefone) é que me apercebi do meu erro acerca da data!!! Ai, ai, a minha memória! Será possível eliminar os meus comentários críticos (ponto 1 e ponto 2.) na referida página e deles simplesmente constar as cidades onde foram realizadas as Ações de Formação? Eu gostaria que tal pudesse ser modificado.
Pág. 22	Retirar a identidade e o comentário sobre a Sec. de Estado. Não pretendo ofender quem quer que seja e tal como as imagens, este comentário teve como único objetivo proporcionar um breve momento de humor à pessoa que me solicitou o texto, que o leu e com quem eu senti confiança para o fazer – a Conceição L. da Costa – mais ninguém.
Pág.29	Corrigir lapso “(…) profissão continuamente na escola (…)” falta um l na palavra escola.

Pág.36	<p>Eliminar as seguintes palavras: “ (...) sendo todos iguais (...)”</p> <p>Hoje, sinceramente, o monólogo incluído nesta pág. parece-me idiota, assim como o texto seguinte que até me parece contraditório. Nele, também constam umas aspas que devem ser eliminadas.</p> <p>“(...) Sendo todos iguais (...) os docentes devem respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem da cada aluno, tentando meter a mesma mudança na engrenagem pedagógica (...)”?! </p> <p>Será que eu queria dizer que apesar de, legalmente, todos os alunos terem o direito de ter ritmos de aprendizagem diversificados, o professor tinha que dar a matéria dentro da sala de aula a toda a turma, naquele momento, esclarecendo as dúvidas dos alunos, sempre que necessário?! É que logo de imediato eu falo da necessidade da elaboração de Fichas diferenciadas, de acordo com as dificuldades de aprendizagem dos mesmos....</p> <p>O que achas, Conceição?</p>
--------	--

EXTRATOS CUJA INTERPRETAÇÃO NÃO PERCEBI

(Alguns já foram esclarecidos contigo, ao telefone)

Pág.5	Sem uma imagem positiva do valor que o Estado foi atribuindo à escola e aos professores ao longo do tempo, Ana prosseguiu a narrativa referindo como as interacções e as relações humanas foram desvalorizadas, o tempo de implementação e de trabalhar não foi contabilizado e os processos comunicacionais foram negligenciados. (???)
Pág.6	Percebeu em ambos os aspectos a sua desadequação ética e profissional, vivenciando a intensificação do controlo sobre o seu trabalho na entrada na profissão com a simultânea desprofissionalização e as mudanças efémeras e pontuais que já tinha experimentado como aluna. (???)
Pág. 4	Indignou-a a ausência de um compromisso de inclusão social para com os professores mais jovens, num contexto burocrático em que a condescendência era a norma e a responsabilização permanecia inexistente. Assim justificamos o facto de nenhum professor ter assumido o cargo de delegado de formação. (Já esclarecido)
Pág. 16	Mobilizou a sua cultura idiossincrática, sem excluir o quadro colectivo onde considerou ser possível e desejável desenvolver a profissão, pois sempre sentiu alguns efeitos nefastos de posturas incautas na escola e o que tinha de negativo a impossibilidade de participar activamente em decisões que afectavam o quotidianos das escolas e as vidas dos professores e dos alunos. (???)
Pág. 16	Corrigir: “(...) um dos factores que contribuiu ” em vez de “(...) um dos factores que contribuíram (...)”
Pág. 16	“(...) quer até no que respeitava à forma como muitos docentes se comprometiam com a mudança não se comprometendo (...)” (???)
Pág. 17	Poderíamos ser mais “ soft”, eliminando “(...) Lamentando a negligência sobre a incompetência” e constar apenas: “(...) Ana referiu-se a vivências com colegas que considerou pouco comprometidos com o seu trabalho (...)” O que achas, Conceição? Já fiz um esforço mas não me recordo a quem me referia...

Pág. 18	<p>"(...) Julgamos que o entendimento de um corpo docente como grupo homogéneo, imagem com que não se identificou, poderá justificar a pouca intervenção que tínhamos percebido em Ana.(...)"</p> <p>(???)</p>
Pág. 24	<p>"(...) Nesse sentido, julgamos que a fase de entrada na profissão foi também um dos períodos onde as suas vivências profissionalizantes na escola, denotaram as marcas de um reforço da tutela estatal e dos seus mecanismos de (des)controlo dos professores. Igualmente, a esses momentos terão correspondido maiores possibilidades de agir na escola, uma afirmação autónoma de Ana e dos colegas permitida pela inexistência de estruturas organizativas e, portanto, contribuindo para a sua organização comunitária (...)"</p> <p>(Já esclarecido)</p>
Pág. 30	<p>"Assim, Ana achou que aqueles encontros e a forma como a tutela condicionou os professores enquanto agentes de mudança durante o processo, colocou em causa a seriedade e o rigor profissional da docência com incoerências normativas e afectou negativamente o desenvolvimento das relações interpessoais e conseqüentemente o ambiente educativo na escola.(...)"</p> <p>(Já esclarecido)</p>
Pág.30	<p>"(...) Ana referiu ainda que contrariamente, a perturbação das interacções que causou e a ausência de feedback naquele processo de mudança externamente induzida, intervieram negativamente favorecendo a existência e a continuidade da incompetência de alguns docentes, com grande prejuízo para os alunos, para as relações entre colegas e, conseqüentemente para a escola. Por outras palavras, considerou que a apropriação do currículo pelos docentes e pela escola onde trabalhava, ficou prejudicada por uma hierarquia que se manteve sem rosto e distante, pelo que não acompanhando o trabalho dos docentes também não avaliou resultados não podendo responsabilizar ninguém pelos produtos do trabalho que realizavam. Neste sentido, a formação e o acompanhamento externo, seguiram uma lógica contrária à profissionalidade requerida face aos desafios curriculares que propunham.</p> <p>(...) " (???)</p>
Pág. 33	<p>"(...) Ana identificou lacunas na formação contínua, a prescrição administrativa da tutela, a ausência de avaliação do seu trabalho e dos seus colegas e contextos escolares e relacionais que só por si limitavam as aprendizagens significativas e funcionais que a diferenciação pedagógica apontava (...) (???)</p> <p>Conceição,</p> <p>tal como as minhas colegas estagiárias, era avaliada em todas as atividades escolares nas diferentes Áreas: Sistema Educativo, Área Escola e Área Turma.</p>

ANEXO 2 FEEDBACK DE JOSÉ

Feedback 1

Cara Conceição

Saiu mais uma vez o que me veio à cabeça e ao coração após ter lido a sua excelente interpretação. Sem utilizar mais o seu precioso tempo envio em anexo o que saiu.

Será um grande prazer voltar a trabalhar consigo ou a colaborar com a Universidade de Évora nas futuras investigações científicas tão necessárias e que eu tenho proposto. Conte comigo.

Obrigado e com os melhores cumprimentos

[José]

(nota: se precisar de algo clarificado neste escrito ou de mais alguma coisa por favor disponha)

Feedback 2

Desculpe mas ainda não foi possível concluir a resposta.

Sei que estou em falta mas o mais tardar amanhã de manhã lhe enviarei o que me solicitou. A vida familiar, sobretudo quando ainda podemos aproveitar a presença de uma mãe de 92 anos (que privilégio), tomou-me mais tempo do que eu queria.

Desde já lhe digo que aquilo que escreverei (as ideias estão esboçadas a redacção caótica) vai abonar positivamente a visão ou leitura que fez dos meus desabafos ou reflexões.

Certo da sua compreensão e condescendência até amanhã.

[José]

Revisitando José

É estranho ver a nossa vida interpretada cientificamente de acordo com quadros conceptuais ou critérios científicos. É estranho reviver a nossa vida com o nome de outro ou sob a perspectiva e olhar de outro sobre nós. Questiono-me: já fiz tudo isto? Já vivi isto tudo?

Estou surpreendido por ter tido uma vida tão rica em experiências e vivências irrepetíveis no actual contexto. Este país cresceu e evoluiu excepcionalmente. Foi um esforço coletivo que nos levou, de um dos países mais atrasados da Europa, a um país perfeitamente integrado no grupo dos países mais desenvolvidos e com indicadores excepcionais.

Agradeço uma interpretação rigorosa e genuína, que revelou excelente sensibilidade e contextualização, e que poderá ser muito esclarecedora para quem, daqui a alguns anos, estude o sistema educativo português.

Esta interpretação do meu relato de vida valoriza aquilo que por vezes os “híper” defensores do rigor e do estudo académico esquecem: o saber empírico e vivencial também é saber, também tem valor, também deverá ser tido em conta. É por vezes determinante para as ações que o indivíduo tem ao longo da sua vida, ações motivadas por ideias firmes e consolidadas, motivadas por desejos, impulsos, ideais utópicos, teimosias... É o mosaico da vida que, por vezes, nos conduz ela própria e não que nós tenhamos vontade de enveredar ou decidir.

Rerler o que escrevi sobre o que vivi reavivou o espírito de construção continua e de vontade de crescer (evoluir) que devemos ter na vida. Espero que reinicie o próximo ano letivo um pouco mais “novo” e mais “crente”. No entanto a actualidade do que escrevi há já alguns anos, leva-me a reafirmar com mais enfase que o poder politico não quer só reduzir custos, o que o poder politico quer é destruir a escola pública criativa e geradora da mobilidade ou permeabilidade social. É deliberado, não é fruto de contingências ou de “Troikas”. O desinvestimento na formação continua, com a excessiva valorização do saber académico e não o das formações em contexto, a burocratização, a funcionarização, as tentativas (aliás com sucesso) de sobrecarregar o horário de trabalho dos professores pervertendo o que é componente letiva e não letiva (é a desonestidade do poder político no topo da sua ação), são meros exemplos da luta intensa que se desenvolve nas escolas, sobretudo motivada do exterior.

Reconheço na minha vida uma postura ideológica, reconheço também a pena do vazio de discussões ideológicas na sociedade portuguesa e obviamente na escola, reconheço a cada vez maior pressão do poder político e económico para a destruição da qualidade da escola pública, e reafirmo a desilusão sobre o não aproveitamento pelos políticos da enorme

energia criativa e evolutiva que uma pessoa jovem (na profissão) tem dentro de si. O cada vez maior controlo pelo estado do ser professor e o constante retirar da autonomia profissional apesar da retorica oficial leva-me a reforçar a convicção que só com cidadãos ativos, conhecedores, sabedores, bem formados e cientes do seu poder podemos aspirar a um futuro um pouco melhor.

Reafirmo com mais convicção: só uma escola pública de qualidade o pode fazer e obrigado Conceição por me ter lembrado isso neste momento.

ANEXO 3 FEEDBACK DE FILIPA

Feedback 1

Cara Conceição,

Envio-lhe já a resposta à sua interpretação da história de vida.

É muito sucinta, como pediu, e espero que sirva.

Estou-lhe muito grata pelo cuidado e delicadeza da sua abordagem e desejo-lhe o maior sucesso, profissional e pessoal.

Um beijinho

Feedback 2

Após a leitura da interpretação da história de vida...

Ver os meus pensamentos e reflexões de há dez anos interpretados e valorizados foi muito gratificante.

Logo de seguida, a noção profunda da passagem do tempo. Já passou tanto tempo! e entre surpresa e tristeza: tanta coisa já mudou, e não para melhor, na Escola.

Aquele foi um tempo em que foi possível tentar. Falhou muita coisa, claro, se calhar quase tudo. Não deixo contudo de pensar no importante que foi, enquanto profissional, ter participado no Projeto de Gestão Flexível do Currículo.

E como acaba por ser tão enriquecedor ter feito parte na sua investigação. O olhar atento e objetivo sobre o que se vive nas escolas é, mais do que nunca, fundamental!

Embora abandonado o PGF, houve pequenos caules que continuaram a crescer e que continuam a fazer todo o sentido; entre eles, a minha total convicção na necessidade de uma Escola diferente, autónoma, criativa.

[Filipa] 8 de agosto de 2014

ANEXO 4 FEEDBACK DE LUÍSA

Feedback 1

Querida São!

Envio o texto com as alterações, estão a vermelho, seguem dois anexos: um com as correcções e o outro com a indicação das páginas. Desculpa mais este trabalho ainda que te estou a dar nesta altura do campeonato.

Depois envio texto está quentinho a sair

Beijo grande e espero que estejas bem

[Luísa]

Feedback 2

Querida São!

Tens de pensar que está quase... . Olha acabei agora mesmo o texto. Está quentinho. Estive toda a tarde a escrever. Fi-lo com muito gosto. Espero ter ajudado nalguma coisa. Tudo de bom para ti. 😊

Quando entregas tudo?

Beijinho grande

São, aqui vão as alterações efetuadas no texto, espero que concordes. Beijinhos

Pag 2 – ser interior

a procura

pag 4 – apagar o comentário “com todo o respeito”

pag 5 – ser interior

pag 6 – No ano lectivo anterior - apagar sff

e

ficar então definitivo tudo o que está a vermelho:

No ano lectivo anterior 2002/2003

Veio também à nossa Escola um oleiro do Redondo, mestre Xico Tarefa, um senhor que é um mestre nato, que trouxe até nós aprendizagens fundamentais para sabermos trabalhar com o barro. Foi uma experiência extremamente enriquecedora e fundamental para o ensino da tecnologia deste material. Os alunos também puderam usufruir directamente desta experiência, pois tiveram aulas com o mestre Francisco. Para além de toda a formação teórica e técnica, puderam experimentar com ele o trabalho na roda de oleiro, com o qual ficaram encantados. Fomos também ao Redondo visitar a sua oficina, onde o mestre Francisco nos explicou todo o processo de fabrico das peças. Estas vivências ficaram marcadas nos alunos e em nós professores pois de certo nunca iremos esquecer. (Luísa, 76-80)

pag 12 – parte a vermelho

Veio também à nossa Escola um oleiro do Redondo, mestre Xico Tarefa, um senhor que é um mestre nato, que trouxe até nós aprendizagens fundamentais para sabermos trabalhar com o barro. Foi uma experiência extremamente enriquecedora e fundamental para o ensino da tecnologia deste material. (Luísa, 78-80)

pag 13 – acrescentar a palavra diferentes sff

pag 14 – alterei o texto que estava, como podes verificar. Agora é que me faz muito mais sentido o que está escrito

Concorri para dar aulas na Universidade de Évora, fiquei, mas tive de refletir sobre as coisas, sobre a minha vida. Os meus filhos eram pequenos, precisava de tempo para eles, de estar com eles e optei por não querer seguir uma carreira universitária. Também os projectos, aquilo que tinha construído na escola Gabriel Pereira com os meus colegas fez-me ficar no Ensino Secundário. (Luísa, 359-363)

pag 18 – Gostaria que ficasse escrito o nome do colega **Ananias Quintano**. Sim? -

Pag 19 – apagar novamente o que está a vermelho (com todo o respeito)

Pag 32 – passei a palavra soldado a **oleiro** que está a vermelho

Pag 32 – Corrigi esta parte toda que falava então do tal soldado desconhecido e falo então agora correctamente do oleiro.... Isto até é engraçado...

Veio também à nossa Escola um oleiro do Redondo, mestre Xico Tarefa, um senhor que é um mestre nato, que trouxe até nós aprendizagens fundamentais para sabermos trabalhar com o barro.

Pag 34- apagar o que está a vermelho (**todo o respeito**) sff é que na verdade não tenho mesmo respeito por quem não respeita!!!!!!!

Pag 40 - colocar o nome novamente do professor **Ananias Quintano**

E está tudo minha amiga. Espero que não te dê demasiado trabalho....

Muito obrigada

Beijinhos e tudo de bom

[Luísa]

Identifiquei-me com o que li.

Revi-me.

Constato uma viagem à minha vida profissional de professora referente a determinados períodos de espaço/ tempo identificados. Agora observo com alguma distância o que foi feito, realizado, concretizado, ao mesmo tempo constatando e continuando a perceber a necessidade de consciencializar vários aspetos e de os refletir .

Quando acabei de ler este trabalho posso mesmo dizer que esta viagem foi um mergulho interno e muito intenso, porque como efetivamente referi revi-me no que está escrito.

Na minha atividade como professora, continuo a procurar sempre uma atitude de reflexão permanente quanto à prática desenvolvida.

Continuamos no departamento de artes a levantar questões , a refletir, procurando incutir nos nossos alunos o sentido estético, crítico e de intervenção no meio, através de projetos que possam alargar a sua consciencialização, a sua responsabilização enquanto ser humano crítico, autónomo e criativo.

Passado este tempo, percebo e podemos constatar que a realidade da escola agora já é outra coisa. Para além de toda uma carga burocrática que nos caiu em cima, existem outros problemas, outras situações como por exemplo, os alunos que temos são muito diferentes relativamente a outros que passaram. Casos de alunos com problemas de ordem social, problemas comportamentais, de assiduidade e alguns por exemplo também com graves problemas de identidade. Podemos constatar que uma grande maioria destes jovens crescem por si próprios, sem qualquer tipo de referências. Não trazem qualquer tipo de cultura. Sendo nada ou pouco questionadores. Muitas vezes despojados de valores, e de sentido de vida. O que é extremamente difícil e preocupante .

Tudo isto nos afeta. Perturba. Sabemos que queremos melhorar o que está. É muito difícil, perturbador e ao mesmo tempo desafiador, ter jovens destes à nossa frente.

Há uma necessidade permanente de refletir com eles sobre o que nos rodeia. Percebermos em conjunto o que é e o que pode ser uma escola. Fazer com que valha a pena. Acredito neste processo de transformação, perante estas novas realidades. Ir ao encontro deles através de uma motivação verdadeiramente integradora. Ser compreensiva mas exigente quer no que diz respeito ao que ensino, quer na postura que optamos por ter na vida.

Trabalhar o respeito uns pelos outros e a coerência das ações revelam-se fundamentais só assim criando uma verdadeira cumplicidade quer na relação, quer na motivação para a aprendizagem.

Quero também salientar que vou consciencializando cada vez mais a importância que cada um tem de sentir e perceber que tem algo para dar a todos da turma. Cada um tem o seu papel e que todos somos importantes na mesma.

Construir juntos. Planear juntos. Dizer o que pensamos sobre as coisas com respeito é criar um ambiente baseado no verdadeiro afeto construtor de raízes e amadurecimento.

Olharmo-nos não como seres fora do contexto, mas participantes nele capazes de refletir criticamente e de transformar alguma coisa que possamos verificar.

Ensinar o desenho, o saber ver, o trabalhar as técnicas, veículo e pretexto de várias reflexões. Saber também o que se passa no mundo, o nos envolve. Pensar sobre as coisas sem nos alheararmos do que nos rodeia, procurando estratégias que nos encaminhem ao encontro de algumas soluções.

Mas tudo isto só é possível com turmas pequenas. Praticar uma coisa destas é impossível com excesso de alunos por turma que o ministério da Educação está a implementar.

Acredito na escola, mas não nesta escola que nos estão a impor. São ditadas regras e diretrizes muito fortes, sem qualquer reflexão ou questionamento. É uma pressão constante. Façam agrupamentos de escolas, fechem escolas, as turmas têm de ter trinta alunos, professores para a mobilidade, exames para os alunos do quarto ano, agora também para o sexto ano, exames para professores contratados, etc,etc, etc Não param as atrocidades e as marcas de extrema ignorância e incompetência de quem gere este sistema educativo.

Querem e exigem resultados. Não me falem em sucesso escolar, quando só querem quantificar as coisas. Os exames voltaram em força, como se isso medisse o que o alunos sabem. É tudo um trabalho de fachada, de quantificação, de rótulos duvidosos, e não é valorizado um trabalho interno autêntico e de qualidade. Há todo um voltar atrás, baseado no parecer e não no que efetivamente é. Está tudo desagregado, massificado. Parece que tudo se pode resolver fazendo as coisas iguais para todos generalizando e massificando. Quando a qualidade do ensino está na diferença personalizada das coisas e das situações.

Surge-me esta ideia visual nesta reflexão: esmaga-se estupidamente sem perceber o que é, o que está, em vez de inteligentemente se plantar e deixar crescer.

Quando li pela primeira vez o trabalho sobre a minha história de vida como professora, emocionei-me, porque senti, percebi e consciencializei as raízes que me foram dadas por dois educadores que foram os meus pais.

Foram os dois professores muitos anos aqui em Évora, Fernando e Beatriz Serpa Branco, sempre ouvi e vivenciei problemas relacionados com educação. O que de uma forma muito

geral os caracterizava enquanto profissionais do ensino, era a verdade no seu trabalho, uma cultura muito abrangente e diversificada, uma seriedade enorme no que faziam, um trabalho questionador, um ensino voltado e orientado para questões culturais, sociais, humanas e éticas.

Lembro-me de ir muitas pessoas ligadas ao ensino a casa dos meus pais, alunos, colegas, antigos colegas, antigos alunos, nomeadamente o Américo Peças e o Sérgio Niza pois tinham sido alunos de psicologia do meu pai, no Magistério. É interessante pensar como o Sérgio Niza é o rosto da Escola Moderna. Aqui em Évora já fui a algumas sessões do MEM, pois identifico-me muito com as linhas condutoras deste movimento levando-me este também à minha reflexão pessoal enquanto professora e educadora. O Américo Peças também foi sempre uma referência para mim, enquanto pessoa e profissional do ensino. Nas conversas que tivemos e que ainda temos, há uma orientação pedagógica subjacente, muito forte, sendo esta experienciada e vivenciada de uma maneira muito autêntica. A questão de se pôr em prática, aquilo em que se acredita é fundamental, tal como a autenticidade no que se faz e encontro isso no trabalho do Américo.

Ler este trabalho foi enriquecedor pois fez-me pensar nas diferenças que existem desde a altura em que foi escrita a minha história de vida e as diferenças que existem agora, procurei apontar alguns aspetos que me pareceram importantes, sobre os quais refleti.

Não sei se poderei ter sido uma verdadeira colaboradora neste percurso investigativo, mas é claro que gostaria que sim, esperando que todos estes trabalhos nos ajudem a encontrar caminhos, soluções, para uma escola viva, dinâmica, funcional, construtora de vivências e aprendizagens. Uma escola que possa ser um local de encontro, de questionamento, de respeito, de sensibilidade e de partilha assumindo um papel verdadeiramente integrador, aberta a mudanças, responsável e transformadora no seu papel fundamental como agente educativo.

[Luísa]

Agosto 2014